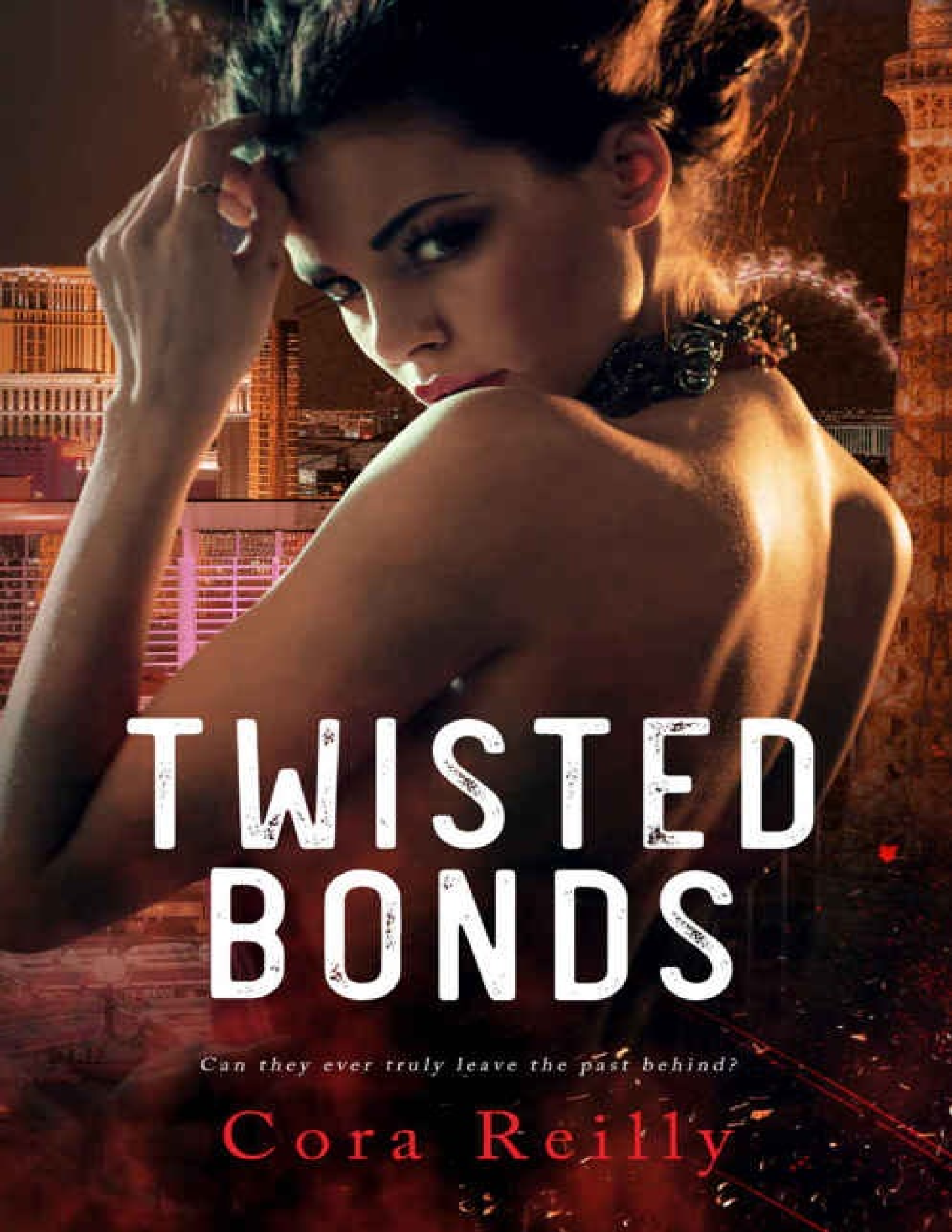

TWISTED
BONDS
Can they ever truly leave the past behind?
Cora Reilly

Cora Reilly

#4 Twisted Bonds

Série The Camorra Chronicles



Tradução Mecânica: Si

Revisão: Si

Leitura: Aurora

Data: 09/2019

Twisted Bonds Copyright © 2019 Cora Reilly

SINOPSE

Você pode realmente deixar o passado para trás em uma casa cheia de almas assombradas?

Kiara sempre quis uma família amorosa da qual pudesse cuidar. Ela nunca pensou que iria encontrar isso com os Falcones.

Nino e Kiara perderam parte de si mesmos na infância traumática. Juntos, eles estão tentando recuperar as peças que faltam, mas não são as únicas almas quebradas na mansão Falcone; Kiara teme que nem todos possam ser salvos. Determinada a proteger sua nova família e o futuro de seus sonhos, ela está em uma missão para ajudar cada um à sua maneira, mesmo que isso signifique acumular segredos.

Quatro irmãos unidos por um vínculo inquebrável forjado em seu passado sombrio. Se um deles cair, todos eles vão?

A SÉRIE

Série The Camorra Chronicles

Cora Reilly



Capítulo Um

KIARA

Eu deitei nos braços de Nino**,** oprimida por sua confissão, nossa respiração irregular... de fazer amor? Nós fizemos *amor*. Nino disse que me amava, me ama de verdade, sem falsa emoção, nada de falso, apenas amor.

Nino levantou minha mão e deu um beijo no meu pulso. — Seu pulso acelerou de novo, — disse ele, olhando-me atentamente. — Você está bem?

Eu sorri, não pude evitar. Parecia que um peso havia sido tirado do meu peito, como se tudo que eu nem sequer sonhei, muito menos esperei, estivesse de repente ao meu alcance.

— Estou apenas feliz. Por um tempo, achei que era algo sobre mim, algo intrinsecamente errado comigo, por que não podia ser feliz, por que coisas ruins continuavam acontecendo comigo.

Nino passou o polegar pelo meu ponto de pulsação. — A vida não funciona assim. Coisas ruins não é destino ou punição de um poder maior. Às vezes, coisas ruins simplesmente acontecem.

Dei de ombros. — Eu sei disso agora, ou acho que sei. Mas quando eu era jovem, o pai sempre me culpava ou a mãe quando algo dava errado, e assim fizeram meus irmãos, mesmo quando eles tinham errado, e acreditei neles. Se lhe disserem algo frequentemente, você aceita como verdade. Quando papai me bateu, achei que merecia.

O corpo de Nino ficou tenso, seus olhos cinzentos mais sérios. — Seu pai conseguiu o que merecia. Luca não lhe deu uma morte fácil.

Eu me apoiei no meu cotovelo. Isso era novidade pra mim. Felix e Egidia sempre me disseram que meu pai havia sido morto por uma bala na cabeça. — Luca o torturou?

As sobrancelhas escuras de Nino franziram, seus dedos no meu pulso

apertando mais uma vez. — Você não sabia?

Eu balancei a cabeça. Ninguém se incomodou em me contar os detalhes. Eu não tinha certeza se era para me proteger, ou porque achavam que eu não tinha o direito de saber como uma mera garota. Aposto que meus irmãos sabiam. — Eu achei que Luca tivesse atirado nele.

A boca de Nino se contraiu, algo sombrio e ansioso surgindo em sua expressão. — Ele atirou nele no final, sim, mas antes disso Luca fez o que faz de melhor.

Eu não tinha certeza de como me sentia sabendo disso. Meu pai não tinha sido um bom pai nem um bom homem. Ele me batia e me fazia sentir como se eu não valesse nada, tinha atirado em minha mãe, mas além de Durant, que destruiu minha inocência, nunca desejei que ele sofresse. — Você respeita Luca por isso.

Nino olhou para mim surpreso. — Claro. Luca destruiu uma subseção inteira de um MC sozinho, cortou-os em pedaços, esfolou-os. Ele ama matar pessoalmente, a proximidade da morte, e não se importa em ficar com as mãos ensanguentadas. É fácil dar uma ordem para matar ou atirar em alguém de longe, mas matar quando você sente sua respiração aterrorizada, quando sente seu suor frio, vê o terror em seus olhos, isso é algo completamente diferente. Luca esmagou a garganta de seu primo e tio, quantas pessoas poderiam fazer isso? Não apenas em um nível físico? Quando Remo e eu ainda estávamos fugindo e nosso pai ainda estava vivo, às vezes falávamos sobre como queríamos matá-lo, e o sonho de Remo era fazer como Luca...

Por um momento, apenas olhei para o homem diante de mim. Ele parecia tão relaxado, tão... acessível. Não inofensivo, nem bonito, mas não tão monstruoso quanto suas palavras o faziam soar. Elas me lembraram de sua natureza. Talvez fosse por isso que ele tinha as tatuagens de chamas rugindo e caretas gritando, como um aviso do que estava por baixo de seu belo exterior. — Isso soa como se você e Remo admirassem Luca.

— Eu não chamaria isso de admiração, mas ele é um dos poucos homens que podem ser capazes de me matar, e não seria rápido ou limpo.

Toquei seu peito sobre a tatuagem um crânio que parecia estar engolindo uma faca, sentindo seu batimento cardíaco calmo e imaginando se apenas o

passado deles havia transformado Nino e Remo no que eles eram hoje, ou se sempre estiveram neles. Sávio também abrigava a escuridão. Até mesmo Adamo tinha matado, e eu não tinha certeza se ele estava realmente incomodado com isso ou apenas incomodado por sua falta de arrependimento. Nossos filhos teriam a mesma escuridão? E mesmo se o fizessem, o que importaria? Eu os amaria independentemente, como amava Nino.

— Seus irmãos já bateram em você como seu pai? — Nino perguntou, me desconcertando com a mudança de assunto.

— O pai ocasionalmente tornava tarefa deles me disciplinar, sim. Eles são sete e nove anos mais velhos que eu, então... — Eu observei a expressão de Nino. — Nino, — eu disse baixinho, mas com firmeza. — Eu não quero que você os mate por causa do que eles fizeram quando crianças.

— Eles deveriam ser adolescentes, homens feitos, quando disciplinaram você. Homens adultos, pelos nossos padrões.

Eu pressionei contra ele, toquei sua bochecha e balancei a cabeça. — Não. Prometa-me que você não vai punir por mim.

O rosto de Nino permaneceu a máscara bonita e fria. — Alguma vez eles já perguntaram como você estava aqui? Eles se preocuparam que eu poderia estar abusando e te estuprando? Eles conversaram com você no nosso casamento ou desde então?

Eu engoli. Tentei não pensar na minha antiga família. Todas as memórias ligadas a eles carregavam o peso da mágoa e da tristeza. — Eles me parabenizaram. — Eu só me lembrava de tê-los visto por alguns segundos durante a recepção com champanhe quando todos felicitaram Nino e eu pelo nosso casamento, mas não lembrava muito mais daquele dia. Eu estava muito aterrorizada. Eles não tinham me contatado desde então, e não era porque eu era parte da Camorra - nós mal nos víamos quando eu ainda fazia parte da Família Rizzo. — Prometa-me que não vai machucá-los. Deve ser uma decisão minha, não sua.

Nino soltou um suspiro baixo e finalmente assentiu. — Eu não vou machucá-los.

— Remo também. E mais ninguém da Camorra.

Um pequeno sorriso puxou a boca de Nino. — Tudo bem.

Eu cruzei meus braços no peito de Nino, examinando seu lindo rosto. Algumas mechas de seu cabelo haviam caído da têmpora e afastei-as gentilmente, em seguida, passei as pontas dos dedos sobre a parte inferior. — Como você está se sentindo? Tanta coisa aconteceu nos últimos dias.

— Remo pode cuidar de si mesmo e não está sozinho. Fabiano fará com que meu irmão mantenha suas emoções sob controle.

— Eu não quis dizer sobre Remo partindo. Eu quis dizer suas emoções. Você está se acostumando com elas?

— Depois da primeira enxurrada, acalmou. Eu sinto emoções, nem sempre, nem todas, mas elas estão lá.

Eu beijei Nino suavemente. — Eu estou sempre aqui. Se você precisar de mim, ajudarei você.

Ainda assim, eu esperava que Nino não tivesse outro colapso como aquela noite, especialmente agora que Remo não estava em casa para acalmá-lo. — Quando Remo e Fabiano voltarão? — Eu não pedi detalhes porque se Nino quisesse compartilhar o faria, mas até agora ele tinha sido bastante fechado.

Ele suspirou. — Espero que em alguns dias, dependendo do sucesso de sua missão.

Curiosidade explodiu através de mim, mas eu a afastei.

***

— Suba para o nosso quarto, — disse Nino, assustando-me enquanto eu estava enrolada no sofá da sala de jogos. Foram três dias depois da nossa conversa.

— Qual é o problema? — Eu perguntei. Sua expressão era tensa, tão perto da raiva quanto eu já tinha visto. Eu abaixei meu livro e me levantei, colocando minhas mãos contra o peito de Nino. — É sobre Remo?

Remo e Fabiano estavam fora há quase uma semana. Nino ainda não havia

revelado os detalhes de sua missão, apenas que tinha algo a ver com a Outfit.

Os olhos de Nino exibiam um toque de cansaço. — Eu vou explicar mais tarde. Agora preciso que você vá para o nosso quarto, Kiara.

Eu fiz uma careta, sentindo como se estivesse sendo tratada como uma criança. — Eu não sou fraca. Posso lidar com a maioria das coisas.

Ele tocou minha bochecha e me beijou brevemente. — Eu sei. Mas isso... — Ele balançou a cabeça. — Eu não tenho certeza se é algo que você deveria ver.

Meu peito se contraiu. Havia apenas uma coisa que eu definitivamente tinha dificuldade em lidar.

— Não pergunte, — disse Nino. — Agora não.

Eu balancei a cabeça com relutância, peguei meu livro e me dirigi para a nossa ala. O temor se instalou em meus ossos quando fechei a porta do quarto. O que Remo fez?

O som de um carro esportivo estacionando na garagem me chamou a atenção e fui até a janela. Eu só vi uma parte muito pequena do jardim da frente e não consegui distinguir nada. Apesar de minha promessa a Nino, a curiosidade me dominou e voltei, rastejando até a parte principal da casa e espiei por uma janela que dava para a entrada da garagem. Eu congelei, meu pulso acelerando furiosamente quando vi Remo entrando na casa. Ele estava carregando uma mulher loira e ambos estavam completamente nus. A mulher pendia flacidamente nos braços de Remo, inconsciente ou em choque.

Minha garganta se apertou, minhas mãos começaram a tremer, e flashes de memórias sombrias picaram minha consciência, querendo explodir e me apanhar.

Foi assim que Nino me encontrou. Ainda imóvel diante da janela. — Droga, — ele sussurrou. Ele pegou meu pulso, as pontas dos dedos pressionando a carne macia. Sua outra mão inclinou meu queixo para cima, forçando-me a encontrar seu olhar. — O que você viu?

— Remo carregando uma mulher nua, — eu disse sem emoção.

Nino sacudiu a cabeça. — Venha, — disse ele, puxando-me para a nossa

ala. Eu resisti, precisando de respostas.

— Nino, o que está acontecendo?

— Vou explicar no nosso quarto.

— Não, — eu assobiei, afastando sua mão, respirando duramente. — Explique agora.

Nino me olhou, o braço ainda levantado, surpreso com a minha veemência. Lentamente ele abaixou a mão. Eu geralmente sempre tentei obedecer, seguir suas decisões, mas com isso eu desenhei uma linha.

Nino mesmo dissera isso; ele não ficaria bravo se eu desse minha opinião.

— Remo foi ao território da Outfit e sequestrou a sobrinha de Dante. Ela deveria se casar com um subchefe ontem, mas Remo e Fabiano a interceptaram no caminho para a igreja e a trouxeram para cá.

Eu balancei a cabeça, incapaz de acreditar no que ele estava dizendo – e ainda pior: como explicou como se estivesse falando sobre o tempo. — O que Remo fez com ela? — Comecei a tremer, imaginando se ele a submetera aos mesmos horrores que eu passei. Eu gostava de Remo pelo que ele fazia por Nino e seus irmãos, mas por isso eu não seria capaz de perdoá-lo, nunca.

Nino segurou meu pulso de novo, mais forte. — Nada. Agora vem.

— Nada? — Eu disse incrédula, enterrando meus saltos no chão. — Não parecia nada. Por que ela estava nua?

— Eu não sei tudo ainda. Savio mencionou que Remo impediu um dos nossos soldados de agredi-la e agora ela está aqui. É isso aí.

— É isso? — Eu retruquei. — Então ele não... ele não... a estuprou? — A palavra parecia como se milhares de baratas rastejassem sobre minhas costas e eu estremeci.

— Não, — disse Nino. — Isso não faz parte do plano de Remo.

— Tem certeza?

Nino hesitou um segundo e isso foi demais. Eu tentei passar por ele, mas ele agarrou meu braço. — Não. Deixe-me cuidar disso.

— Solte-me.

Nino balançou a cabeça e me puxou para o nosso quarto novamente, ignorando meus protestos. Eu não tive escolha senão seguir. No segundo em que entramos, ele parou na frente da porta, impedindo meu caminho. Foi a primeira vez que ele usou sua força contra mim, e isso me deixou irracionalmente irada.

— Fique aqui até que eu fale com Remo.

— Eu não deixarei Remo machucar uma mulher como eu fui machucada, — eu sussurrei severamente.

— Ele não vai, — disse Nino simplesmente, tentando tocar minha bochecha, mas dei um passo para trás.

— Você sabia sobre o plano dele o tempo todo, não sabia?

— Sim eu sabia. O sequestro foi organizado para trocarmos Scuderi por Serafina.

Eu pisquei de volta as lágrimas. — Serafina? Você matou Durant pelo que ele fez, mas permite que seu irmão sequestre uma mulher inocente? — Minha voz falhou, mas não deixei as memórias do passado ressurgirem; Eu era mais forte que isso.

Nino segurou minhas bochechas. A gentileza com qual sempre me tocava; estava em desacordo com as coisas que ele fazia para os outros. — Kiara, não é a mesma coisa. Eu conheço Remo. Não compare o destino de Serafina com o que aconteceu com você. Confie em mim.

Eu procurei seus olhos, cativantes e suaves. Eu queria confiar nele e o fiz, mas não tinha certeza se podia confiar em Remo, não em torno de uma mulher indefesa. Muito estava quebrado dentro dele. — Tudo bem, — eu disse baixinho. — Fale com o Remo e me conte exatamente o que ele disse. Eu preciso saber. Sem mais segredos, por favor.

Nino me beijou. — Eu vou descer as escadas e conversar com ele.

Eu balancei a cabeça quando ele recuou e saiu do quarto. A fechadura clicou e meus olhos se arregalaram, percebendo o que ele tinha feito. Eu não podia acreditar que ele me trancou. Avançando em direção à porta, eu sacudi a maçaneta, mas ela não se moveu.

Eu andei pelo quarto, meus pensamentos zunindo. Nino havia me escondido o plano de Remo para me proteger, mas também porque sabia que eu teria tentado demovê-los disso. Eu sabia que Nino e Remo tinham pouca moral, mas Nino tinha que perceber que o que eles estavam fazendo era errado.

Eu não tinha certeza de quanto tempo passou, mas estava ficando cada vez mais agitada. Quando a fechadura finalmente virou e a porta se abriu, eu estava quase explodindo.

— Por que você me trancou?

Nino me olhou como se minha raiva o tivesse assustado. — Eu sabia que você estava chateada, e não queria que entrasse em um confronto com Remo desse jeito.

Eu me virei, ainda com raiva, mas também tocada, porque Nino estava tentando me proteger, cuidar de mim do seu jeito. Eu o senti atrás de mim antes de ele tocar meus ombros. Eu disse: — Não me tranque de novo. Eu não gosto disso, isso me faz sentir impotente e presa.

Os dedos de Nino me apertaram. Ele se inclinou e beijou a curva do meu pescoço. — Eu não vou. — Ele fez uma pausa, escolhendo suas palavras cuidadosamente, o que por sua vez aumentou minhas preocupações novamente. — Você tem algumas roupas e uma camisola branca para Serafina?

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Por que uma camisola branca?

— Kiara, — a voz de Nino estava tensa, carregando o mudo, por favor, com ela. Seus olhos me imploraram para confiar nele.

Confiar. Fui até o meu armário e peguei minha camisola prateada de uma gaveta. — Eu tenho essa.

Nino assentiu e a pegou de mim. — Isso deve servir.

Eu juntei alguns vestidos longos, camisetas e shorts, e então hesitei na frente da minha gaveta de roupas íntimas. Era meio chato usar roupas íntimas de outra pessoa, mas presumi que Serafina preferia a não usar nada.

Nino tirou tudo de mim. — Prometa-me ficar neste quarto e não vou trancá-la. Vou me certificar de que a garota esteja segura, tudo bem?

— Tudo bem. — A palavra provou amarga na minha boca, como uma traição da velha eu, como se eu estivesse falhando comigo mesma. Confiar em Nino quando se tratava de meu bem-estar era fácil.

Sem dúvida ele nunca me machucou intencionalmente, mas Nino não sentia pena, mesmo agora. Não pelos outros, nunca pelos outros.

Nino havia ido há muito tempo. Minha decisão de ficar no quarto estava diminuindo a cada segundo quando ele finalmente voltou, um profundo sulco de desagrado entre as sobrancelhas e grande parte do cabelo fora do rabo de cavalo curto como se tivesse passado a mão por ele com muita frequência.

Eu perguntei imediatamente: — O que está acontecendo? O que Remo disse? E para que ele precisa da camisola?

Nino fechou a porta. — Remo vai mantê-la aqui por agora. Ele acha que ela está mais segura na mansão.

— Mais segura? Ela é uma prisioneira. Quem disse que ela está segura tão perto de Remo?

Nino não disse nada. Eu poderia dizer que ele não estava feliz com esse desenvolvimento, mas ele era fiel a Remo, nada mudaria isso. Eu duvidava que Remo pudesse fazer algo que fizesse Nino ir contra ele.

— Você tem que pará-lo, se ele tentar forçá-la. Prometa-me, — eu disse ferozmente.

— Remo não pode ser parado se decidir algo, nem mesmo por mim. Mas como eu disse, não acho que você tenha motivos para se preocupar com isso.

— O que acontecerá se o Capo da Outfit não fizer o que Remo quer? O que ele fará com ela então? — Eu não sabia muito sobre Dante Cavallaro, apenas os rumores que escutei quando ouvi Felix e Egidia discutindo a Outfit, ou as poucas vezes em que Remo e Nino conversaram sobre ele na minha presença. Ele parecia ser um homem lógico que baseava suas decisões em fatos, não em emoções, e isso não me deixava esperançosa sobre o destino de Serafina. Era *contra a* lógica trocar uma mera garota por um Consigliere, um homem que carregava os segredos de toda a Outfit, e provavelmente o próprio Cavallaro. Mas Remo e Nino deveriam saber disso, o que deixava a pergunta - por que Remo sequestrou a garota mesmo assim?

Nino abriu a pulseira do seu relógio com os dedos firmes, preparando-se para dormir. — Kiara, esse é o jogo do Remo. Ele não foi tão cooperativo com informações como geralmente é.

— Você tem certeza? Ou você está tentando me proteger de novo?

Sua expressão se fechou quando ele colocou o relógio na mesa de cabeceira. — Eu estou te dizendo a verdade. E você tem que lembrar que esta guerra foi iniciada pela Outfit. Eles atacaram nosso território. Eles tentaram matar todos nós, até Adamo. Remo não vai recuar e deixar seu território ser violado assim. Dante terá que pagar o preço por isso.

— Mas ele não vai, — eu disse suavemente. — Uma mulher inocente vai.

Nino não me contradisse. Eu queria que ele tivesse.

— E a camisola? Você não respondeu minha pergunta. Se fosse apenas para que Serafina tivesse algo para dormir, ele não teria pedido uma cor específica.

— Ele quer que ela use quando gravar uma mensagem de vídeo para sua família amanhã. — Seus olhos sem emoção procuraram meu rosto. — Nós pedimos pizza, devo te trazer um pedaço?

Por um momento eu só consegui olhar. Às vezes, eu costumava esquecer como Nino lidava com as coisas, com que facilidade ele conseguia afastar a parte sangrenta do negócio de sua mente porque elas não o incomodavam. — Eu não estou com fome. Vou tomar um banho. Eu não me sinto muito bem.

Nino não me parou quando entrei no banheiro, mas seus olhos me seguiram. Eu preparei um banho, lentamente saindo da minha roupa. Quando Nino me disse que me amava, pensei em abordar o assunto de ter filhos. Eu comecei a tomar a pílula antes do meu casamento porque não tinha certeza se poderia arriscar engravidar sendo a esposa de Nino. Agora sabia que eu e um bebê estaríamos seguros na mansão Falcone, bem protegidos e até amados, mas esse novo episódio com a sobrinha de Dante gerou novas dúvidas. Nino só recentemente descobrira suas emoções, e Remo tinha uma mulher trancada em sua ala.

Nenhum dos fatos me fez querer trazer um bebê para este mundo - esta casa.

Eu desliguei a torneira e testei a água com as pontas dos dedos antes de entrar. Nino entrou no banheiro, seus olhos vagando pelo meu corpo nu. Eu não me escondi dele. Havia um desejo em seu olhar que foi direto ao meu coração. Eu afundei na água, vacilando a temperatura quente. — Você pode se juntar a mim, se quiser.

Nino puxou a camisa sobre a cabeça, em seguida, tirou as calças e boxers. Os músculos e tatuagens coloridas que me assustavam não há muito tempo agora traziam um calor familiar a minha barriga, mas foi apenas uma breve explosão. Eu estava muito dilacerada e emocionalmente esgotada para apreciar esse tipo de proximidade física, especialmente quando uma jovem estava assustada em outra parte da casa.

Nino se juntou a mim na banheira, depois abriu os braços. Eu me movi até minhas costas estarem pressionadas contra o peito dele e estar aninhada entre seus braços fortes. Ele beijou minha garganta. Eu podia senti-lo ficando duro contra o meu traseiro, mas ignorei. Nino mordiscou meu ombro e sua mão acariciou meu joelho, então subiu pela minha coxa, mais e mais alto até que eu o parei com um toque suave. Eu senti suas perguntas não ditas. Ele realmente não conseguia entender porque eu não estava com disposição para o sexo?

— Você não se sente culpado? — Eu perguntei baixinho.

Nino se inclinou para trás, sua mão se movendo de volta para o meu joelho e esfregando minha pele levemente. — Kiara, — ele disse, cansado. — Eu não sou um bom homem. Não sou um homem decente também. Eu não sinto nada em relação a outras pessoas, o que me faz muito bom no que faço pela Camorra. E não importa o que você possa esperar, isso não mudará.

Um pequeno arrepio passou pela minha espinha. Nino não apenas supervisionava as finanças da Camorra, ele também era responsável por muitos atos de crueldade. Fabiano não era o melhor torturador da Camorra, mesmo que ele fosse o oficial, isso eu já imaginava. Eu tinha visto pequenos vislumbres dos demônios de Nino e Remo quando eles lidaram com Durant, mas era apenas a ponta do iceberg. — Mas você se importa comigo e seus irmãos?

— Eu me importo, — ele murmurou. — Mas essa é a extensão dos meus sentimentos.

Engoli em seco. — E as crianças? Você se importaria com elas? — Era

estranho, mas eu me virei na banheira para encará-lo.

Nino ficou imóvel. Ele ergueu meu queixo para cima, então tive que encontrar seu olhar. — Você quer dizer *nossos* filhos?

— Sim, — eu disse baixinho. Seu rosto ficou impassível. Ele poderia amar nossos filhos?

— Você está tomando pílula.

— Estou. Eu não estou grávida... Eu estava apenas pensando.

Nino assentiu. Eu queria saber o que ele estava pensando, mas o rosto dele não mostrava nada. — Eu não sei o que vou sentir pelas crianças. Mas acho que me importaria com elas tanto quanto me importo com você.

Inclinei-me para frente e beijei-o levemente, depois recuei para me virar e relaxei de volta contra ele. Isso era o suficiente por enquanto. Meus pensamentos voltaram para Serafina. Ela deve estar apavorada - como ela poderia não estar? Fiquei apavorada quando fui entregue a Nino e tive tempo de me preparar para o meu casamento. Essa garota foi levada à força, arrancada de sua casa, de sua família. O que ela sabia sobre os Falcones, sobre Las Vegas, era provavelmente ainda pior do que me disseram. Afinal, a Outfit e a Camorra ainda estavam em guerra e, depois desse sequestro, isso nunca mudaria.

Eu estremeci.

Nino acariciou meu braço. — Kiara, — ele disse baixinho. — Não deixe isso te arrastar de volta ao passado.

— Não vai, mas é difícil para eu suportar o pensamento do terror da menina.

Senti Nino acenar com a cabeça, tentando entender minha piedade, mas incapaz de entender o conceito. Ele não se importava com Serafina. Ele não conseguia.

Eu uni nossos dedos. Eu tentaria ser a nossa consciência.

A água logo esfriou e Nino me ajudou a sair da banheira e começou a me secar. Seu toque deixou formigamentos em seu rastro como sempre, mas não me permiti relaxar. Nós nos acomodamos na cama, ambos nus, envolvidos um no

outro. Nino ainda estava excitado, mas não fez nenhum movimento para iniciar a intimidade novamente.

Adormeci nos braços de Nino, maravilhada com o poder do amor. Apesar do que eu sabia de Nino, do que ele era capaz, eu o amava.

Capítulo Dois

KIARA

Nino se mexeu e gentilmente se desvencilhou de mim. Eu assisti através de olhos semicerrados ele se vestindo com uma camisa preta e jeans, sem dizer nada. Ele lançou um rápido olhar por cima do ombro para mim antes de sair para a gravação do vídeo. No momento em que a porta se fechou, eu me levantei da cama e joguei um roupão de banho sobre a minha camisola. Eu tinha um pressentimento de onde a gravação aconteceria. Eu precisava ver Serafina com meus próprios olhos.

Mais do que isso, eu precisava descobrir uma maneira de ajudar a garota sem trair minha nova família - porque era isso que os Falcones eram.

Eu me esgueirei pelo corredor e andei em direção à porta que levava ao porão.

— Onde você pensa que está indo?

Eu gritei de surpresa e pulei para longe da respiração quente no meu pescoço. Girando, eu bati no peito de Savio com força.

Um sorriso apareceu em seu rosto. — Ai, — disse ele, esfregando o lugar com exagero.

— Você está muito bem, considerando que uma garota está sendo torturada no porão, — eu disse, virando e tentando continuar, mas Savio entrou no meu caminho.

A diversão desapareceu de sua expressão, o que era um evento raro. Savio sempre sorria ou ria. — Alguém está sempre sendo torturado, — ele disse ironicamente.

Eu não pude acreditar nele. Com Nino, entendia por que não o incomodava; Era sua disposição emocional, mas Savio não tinha essa desculpa.

Ele suspirou, passando a mão pelo seu cabelo escuro de estilo

impecável. — A menina não está sendo torturada.

— Você tem certeza disso? — Eu perguntei, tentando contornar Savio. Ele imitou meu movimento.

— Eu não posso deixá-la ir lá. Ordens de Nino.

Irritada, eu rapidamente passei por Savio. Seu braço veio ao redor da minha cintura e ele me levantou do chão. Tensão passou por mim e eu inspirei assustada. Sávio me carregou alguns passos, depois me colocou no chão e olhou nos meus olhos. — Vamos lá, sem ataque de pânico, tudo bem? Eu toquei sua cintura. Sem perigo.

Engoli em seco.

— Me bata de novo, se isso ajudar.

— O quê? — Eu perguntei, confusa, e meu pânico diminuiu.

Savio me deu um sorriso arrogante. — Eu sei que você gostou de me bater.

Eu sabia o que ele estava tentando, e sob diferentes circunstâncias eu poderia ter rido.

— Deixe-me passar, — eu disse.

— Não, — disse ele. — Se você tentar novamente, eu vou te segurar.

— Eu não me importo. — Mais uma vez eu tentei passar por Savio e desta vez ele agarrou meus ombros e me pressionou contra a parede, prendendo-me. Eu me contorci, meu corpo tenso, mas ele não me soltou.

— Kiara, eu não vou deixá-la ir até lá. Eu dei minha palavra a Nino. Desista. Eu não quero ter que prendê-la.

Eu tremi com a proximidade dele.

— Foda-se, — ele suspirou. — Você sabe que eu nunca te machucaria, certo?

Eu olhei para o rosto dele, nos olhos castanhos que continham cautela no começo, mas eram mais suaves agora. Eu dei um rápido aceno de cabeça e comecei a relaxar em suas mãos.

Ele me soltou e recuou, depois passou a mão pelo cabelo novamente. Ele olhou para mim. — Eu realmente gostaria de ter estado lá quando Nino e Remo o desmembraram.

Eu sabia de quem ele estava falando e fiquei surpresa com a sua admissão. Sávio e eu começamos com o pé errado, e muitas vezes eu ainda tinha a impressão de que ele se ressentia das novas restrições que minha presença trouxe.

Ele apoiou um ombro contra a parede ao lado da porta do porão. — Remo nunca machucaria uma mulher inocente como seu tio te machucou.

Não havia indícios de dúvida em sua voz. — Como você pode ter certeza?

— Eu conheço Remo, — Savio disse simplesmente, mais uma vez soltando seu sorriso arrogante.

Como Nino, ele tinha uma confiança inabalável em Remo. Eu bufei, desejando poder compartilhar suas convicções. — Eu quero ir para a cozinha, se isso ainda é permitido?

Savio recuou depois de um momento de hesitação. Passei por ele em direção à cozinha. Ele me seguiu como uma sombra irritante.

Eu me virei para ele. — Eu sou uma prisioneira nesta casa agora também?

Savio levantou as palmas das mãos. — Este é o jogo de Remo, não meu. Fale com ele, se você não gosta do que está acontecendo. — Ele sorriu de uma maneira que sugeriu que eu não faria. Talvez o sorriso arrogante fosse sua proteção. Todos usavam máscaras diferentes, Nino sua falta de emoções. Remo sua raiva e Savio sua arrogância. Eu ainda não tinha certeza da máscara de Adamo, mas ele também usava uma, estava certa disso.

Eu me virei e continuei na cozinha, me perguntando por que esses homens Falcones distorcidos entravam no meu coração um pouco mais a cada dia.

Depois de um rápido café da manhã, fui para a biblioteca, ignorando Sávio que estava apoiado ao lado da porta do porão, digitando em seu telefone. Eu não passaria o dia todo no quarto enquanto Remo fazia o papel de sequestrador, e não conseguia parar de pensar em Serafina.

Eu estava descansando no sofá quando Nino entrou. No momento em que

vi o brilho assombrado em seus olhos, soube que algo estava terrivelmente errado. Soltando meu livro, me levantei e corri até ele, tentando suprimir minha crescente preocupação.

— Você está bem?

Nino segurou meu rosto e me beijou ferozmente, me pegando de surpresa. Meu corpo saltou para a vida, respondendo à necessidade em seu beijo até que se tornou mais, aquecido demais. Eu me afastei dele, balançando a cabeça, mesmo quando meu corpo latejava de desejo. — Diga-me o que aconteceu.

O olhar de Nino caiu em seu antebraço, onde seus dedos traçaram as cicatrizes. Ele franziu a testa, a dor e a tristeza brilhando em seus olhos antes que a calma sem emoção os limpasse. — Remo fez um vídeo ao vivo para Cavallaro e a família de Serafina, mas sua escolha não foi a que Remo havia previsto. — Não havia emoção em sua voz, apenas aquela calma aterradora.

Eu recuei. — Não me diga que você deu a Serafina *essa* escolha?

Minhas entranhas convulsionaram, torcendo mais e mais. Nino continuou me olhando com aquele escrutínio silencioso. — Remo está fazendo jogos mentais, mas Serafina é obstinada. Ela escolheu a dor, o obrigou a agir na frente de Cavallaro. — Seu olhar cintilou nas cicatrizes em seu pulso. — Ela escolheu seu pulso para o corte... ela...

— Remo a cortou? — Eu dei outro passo para trás e então me virei. — Eu estou cansada disso. Vou ter uma conversa com ele. Alguém tem que fazer isso.

Eu corri em direção à porta para confrontar Remo. Nino passou o braço pela minha cintura por trás e me segurou com força. Primeiro Savio, agora ele. Raiva e frustração me inundaram, e uma sensação pior que desamparo. — Deixe-me ir.

— Só se você prometer não ir até o meu irmão. — Eu me contorci em seu domínio. — Solte-me.

— Não, — ele disse com firmeza.

Eu torci e olhei para ele, engolindo minha dor. — Você prometeu nunca usar sua força física contra mim.

Seus braços afrouxaram um pouco, mas não o suficiente para eu escapar, e um olhar de dor cruzou seu rosto. — Estou protegendo você. Eu nunca usaria minha força para causar dor, eu juro. — Ele beijou o lado da minha cabeça. — Não me compare ao seu tio. — Sua voz soou com um tom de vulnerabilidade que me assustou tanto que me virei para ver seu rosto melhor. Estava impassível, mas seus olhos não estavam.

— Eu não estou, — eu disse. — Não tenho medo de você ou que me prenda assim, mas isso me faz sentir impotente e eu odeio isso.

— Sua proteção é sempre minha maior prioridade. Farei com que você se sinta desconfortável se servir a esse propósito.

Suspirei. Eu não queria brigar com o Nino. Em sua mente, seu raciocínio fazia sentido.

— Onde ela está? — Eu perguntei a Nino, que seguia logo atrás de mim enquanto nos dirigíamos para a ala de Remo. Meu pulso ainda estava acelerado do meu confronto com Remo, mas estava feliz por ter conseguido convencê-lo a me deixar visitar Serafina.

Nino apontou para uma porta à nossa direita e me parou antes que eu pudesse entrar. — Tenha cuidado. As pessoas que são encurraladas em um canto são perigosas.

— Não se preocupe. Tudo vai ficar bem.

— Eu sei. — Ele disse isso de uma forma que me fez parar por causa do tom de aço.

Eu bati e, quando nenhum protesto soou, girei a chave e empurrei a porta.

Serafina estava na cama, os olhos cheios de surpresa. Ela era linda de um jeito angelical; longos cabelos loiros, olhos azuis, pele pálida.

— Kiara Vitiello, — disse ela.

Meu nome vindo de seus lábios, eu praticamente podia ouvir todas as histórias que ela ouviu sobre mim. As pessoas sussurravam sobre o casamento sangrento, sobre o que Remo e Nino tinham feito, sobre as razões de suas ações.

— Kiara Falcone agora, mas sim, sou eu. — Nino ficou perto de mim

como se esperasse um ataque a qualquer momento. Sua preocupação aqueceu meu coração e me irritou igualmente. Eu duvidava que Serafina falasse comigo enquanto ele estivesse presente. Ela não tinha razão para confiar em mim, mas tinha muitos motivos para desconfiar dele e de seus irmãos.

Eu disse a ele: — Você não precisa ficar. Serafina e eu vamos conversar. Ela não representa perigo para mim.

Nino não estava olhando para mim, seus olhos calculistas firmemente focados em Serafina. — Eu vou ficar. — Ele fechou a porta atrás dele e se inclinou contra a parede para assistir a tudo. — E se você fizer um movimento em direção a minha esposa, as consequências serão muito desagradáveis.

Como ele poderia dizer algo assim? Dei a Serafina um sorriso envergonhado antes de me aproximar de Nino e pressionar as palmas das mãos contra o peito dele. Ele baixou o olhar para mim, resquícios de aspereza ainda em seus olhos. — Ela é uma mulher inocente, Nino. Você não deve ameaçá-la, muito menos considerar machucá-la.

A expressão de Nino permaneceu dura. — Eu não me importo com quem seja, mulher ou homem, inocente ou culpada. Se ela for uma ameaça para você, causarei a quantidade de dor necessária para fazê-la recuar.

Engoli seco com sua voz. Quando Nino estava comigo, tornava muito fácil esquecer o que ele era capaz de fazer. Para mim, ele era amoroso e gentil, mas não para os outros.

— Eu não quero que você a machuque.

— Eu sempre respeito seus desejos, mas isso é algo que não te prometo. Protegê-la é a única coisa que me importa. Enquanto ela agir de acordo, está salva de mim.

— Nino, — eu tentei novamente. Ele balançou a cabeça e deixou claro que não mudaria de ideia sobre o assunto. Cheguei mais perto de Serafina, que me olhou como se eu fosse o inimigo. Eu provavelmente era a única pessoa nesta casa, exceto talvez por Adamo, que me importava com seu bem-estar, mas nossa conversa mostrou que ela não tinha intenção de se abrir comigo.

— Eu duvido que você tenha vindo oferecer ajuda. Você é leal aos Falcones, — disse ela por fim, soando quase acusadora.

— Eu sou. Eles são minha família.

NINO

Ouvindo Kiara dizer que era da família, meu peito parecia mais leve e parte da tensão se esvaiu. Ela sorriu suavemente para mim, ainda amorosa e atenciosa apesar do que frequentemente nos testemunhava fazer.

Eu estava contente com nossa família, apenas com meus irmãos e eu construindo uma unidade forte. Eu não via nenhuma necessidade em estendê-la, e ainda não tinha pensado nisso quando fui instituído a casar com Kiara por razões táticas. Parecia impossível que alguém se encaixasse em nossa família, que qualquer um pudesse se tornar parte de nossa vida e ganhar nossa confiança, especialmente uma mulher, mas Kiara havia surpreendido a todos. Ela encontrou seu lugar em nossa família de maneira calma e atenciosa, aceitou-nos apesar de nossas muitas falhas e tentou nos aperfeiçoar de maneiras sutis. Que ela considerava-nos capazes de ser melhores homens era algo que me enchia de contentamento, mesmo que suas tentativas estivessem fadadas ao fracasso.

Kiara voltou-se para Serafina e se agachou para perto dela. Eu dei um passo na direção delas. Ficar tão perto do inimigo era insensato. O que ela estava dizendo a Serafina? Vigilância e desconfiança eram os alicerces da minha natureza, mas eu não podia imaginar Kiara nos traindo de alguma forma. Eu não queria nem considerar a opção de que ela podia.

Depois da conversa, levei Kiara para fora e tranquei a porta. — O que você disse a ela?

Kiara olhou para mim, franzindo a testa. — Você não confia em mim?

— Eu confio, — eu disse baixinho, em seguida, espalmei a parte de trás de sua cabeça, tentando lembrá-la de que ela confiava em mim o suficiente para tocá-la ali. — Você se lembra da regra que estabelecemos no começo do nosso casamento? Sem mentiras. Não guarde segredos de mim, Kiara.

— Segredos não são necessariamente mentiras. Você deveria saber,

Nino. Eu acho que você tem mais segredos do que eu.

Isso era verdade, mas não porque eu não confiava em Kiara com eles. — Você quer saber todos os aspectos do nosso negócio, tudo o que eu faço?

Seus cílios tremularam, hesitação nublando sua expressão. Kiara era inteligente, ela sabia a natureza do meu trabalho, mas havia uma diferença entre saber no geral e saber os detalhes sórdidos. — Não, eu não acho que poderia suportar isso.

Isso era o que eu pensava. Kiara era inerentemente gentil, comprovada por sua insistência em se abster de comer carne. Ela pressionou a testa contra o meu peito, procurando consolo na minha proximidade como tantas vezes fazia.

— Eu só disse a Serafina que há mais em Remo do que se vê e que ela poderia ser capaz de chegar até ele, — disse ela.

— Se você acha que ela pode ser para ele o que você é para mim, está esquecendo que o cenário inicial de Remo é diferente do meu. Eu comecei em terreno neutro. Eu não tinha nenhum tipo de emoção por você, nem positiva nem negativa, mas a opinião de Remo sobre as mulheres é tingida de raiva.

Kiara se afastou. — Isso não significa que não possa mudar. Ele parece ter se acostumado comigo, então quem pode dizer que não poderá se acostumar com outra pessoa?

Eu não podia imaginar Remo permitindo um vínculo emocional com uma mulher, e mesmo que Kiara desejasse, nem todo mundo estava destinado a encontrar o amor. Eu ainda tinha dificuldade em entender o conceito completo, entender suas muitas nuances.

— Vou dar um mergulho na piscina. Por que não se junta a mim?

— Você está tentando me distrair?

Eu estava, mas isso estava além do ponto. — Isso, e você disse que queria aprender a nadar.

Sua boca se curvou. — Eu sei nadar... eu acho. Eu nunca fui muito boa e faz quase uma década desde o meu último mergulho, mas não é algo que você possa desaprender, certo?

Eu nunca desaprendi nada, mas estava ciente de que o funcionamento do meu cérebro era diferente do da maioria das pessoas. — Por que não testamos sua teoria?

Seus olhos se arrastaram de volta para a porta de Serafina. — Você fez o que podia. Ela está segura por enquanto.

Kiara franziu os lábios. — E o machucado dela?

— Remo cuida disso, e ele não vai machucá-la assim de novo. Ele nunca pretendeu fazê-lo em primeiro lugar. Ele vai reavaliar sua tática para se adaptar à personalidade volátil dela.

— Sua tática, — Kiara disse com desdém, em seguida, soltou um suspiro suave.

— Vamos. Vamos nadar.

Kiara me deu um pequeno sorriso provocante. — Você só quer me ver de biquíni.

— Eu prefiro você nua.

Um rubor manchou as bochechas de Kiara e passei o polegar sobre ele, sempre fascinado pelas reações do seu corpo a uma simples verdade. — Eu estou com meu calção de banho debaixo das minhas calças. Por que você não se troca e vou na frente para me aquecer?

Levantando nos dedos dos pés, Kiara me beijou e se afastou. Meu olhar a seguiu por um momento antes de se fixar na chave na porta de Serafina, imaginando se era melhor escondê-la. Confiança. Era difícil ganhar e muito difícil de manter. Eu me virei, deixando a chave onde estava e desci as escadas. Apenas Savio ainda estava na área comum, descansando no sofá, uma perna jogada sobre o apoio de braço. Ele não olhou para cima quando falou. — E como foi? Kiara e a prisioneira são BFFs[1] agora?

— Dificilmente, — eu disse. — Onde estão Remo e Adamo?

— Remo entrou na cozinha, e Adamo está emburrado em seu quarto. — Ele tirou os olhos da tela. — Eu acho que ele vai recusar a tatuagem.

— Ele não vai.

Savio desligou o telefone e sentou-se. — Eu não teria certeza se fosse você. Ele está se sentindo rebelde, quer ser um homem melhor, ou menino, seja o que for. Acho que ele pode usar a cerimônia de iniciação para fazer uma declaração. — O lábio de Savio se curvou. — Vamos lá, não me diga que você não considerou isso. Ele está se esforçando muito, se você me perguntar. Ele é como nós e não consegue aceitar isso. Isso é tudo.

Ele ficou de pé, colocou o telefone no bolso e encolheu os ombros. — Ele não quer me ouvir e estou cansado de ouvir suas reclamações. Estou saindo para encontrar Diego e Mick. Não voltarei até depois da meia-noite. Afinal, eu tenho que foder em outro lugar e não quero aquelas garotas na minha ala.

Eu continuei em direção à piscina da frente, então pensei melhor e fui para a nossa piscina no jardim. Depois de me despir ficando em meu calção de banho, mergulhei e emergi no outro extremo oval, onde o flamingo de Savio flutuava na superfície. Eu o empurrei para fora da piscina antes de começar a nadar, mesmo que a piscina não fosse prática para isso.

Na minha visão periférica, um movimento chamou minha atenção e parei de nadar levantando. Kiara estava caminhando em minha direção, uma toalha enrolada na cintura para proteger sua modéstia.

Seu sorriso era reservado quando ela parou em uma espreguiçadeira e deixou cair a toalha, revelando um biquíni vermelho.

Era uma visão muito agradável, embora surpreendente. Eu duvidava que ela usasse isso antes de se tornar minha esposa. A parte inferior minúscula estava presa nos lindos quadris de Kiara por duas tiras, e o material cobria apenas metade de suas nádegas arredondadas. A parte superior não cobria muito mais, dando uma visão tentadora dos amplos seios de Kiara.

Eu estava com fome por ela desde ontem e isso não estava ajudando.

— É novo. Eu pedi online. Eu achei que você o apreciaria.

— Apreciação não é uma palavra forte o suficiente para o que seu corpo está fazendo comigo, Kiara, — eu murmurei.

Ela riu, moveu-se para a piscina e sentou na borda, mergulhando as pernas na água. Estava confortavelmente quente, mesmo para alguém com uma sensibilidade maior ao frio como Kiara, e foi por isso que a escolhi em vez da

piscina quadrada mais profunda. Eu nadei até ela, incapaz de parar de admirá-la, então apoiei minhas mãos na borda e me empurrei para fora da água para roubar um beijo de Kiara. Ela respondeu com um suspiro suave e abriu as pernas quando apliquei mais pressão com meus quadris, permitindo-me deslizar entre elas e pressionar minha ereção contra sua boceta.

Kiara se afastou, os olhos arregalados enquanto olhava ao redor. — Nós não devemos fazer isso. Alguém pode nos ver.

Os vizinhos estavam muito longe para nos ver e meus irmãos iriam aproveitar o show. Eu não me importava se alguém nos observasse. No passado achava estimulante que pessoas me observassem fazendo sexo, mas Kiara era mais conservadora devido a sua criação. Eu roubei outro beijo, em seguida, abaixei-me de volta na água. Antes de sair de entre as pernas de Kiara, pressionei um beijo firme e demorado no tecido vermelho que cobria sua boceta. Ela exalou, em seguida, mordeu o lábio, sua expressão se enchendo com o mesmo desejo que me queimava.

— Quão profundo é isso? — Ela gesticulou para a água.

— A piscina tem profundidades diferentes. Aqui ele alcança meu queixo, então você não será capaz de ficar em pé, mas lá atrás onde fica a cachoeira, bate no meu peito, e próximo a escada é plana, mas inclina de forma rápida.

Kiara deslizou na água lentamente, agarrando-se à borda com um aperto de branquear os dedos. Eu agarrei sua cintura. — Eu te seguro. Vou me certificar de que você não afunde.

Ela soltou a borda apenas para agarrar meus ombros com o mesmo fervor. Eu a carreguei através da água, flutuando em sua barriga, permitindo que ela se acostumasse à sensação, que relaxasse. Eventualmente Kiara começou a mover as pernas e poderia nadar sozinha, mas eu estava relutante em liberá-la. Uma das minhas mãos deslizou pelo seu corpo, observando a curva de sua bunda, antes de eu deslizar dois dedos por baixo do seu biquíni e começar a acariciá-la. Ela estava ligeiramente excitada.

— Nino, — ela advertiu. Eu continuei esfregando suas dobras e clitóris, abaixando-a ligeiramente na água para que ela se sentisse menos à mostra.

— Continue nadando, — eu disse enquanto circulava seu clitóris lentamente. Seus olhos voaram para mim incertos. — Ninguém pode nos ver.

Mas se você quiser que eu pare, tudo bem. — Eu realmente achei que ela iria gostar se ela se permitisse, mas não forçaria Kiara além de seus limites, não com seu passado doloroso. Ela não disse nada e eu continuei a provocá-la até que pude senti-la mais flexível. Os movimentos de Kiara se tornaram menos coordenados e ela continuou engolindo água quando gemia. — Vire-se.

Seu braço enrolou no meu pescoço enquanto ela deslizava novamente em meus braços. Eu cutuquei a parte de cima de seu biquíni com a minha boca e segurei seu mamilo rosa enquanto deslizava um polegar nela.

Kiara soltou um gemido atônito.

— Isso é bom? — Eu perguntei contra seu seio, em seguida, o puxei de volta em minha boca, meu polegar girando em sua boceta.

— Sim, — ela sussurrou, os olhos focados no meu rosto enquanto eu chupava seu seio. Então ela desviou o olhar timidamente.

— Observe-me. Me excita você me ver te dar prazer.

Kiara sorriu lentamente, sua respiração intensificando e sua excitação aumentando rapidamente. Às vezes, seus olhos ainda corriam de volta para a mansão e eu fazia questão de mantê-la distraída. Seus músculos começaram a tremer quando seus dedos no meu pescoço apertaram, e então ela ficou tensa com um lindo gemido.

— Sim, — eu rosnei, movendo o dedo mais rápido e chupando o mamilo mais uma vez.

Minha própria excitação pulsou através do meu corpo, transformando minha sunga em uma prisão desconfortável para o meu pau. Quando Kiara ficou mole, levantei a cabeça e beijei sua boca. Ela me deu um sorriso bêbado de sexo. Eu continuei provocando sua boceta, mesmo quando soltei seu corpo e ela pairou diante de mim. Ela sempre foi muito sensível depois de seu orgasmo, então isso lhe trouxe prazer adicional.

— Podemos fazer sexo aqui?

Fiz uma breve pausa, surpreso com o pedido dela, e um pouco preocupado com a tendência de seu corpo enrijecer.

Ela ficou vermelha como se tivesse dito algo errado. Eu a puxei contra

mim para que suas pernas se enrolassem na minha cintura. — Claro, mas ao contrário da crença comum, a água não é um lubrificante. Dilui a lubrificação natural do seu corpo. Isso pode levar ao desconforto.

Kiara soltou uma pequena risada, depois apertou os lábios. — Desculpa.

Eu levantei minhas sobrancelhas, tentando descobrir o que ela achou engraçado. Eu achei que deveria avisá-la e não mergulhar nela e causar qualquer dor, o que poderia levar a memórias desagradáveis.

— Sua conversa sexy é um pouco... estranha.

— Eu posso falar sujo, não se preocupe.

Curiosidade encheu seus olhos. — Sério?

— Sim. Eu costumo ser um amante dominante e vocal. Mas achei que seria melhor diminuir o tom com você.

Seu rosto entristeceu. — Oh, certo... — Ela baixou os olhos e riu de novo, mas desta vez foi um som tenso e sem alegria. — Eu acho que a nossa vida sexual não é muito gratificante para você.

Eu fiz uma careta. — Eu não disse isso. Eu gosto de sexo com você e só começamos. Você ficará mais confortável e descobriremos seus limites juntos. — Eu soltei o meu abraço para que ela afundasse mais até que minha ereção pressionou contra seu centro, fazendo-a gemer baixinho.

— Você gostaria de experimentar sexo na piscina agora?

Ela assentiu. Eu deslizei primeiro um dedo, depois um segundo. Foi um ajuste apertado. Como eu suspeitava a água não estava ajudando. Eu nadei em direção à borda da piscina e levantei Kiara antes de deslizar sua parte de baixo para o lado e beijar sua boceta.

— Nino...

— Deixe-me ajudar o seu corpo. Eu quero te lamber.

Eu empurrei o flamingo para uma posição onde cobria a maior parte de Kiara se alguém olhasse para a piscina da mansão. Então corri minha língua ao longo do sua fenda, provando indícios de sua excitação, mas não o suficiente. Isso mudaria em breve. Kiara sempre foi muito sensível quando comi

sua boceta.

— Observe-me, — eu disse, decidindo testar com o quanto do meu domínio ela poderia lidar, e Kiara obedeceu. Eu levei meu tempo lambendo seus lábios externos, em seguida, sugando-os em minha boca, um após o outro, antes de usar a ponta da minha língua para brincar com seus sensíveis lábios internos. Os dedos de Kiara emaranharam no meu cabelo, seus quadris balançando levemente, e o doce sabor de sua excitação tornou-se mais proeminente. Meu pau pulsou quando o suco de Kiara girou na minha língua. Eu gemi contra ela. — Kiara, eu amo o seu gosto.

Ela estremeceu quando a separei com meus polegares e mergulhei novamente, ainda mais devagar do que antes, realmente saboreando sua boceta, mas logo ela começou a enrijecer, um sinal claro de seu orgasmo iminente. — Espere um pouco. Vai ser mais intenso se você resistir a sua libertação por um tempo, confie em mim.

Eu ignorei seu clitóris e foquei em sua abertura. Até mesmo isso fez Kiara tremer. — Segure-se, — eu disse novamente.

— Eu não consigo, — Kiara ofegou, seu rosto contorcido de prazer. — Sinto-me muito bem. — Eu gentilmente aliviei dois dedos dentro dela e quando meus lábios finalmente se fecharam seu clitóris um tremor a atravessou e ela gemeu, suas mãos puxando meu cabelo com força suficiente para enviar uma onda de prazer através do meu corpo. Eu bombeei meus dedos nela rapidamente, apreciando o modo como suas paredes se contraiam ao redor deles com cada pulso de seu orgasmo.

— Foda-se, você está muito molhada.

Eu empurrei meu calção de banho antes de ajudá-la a voltar para a água, e Kiara se agarrou a mim, um pequeno sorriso atordoado em seu rosto enquanto eu a abaixei para a minha ereção.

— Eu vou devagar. Diga-me se você sentir desconforto.

Ela me beijou e eu deslizei dentro dela, sem sentir resistência. Parei quando estava embainhado nela. Kiara já estava pressionando em mim, balançando encorajadoramente, então não havia dúvida se ela sentia desconforto. Segurando em sua cintura eu comecei a saltá-la para cima e para baixo no meu pau.

Kiara esqueceu tudo ao nosso redor enquanto eu a fodia, e tive que me segurar para não gozar enquanto ela se esfregava contra mim uma e outra vez, suas paredes apertando e ela jogou a cabeça para trás com um gemido sem fôlego, gozando ao meu redor. Eu lambi a água de sua garganta elegante, apreciando a sensação de sua pulsação errática contra a minha língua.

Minhas bolas se apertaram, mas lutei contra o meu orgasmo com os dentes cerrados e cuidadosamente deslizei para fora dela.

Kiara olhou para mim em confusão. — Você não gozou.

— Não na piscina.

— Eu sei que seus irmãos usaram a piscina para suas atividades, especialmente Savio. Não me diga que eles nunca gozam, só para manter a água limpa. — Seus lábios se curvaram e ela olhou ao redor.

— Eles gozam, mas com as prostitutas usam preservativos, e quando recebem um boquete, as mulheres engolem.

Kiara deu um pequeno aceno de cabeça. — Certo. — Então ela inclinou a cabeça para cima. — Você gostou quando uma mulher fez isso?

— Deu-me um boquete?

— Sim. — Sua voz era um sussurro. Havia homens que *não* gostavam da sensação de uma boca quente? Eu passei minha mão em sua espinha, tentando avaliar seu humor. Ela parecia nervosa. Era porque ela nunca havia me dado um boquete? Eu nunca lhe pedi, mesmo que sentisse falta, porque era óbvio que ela estava com medo de fazer isso.

— Eu gostei, — eu disse, optando pela verdade. — Vamos entrar. Eu quero estar dentro de você novamente.

Kiara me seguiu de volta para a casa. Ela estava tensa, mas no momento em que a abaixei na cama e a beijei, ela relaxou. Eu tracei suas coxas, em seguida, levantei uma sobre as minhas costas antes de me aproximar dela, saboreando o ritmo lento de suas paredes abraçando meu pau.

— Perfeição, — eu disse asperamente. — Isso é a perfeição, Kiara, então não se prenda ao passado, não no meu, nem no seu.

A expressão de Kiara se iluminou com surpresa, em seguida, um pequeno sorriso veio antes do meu próximo impulso forçar um gemido de seus lábios.

Eu acelerei gradualmente, empurrando-a mais profundamente na cama a cada batida. Quando ela se aproximou, diminuí a velocidade e me apoiei em minhas mãos. Kiara fez um pequeno som de frustração e eu continuei o ritmo torturantemente lento, girando meus quadris, até que estava apenas brincando com o meu pau. Ela começou a se mexer por mais atrito. Eu recuei cada vez que ela dirigiu meu pau mais fundo nela. Ela mordeu o lábio, os olhos cheios de necessidade. — Nino, por favor...

Eu abrandei minha ponta dentro dela então parei. Seus olhos percorreram meu corpo até o ponto em que nossos corpos se encontraram e ela suspirou. Enquanto ela observava, comecei a fodê-la devagar novamente. Kiara não tirou os olhos da cena, e eu também abaixei a cabeça para ver o meu pau reivindicando sua boceta, brilhando com seus sucos. Segurando meu peso com apenas um braço, eu a abracei, dando a nós dois uma visão ainda melhor, então acariciei a pele sensível da parte interna da sua coxa enquanto mantinha o impulso lento. As pontas dos meus dedos agraciaram o vinco entre sua boceta e coxa, depois o lábio externo antes de circularem em torno de seu clitóris. Ela apertou e choramingou, mas não gozou ainda.

— Esfregue seus mamilos para mim.

Depois de um momento de hesitação, Kiara tomou seus mamilos entre os dedos e puxou levemente.

— Teste seus limites. Puxe tão forte quanto você aguentar. — Minha voz era áspera, encharcada com a tensão para segurar meu orgasmo.

Kiara trabalhou seus mamilos com mais força e engasgou de surpresa e apertou novamente. Meus dedos em seu clitóris aceleraram e meus impulsos também, e finalmente ela gritou, tremendo com a força de seu orgasmo, e minhas bolas pulsaram violentamente enquanto eu gozava. Eu empurrei mais forte, excitado pelo olhar de profunda paixão no rosto de Kiara quando a fodi enquanto ela brincava com seus peitos. Porra de perfeição.

Eu parei e me abaixei até cobrir o pequeno corpo de Kiara.

Ela soltou uma risada surpresa. — Isso foi incrível. Sempre que acho que o sexo não pode melhorar, você faz algo novo e... só uau.

Eu ri da admiração inocente em sua voz, levantando minha cabeça para olhar seu rosto corado. — Confie em mim, Kiara, nós apenas começamos.

Capítulo Três

NINO

Adamo estava se escondendo em seu quarto desde que Remo trouxera Serafina para casa. Sua iniciação era daqui a três dias e queria ter certeza de que seu estado mental atual não levaria a uma decisão da qual ele se arrependesse. Eu bati em sua porta e não recebi uma resposta. Eu sabia que Adamo estava lá dentro e só podia supor que ele estava com seus fones de ouvido como tantas vezes. Eu abri a porta e encontrei-o deitado em sua cama, ouvindo música e olhando para o teto. Quando ele me viu, franziu a testa e sentou-se, tirando os fones de ouvido. — Já ouviu falar em privacidade?

Olhei a bagunça no chão, roupas amassadas, louça suja, garrafas meio vazias de Coca - Cola com pontas de cigarro dentro delas. — Não fumar em casa. Você conhece as regras.

Adamo revirou os olhos e me deu o dedo. Eu avancei sobre ele e agarrei seu braço, levantando-o. — Remo e eu damos muita liberdade, Adamo. Mas não se esqueça de quem coloca comida na mesa, quem paga por tudo isso, quem garante que você esteja seguro. Mostre algum respeito ou terei que ensiná-lo a você. — Remo e eu não gostamos de punir Savio ou Adamo com violência, mas Adamo estava testando nossa paciência.

Adamo projetou o queixo. — Você vai experimentar alguns novos métodos de tortura comigo?

— Eu não preciso testar novos métodos. Tenho usado o mesmo por muitos anos e são muito eficazes.

Adamo nunca tinha sido submetido à tortura de nosso pai, apenas Savio, Remo e eu. Foi uma coisa boa, mas também o tornou mais fraco e um alvo mais fácil. No entanto, nem Remo nem eu aumentaríamos sua tolerância à dor torturando-o.

Adamo fez uma careta. — Você os usou na menina?

— Não.

— Você vai?

— Não.

Como eu dissera a Remo, Serafina era uma mulher inocente e não merecia a escolha que ele lhe dera, ou ser vítima de meus talentos muito particulares.

— Você pode dizer mais do que não? — Ele resmungou, tentando libertar-se do meu domínio. Eu não o libertei, apertando mais forte.

— Eu posso, e gostaria, se suas perguntas exigissem mais que um simples 'não' como resposta.

— Me sinto mal por ela. Ela é apenas uma garota. Por que Remo quer machucá-la? — A insolência sumiu de sua voz e ele soava como o garotinho para quem eu lia Harry Potter.

Eu deixei cair a minha mão e ele esfregou o local, evitando meus olhos. Eu disse: — Eu não tenho certeza se ele quer machucá-la. — Eu não acho que Remo sabia exatamente o que ele queria com a garota.

O Adamo bufou. — Okay, certo. Quando Remo já *não* quis machucar alguém?

— Ele não quer machucá-lo, Adamo. Você sabe disso.

— Sim...

— Sua iniciação é um dia importante. Isto é mais do que lealdade à causa, à Camorra. Isso é lealdade para com a nossa família, com Remo.

— Você vai transformar isso em uma viagem de culpa para que eu faça o juramento?

— Culpa é uma noção irrelevante para mim, você sabe disso.

Adamo soltou uma risada abafada. — Sim, eu entendi isso. Para você e Remo, e para Savio sempre que for melhor para ele.

— Você se sente culpado por matar o soldado da Outfit?

Adamo afundou na cama e brincou com os fones de ouvido, dando de

ombros. — Mais ou menos.

— Mais ou menos? O que isso significa?

— Eu sei que todos vocês estão escondendo algo sobre a nossa mãe de mim. Eu quero saber o que é. Se tenho idade suficiente para me tornar um homem feito, tenho idade suficiente para isso, certo?

— Agora não é a hora certa. Não se preocupe com o passado.

Adamo pegou um maço de cigarros na mesa de cabeceira. Ele pareceu hesitar, lançando os olhos para mim e retirando a mão. Peguei o maço e enfiei no bolso de trás.

— Ei!

Eu levantei uma sobrancelha, desafiando-o a dizer mais. Ele compraria mais cigarros. Ainda assim, ele precisava do máximo de desencorajamento possível para acabar com esse hábito doentio. — Responda a minha pergunta.

— Eu me sinto culpado por não me sentir culpado.

Isso era completamente irracional.

Adamo gemeu. — Porque eu *deveria* me sentir culpado, mas por que me incomodo em explicar isso para você? — Ele inclinou a cabeça, fazendo alguns de seus cachos caírem na direção se seus olhos. — Como você se certifica de não machucar Kiara? Eu não entendo.

— Monitorando suas reações e adaptando meu comportamento de acordo.

— Ele balançou a cabeça. — Até o seu casamento é pura lógica.

Não era, não mais, mas nem Adamo nem Savio sabiam das mudanças recentes que eu havia experimentado. Eu não queria explicá-las aos meus irmãos mais novos até ter certeza de sua extensão e compreendê-las melhor.

— Talvez lhe fizesse bem controlar suas emoções de vez em quando? A lógica pode ajudá-lo a orientar sua atual instabilidade emocional.

O rosto de Adamo franziu. Ele se jogou de volta na cama e colocou os fones de ouvido novamente. Sufocando minha frustração com seu comportamento irracional, me virei e o deixei com seu mau humor.

KIARA

— Você está preocupado que Adamo recuse a tatuagem hoje? — Eu perguntei enquanto estava deitada nos braços de Nino após o nascer do sol, traçando suas tatuagens e os cumes duros de seu abdômen.

— Não, exatamente preocupado não. Eu acho que ele verá a razão.

Eu balancei a cabeça e Nino se afastou para me olhar com uma carranca. — Ele te disse alguma coisa? — Havia definitivamente uma sugestão de preocupação em sua voz.

— Não, — eu disse. — Mas eu não acho que o Adamo fará isso porque vê como *uma* escolha *razoável*. Ele não é assim. Adamo é movido por emoções. Ele vai fazer a tatuagem porque ele ama você, Remo e Savio, porque ele é leal a vocês.

Nino assentiu e gradualmente sua expressão suavizou antes de se abaixar para pressionar um beijo na minha boca. Eu sorri contra seus lábios e toquei suas bochechas, apreciando a sensação de sua barba contra minhas palmas. Nós olhamos nos olhos um do outro e eu mal pude resistir dizer a Nino que o amava de novo. Ele estava tentando chegar a um acordo com suas emoções e eu não queria pressioná-lo. Ainda parecia um milagre que ele tivesse dito isso, e com Nino suas ações sempre falavam mais alto que suas palavras. — Ficarei sozinha na mansão hoje? Tenho certeza de que todos vocês querem estar lá para Adamo, inclusive Fabiano.

— Não, — disse Nino com firmeza. — Fabiano ficará para protegê-la e garantir que Serafina não cause problemas.

— Sinto-me mal por ele. Você não poderia ter pedido a um de seus soldados para vigiar a mansão?

— Se fosse apenas Serafina, sim, mas não vou deixar ninguém em quem não confio ficar sozinho com você, especialmente porque você pode se sentir ameaçada por um segurança do sexo masculino com quem não está

familiarizada. — Nino me beijou de novo, sua expressão séria. — Eu nunca vou arriscar seu bem-estar, Kiara. Eu não posso te perder.

Eu engoli, minha determinação correndo como areia através dos meus dedos. — Temos tempo para fazer amor?

Nino respondeu movendo-se sobre mim e se acomodando entre as minhas pernas.

Fabiano apareceu pouco antes dos irmãos Falcone partirem. Eu esperava que ele trouxesse Leona, mas estava sozinho. Tentando abafar meu nervosismo sobre estar em sua presença pela primeira vez, passei meus braços em torno de Nino. — Envie-me um texto assim que puder e diga-me como foi.

Nino beijou minha orelha. — Fabiano é como um irmão.

Ele se afastou e com um breve aceno de cabeça para Fabiano se encaminhou para onde seus irmãos estavam esperando. A porta se fechou, deixando Fabiano e eu sozinhos na sala de jogos.

— Nino disse que você gosta de tocar piano. Ajudaria você a relaxar?

Minhas bochechas aqueceram. — Meu medo é assim tão óbvio?

Os olhos azuis de Fabiano suavizaram. — Eu não achei que você estivesse com medo, apenas nervosa. Você sabe que estou aqui para te proteger. Não tem absolutamente nenhuma razão para ficar assustada ou nervosa.

— Eu sei. Meu cérebro sabe, mas é como se meu corpo ainda estivesse programado de uma maneira diferente. Estou tentando trabalhar nisso. Talvez hoje seja uma boa chance de enfrentar meu medo?

Fabiano me deu um pequeno sorriso e enfiou as mãos nos bolsos. — Então, você gostaria de tocar piano?

— Eu adoraria. Mas não vai ser muito chato para você? Eu duvido que você tenha costume em ouvir clássicos.

— É verdade, mas eu não me importo.

Eu segui em direção a minha ala e de Nino, então parei quando Fabiano andou atrás de mim. — Você pode andar ao meu lado? Eu sei que você está tentando manter distância, mas eu preferiria você ao meu lado.

— Então você pode ficar de olho em mim?

Fabiano não parecia zangado, apenas curioso, quando se aproximou do meu lado e seguimos em frente.

— Desculpe. — Eu me odiava pelas reações do meu corpo. Era difícil superar um hábito.

— Você não precisa se desculpar. Nino me avisou.

— Oh Deus, o que ele te disse?

— Ele me lembrou de cuidar do seu espaço pessoal. Eu acho que ele poderia ter me ameaçado também.

Meus olhos se arregalaram de horror. — Eu duvido que Nino te ameaçaria.

— Oh, ele faria, definitivamente, se você estiver envolvida. Você desperta o lado protetor dele, e não só o dele.

Em nossa sala de estar, afundei no piano. — Não me diga que você está falando de Remo.

Fabiano sentou no sofá e esticou as pernas na frente dele. — Ambos, Remo e Savio. É a maneira como eles te observam e agem ao seu redor.

Coloquei meus dedos nas teclas do piano, pensando nas palavras de Fabiano. Savio e Remo tinham o cuidado de não me tocar. Eles pareciam ter se acostumado com a minha presença durante o jantar. Meus dedos começaram a dançar sobre as teclas por vontade própria enquanto eu permanecia perdida em meus pensamentos. Logo a tensão se esvaiu enquanto as notas da melodia giravam em torno de mim. Era uma música nova em que eu estava trabalhando há alguns dias, uma que deveria abranger meus sentimentos em relação à minha nova família. Como minha música para Nino, era sombria, triste e errática no começo, transmitindo meu medo inicial e insegurança, mas ficou gradualmente mais calma. Eu não tinha lhes dito ainda que tinha toda a intenção de criar uma música para cada irmão Falcone, e uma vez que o conhecesse melhor, até para Fabiano.

O som de um toque me tirou do meu transe e meus dedos perderam o rumo. Eu olhei para Fabiano que olhou para o seu telefone com um sorriso gentil. Quando ele olhou para cima, uma expressão mais contida assumiu.

— Leona? — Eu perguntei.

Ele franziu a testa. — Como você soube?

— O olhar em seu rosto.

A cautela encheu os olhos de Fabiano e ele enfiou o telefone de volta no bolso. — Ela está na faculdade. Está fazendo cursos preparatórios.

— Ela decidiu conseguir seu Bacharel em Justiça Criminal?

— Sim. Ela acha que é o mais útil para seus estudos posteriores de direito.

— Irônico, não é? Que ela esteja tendo aulas de justiça criminal enquanto está envolvida com a Camorra.

— Ela vai ser muito útil para a Camorra, uma vez que se formar na faculdade de direito.

— Quanto tempo falta, sete anos?

Fabiano assentiu.

— Vocês não vão se casar e ter filhos? — No momento em que as palavras saíram, eu queria levá-las de volta. Fabiano e eu não nos conhecíamos muito bem. Era uma pergunta que eu deveria ter feito a Leona, não a ele.

Alguns segundos se passaram antes que ele respondesse e seu rosto estava quase tão fechado quanto o de Nino no começo. — Ainda não discutimos nosso futuro em detalhes.

Sentindo-me mal, resolvi recompensar Fabiano. — Está com fome? Eu poderia fazer alguns muffins. Eles não vão demorar muito.

Quarenta minutos depois, peguei uma bandeja de muffins de chocolate triplo com recheio de cheesecake do forno.

— Eles têm um aroma incrível, — disse Fabiano.

— Eles ainda estão muito quentes. Podemos arriscar uma mordida de qualquer maneira. — Eu peguei três pratos.

Fabiano apontou para um deles. — Eu não posso deixá-la ir até Serafina. Nino deixou isso bem claro.

Suspirando, coloquei um muffin em cada prato, deixando um deles de lado para que Remo pudesse levá-lo para Serafina mais tarde. Com dois pratos na mão, fui até a mesa e me sentei em frente a Fabiano. — Espero que você goste.

Fabiano começou a comer imediatamente. — Perfeito.

— É estranho estarmos sentados nesta mesa, comendo muffins, quando fomos criados para odiar a Camorra. Mas nós dois encontramos uma família aqui.

Fabiano me olhou. — Para ser honesto, senti pena de você no começo. Mesmo antes de saber o que aconteceu com você, achei que morar debaixo desses telhados com os Falcones seria o fim de uma garota como você.

— Você achou que eles abusariam de mim?

— Não, eu achei que eles não saberiam o que fazer com você. Lidar com alguém com seu passado exige paciência, não achei que Remo ou Savio possuíssem. Nino sim, mas ele não tem emoções, então isso é um grande problema.

— Todos eles têm tentado da sua maneira, e sinto que está melhorando a cada dia.

— Eles a veem como família agora, então você venceu.

Mordi meu lábio inferior, me perguntando se era verdade. Nino, claro, mas o resto deles? Eu não queria nada além de fazer parte da família deles.

Ainda estávamos na cozinha quando Remo, Adamo e Nino voltaram. Nino imediatamente me examinou da cabeça aos pés, o que levou Fabiano a revirar os olhos e dizer. — Ela está inteira.

Nino se aproximou, inclinou-se e beijou minha orelha. — Você está bem?

Eu assenti. — Eu fiz muffins. Eles ainda estão quentes.

Eu olhei para Adamo que parecia um pouco pálido. — Você deveria comer um. O chocolate vai fazer você se sentir melhor, acredite em mim, e não os fiz muito doce.

Levantei-me, fui até a bandeja e coloquei quatro muffins nos pratos, depois os entreguei a cada homem. Remo levantou a sobrancelha.

— Você sabe que eu odeio coisas doces.

— Talvez você não tenha experimentado o tipo certo de doce ainda?

Sem esperar por sua resposta, fui em direção a Adamo e lhe entreguei o prato. Seu antebraço estava envolvido com uma bandagem. — Como foi? — Eu perguntei suavemente.

— Ok, — ele disse com uma pitada de alívio. Talvez ele tivesse chegado a um acordo com tudo agora que fora iniciado.

Eu entreguei os dois últimos pratos para Nino e Fabiano. — Onde está Savio?

— Com duas prostitutas, — disse Nino, e eu assenti. Eu não deveria ter ficado surpresa. Remo e Nino só comeram metade de suas guloseimas, e eu terminei o de Nino, então impedi Remo de jogar fora o dele. Peguei o muffin meio comido e dei uma grande mordida.

— Você percebe que dei uma mordida nisso antes.

— E agora eu estou mordendo isso. É para isso que servem os muffins.

Remo sacudiu a cabeça. Pela primeira vez seu rosto não detinha a aspereza assustadora que costumava.

— E você diz que não gosta de coisas doces, Remo, — disse Fabiano em um tom provocante.

Remo e ele trocaram um olhar que não entendi.

— Você só fala merda, Fabiano.

Capítulo Quatro

KIARA

A pedido de Remo, no dia seguinte, fui comprar roupas para Serafina. Nino estava ocupado visitando um laboratório no subúrbio para discutir novas drogas sintéticas e Remo odiava fazer compras, o que deixou Savio com a tarefa de bancar a babá.

Ele estava mastigando um dos muffins quando brandiu ao volante de sua Ferrari. — Se você estiver entediada, não me importo se assar novamente.

Eu sorri, feliz por todos apreciarem minha comida, quando no passado mal tive chance de testar minhas habilidades nisso. — Qual é o seu favorito?

— Veludo vermelho.

— Então farei na próxima vez.

Savio desviou os olhos do tráfego me lançando um olhar curioso, mas não disse nada.

— Você tem que virar ali à direita.

— Eu conheço Vegas de cor, não se preocupe.

— Mesmo as boutiques?

— Eu gosto de roupas bonitas.

Eu inclinei minha cabeça em concordância. Savio estava sempre impecavelmente vestido e elegante.

Ele disse: — Seu novo estilo combina melhor com você, a propósito.

Eu corei, olhando para baixo em mim mesma. Eu havia escolhido um vestido vermelho de verão com bolinhas brancas que terminavam acima dos meus joelhos. — Por causa do vermelho?

— Isso e por você não estar mais escondendo seu corpo. Com curvas como

as suas, era uma pena escondê-las sob aqueles vestidos largos.

Eu ri incerta.

— Não se preocupe. Eu não estou flertando com você, — ele disse com um sorriso. — Nino cortaria minhas bolas em pedaços como um mestre Tataki. E você é como uma irmãzinha para mim. Eu não sou tão bizarro.

Minhas bochechas queimaram, fazendo Savio rir e balançar a cabeça depois me lançar um olhar. Ele disse: — Que você ainda pode corar assim vivendo sob um teto com meus irmãos e eu...

Eu não conseguia superar o fato de Savio ter me comparado a uma irmãzinha. Isso me deixou emocionada e eu realmente não queria chorar. Isso só iria assustá-lo. — Na verdade, eu seria a irmã mais velha. Você é mais jovem que eu.

— Sim, mas você tem toda a vibe da irmãzinha, precisando de proteção, sendo pequena pra caralho e tudo.

— Pequena pra caralho? — Eu repeti.

Savio riu de novo e estacionou o carro em frente a uma butique. — Vamos lá. Eu não quero passar o dia todo fazendo compras com você. Vou me encontrar com Mick e Diego depois.

— Mick? Isso não parece muito italiano.

— Diminutivo de Michelangelo. Seus pais deveriam estar chapados quando escolheram esse nome.

Savio saiu do carro e deu a volta, então estava ao meu lado. Com meus sapatos, eu só alcançava seu peito, então entendi seu pequeno comentário. Enquanto caminhávamos em direção à boutique, notei um grupo de três garotas adolescentes examinando Savio. Claro, ele notou e piscou para elas, fazendo-as rir e olhar para mim com culpa.

— Você as conhece?

Savio arrastou os olhos de volta para mim e segurou a porta da loja aberta. — Nós fomos para a escola juntos.

— Não foi estranho você abandonar precocemente?

Ele me olhou de um jeito estranho. — Por quê? Era uma perda de tempo. Preciso ajudar meus irmãos e proteger os interesses da Camorra. Nino me ensinou em casa a maior parte do tempo e eu me graduei. Eu estava avançado na maioria das aulas de qualquer maneira.

Nós entramos na loja e imediatamente a vendedora que tinha me atendido algumas vezes apareceu ao nosso lado. Depois de um olhar nervoso para Savio, ela sorriu para mim. — Eu tenho algumas peças vermelhas novas que poderia mostrar-lhe.

— Na verdade, eu preciso de roupas para outra pessoa. — Fiz uma pausa. — Mas vou experimentar as peças vermelhas também.

Savio bufou e foi até uma das cadeiras em frente ao vestiário, sentou-se e pegou o celular. A outra cadeira estava ocupada por um homem de meia-idade cuja mulher provavelmente se vestia.

— Vou colocá-las em um vestiário para você, — disse a vendedora enquanto passava por mim com duas peças vermelhas. Eu balancei a cabeça distraidamente enquanto mexia nas roupas por algo que Serafina pudesse gostar. Eu não conhecia Serafina, mas ela parecia o tipo que não tinha vergonha de seu corpo. Pegando alguns shorts e vestidos de verão, além de camisas do cabide, pedi a vendedora para pegá-los no tamanho que eu suspeitava que Serafina usasse. Então fui para o vestiário experimentar as outras roupas.

O primeiro vestido foi uma compra instantânea. A segunda peça, um macacão com shorts apertados e a parte superior amarrada, eu não tinha certeza. — Você acha que isso é algo que Nino gostaria? — Perguntei.

Savio olhou para cima, os olhos passando por mim. Então seu olhar se deslocou para o espelho atrás de mim, dando uma boa visão da minha bunda no short, mas ele não estava focado nisso. Seu habitual ar de arrogância descontraída sumiu e eu percebi porquê. O homem de meia idade estava me checando, ou melhor, minha bunda. Savio se virou para o homem.

— Que tal você parar de olhar lascivamente e manter seus olhos em sua esposa?

O homem rapidamente desviou os olhos, levantou-se e caminhou até o vestiário, gritando. — Você já terminou?

Savio revirou os olhos. — Parece sexy. Tenho certeza de que Nino vai aprovar isso da sua maneira lógica.

Meus lábios se contorceram e voltei ao cubículo para vestir minhas roupas novamente.

NINO

A relação de empurra e puxa entre Remo e Serafina estava atingindo dimensões inquietantes. Nos últimos dias ele passou mais e mais tempo com a garota e não fui o único que percebeu. Kiara tentava extrair informações minhas todas as chances que tinha, achando que eu sabia o que meu irmão tinha em mente, mas por uma vez Remo manteve seus motivos cuidadosamente escondidos.

Eu entrei na cozinha, seguindo o som de zumbido e tinido, assim que Kiara colocou uma assadeira no forno. A cozinha cheirava a lima e coentro, e a algo mais picante. A visão da bunda de Kiara em shorts apertados era ainda mais atraente. Caminhando até ela, avistei o que parecia ser tacos. Eu passei meus braços em torno dela por trás, beijando seu pescoço.

— Isso parece bom. O que é?

— Enchiladas verdes. Espero que não estejam muito picantes.

Agarrei seus quadris, a virei e a coloquei em cima do balcão, depois me posicionei entre suas pernas.

Antes que ela pudesse protestar, a beijei, meus dedos acariciando suas coxas lisas. Nos últimos dias, minhas próprias emoções estavam erráticas, talvez desencadeadas pela irracionalidade de Remo. A proximidade de Kiara sempre aliviou a pressão no meu peito até que senti uma calma familiar.

Savio entrou, soltando uma zombaria. — Ok, só para entender isso. Eu estou banido de qualquer tipo de merda no espaço comunitário da mansão, mas vocês estão fazendo isso em plena luz do dia em nosso balcão da cozinha?

Kiara recuou, suas bochechas ficando rosadas.

— Estávamos nos beijando, — eu disse, sem me incomodar em recuar.

Savio encostou-se ao balcão, de braços cruzados. — Parece que não será o fim disso. Muita hipocrisia?

Kiara gentilmente empurrou meu peito, tentando me fazer sair de entre suas coxas, mas eu resisti. — Nino.

— Se você levar uma garota a sério, poderá fazer isso também, — eu disse.

Savio sorriu. — Eu levo minhas fodas muito a sério, isso conta?

Kiara cutucou meu lado e eu finalmente me afastei para que ela pudesse sair do balcão, evitando os olhos de Savio.

— O rubor combina bem com o vermelho dos seus shorts, — ele disse. Enviei-lhe um olhar de advertência, mas ele era imune às minhas ameaças.

Kiara verificou as enchiladas, curvando-se, e o olhar de Savio seguiu o movimento de sua bunda antes que ele me desse um sinal de positivo.

Eu avancei, mas Kiara se adiantou, girando sobre ele e enfiando o dedo no seu peito. — Pare de olhar para o meu traseiro.

Savio levantou as mãos com um sorriso. — Tudo bem, minúscula.

Kiara sacudiu a cabeça, sorrindo. Eu fiz uma careta, tentando entender o que estava acontecendo entre eles. Ela disse a Savio: — Espero que em breve você encontre uma boa moça que lhe ensine algumas boas maneiras.

— Não vai acontecer. Garotas em relacionamentos são muito trabalhosas. Elas começam a achar que podem mandar em você e fazer exigências. Eu prefiro quando as garotas fazem o que eu quero.

— Como você sabe isso? Você já teve um relacionamento?

— Eu não preciso. Olhe para Nino e você. Se uma garota como você, que já é submissa pra caralho, pode ter um cara como Nino enrolado em seu dedo, isso não me faz realmente querer estar em um relacionamento. Eu gosto da

minha liberdade. — Ele se afastou do balcão e se dirigiu para a porta. — Grite quando a comida estiver pronta.

Kiara franziu o cenho atrás dele. — Submissa pra caralho? — Ela se virou para mim. — Você concorda com ele?

Eu acariciei sua garganta com as pontas dos meus dedos. — Não com essas palavras exatas, mas você é submissa.

— Eu achei que estava melhorando.

— Está. Você enfrentou Remo e Savio. Fora do quarto, você não é evidentemente submissa.

Seus olhos se arregalaram e ela engoliu em seco. — O quê?

Eu segurei seu queixo, unindo nossas testas. — Você não gosta de estar no controle durante o sexo, mesmo quando tentei deixá-la no começo. Você só relaxa se eu assumir a liderança, se não lhe der escolhas, mas decidir por nós.

Ela mordeu o lábio, envergonhada. — Isso não é antinatural, considerando o que aconteceu comigo...

Eu a beijei. — Não, você estava com medo de sentir-se à mercê de alguém, de se sentir fora de controle, mas confia em mim e sabe que pode abandonar o controle sem medo, porque eu só quero lhe dar tanto prazer quanto possível.

Kiara soltou um suspiro trêmulo, lambeu os lábios, e pelo olhar em seus olhos ela estava excitada. O forno apitou, anunciando o término do tempo de cozimento. Eu me pressionei em Kiara, deixando-a sentir minha ereção.

— Mais tarde, — prometi.

KIARA

Eu assisti a luta de gaiola do próximo adversário de Savio com Nino e seus irmãos, embora preferisse passar a noite com Serafina, conversando. Nino se recusou a me deixar ficar sozinha com ela. Meus olhos começaram a fechar

quando descansei minha cabeça contra o peito de Nino.

Eu devo ter adormecido porque de repente Nino me sacudiu. — Acorde, Kiara.

Sua voz soou com a tensão que me despertou. Eu olhei para sua expressão firme. Ele estava olhando para Adamo, não para mim.

— Adamo, leve Kiara para o quarto do pânico. Atire para matar, sem perguntas.

— Qual é o problema? — Eu perguntei, sentando-me completamente confusa. Remo e Savio estava olhando para seus telefones. Nino me levantou, me beijou rapidamente, em seguida, me cutucou em direção a Adamo. Eu não entendi o que estava acontecendo, só que deveria ser ruim a julgar pela expressão aterrorizante de Remo.

Adamo me deu um sorriso tenso quando pegou minha mão e me puxou atrás dele. Ele estava segurando uma arma na outra mão e seu corpo estava transbordando de tensão. Eu mal conseguia acompanhar o ritmo do Adamo.

— Adamo, — eu ofeguei. — O que há de errado?

— Agora não. — Ele me levou pelas escadas até o porão e depois até a última porta do corredor: uma coisa monstruosa feita de aço.

Adamo digitou o código e a porta foi destrancada. Abrindo-a, ele entrou comigo e fechou a porta novamente. Só então ele me libertou.

— Foda-se, — ele respirou.

Eu toquei seu ombro, então ele me encarou. Vendo seu rosto preocupado, meu estomago se contorceu. — O que está acontecendo?

— A Outfit atacou a mansão. Eles querem libertar Serafina.

— Eles estão no local?

Ele deu um aceno conciso, passando a mão pelos cabelos indisciplinados. — Eu deveria voltar e ajudar meus irmãos.

Eu agarrei sua manga. — Não me deixe sozinha aqui. — A sala do pânico foi projetada para nos manter seguros, mas parecia um túmulo de aço. O pânico

começou a arranhar meu peito quando senti as paredes se fechando sobre mim e comecei a tremer.

Adamo enfiou a arma no bolso e tocou meus ombros levemente. — Está tudo bem. Eu protegerei você.

Eu engoli em seco, minha garganta apertada.

— Olhe para mim, Kiara, — disse Adamo gentilmente.

Eu olhei para ele, tentando me concentrar em seus olhos preocupados. Por alguma razão, esta foi a primeira vez que percebi o quão alto ele era, já alguns centímetros mais alto que eu. Depois de algumas respirações profundas, me senti melhor.

— Obrigada.

Adamo baixou as mãos, sua atenção voltando para a porta de aço. — Savio já deveria ter chegado com Serafina.

— Você acha que algo aconteceu com eles?

— A Outfit não vai machucar Serafina... — Adamo sacou sua arma mais uma vez. — ... e Savio pode cuidar de si mesmo, mas às vezes ele é muito confiante.

— Vá se você quiser. Eu vou ficar bem aqui, — eu disse, mesmo querendo que ele ficasse. Se Sávio estivesse precisando dele, eu não queria ser responsável por qualquer tragédia.

Adamo mordeu o lábio inferior, aproximando-se da porta. — Nino quer que eu te proteja. Se eu sair e algo acontecer com você... — Ele suspirou, parecendo dilacerado.

Eu apontei para a prateleira cheia de facas e armas. — Eu posso me defender, e ninguém vai entrar aqui, certo?

— Não a menos que eles tenham o código. Savio, Remo ou Nino jamais darão a alguém, não importa por que tipo de tortura eles passem.

— Nem você, — eu disse.

Adamo parecia duvidoso.

Caminhei até o sofá contra a parede e me afundei, estudando as outras prateleiras cheias de água e comida, depois a porta que conduzia a um pequeno banheiro. Quanto tempo poderíamos sobreviver aqui se o pior acontecesse?

Eu afastei o pensamento. Nada aconteceria a Nino e seus irmãos.

Adamo sentou-se ao meu lado, a mão com a arma apoiada na coxa. A pele ao redor da tatuagem de Camorra não estava mais vermelha.

Adamo seguiu meu olhar. — Leva algum tempo para se acostumar. As pessoas na escola me olham diferente agora, e até mesmo na rua os estranhos mantêm distância como se achassem que eu os mataria por me olhar de maneira errada.

Eu balancei a cabeça. — Como estão as coisas com Harper e seu antigo grupo? Ela tentou falar com você de novo?

Adamo evitou meus olhos, encolhendo os ombros. — Eu a vi sozinha mais algumas vezes, mas agora acabou.

— Você viu?

— Meus irmãos não sabem. Prometa não contar a eles.

Eu hesitei. Adamo parecia precisar de alguém em quem pudesse confiar, e isso não era realmente um grande segredo.

— Meus lábios estão selados, — eu disse. — Mas por que você quis vê-la novamente? Eu achei que ela tivesse te usado para conseguir drogas? E te traído com aquele cara...

— Mason.

Adamo franziu a testa, apertando e abrindo a mão, observando a maneira como seus músculos flexionavam. Todos os dias ele parecia crescer mais. Em momentos como este, ele não parecia ter a idade de 14 anos. — Eu nem me sinto culpado.

— Tudo bem.

Adamo inclinou a cabeça para cima com um sorriso sombrio e, pela primeira vez, vi sua semelhança com Remo. — Também está tudo bem que só procurei Harper porque queria outro boquete e transar, depois do que ela fez

comigo? Fingir que não sabia onde Mason estava quando fui eu quem o matou?

Por um momento, suas palavras me atordoaram e senti minhas bochechas esquentarem. Adamo afundou no encosto com uma careta. — Desculpe, Kiara. Eu não deveria ter dito isso. Eu não queria chateá-la. Esqueça o que eu disse. — Ele inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto.

— Por que eu ficaria chateada?

Adamo estremeceu. — Por causa de... você sabe...

— Eu não sou frágil. Eu não fico chateada porque você fala sobre sexo. — Ele não disse nada. — Então você dormiu com Harper? — Eu não podia acreditar que ele teve sua primeira vez com uma garota que tinha bagunçado com ele.

Um lampejo de vergonha atravessou seu rosto e ele manteve o olhar fixo no teto. — Sim. Apenas uma vez. Eu achei que me sentiria melhor. Como se eu estivesse me vingando de alguma forma, sabe? Eu queria tirar algum proveito depois de como ela e Mason me enganaram.

— Mas você não se sente melhor?

Ele balançou sua cabeça. — Eu odiei, e agora gostaria de não ter feito isso.

— Veja o lado positivo. Savio vai parar de te provocar agora — tentei levantar seu humor.

— Eu não vou contar aos meus irmãos. Eu deveria ficar longe de Harper.

Antes que eu pudesse dizer mais, a fechadura clicou. Adamo ficou de pé, apontando sua arma.

Nino estava na soleira, com a faca na mão e coberto de sangue. Meu estômago caiu e corri para frente, tocando seu peito. — Você está bem?

Nino inclinou a cabeça para o irmão antes de encontrar o meu olhar. Seus olhos eram espelhos vazios, duros como aço. — Estou bem. A ameaça está contida.

— Os atacantes estão todos mortos? — Perguntou Adamo.

— Ainda não. Nós poupamos dois para interrogar. Você quer estar

presente?

Adamo sacudiu a cabeça bruscamente. — Eu prefiro não...

Nino franziu a testa momentaneamente, mas assentiu. — Então leve Kiara para o nosso quarto.

— Nino, — eu disse baixinho, preocupada com seu comportamento.

Ele tocou minha bochecha, seus olhos permanecendo indiferentes. — Eu subirei logo. Quero você longe do porão enquanto estiver lidando com os prisioneiros. — Ele assentiu para Adamo. — Leve-a para cima.

Adamo estendeu a mão. — Vamos, Kiara.

Com um último e demorado olhar para Nino, enfiei a mão na de Adamo e o segui. Eu estremeci, fazendo Adamo aumentar seu aperto.

Manchas de sangue cobriam o chão. A casa estava silenciosa. A meu pedido, Adamo me deixou sozinha no quarto. Meus pensamentos se desviaram para Serafina, imaginando se ela estava bem. Ela deve estar arrasada, tendo suas esperanças esmagadas e se alguém que ela conhecesse tivesse morrido? O pai dela? Noivo? Irmão?

Eu me preparei para dormir enquanto minha ansiedade aumentava a cada momento que passava. Tentar me concentrar em um livro era energia desperdiçada e acabei me enrolando de lado na cama, olhando para a porta, esperando que Nino voltasse.

Já passava da meia-noite quando ele finalmente entrou, fechando a porta silenciosamente e parecendo surpreso quando me viu. — Eu achei que você estaria dormindo.

Eu notei suas roupas, agora encharcadas de sangue, quando antes havia apenas algumas manchas, e suas mãos cobertas de vermelho. Lentamente deslizei para fora da cama, empurrando minha repulsa. O cansaço enchia o rosto de Nino e meu protecionismo baniu qualquer hesitação. Eu abri a porta do banheiro, então não deixaria marcas e ele passou por mim. Ligando a torneira, enchi a pia com água enquanto Nino se despia. Até mesmo parte de seu peito estava manchada de rosa do sangue e uma contusão começou a se formar sobre seu osso ilíaco. Nino baixou as mãos na água e pegou a escova de limpeza.

Eu coloquei uma mão na dele. — Deixe-me.

Nino me olhou com uma carranca. — Você não precisa fazer isso, Kiara. Eu sei que a visão do sangue te perturba. Não quero que você se sinta desconfortável.

Eu beijei seu bíceps. — Eu quero.

Nino assentiu e permitiu que eu começasse a limpar as mãos e os antebraços com a escova. Seus olhos nunca deixaram meu rosto enquanto eu o esfregava em silêncio. Assim que fiquei satisfeita, esvaziei a pia e enchi-a com água morna e fresca, em seguida, peguei uma toalha, mergulhei-a na pia e levei-a ao peito de Nino. Ele soltou um pequeno suspiro e a tensão deixou seu corpo enquanto eu limpava o sangue de sua pele. Ele tirou uma mecha de cabelo do meu ombro e traçou minha clavícula antes de segurar meu rosto.

Sorrindo, deixei cair a toalha na pia. — Tudo feito.

Ele me levou de volta para o quarto onde nos deitamos na cama.

— Você vai me contar o que aconteceu? — Eu perguntei.

— O irmão de Serafina liderou uma missão de resgate mal executada.

— O irmão dela? Ele está morto? — Serafina amava seu irmão gêmeo. Ela ficaria arrasada se algo acontecesse com ele.

— Não, Remo decidiu mantê-lo vivo e mandá-lo de volta com um aviso. — A desaprovação permeava claramente a voz de Nino, mesmo quando o alívio me encheu. Serafina odiaria Remo se ele matasse seu irmão.

— Você discorda da decisão dele.

— Não é lógico. Matar um inimigo depois de extrair informações é a tática mais eficaz.

— Eu acho que a guerra psicológica de Remo segue uma lógica diferente da sua.

Nino balançou a cabeça. — Estou ciente da utilidade da guerra psicológica. As emoções de Remo estão atrapalhando e isso representa um risco para nossa missão e, pior ainda, você.

— Estou bem. Nada aconteceu.

— Mas poderia ter. Se Samuel tivesse planejado melhor seu ataque, se ele tivesse tido o apoio de Cavallaro ou Mancini, poderia ter causado dano real. E se eles te capturassem? Eu prometi que nunca deixaria nada acontecer com você.

Eu toquei seu peito. — Nada vai acontecer comigo.

— Se alguém tentar machucá-la, eu os rasgarei, pedaço por pedaço, tendão por tendão, osso por osso.

— Eu sei, — eu sussurrei, e esperava que nunca chegasse a isso.

Capítulo Cinco

NINO

Dois dias depois, recebemos a notícia de um dos homens de Grigory que Samuel havia retornado a Minneapolis.

— Cavallaro não verá mandarmos o imbecil de volta como um sinal de fraqueza? — Perguntou Savio enquanto nos sentávamos à mesa do café da manhã. Kiara estava fazendo panquecas. Eu poderia dizer que ela estava ouvindo com curiosidade.

— Mostrar misericórdia nem sempre é fraqueza, — murmurou Adamo.

Savio balançou a cabeça. — Você tem certeza de que ele é nosso irmão? Talvez o tenham trocado por outro bebê no hospital após o nascimento.

Eu congelei quando meu peito se contraiu, me lembrando dos dias antes e depois do nascimento de Adamo. Eu olhei minhas cicatrizes. Kiara colocou um prato cheio de panquecas e uma tigela com frutas no meio da mesa antes de se sentar perto de mim e tocar minha perna.

Levantei meus olhos do meu pulso e encontrei Adamo e Savio me observando atentamente. — Cavallaro sabe que não foi para mostrar misericórdia. Ele vai suspeitar que tenhamos segundas intenções.

— O problema é que Remo não nos diz quais são seus motivos, — disse Savio, em seguida, encolheu os ombros e encheu o prato com panquecas. — Mas este é o jogo dele.

— Você não está com fome? — Kiara perguntou quando não enchi meu prato.

Eu balancei a cabeça distraidamente e peguei algumas panquecas. Começando a comer, minha fome voltou e Kiara sorriu.

A porta se abriu e Remo entrou, só de cueca. Ele assentiu e foi até a cafeteira para servir uma xícara. — Um de vocês precisa levar café da manhã

para Serafina.

— Não serei eu, — disse Savio. — Eu preciso me preparar para treinar com Diego e Gemma.

— Eu posso fazer isso, — sugeriu Kiara.

Remo levantou uma sobrancelha para mim.

— Eu farei isso. Não confio no estado mental da menina tão pouco depois de ver o irmão dela — falei.

— Por que você mesmo não leva? — Perguntou Adamo a Remo.

Remo tomou um gole de café. — Não estou com vontade de vê-la.

Não era isso. Dando a meu irmão um olhar de desaprovação, levantei-me, peguei um prato com panquecas e saí da cozinha. Remo estava perdendo a noção de seus objetivos, o que era um grande problema.

Na volta para o andar de baixo depois de deixar as panquecas, eu encontrei Savio, que já estava vestido com short de luta. — Ouça, — ele começou, fazendo uma careta. — O que aconteceu na cozinha? Sua expressão quando mencionei o nascimento do Adamo foi assustadora pra caralho.

Minhas defesas subiram. Remo e eu tentamos esconder a maioria dos horrores do passado de nossos irmãos mais novos. Contar-lhes tudo teria propósito algum.

— Você sabe tão bem quanto eu que Adamo não foi trocado.

Savio gemeu. — Vamos lá. Pare com essa merda. Você sabe que foi uma piada. Não use essa merda de 'eu não entendo as emoções' comigo. Eu notei que você mudou nas últimas semanas. Eu não sou cego.

Eu fiz uma careta. — Não é nada.

— Claro que é, — disse ele. — Eu não lembro o que aconteceu, e você e Remo lembram, mas isso não significa que eu não queira saber a verdade.

Sávio não era mais uma criança, longe disso. Ele vinha lutando ao nosso lado há anos. Ele sabia que nossa mãe havia tentado matar a todos nós, mas não

o que aconteceu depois.

Eu me inclinei contra a parede. — Os homens do nosso pai nos costuraram para que não sangrássemos. Então nos levaram para casa, onde nosso pai estava esperando com os médicos da Camorra. Dois deles cuidavam de Remo e eu enquanto os outros faziam uma cesariana imediata em nossa mãe, tirando Adamo dela.

Sávio olhou para mim. — Eles o tiraram dela com você e Remo no mesmo quarto?

Eu flexionei minha mão, olhando minhas cicatrizes. — Sangue do sangue. O pai achou que isso nos fortaleceria.

Sávio tocou meu ombro e apertou. — Porra. Aquele desgraçado torcido. Eu queria que você e Remo pudessem tê-lo matado.

— Se arrepender pelo passado...

— É energia desperdiçada, eu sei, — disse Savio, em seguida, recuou e passou a mão pelo cabelo. — Porra. Agora eu realmente preciso bater em alguém.

— Diego é um adversário decente.

— Ele é, — disse Savio. — Mas eu devo lutar com a irmã dele primeiro. É preciso muita concentração para não machucar seriamente a Gemma.

Eu balancei a cabeça. Treinar com Kiara sempre se mostrou muito mais estressante do que lutar contra meus irmãos, porque com eles eu não precisava ter cuidado com cada movimento. Se cometia um erro, pagava com dor. Com Kiara, eu poderia acabar machucando-a seriamente.

— Adamo sabe?

— Não, ele não sabe nada do que aconteceu.

— Nem mesmo que nossa mãe ainda está viva, suponho?

Eu balancei a cabeça. Adamo estava em uma fase difícil e parecia imprudente sobrecarregá-lo com o peso do passado.

— Você deveria contar a ele. Ele não é mais um garotinho, e isso também

diz respeito a ele.

Seu telefone tocou e ele o tirou do bolso. — Preciso ir. Diego já está perguntando por que estou demorando tanto. — Ele digitou uma mensagem e depois me olhou novamente. — Você vai para a academia mais tarde? Eu gostaria de lutar com você e repassar possíveis movimentos para minha luta de gaiola.

— Eu levarei Kiara junto. Preciso trabalhar em suas habilidades defensivas.

— Tudo bem.

Eu assisti meu irmão sair, pensando no que ele disse. Talvez ele estivesse certo. Adamo merecia saber a verdade sobre seu nascimento e porque Remo e eu éramos tão problemáticos. Mas Remo estava ainda mais volátil do que o habitual com Serafina na mansão, e Adamo estava no limite por causa da situação também.

Quando voltei para a cozinha, só Kiara estava lá dentro, cantarolando enquanto mexia a massa avermelhada em uma tigela. Ela sorriu por cima do ombro para mim.

Eu perguntei: — O que é isso?

— Estou tentando uma receita de cupcakes de veludo vermelho. Quero aperfeiçoá-los para a luta de Savio. Tenho certeza que ele vai querer um deleite depois.

— Savio geralmente se deleita com uma prostituta ou duas.

Kiara franziu os lábios. — Bem, talvez elas gostem de um cupcake também. — Ela riu, sacudindo a cabeça. Meus próprios lábios se contorceram vendo sua alegria.

— Achei que poderíamos ir para o ginásio para um treinamento de defesa. Após o ataque à mansão, acho absolutamente crucial que você aprenda a se defender.

— Agora? — Kiara perguntou, olhando para a massa.

— Sim, Savio me pediu para treinar com ele mais tarde.

— Ok, — ela disse hesitante, e colocou a tigela na geladeira. — Eu só vou pegar minhas roupas de ginástica.

Kiara estava sempre tensa quando se tratava de seu treinamento de defesa, e foi por isso que decidi não lhe contar que planejava que ela lutasse com Savio. Ele havia treinado com a jovem garota Bazzoli algumas vezes e agora sabia como se controlar quando confrontado por uma mulher pequena.

KIARA

Quando Nino e eu entramos no ginásio Falcone, eu já podia ouvir os sons da luta.

— Gemma, tenha cuidado, pelo amor de Deus! — Gritou uma voz familiar.

— Cale a boca, Diego. Você continua me distraindo!

O dojo[2] entrou no nosso campo de visão e, com ele, a gaiola de combate. Meus olhos se arregalaram com o que vi.

Savio estava dentro da gaiola com Gemma. A garota alcançava apenas o peito dele, mas se movia com uma graça e confiança que mostravam que estava acostumada a lutar. Ainda assim era uma visão inquietante. Savio era assustador e musculoso, e essa garota tentou acertar um golpe na sua lateral, que ele bloqueou.

— Você precisa ser mais rápida, Kitty, se quiser me machucar, — ele provocou.

Seu rosto ficou ainda mais vermelho e ela tentou um chute entre as pernas dele.

Diego, que estava segurando a rede da gaiola, gritou: — Gemma! Pare a merda!

Savio se abaixou, colocou-a por cima do ombro e jogou Gemma nas

costas. Ela soltou um grito de surpresa quando pendeu de cabeça para baixo sobre o ombro dele enquanto ele a segurava com um braço sobre as panturrilhas.

— Coloque-me no chão! Savio! — Ela se mexeu desesperadamente, mas Savio a prendeu. Ela começou a bater em suas coxas com os punhos e ele se virou para nós com um sorriso, ignorando completamente Gemma. Por um momento, achei que ele ia bater na bunda dela porque era típico de Savio, mas ele não o fez.

— Quantos anos ela tem? — Perguntei a Nino, que me levou para mais perto.

— Treze, eu acredito.

Diego nos notou e olhou de Nino para mim, sua expressão caindo ligeiramente. Talvez ele tenha se lembrado do nosso último encontro quando sugeriu que eu era a mais nova conquista de Savio. Eu tentei ignorar que ele, assim como Savio e Nino, só estava usando short de luta. Todos esses peitos nus me deixavam desconfortável.

Ele se endireitou e estendeu a mão para Nino, batendo na mão dele. Então ele me deu um pequeno aceno de cabeça. — Sra. Falcone.

Eu sufoquei um sorriso.

— O quê? Nenhum comentário de 'bela captura' hoje? — Gritou Savio. Gemma tinha parado de lutar agora e estava tentando manter a cabeça erguida.

Nino franziu a testa para o irmão e olhou entre Diego e eu.

Diego deu a Savio um olhar incrédulo. — Cale-se.

Savio riu e finalmente colocou Gemma no chão. Ela oscilou um pouco, em seguida, estreitou os olhos e estufou seu peito, vergonha inconfundível em seu rosto. — Não faça isso de novo. Eu não sou uma criança.

Savio saiu da gaiola, pegou uma toalha e começou a limpar o peito. — Se você diz, Kitty.

Gemma olhou furiosa enquanto o seguia. — Olá, — ela murmurou para Nino e eu. Eu não tinha certeza se o rosto dela estava vermelho por causa do

esforço ou do embaraço. Isso não a deixou menos deslumbrante. Apesar de sua atitude de moleque, ela parecia uma boneca: longos cabelos escuros, olhos verde-oliva e um doce beicinho.

— Savio, você pode ajudar com o treinamento de Kiara por um tempo?

Meu coração afundou. Só podia haver uma razão pela qual Nino queria Savio por perto.

Sávio olhou para mim e encolheu os ombros. — Claro. — Ele lançou a Gemma um sorriso condescendente. — Talvez você tenha uma chance contra Diego, Kitty?

Diego zombou. — Até parece.

Gemma fez uma careta para seu irmão mais velho. — Você está sempre preocupado em me machucar, é por isso que vou chutar o seu traseiro.

Diego a cutucou em direção à gaiola e murmurou algo em voz baixa. Eu segui Nino e Savio em direção ao ringue de boxe, tentando não enlouquecer ainda.

Savio se jogou sobre as cordas e as abriu para mim. Subi e dei a Nino um olhar ansioso.

Ele balançou sua cabeça. — Eu sei que você não gosta, Kiara, mas precisamos fazer progressos. Agora mais do que nunca. Se você se recusa a lutar contra Remo, terá que lidar com Savio.

— É bom saber que não sou sua primeira escolha, — disse Savio, piscando.

Eu dei-lhe um sorriso trêmulo.

— Entre em posição, — disse Nino. Eu poderia dizer que ele não recuaria hoje.

Engolindo meu nervosismo, enfrentei Savio. Ele sempre foi tão alto e musculoso?

— Gosta do que vê? — Ele perguntou, esticando os braços.

Minha boca se abriu. — Eu... eu não...

— Me examinando? Certo.

Eu olhei para Nino em busca de ajuda. Ele parecia um pouco divertido. — Meu irmão precisa de um bom chute na bunda, talvez você possa lhe dar.

— Pronta? — Perguntou Savio.

Eu balancei a cabeça, mas no momento em que ele avançou contra mim, meus músculos começaram a congelar. — Pequena, esta é a sua chance de me agarrar, não a desperdice.

Eu olhei para ele indignada. Ele estava sorrindo, mas cauteloso. Tentei bloquear as mãos dele, mas ele era muito rápido e forte, e então eu estava de costas e ele prendia meus pulsos acima da minha cabeça em uma das mãos, a outra mão na minha cintura me pressionando para baixo.

Meu peito arfava e tentei empurrá-lo. Savio soltou meus pulsos sem recuar, ainda pairando sobre mim. — Tente me empurrar.

Eu estendi as mãos trêmulas. Por alguma razão, não consegui tocar em seu peito nu. Sávio levantou e estendeu a mão, me colocando de pé.

— Kiara, sei que isso é difícil para você, mas precisamos condicionar seu cérebro a descongelar em situações como essa, — disse Nino.

Sávio me olhou. — Tudo certo. Vamos tentar uma abordagem diferente. Chegue mais perto. — Ele acenou para mim até que nossos pés estavam quase se tocando e eu tive que engolir em seco, minha cabeça para trás para olhar seu rosto.

— Você tem um problema com a minha proximidade, certo? — Eu balancei a cabeça.

— Toque meu peito.

Eu olhei para Nino, que parecia pensativo. Sávio entrou na minha linha de visão.

— Olhos em mim. Nino, pode aguentar. Você não vai tocar meu pau, apenas meu peito.

Eu soltei uma risada e hesitante pressionei minhas palmas contra o peito de Savio.

Claro que eu podia sentir um rubor subir em minhas bochechas. A boca de Savio se contorceu, seus olhos se voltaram para Nino.

— Ela cora assim sempre que toca em você? Ela deve ficar tonta quando toca seu pau.

Sem pensar, bati no peito dele. Savio sorriu. — Viu? Isso foi tão difícil?

— Não.

A diversão desapareceu da expressão de Savio. — Tudo certo. Vou envolver meus dedos em torno de seus pulsos agora.

Savio me agarrou como falou. Eu me concentrei em seus olhos, que seguraram meu olhar firmemente. — Eu vou forçar suas mãos para baixo no meu corpo. Não abaixo do meu cós, acalme-se, e você tentará se soltar ou me impedir de alguma outra forma. Não importa como. Vou me mover devagar, lhe dar bastante tempo para considerar suas opções. — Ele arqueou uma sobrancelha. — Pronta?

— Sim.

Savio aumentou ainda mais seu aperto e empurrou as palmas das minhas mãos no seu peitoral até o começo do pacote de seis. Meu olhar disparou para o short de luta.

— Olhos fora do meu pau. Ele não é problema seu.

Eu bufei e isso pareceu dar resultado. Eu tentei escapar do domínio de Savio, mas ele nem se mexeu. Sem pensar, me joguei para trás, surpreendendo Savio. Suas mãos apertaram para impedir minha queda e usei o impulso para levantar minha perna e acertar um chute em sua virilha. Em um movimento incrivelmente rápido, ele soltou uma das minhas mãos e bloqueou meu chute com a mão e levantou o joelho. Ele me puxou de volta para os meus pés.

— Não foi ruim.

Eu sorri orgulhosa.

— Agora vamos inverter o jogo. Vou colocar minhas mãos no seu corpo. Omoplatas para bunda ou quadris para os seios. O que você prefere?

Eu pisquei como se ele tivesse falado uma língua estrangeira. — O quê?

Savio se aproximou e lentamente enfiou seus dedos sobre os ossos do meu quadril. — Assim e vou subir, — ele explicou em voz baixa. Eu engoli, tendo ficado completamente imóvel. Ele moveu seus braços a minha volta, então suas palmas descansaram nas minhas omoplatas, nos aproximando ainda mais. Minha respiração acelerou quando estiquei meu pescoço para segurar seu olhar. — Ou assim e vou descer.

— O primeiro, — eu disse.

Sávio assentiu e baixou as mãos. — OK. Vamos escolher uma palavra de segurança.

— Palavra de segurança...

— É uma palavra que pessoas pervertidas usam porque as desativa.

Eu balancei a cabeça, incerta se estava à beira de um ataque de riso ou um colapso histérico. Talvez ambos.

— Vamos escolher uma palavra. Uma que você relutará em usar. Você só deve usar a palavra de segurança para parar nossa simulação se realmente não puder suportar mais um segundo do meu toque. Eu quero que você cruze seus limites.

— OK.

Savio inclinou a cabeça para o lado. — O que te deixaria extremamente desconfortável? Que tal “lamba minha boceta”?

Eu pressionei meus lábios e me virei para lançar um olhar desesperado para Nino, mas ele havia saído. Savio cutucou meu queixo para que eu olhasse para ele.

— É só você e eu, Pequena. Concentre-se, tudo bem? Eu vou tocar seus quadris agora e você vai dizer “Lamba minha boceta” como sua palavra de segurança. Pare, não adiantará nada, entendeu? Me impeça da melhor maneira que possa pensar. Pronta?

Eu respirei fundo e então assenti.

Savio descansou as mãos nos meus quadris. Era estranho permitir essa proximidade. Lentamente, ele deslizou para cima, as pontas dos dedos roçando

meu estômago sobre o tecido da minha camisa.

— Você simplesmente vai me deixar senti-la? — Savio disse desafiador.

Agarrei seus pulsos, tentando afastá-los, mas ele continuou se movendo para cima, alcançando minhas costelas. Levantei minhas mãos e abaixei meus cotovelos, tentando enfiá-los em seus pulsos. Savio recolheu as mãos antes que eu pudesse causar dano real.

Ele assentiu. — Bom. Isso teria doído.

Repetimos a mesma simulação mais duas vezes.

— Vamos mudar as coisas. Vire-se.

Eu virei. Savio se aproximou o bastante para que eu pudesse sentir sua respiração na parte de trás do meu pescoço. — Nervosa ainda?

— Na verdade não.

— Então vamos mudar isso. — Savio me assustou quando passou um braço em volta da minha cintura, pressionando a palma da mão contra a minha barriga e uniu nossos corpos. Um som abafado saiu dos meus lábios. Contorcendo-me, tentei me libertar, mas essa posição era definitivamente mais desafiadora para mim. — Pense pequena. Foco no presente.

Passando pelo nevoeiro do desconforto, tentei chutar sua canela, em seguida, enfiei meu cotovelo na sua lateral. Eu não consegui me libertar. Pelo menos, Savio não parecia infeliz com o meu progresso.

— Eu acho que isso é suficiente por hoje, — disse Savio, eventualmente, me liberando.

Limpei minhas mãos suadas e trêmulas no meu short de ginástica. — Obrigada por ser paciente.

Savio deu de ombros. — Que tal você me agradecer com alguns bolinhos deliciosos?

Eu sorri abertamente. — A massa de veludo vermelho está na geladeira.

Ele pareceu surpreso. — Você está começando a me cativar, Tiny. — Seu olhar focado em algo atrás de mim e vi Nino vindo em nossa direção. — Nino

vai trabalhar comigo na gaiola agora.

Sávio e eu saímos do ringue de boxe quando Nino chegou. Ele passou o braço em volta do meu quadril e me olhou interrogativamente. — Como foi?

— Bom, — eu disse orgulhosamente.

— Você provavelmente terá que comparecer hoje à noite, Nino. Eu a agitei com minhas mãos mágicas.

Eu pressionei minha testa contra o peito de Nino enquanto ria. — Você é impossível, Savio.

— Já fui chamado pior. — Ele acenou com a cabeça em direção à gaiola. — Eu vou em frente e me aquecer enquanto Nino se certifica de que não me comportei muito mal. — Ele se afastou.

— Você parecia estar lidando muito bem com a abordagem de Savio. Talvez eu tenha abordado seu problema de forma errada, — disse Nino.

— Savio foi muito paciente, e seu humor ajudou a me soltar.

Nino assentiu. — Savio tem jeito com palavras e mulheres.

Eu bufei. — Eu não acho que precisaria recorrer a prostitutas se ele se desse ao trabalho de usar seu charme em mulheres normais.

— Savio é preguiçoso. Ele raramente se incomoda em encantar as mulheres, mas quando o faz, sua taxa de sucesso é impressionante. Ele poderia assumir o trabalho de Stefano sem problemas.

Meus lábios se curvaram, pensando no aliciador da Camorra.

Nino me beijou. — É bom ver você melhorar. Você chegou longe.

Assim como você.

— Ei pombinhos, eu tenho uma luta que preciso vencer.

Balançando a cabeça, Nino me levou até a gaiola. Diego e Gemma haviam puxado as cadeiras e estavam esperando o espetáculo começar. Nino seguiu Savio para dentro da gaiola e me sentei ao lado de Gemma, que me lançou um

olhar curioso.

Diego também me olhou por um momento. Eu suponho que agora eles sabiam todos os rumores. No passado, sempre foi o meu maior medo que a verdade sobre o estupro saísse, que eu fosse considerada menos por causa disso, mas agora estava feliz que todos soubessem. Era libertador.

Savio e Nino assumiram suas posições de luta. Ambos pareciam impressionantes com suas expressões focadas e músculos tensos.

— Vá! — Diego gritou.

Savio era o lutador menos contido. Ele provocava e desafiava Nino com palavras e expressões. O que não fez seus chutes e socos menos focados. Eu assisti principalmente Nino, o olhar ansioso em seu rosto, a maneira como cada músculo estava condicionado no modo de luta. Era uma luta surpreendentemente uniforme. Eu não tinha certeza se era porque Nino estava se controlando ou porque Savio tinha se tornado um lutador igualmente letal. Eu não estava familiarizada o suficiente com a luta para saber, e os dois não estavam dando cem por cento porque não podiam arriscar ferir Savio poucos dias antes de sua luta na gaiola.

Eu olhei para Gemma, que estava inclinada para frente em sua cadeira, braços apoiados em seus joelhos e lábios entreabertos enquanto seguia a luta. Eu poderia dizer que o foco dela era exclusivamente em Savio. Era óbvio que ela tinha uma grande queda por ele, e isso me fez sentir protetora com ela. Sávio era um absoluto mulherengo e enquanto eu duvidava que ele se interessasse por uma garota tão jovem, me preocupei que ela se machucasse.

Percebendo minha atenção, a expressão de Gemma tornou-se menos apaixonada e ela se recostou na cadeira, cruzando os braços.

Depois do treino, Savio ficou com Diego e Gemma enquanto Nino e eu voltamos para casa. No carro, toquei na coxa de Nino. — Gemma está apaixonada pelo seu irmão.

Nino me lançou um olhar antes de voltar a atenção para o tráfego. — E isso preocupa você?

— Sim. Para Savio, as meninas são diversão sem sentido. Ela é jovem e facilmente influenciável.

— Você não pode proteger todo mundo. Eu sei que você é sensível por causa do que aconteceu, mas Savio não vai mexer com a garota Bazzoli.

— Por causa da sua idade.

— Isso, e porque Remo honra os tradicionalistas entre nossos seguidores e os Bazzolis são tão tradicionais quanto possível. Como as famílias da Famiglia.

Eu fiz uma careta. — Mesmo? Mas Gemma está autorizada a lutar e não parece muito dócil.

— Quando assumimos o poder, o pai dela pediu à Remo sua opinião sobre o assunto. Remo disse que seria bom ensinar a uma garota como se defender, porque isso também garantiria que ela pudesse afastar os avanços antes do casamento. Isso convenceu Bazzoli. Desde então, Gemma vem aprendendo a lutar. Diego está sempre com ela. — Nino cobriu minha mão. — Você é muito gentil para este mundo, Kiara.

— Não consigo evitar.

— Você não deveria evitar. É bom que você seja gentil e atenciosa e inerentemente boa. Equilibra o que meus irmãos e eu somos.

— Você me faz soar como se eu fosse algum tipo de santa. Eu não sou tão boa.

Nino parou na entrada da mansão Falcone, desligou o motor e deu um beijo nos meus dedos. — Eu duvido que exista alguém melhor que você. — Ele disse isso tão honestamente, como se fosse a verdade absoluta, que lágrimas brotaram nos meus olhos. Tentei afastá-las antes que Nino pudesse vê-las. Seus olhos se demoraram nos meus e ele se inclinou para frente, segurou minha cabeça e deu um beijo na minha testa. — Um dia vou matar todas as pessoas que te fizeram sentir inferior. Eles devem orar para que sua gentileza me pare por tempo suficiente.

Palavras mortais não deveriam aquecer meu coração, não deveriam ser como a declaração mais romântica de amor, mas com Nino elas pareciam.

Capítulo Seis

KIARA

À tarde, me juntei a Remo no terraço. Ele ainda estava pensativo depois de uma briga com Serafina durante uma de suas caminhadas diárias esta manhã. Suas mãos estavam empurradas nos bolsos de suas calças e ele estava olhando ao longe. Parando ao lado dele, olhei para o seu rosto, para a cicatriz que sua mãe causou, para a curva cruel de sua boca.

Serafina tinha me dito que sentia que estava se perdendo e não pude deixar de me perguntar se acontecia o mesmo com Remo, e o que isso significa para um homem como ele?

— Diga o que você tem a dizer, — ele rosnou. Havia tanta coisa que eu queria dizer a ele, como achava errado sequestrar uma mulher inocente, mas ele sabia disso. E no fundo me perguntei se talvez essa fosse a única chance de Remo estar perto de uma mulher, para superar o ódio que o acompanhava ao longo dos anos, que ainda o carregava.

Eu queria lhe dizer que ele precisava parar este jogo para que pudesse ser forte para seus irmãos, particularmente Nino. Eu queria lhe dizer que queria vê-lo feliz um dia, mesmo que ele não acreditasse em felicidade.

Remo rosnou, a raiva cintilando em seu rosto. Ele agarrou meus braços e aproximou nossos rostos. — Diga algo. Não fique aí parada com essa porra de olhar triste. É muito chato.

Apesar da tensão do meu corpo, eu não me afastei. — Você acha que Nino poderia amar uma criança?

Remo me soltou com um solavanco, arregalando os olhos quando recuou. — Você está...?

— Não, — eu disse baixinho. — Mas eu quero um bebê. Eu sempre quis ser mãe. Quero segurar um bebê em meus braços, acariciá-lo no sono. Eu quero protegê-lo e amá-lo. Quero dar a esse bebê tudo que todos nós nunca tivemos. Se

há uma coisa que posso alcançar na minha vida, então é isso. — Lágrimas encheram meus olhos. Eu não sabia ao certo por que estava contando isso para Remo. Talvez porque eu pudesse sentir que ele estava à beira de algo, algo melhor ou muito pior.

Remo parecia como se eu tivesse abalado seu núcleo. O silêncio se estendeu entre nós.

— Sinto muito, — eu disse finalmente. Eu me virei, mas Remo me parou e se inclinou, sua expressão feroz. — Nino ama você. Eu não entendo como isso é possível. Eu achei que a parte dele capaz dessa merda estava perdida, mas você desenterrou isso. Eu não sei o que ele pode ou não pode sentir, mas cada criança que crescer nesta casa será cuidada, estará segura e tão feliz quanto pode ser no nosso mundo fodido. — Ele se endireitou. — E com você como mãe, vai se afogar em amor e doces, com certeza.

Remo se virou e me deixou ali de pé. Eu passei meus braços a minha volta. Nino me encontrou assim alguns minutos depois e me puxou contra ele.

— Eu estou bem, — eu disse antes que ele pudesse perguntar. Eu sorri para ele e sua carranca suavizou. Depois que as coisas se acalmassem, uma vez que Serafina estivesse em casa, eu perguntaria a Nino se poderíamos ter um bebê.

Depois de seguir nossa nova rotina de nadar algumas voltas na piscina juntos, Nino e eu fomos para o nosso quarto para trocar de roupa. Eu assisti Nino sair de seu calção de banho, observando suas coxas musculosas tatuadas, seus quadris estreitos com o delicioso V levando até seu pênis endurecido. Ele andou na minha direção enquanto eu o admirava, sentindo o familiar puxão do desejo.

Nino me beijou, assumindo a liderança como sempre fazia. Ele soltou meu top e parte de baixo do biquíni, que caiu em uma pilha molhada no chão, antes de me guiar para trás até que caí na cama. Ele subiu em cima de mim, seu corpo forte me pressionando quando capturou meu lábio inferior em sua boca e chupou enquanto balançava sua ereção contra mim, enviando uma onda de choque de desejo através de mim.

Minha mente vagou para a única coisa sobre a qual eu vinha pensando nos últimos dias - finalmente fazer um boquete em Nino. Eu estava querendo fazer isso por um tempo, mas sempre perdia a coragem. Por alguma razão, não conseguia esquecer o quão degradante e repugnante fora ser obrigada a descer no

meu tio. Ele se forçou em mim até que me senti sufocando, até que minha garganta e boca estavam frouxas. Sempre que eu considerava dar prazer a Nino com a minha boca, essas imagens horríveis inundavam minha mente, seguidas por uma preocupação incômoda de que eu ainda me sentiria degradada e suja ao descer sobre ele. Eu desejo Nino, cada parte dele. Eu amo quando ele me dá prazer com a boca e queria retribuir o favor.

— Kiara? — Nino perguntou baixinho, recuando, observando meu rosto. Eu devo ter ficado tranquila sob ele.

— Eu... eu quero usar minha boca em você, — eu disse. Até mesmo expressar o desejo me custou muito. Parecia errado dizer isso, querer, e eu estava com medo de que, apesar do meu desejo de fazê-lo, as imagens do passado venceriam, que uma pequena parte do meu tio permanecia encravada no meu cérebro.

Nino não disse nada a princípio, mas eu podia dizer pelo breve lampejo de desejo em sua expressão que ele queria isso. Eu supus que não deveria ter me surpreendido. Ele tinha recebido esse tipo de atenção no passado, com outras mulheres. E ele me dava prazer com a boca quase que diariamente. Claro que ele iria querer.

— No meu pau? — Ele perguntou cuidadosamente.

Corando, eu assenti. — Eu quero tentar dar-lhe... dar-lhe um boquete.

O rosto de Nino se suavizou. — Ok. — Ele saiu de cima de mim e se deitou ao meu lado. — Venha.

Me ergui e me ajoelhei ao lado de seus quadris, em seguida, enrolei minha mão em torno de seu eixo.

— Você gostaria que eu lhe dissesse o que fazer?

Eu considerei isso. — Eu não sei se... se eu...

Nino apertou minha coxa suavemente. — Leve o seu tempo e se você quiser parar, pare.

— Você não vai empurrar na minha garganta... certo? — Sussurrei, sentindo uma onda de vergonha passar por mim.

— Eu não vou entrar em sua boca a menos que você queira. Vou tentar não me mover.

— Ok, — eu disse suavemente.

Eu o acariciei por um tempo, apreciando sua maciez e sentindo minha excitação mais uma vez só de tocá-lo. Eu amava o corpo de Nino, o jeito que ele me fazia sentir, o jeito que eu podia fazer ele se sentir. Reunindo minha coragem, abaixei a cabeça e envolvi a ponta com os lábios, saboreando-o pela primeira vez. Ele se contorceu e eu provei um toque de salinidade. Eu olhei para cima, encontrando Nino me observando com fome desavergonhada.

Encorajada pela sua reação e necessidade do meu corpo, eu girei minha língua em torno de sua ponta antes de começar a balançar a cabeça para cima e para baixo lentamente, testando meus limites.

Nino afastou meu cabelo e tocou meu pescoço. Eu fiquei imóvel, lentamente me afastando, lutando contra as imagens do passado. Meu olhar disparou para o rosto dele e, como de costume, encontrei consolo em sua calma.

— Eu queria afastar seu cabelo para não lhe incomodar. Eu não vou puxar e não vou te empurrar para baixo, — Nino disse baixinho, seu polegar esfregando meu pescoço.

— Eu sei, — eu disse, porque sabia. Meu corpo reagiu antes que minha mente pudesse alcançá-lo.

Com um pequeno sorriso, eu o provei novamente, então corri minha língua em torno de sua ponta, apreciando sua suavidade, seu perfume, seu gosto. Tudo acendeu meu próprio desejo e eu poderia ter chorado de alívio. Eu estabeleci um ritmo lento. Nino permaneceu fiel a sua promessa, completamente imóvel abaixo de mim. Apenas a mão dele segurando o cobertor deu uma indicação do quanto ele lutava para ficar parado.

Nino gemeu, seus músculos tensos. Sua mão no meu pescoço apertou, então ele relaxou rapidamente. — Eu vou gozar se você continuar.

Eu balancei a cabeça e continuei chupando. Minha mente começou a zumbir quando senti seus músculos se contorcerem. Eu fiquei tensa enquanto tentava decidir se poderia engolir, se eu poderia fazer isso por Nino.

— Kiara, — ele deu outro aviso.

Eu não recuei. Eu queria fazer isso, para vencer os últimos fragmentos do meu passado em submissão. A mão de Nino se contraiu um segundo antes que seu corpo se enrijecesse com força e depois sua ereção pulsou. Com um gemido baixo, Nino gozou. Ele fez pequenos movimentos de balanço enquanto derramava em mim. Por um segundo fiquei congelada, esperando o inevitável. Que meu passado destruísse o meu presente, meu corpo fazendo o que tinha feito muitos anos atrás, que eu vomitasse, a bílis subisse pela minha garganta. A sensação de sufocar, de sufocar enquanto meu tio me mantinha parada.

Mas nada disso aconteceu. Nino acariciou minhas costas e eu engoli, continuei bombeando e senti uma onda de realização. Eu estava livre. Completamente livre.

Nino me puxou para cima dele como se eu fosse uma boneca. Ele cutucou meu queixo enquanto eu estava deitada em seu peito forte, seus olhos procurando os meus. Ele beijou minha boca uma vez, duas vezes. — Você quer que eu pegue um copo de água?

Toda vez que pensei que não poderia amar mais Nino, ele mostrou esse tipo de consideração. Meus lábios puxaram em um sorriso.

— Diga alguma coisa, — disse Nino com uma ponta de confusão.

— Eu te amo.

Nino me beijou novamente. — E eu amo você, Kiara. — Ele passou a mão na minha espinha antes de tocar minha bunda. — Mas você não respondeu minha pergunta. Quere alguma coisa para beber?

— Não, — eu sussurrei. Eu não senti a necessidade de lavar o gosto de Nino, nem um pouco. Nino inclinou a cabeça, confuso com a minha reação e sem saber o que fazer. E eu também estava, porque dar prazer a Nino me excitou.

— Kiara, — disse ele. — Agora eu não tenho certeza se você está em choque ou se está realmente bem com o que fez...

Eu enterrei meu nariz em sua garganta e arqueei meus quadris em um

convite silencioso. A mão de Nino na minha bochecha ficou tensa brevemente antes de ele mergulhar os dedos entre as minhas dobras, me encontrando molhada.

Seu peito se expandiu embaixo de mim quando ele soltou um suspiro trêmulo.

— Eu estou mais do que bem, — eu disse com uma risada pequena e envergonhada.

Nino correu os dedos pela minha fenda levemente, aumentando minha necessidade por ele mais uma vez. — Sente na minha cara.

Eu levantei minha cabeça com os olhos arregalados.

Ele sorriu, mas seus olhos brilhavam de desejo. — Vamos.

Eu empurrei para uma posição sentada no peito de Nino. Seus olhos baixaram para a minha parte mais privada quando suas mãos pousaram em meus quadris e ele me puxou para frente, encorajador e faminto. Com um pequeno sorriso, agarrei a cabeceira da cama e levantei, permitindo que Nino me erguesse acima da cabeça.

NINO

Meu corpo ainda estava pulsando com os resquícios do meu orgasmo enquanto olhava o corpo bonito de Kiara, vendo seus seios empinados e sua boceta pingando bem na frente do meu rosto. Pingando porque ela chupou meu pau. Eu não podia negar, gostei tremendamente de gozar na boca de Kiara, especialmente porque ela tinha gostado também.

Agarrando suas nádegas, puxei sua boceta em direção a minha boca, provando sua excitação. Kiara me olhou, mas como sempre ela era muito autoconsciente para assistir como eu sabia que gostaria. Eu recuei de sua boceta. — Observe-me.

Kiara sorriu timidamente e depois gemeu quando chupei seu clitóris

levemente. Ela segurou meu olhar e meu pau logo se encheu de sangue, ansioso por outra rodada. Um som do lado de fora da janela me chamou a atenção, mas continuei provocando Kiara com a minha língua, não querendo que ela se distraísse. Levei um momento para ouvir as dicas de uma voz masculina profunda. Remo.

Eu não tinha certeza do que ele estava fazendo agora e não me importava. No que me dizia respeito, ele podia ouvir, contanto que Kiara não descobrisse. Eu deslizei um dedo dentro dela enquanto movia minha língua para trás e para frente, mantendo-a ocupada. O corpo de Kiara enrijeceu e ela balançou para frente, enfiando meu dedo mais fundo em sua vagina enquanto eu lambia. Seu gemido soou e a vi jogar a cabeça para trás e os mamilos franzidos. Ela amoleceu, trêmula e ofegante. Eu agarrei seus quadris e rolei para ficar em cima dela. — Deite sobre seu estômago.

Os olhos de Kiara se abriram, mas ela fez o que eu pedi e pressionei contra suas costas, beijando seu pescoço e ombro enquanto deslizava meu pau entre suas coxas. — Esta posição está boa para você?

— Eu acho que sim, — ela murmurou, sua expressão confiante.

Eu empurrei dentro dela e gemi baixo em minha garganta. Nesta posição, as paredes de Kiara me apertaram ainda mais. Inclinando a cabeça para que eu pudesse provar sua boca, joguei meus quadris para frente, minha pélvis batendo contra sua bunda firme enquanto a fodia. Nossos corpos se esfregaram e o perfume tentador de Kiara me deixou quase louco de luxúria. Eu ainda sentia seu gosto na minha língua.

Kiara logo levantou sua bunda para combinar com meus impulsos, gemendo desesperadamente em minha boca quando se desfez. Depois de mais alguns golpes duros, eu explodi e Kiara arqueou. Nós dois ficamos frouxos e eu a segurei com força, beijando o canto de sua boca. — Eu sou muito pesado?

— Fique, — ela sussurrou. — Eu amo a sensação do seu corpo em cima de mim. Isso me faz sentir segura.

Eu uni nossos dedos. — Você está segura.

Sua boca se inclinou e seus olhos de corça seguraram os meus e eu só olhei de volta, sentindo-me completamente calmo.

Capítulo Sete

KIARA

Eu estava completamente exausta depois do nosso amor e não me movi mesmo quando Nino rolou de cima de mim. — Eu poderia comer algo. E você?

Eu sorri abertamente. — Eu poderia comer. — Eu me virei para levantar, mas Nino balançou a cabeça e saiu da cama. — Fique. Vou buscar algo para nós e depois podemos planejar nossa caminhada amanhã.

Eu me estiquei de costas, sentindo como se todos os músculos do meu corpo tivessem sido transformados em borracha. — Parece bom.

Nino colocou sua cueca, em seguida, seus olhos percorreram o comprimento do meu corpo nu em apreciação, e meus dedos do pé se curvaram de prazer. Ele saiu e me sentei, amando a deliciosa dor entre as minhas pernas. Um sorriso curou meus lábios, e não consegui impedi-lo. Eu nunca fui tão feliz na minha vida.

Eu me limpei no banheiro e peguei o guia de caminhadas da grande área de Las Vegas, em seguida, esperei por Nino. Trinta minutos se passaram e ele ainda não voltara.

Confusa, pensei em ir atrás dele, mas não queria parecer uma mãe superprotetora, então ocupei minha mente lendo as páginas do livro.

Quase uma hora se passou antes que Nino voltasse com uma bandeja carregada de uvas, cubos de queijo e pão. Ele colocou ao meu lado na cama. Eu poderia dizer que algo havia acontecido. Pegando uma uva, esperei que ele dissesse alguma coisa. Ele afundou ao meu lado e pegou um pedaço de pão.

— Você já decidiu que trilha gostaria de tentar?

— Na verdade não. Você está mais familiarizado com a área, — eu disse. — Por que você demorou tanto?

O traço de hesitação no rosto de Nino era preocupante. — Eu encontrei

Remo.

— E?

Os dedos de Nino se enrolaram em volta do meu pulso. — Ele fez sexo com Serafina.

Eu congelei.

— Ela quis, — acrescentou Nino.

Eu balancei a cabeça, incapaz de acreditar. — Agora que ele tirou sua virgindade, o noivo não vai a querer de volta. Ela será rejeitada. A menos que ela consiga esconder o fato de alguma forma, mas...

— Remo acabou de enviar os lençóis ensanguentados para provocá-los com a tradição da Famiglia.

Puxei meu pulso do aperto de Nino e saltei para fora da cama, muito agitada para ficar deitada. Nino balançou as pernas para fora e levantou, como se achasse que eu iria sair para outro confronto com Remo. — O que diabos há de errado com ele?

Nino se aproximou de mim. Eu estava com tanta raiva que bati na mão dele. Ele abaixou o braço surpreso.

— Desculpe, — eu disse. — Eu não deveria ter batido em você.

— Tudo bem, Kiara. Eu prefiro sua raiva ao terror.

— Ainda assim, eu não quero te machucar.

Nino sorriu levemente. — Você não pode, confie em mim. — Ele se aproximou de mim novamente e desta vez eu permiti que ele tocasse minha cintura.

— Serafina está bem? Ela precisa de tratamento médico?

Nino franziu a testa. — Eu te disse, ela quis o sexo.

— Mas foi a primeira vez dela... com Remo de todas as pessoas. — Eu me encolhi quando imagens indesejadas tentaram se enfiar na minha mente.

— Remo não mencionou nada do tipo. Presumo que, dado seu talento de

ler as pessoas, ele adaptou seus avanços sexuais de acordo com sua inexperiência e se esforçou para tornar agradável para ela.

Eu comecei a rir, pressionei minha cabeça contra o peito de Nino e fechei os olhos. Tudo sobre a nossa situação atual era surreal, mas com os irmãos Falcone eu não deveria esperar outra coisa. Amanhã, tentaria conversar com Serafina em particular e garantir que ela estivesse realmente bem, pelo menos em nível físico. Eu só podia imaginar seu tumulto interno sobre dormir com seu captor e o inimigo da família.

Nino acariciou minhas costas. — Kiara?

— Estou bem. Vamos planejar nossa caminhada agora. — Eu me afastei e dei um sorriso tenso a Nino.

O aperto de Nino na minha cintura aumentou, me segurando no lugar. — Serafina escolheu perder sua virgindade com Remo. Foi escolha dela, então você não precisa sentir pena dela.

Nino não conseguia entender.

— Foi sua escolha dormir com ele, é verdade, e estou feliz por ela ter tido uma escolha, e não é por isso que sinto pena dela. Remo está fazendo um jogo e para ele isso pode não significar nada. Mas se ela decidiu dar a ele o que prometeu ao noivo, então o que ela sente por Remo significa algo.

Nino pensou sobre isso. — Você não escolheu, não quando era uma menina e nem agora. Você sabia que teria que dormir comigo em algum momento. Nada disso foi sua escolha.

Minha garganta fechou percebendo o processo de pensamento de Nino. Na ponta dos pés, embalei a cabeça dele. — Eu não escolhi você no dia do nosso casamento, porque não sabia o que sei agora. Se eu soubesse, teria escolhido você. E desde a nossa primeira vez, e mesmo antes disso, tudo foi minha escolha, porque você permitiu que fosse assim, e por causa disso e por você sempre me tratar bem, sempre escolherei você.

Nino pressionou nossas testas e engoliu em seco. — Às vezes sinto que minhas entranhas são uma onda de emoções quando olho para você, mas não me importo de me afogar.

Depois de nossa caminhada, fui até a cozinha para ver se tínhamos algo que eu pudesse transformar em um bom almoço, mas Nino e eu tínhamos nos esquecido de fazer compras.

A porta da cozinha abriu e, olhando por cima do meu ombro, vi Remo entrando. Eu fechei a geladeira, pensando no que dizer que não resultaria em uma briga, então disse a primeira coisa que passou pela minha cabeça. — Precisamos ir às compras de supermercado. Não temos nada para o almoço.

Remo ergueu as sobrancelhas, divertido por achar que isso era da sua conta. — Então peça algo.

— Como vai Serafina? — Perguntei incisivamente.

Remo sorriu retorcido e veio em minha direção. — Eu não sabia que Nino havia se transformado em um fofoqueiro.

— Espero que você a tenha tratado bem.

Remo se inclinou para que ficássemos no nível dos olhos. — Se você quiser saber detalhes sobre minha foda, então você terá que compartilhar também. Te conto a minha se você me contar a sua. — Seu sorriso se alargou com o olhar no meu rosto. — Não? Então o que eu faço com Serafina não é da sua conta.

Ele andou em direção à porta. — Se você pedir comida, peça algo para mim também.

Peguei o panfleto de um novo restaurante de sushi e pedi o suficiente para alimentar todos na casa. Então fui para o espaço em comum. Nino estava sentado no sofá, conversando com alguém no telefone.

— Nós temos isso sob controle. Uma trégua não lhe dá o direito de se intrometer em nossos assuntos. Cuide da sua vida e certifique-se de que Cavallaro não te incomode atacando seu território no futuro próximo. — Nino fez uma pausa. — Por quê?

Parei no aviso subjacente em sua voz. Seus olhos se fixaram em mim. — Eu vou perguntar a ela. — Ele abaixou o telefone. — Luca quer falar com você.

Eu estava surpresa. Luca e eu nunca fomos próximos. Ele era Capo e um homem assustador, sem mencionar que tínhamos muitos primos. Engolindo em

seco, assenti e peguei o telefone de Nino. — Olá, Luca?

— Kiara, como vai você?

— Cassio não te mantém atualizado? Presumi que ele relatasse sempre que eu falo com Giulia no telefone. — O marido de minha prima era Underboss de confiança de Luca, por isso era altamente improvável que partes de nossas conversas, pelo menos, não chegassem ao ouvido de Luca.

Silêncio. Minhas palavras estavam à beira da insolência, nada que um homem como Luca geralmente tolerava, mas resisti à vontade de me desculpar. Nino e Remo não aprovariam que eu me submetesse ao Capo da Famiglia.

— Estou ciente de que você parece estar bem no território da Camorra, — disse Luca com firmeza. — Claro, pedi atualizações. Os Falcones são... difíceis.

— Você só quer saber se estou bem? Eu estou bem.

— O recente acontecimento com a sobrinha de Dante foi inquietante. Isso levantou novas preocupações.

— Eu não vou lhe dar nenhum detalhe sobre Serafina. Remo e Nino sabem o que estão fazendo.

— Leal, — disse Luca com uma risada seca. — Não foi por isso que eu quis falar com você. Eu quero que você saiba que a Famiglia sempre a receberá, se você precisar de proteção. Eu falhei com você uma vez, mas desta vez deve vir a mim se tiver algum problema. Ligue para Giulia e ela me informará caso precise ser discreta.

— Obrigada, mas isso não será necessário.

— Talvez você esteja certa, mas deveria saber.

— Você quer falar com Nino de novo?

— Não, tudo foi dito. Adeus, Kiara. — Ele desligou e eu abaixei o telefone, ainda surpresa. Quase soou como se Luca se sentisse culpado pelo que tinha acontecido comigo, o que não era culpa dele. Ele não tinha como saber.

Nino tirou o celular de mim, franzindo a testa com desconfiança. — O que Luca queria? Ele tende a esquecer dos limites de seu território.

— Ele me disse que eu poderia voltar para a Famiglia se precisasse fugir da Camorra. Ele me disse que a Famiglia me protegeria.

— Você é parte da Camorra agora, — disse Nino com firmeza.

— Eu sou e esta é a minha casa.

Nino relaxou um pouco. Ele realmente acha que eu pensaria em voltar para a Famiglia?

A campainha tocou.

— Eu pedi sushi para nós, — expliquei.

Nino olhou para o telefone para checar a câmera no portão, depois assentiu e se dirigiu para a porta. — Eu vou pegar.

Ele voltou, carregando três sacolas e levantou uma sobrancelha curiosa. — Eu pedi para todos nós. Nossa geladeira está vazia.

Nino colocou tudo no centro da mesa da sala de jogos. — Vou ver se consigo encontrar Remo, você pode procurar por Adamo e Savio?

Com um aceno e um sorriso, eu fui em direção a parte da casa de Adamo. Eu nunca tinha estado lá, mas era um pouco menor que as outras três e todos, exceto por uma porta, estavam abertos e vazios. Eu fui até aquela e bati. Nada aconteceu por vários momentos até que finalmente Adamo abriu a porta. Uma nuvem de fumaça flutuou em minha direção e eu tossi. Adamo estava apenas de calça de moletom, o cabelo despenteado. Eu notei a bagunça atrás dele. Garrafas e roupas sujas no chão. Apenas um caminho estreito conduzia da cama para a mesa e para a porta. — Oh, Kiara, ei, — ele murmurou.

— Se você quiser, eu posso limpar seu quarto para você, — eu disse sem pensar.

Adamo olhou por cima do ombro e esfregou o pescoço, considerando a minha sugestão. Ele balançou a cabeça e deu um sorriso envergonhado. — Não, tudo bem.

Isso não parecia tudo bem para mim, mas não era da minha conta.

— Eu pedi sushi para o almoço. Se você descer, todos nós podemos comer juntos.

— Vou me vestir e depois descer.

Afastando meus olhos da bagunça, me virei e fui para a ala de Savio. Por alguma razão, fiquei mais nervosa ao entrar em seu território porque tinha a sensação de que ele era mais privado que Adamo, e estava preocupada com o estado em que *seu* quarto estaria. Se estivesse pior do que o quarto de Adamo, pediria que Nino chamasse o controle de pragas.

Não foi difícil encontrar Savio. A porta do seu quarto estava aberta e ele estava pendurado de cabeça para baixo em uma barra que havia prendido no batente da porta, fazendo flexões. Ele parou no ar quando me notou, em seguida, terminou mais duas repetições antes de agarrar a barra e se balançar. Como Adamo, ele estava apenas usando calças de moletom. Eu realmente não entendia o que havia com os irmãos Falcone e sua aversão ao uso de camisetas.

— Uma rapidinha? — Ele perguntou, levantando uma sobrancelha enquanto pegava um saco de peso e o apertava entre os joelhos antes de começar a fazer flexões na barra.

— Você deseja, — eu disse com uma risada, tentando não olhar para toda a exibição de nudez e músculo.

— Não, acredite em mim, *você* deseja.

Eu balancei a cabeça com sua arrogância. O alívio me encheu quando vi que o quarto atrás dele estava impecavelmente limpo e tudo era branco e bege - elegante.

— Você está procurando por algo? — Savio grunhiu entre as flexões.

— Estou aliviada por seu quarto estar mais limpo que o do Adamo.

Savio zombou. — Isso não é difícil. Ele mora em uma porra de lixo.

Eu realmente não podia defender Adamo neste caso.

— Eu pedi sushi para todos nós.

Sávio largou o peso e abaixou-se, pegando uma toalha no chão. — Que tipo?

— O tipo que você vai gostar, — eu disse com um sorriso provocante.

Savio revirou os olhos. — Isso significa apenas verdes, certo?

Eu dei um pequeno encolher de ombros, virei e voltei para baixo. Se eles não pedissem sua própria comida, teriam que viver com minhas escolhas vegetarianas ou morrer de fome.

Quando entrei na sala de jogos, Nino e Remo estavam sentados no sofá e eu afundei ao lado de Nino. Examinando as caixas de sushi, peguei uma e coloquei-a de lado.

— Você vai tentar subornar Serafina com sushi, então ela te contará tudo? — Remo disse. Ele estava com um humor estranho.

— Alimentá-la não é subornar.

Adamo e Savio se juntaram a nós naquele momento, ambos ainda sem camisa. Eu balancei a cabeça. Eles se sentaram no sofá à nossa frente e pegaram os pauzinhos e caixas sem dizer uma palavra.

— Que tal vocês deixarem as caixas no meio para que todos possam compartilhar? — Remo rosnou.

Eu por acaso olhei para ele.

— Considerando que você fodeu a cadela, você está com um humor de merda, — disse Savio.

O rosto de Remo cintilou de raiva. — Essa é a porra da última vez que você a chama de cadela, entendeu?

Savio levantou uma sobrancelha e até Adamo congelou com seus pauzinhos contra os lábios. Eu olhei para Nino que estava franzindo a testa para seu irmão.

Todos nós ouvimos isso. Era protecionismo na voz de Remo.

— Vamos lá, ela merece o titulo(apelido), — disse Savio.

Remo se levantou, seu corpo tremendo com fúria mal contida. O que deu nele?

— O quê? — Disse Savio. — Agora você quer me bater por causa de uma mulher? Ela é sua prisioneira e inimiga, ou ela te afetou?

Remo deu um sorriso torcido. — Como se isso fosse acontecer. Você só me irrita. Ele afundou de volta como se não estivesse à beira de atacar Savio um momento atrás.

Peguei um maki de abacate e empurrei-o na boca enquanto os homens atacavam os rolos Califórnia e os rolinhos de Verão. Eu continuei olhando de soslaio para Remo, tentando descobrir o que havia acontecido com ele, mas tentar vislumbrar por trás de sua máscara estava fadada ao fracasso.

Nino e eu sentamos ao meu piano à tarde para tocar juntos. Tornou-se um ritual que eu gostava muito e algo que tentamos incorporar em nossas rotinas diárias.

Nino começou a tocar uma melodia suave, quase inaudível, franzindo a testa em concentração. Eu não tinha certeza se era porque ele estava tentando se concentrar na música ou entender suas emoções. Eu inclinei minha cabeça contra o braço dele, ouvindo a melodia que ele criou. Eu adorava ouvir Nino, porque sua música sempre refletia os sentimentos que ele não conseguia entender ou era incapaz de expressar. A música fluiu mais alto, um staccato irregular. Encheu meu corpo, envolveu meu coração, cada fibra até meu pulso acelerar, vivendo o que a melodia tentava transmitir. — Você está preocupado com Remo? — Eu sussurrei.

Nino olhou os dedos nas teclas com uma expressão calculista, como se não confiasse neles para mostrar seus verdadeiros sentimentos. — Remo é muito emocional. Ele deixa tudo o que sente consumi-lo. Ele e Adamo são semelhantes nesse aspecto. Até agora, Remo prosperou principalmente pela raiva e ódio... o que quer que o conecte com Serafina, não pode persistir e me preocupo que isso vá derrubá-lo.

— Remo está com você, — eu disse, apoiando meu queixo no ombro de Nino. A carranca aliviou. Nino e Remo haviam sobrevivido a muito juntos, eles superariam isso também.

Sorri quando vi a organização na sala de estar em nossa ala. Nino comprara uma TV e a instalara em frente ao sofá. A pequena mesa estava cheia de molhos, batatas fritas, palitos de vegetais, sushi e os cupcakes favoritos de Leona - framboesa com cobertura de queijo cremoso.

A campainha tocou na parte principal da casa. Corri para a sala comum e,

quando cheguei, Fabiano e Leona já estavam esperando. Os homens assistiriam a lutas e corridas, enquanto Leona e eu teríamos um tempo de garotas. Eu a abracei e ela sorriu, parecendo tão excitada quanto eu me sentia. Com um aceno, deixamos os homens sozinhos.

— Espero que você tenha tido um aniversário maravilhoso ontem? — Perguntei. Eu mandei uma mensagem para Leona, parabenizando-a por Nino e eu, e hoje era nossa noite para comemorar um pouco.

— Fabiano e eu tomamos um café da manhã tardio em uma cafeteria fofa não muito longe do nosso apartamento, e à noite, fomos até nosso ponto favorito e fizemos um piquenique lá. Foi realmente romântico.

Eu sorri, em seguida, apontei para o colar dela, uma linda corrente de ouro com um pingente de diamantes. — Presente de Fabiano?

Ela tocou o colar e mordeu o lábio. — Sim. Aposto que custou uma fortuna. Como vou competir com isso em seu aniversário em novembro?

— Fabiano não espera que você compre nada caro para ele.

Ela encolheu os ombros. — Eu sei. Ele me deu um cartão da sua conta bancária, mas sempre me sinto estranha ao usá-lo. Embora isso não importe mais. Fabiano está pagando muito pela faculdade e por tudo mais. Eu nunca poderei pagar de volta.

— Ele não quer o dinheiro de volta. Ele quer você.

Leona corou e não disse nada. Então ela viu os cupcakes. — Você assou meus favoritos?

— Eu espero que você goste deles. É a primeira vez que tento esta receita. A cobertura eu provei e está deliciosa.

Nós nos sentamos no sofá, ombro contra ombro, e liguei a TV. — Eu escolhi *Jane Eyre*, *O Diabo Veste Prada* e *Depois de Você*.

— Isso é tão bom. Eu nem me lembro da última vez que assisti a um filme romântico. Fabiano os odeia e se recusa a assisti-los comigo, não importa o quanto eu implore.

— Eu nunca peço a Nino para assisti-los comigo, — eu disse com uma

risadinha, pegando uma peça de sushi. — Ele não gosta muito de ficção ou filmes. Ele prefere documentários e esse tipo de coisa.

— Ele eu até entendo. Ele realmente não entenderia todas as coisas emocionais, mas Fabiano poderia se quisesse.

Dei de ombros. Eu não tinha contado a Leona sobre o desenvolvimento recente de Nino, sobre como ele disse que me amava e queria dizer isso, como ele não tinha mais que simular emoções por mim. Parecia uma coisa tão pessoal que compartilhá-lo teria sido uma traição.

Leona mergulhou uma vara de cenoura no homus de batata doce que eu fiz, então seu olhar foi para o teto como se ela estivesse olhando para algo acima de nós. — É estranho que tenhamos uma noite de garotas enquanto outra garota está trancada no quarto de Remo em algum lugar no andar de cima.

— Ela tem seu próprio quarto, — eu disse, como se isso melhorasse as coisas.

Leona levantou uma sobrancelha e nós duas começamos a rir. Leona cobriu os olhos, sacudindo a cabeça e seu sorriso sumiu. — Eu realmente não posso acreditar que isso é realidade. Minha vida sempre foi diferente, mas agora chegou a um novo nível de esquisitice.

Eu fiquei séria. — Eu sei. Mas Serafina está bem, considerando tudo o que está acontecendo. Eu gostaria que ela pudesse estar aqui conosco, mas Remo e Nino nunca permitiriam isso.

Leona assentiu. — Fabiano me avisou para não falar com Remo sobre isso. Ele diz que seu Capo está um pouco tenso no momento.

— Ele está. As coisas com Serafina são complicadas.

Leona inclinou a cabeça, me lançando um olhar confuso. — Complicadas como?

Eu mordi meu lábio. — Eu não sei. Eu acho que pode haver sentimentos envolvidos de ambos os lados.

Leona se engasgou. — Você acha que Remo Falcone tem sentimentos por uma mulher?

Peguei a garrafa de Sauvignon Blanc que Nino abriu para mim e Leona e servi uma generosa quantia. Leona não conhecia Remo tão bem quanto eu - não que eu realmente o conhecesse. — Talvez eu esteja errada, mas... esqueça isso. Não vamos falar sobre isso. — Eu levantei meu copo e Leona bateu o seu contra o meu.

Eu liguei a TV. Meus próprios olhos ocasionalmente se desviavam para o teto, imaginando o que Serafina estava fazendo e me sentindo culpada, mas eventualmente a quantidade de álcool que Leona e eu consumimos me fez esquecer todo o resto.

Eu não tinha certeza de que horas eram quando Nino e Fabiano entraram na sala. Leona e eu ainda estávamos sentadas ombro contra ombro, templo contra templo, quase incapaz de segurar nossos copos. O Diabo Veste Prada estava passando na tela, mas eu mal notei, bêbada demais. Duas garrafas vazias de vinho enchiam a mesa.

Nino e Fabiano trocaram um olhar antes de virem na nossa direção. Nino pegou o controle remoto do chão onde eu o deixara há meia hora, pois não consegui recuperá-lo, porque minha cabeça ficou nebulosa no segundo em que olhei para baixo. Ele desligou a TV enquanto Fabiano tentava colocar Leona de pé. Ele desistiu eventualmente e levantou-a em seus braços. Com um sorriso para mim e um aceno para Nino, ele a carregou para fora. Leona deu um pequeno aceno antes de fechar os olhos com uma expressão doentia.

Nino sentou-se ao meu lado e gentilmente tirou o copo de vinho da minha mão antes de levantar a cabeça e examinar meu rosto. Eu sorri, não pude evitar.

— Quanto você tomou?

Eu balancei a cabeça em direção às garrafas vazias, em seguida, gemi quando minha visão nublou.

Nino tocou minha testa e se levantou. — Espere aqui. Não se mexa. Eu vou pegar uma Coca-Cola para você beber. Pode ajudar.

— Não vá, — eu falei.

Nino hesitou, depois abriu uma das garrafas de água que havíamos ignorado e estendeu a mão para mim. Eu apenas olhei, cansada demais para levantar meu braço. Nino se curvou diante de mim e trouxe a garrafa aos meus

lábios. — Pequenos goles. Eu não quero que você se engasgue.

Fiz o que ele pediu, o tempo todo observando seu rosto sereno e bonito. — No começo, sua beleza quase me aterrorizou. Toda aquela beleza fria e as tatuagens... era quase demais para absorver.

Com um sorriso pequeno e divertido, Nino baixou a garrafa. — Você bebeu demais. Preciso te levar para a cama.

— Eu falo sério. — Eu me atrapalhei com os botões de sua camisa e finalmente consegui desfazer alguns. — Esta aqui, me assustou no começo. — Eu apontei para o crânio engolindo a lâmina. — E a das costas... também.

— Uma fênix saindo das chamas é algo positivo, não é? — Nino perguntou curioso.

— Mostre-me.

— Você já a viu muitas vezes, — disse Nino gentilmente.

— Mostre-me.

Ele se levantou e desabotoou a camisa, em seguida, a tirou dos ombros antes de se virar. Eu tropecei nos meus pés e tive que segurar os quadris de Nino para me equilibrar. — Agora eu acho linda. — Eu tracei as intricadas penas laranja do pássaro fantástico, seu bico separado, seus ferozes olhos escuros, as garras pingando de vermelho. Parte da tatuagem desapareceu na cintura de Nino. Desci as mãos e tentei desabotoar suas calças, mas falhei com meus dedos instáveis. As mãos de Nino vieram em minha ajuda e finalmente eu pude puxá-lo para baixo, revelando a longa cauda ardente da fênix e as chamas iradas da onde ela escapava. Elas cobriram suas nádegas. Eu engoli em seco quando tracei os músculos de Nino, o jeito que eles pareciam fazer suas tatuagens ganhar vida quando ele mudava de posição. Minhas mãos passaram sobre cada centímetro de suas costas, em seguida, sobre sua bunda firme. Chegando mais perto, eu beijei a omoplata de Nino e em seguida estendi a mão, tocando seu peito, depois abaixei até minha mão se enrolar em torno de sua ereção.

Soltei um suspiro baixo, minha testa pressionada contra a pele de Nino enquanto eu o bombeava. Sua respiração acelerou e seu familiar aroma almiscarado enviou uma onda de desejo através da minha névoa bêbada. Ele se virou devagar, não me deixando escolha a não ser libertá-lo. Eu deixei-me cair

de volta no sofá, ficando ao nível dos olhos com seu comprimento.

O peito de Nino se arqueou quando me inclinei para frente e o levei a boca. Qualquer hesitação evaporou de seu rosto e gradualmente ele começou a empurrar levemente em minha boca, nunca tirando os olhos de mim. Nem eu poderia tirar os meus dele, o modo como seu abdômen flexionava a cada movimento de seus quadris, sua expressão intensa. Eu não acho que me cansaria de admirar esse homem.

Não lembrava como acabei na cama. Só que depois que Nino gozou, ele quis retribuir o favor, mas depois eu desmaiei. Uma língua macia deslizou ao longo da minha fenda e eu arqueei em direção à boca familiar, percebendo o que tinha me acordado. Abri os olhos para encontrar Nino, gloriosamente nu, esparramado entre as minhas pernas, com a cabeça enterrada no meu colo. Sua língua e seus lábios baniram os últimos resquícios do sono, enviando ondas de prazer através de cada centímetro do meu corpo.

— Nino, — eu disse asperamente, me abrindo mais, desesperada por mais, mas Nino não obedeceu. Ele adorava prorrogar meus orgasmos até que eu estivesse quase tremendo com a necessidade de gozar.

Seus olhos me prenderam com um brilho dominante, seus dedos apertando meus quadris para me impedir de me esfregar contra ele. — Não. Ainda não. Nós vamos prolongar isso.

Eu parei de lutar contra isso, me rendendo à tortura gentil de Nino. A maneira como ele me guiou a borda do penhasco, me fez desesperada pela queda, só para me puxar de volta. Eu estava ofegante, esgotada, completamente desossada.

— Feliz aniversário, Kiara, — ele meio rosnou antes de finalmente empurrar dois dedos em mim, atingindo aquele ponto doce que nem sequer ousei sonhar. Ele chupou meu clitóris e eu explodi.

Minha visão brilhou com estrelas, meus músculos cerrados, e eu gritei, realmente gritei pela primeira vez, perdendo o controle, e foi glorioso.

— Esse é o número um, — disse Nino em voz baixa, beijando o interior da minha coxa. — Um de muitos.

Ele permaneceu fiel à sua promessa. Antes do café da manhã, Nino me deu

mais orgasmos com sua língua, dedos e pênis, até que eu estava completamente satisfeita e morrendo de fome.

— Essa é uma ótima maneira de acordar, — eu disse com uma gargalhada envergonhada quando Nino me levou até a cozinha para preparar o café da manhã para mim. Apesar de seu breve protesto, eu o ajudei. Porque realmente, cozinhar não era uma tarefa para mim.

— Eu fiz planos para esta noite. Eu providenciei que o Chengdu abra exclusivamente para nós, para que pudéssemos desfrutar da comida e do concerto do seu pianista favorito, sem interrupção.

Eu quase deixei cair o batedor que usava para bater os ovos para a torrada francesa. — Você conseguiu que ele viesse para Vegas e tocasse para nós?

Nino assentiu enquanto cortava mangas em tiras precisas.

Eu não conseguia me mexer. Abaixando o batedor, envolvi meus braços em torno de Nino com força, em seguida, beijei sua boca. — Esse é o melhor presente que eu poderia imaginar.

— Isso foi o que eu pensei, — disse Nino com um sorriso sábio.

— Você está me mimando.

Tínhamos jantado no restaurante Szechuan algumas vezes desde que nos casamos e tinha sido espetacular a cada vez, e agora que nossa comida seria acompanhada de música linda, só poderia ser perfeito.

A expressão de Nino endureceu brevemente. — Eu te dou o que deveria ter sido seu o tempo todo, o que você quiser.

Eu balancei a cabeça, deixando escapar um suspiro. Com as mãos trêmulas, voltei para minha tarefa de bater os ovos. — Você realmente precisa parar de me deixar tão emocional.

— Não. Eu gosto de ver a felicidade em seu rosto. É como se eu mesmo esteja me sentindo assim.

Não havia realmente nada que eu pudesse dizer em troca e então apenas sorri.

Capítulo Oito

NINO

Remo finalmente decidiu enviar Serafina de volta depois de dois meses. Se ele tivesse agido de acordo com o nosso plano original, já a teria devolvido há muito tempo, mas com meu irmão os planos eram sempre ignorados. No entanto, desta vez, com Serafina, ele deveria ter por uma vez escutado meu conselho. As coisas entre eles estavam progredindo em uma direção perigosa. Ele sabia disso tão bem quanto eu.

Sentado no sofá, peguei meu telefone e disquei o número de Luca. Kiara estava tocando uma nova música, uma melodia errática e melancólica. Eu me perguntei se isso refletia seus sentimentos sobre a decisão de Remo de mandar Serafina de volta, mas ela deveria ficar aliviada. Afinal, ela tinha sido fortemente avessa ao sequestro desde o começo.

— Nino, o que você quer?

Luca nunca se incomodou com gentilezas. Ele teve sorte de eu ter convencido Remo de que uma guerra com a Famiglia era a última coisa de que precisávamos no momento atual. — Temos um presente para você.

Silêncio. — Um presente? — A suspeita soou na voz de Luca.

— Em breve teremos Scuderi. Dante concordou em trocá-lo por sua sobrinha amanhã.

— Porra. Eu não posso acreditar que seu plano insano realmente funcionou. Você e seu irmão são tão espertos quanto você é louco.

Meus lábios se apertaram. — Não liguei para que você analisasse minha personalidade. Quero convidá-lo e a seu irmão e, por mim até mesmo as irmãs Scuderi, para juntarem-se a Fabiano no desmembramento de Rocco Scuderi.

— Essa é uma oferta generosa, — disse Luca com cuidado. — O que você espera em troca?

Eu sorri, me inclinando para trás. — Nada. Pelo menos, não neste momento. Mas se o procurarmos e pedirmos um favor agradeceria se você lembrasse que fizemos isso.

— Certo. Aposto que seu tipo de favor não será para os fracos de coração.

— Você não tem um coração fraco.

Luca soltou uma risada profunda. — Eu vou ter que falar com meu irmão. Ligo de volta em alguns minutos.

— Não demore muito. Você precisará pegar um voo.

— Não se preocupe. — Luca desligou.

Eu coloquei meu telefone no colo e observei Kiara enquanto ela tocava a mesma sequência pela terceira vez, infeliz com sua criação. As notas baixas e assombradas do piano reverberavam no meu peito e quando seus dedos se moveram mais rápido e as notas soaram mais altas, parecendo quase iradas, meu pulso disparou.

Cada música criada por Kiara transbordava de emoções. Seus olhos estavam fechados, os cílios escuros tremulando contra sua pele lisa. Como sua música, Kiara era uma obra de arte e sempre arrancava emoções dos recessos mais sombrios de minha alma.

Menos de cinco minutos depois, Luca ligou de novo, mas esperei que a última nota da música de Kiara desaparecesse antes de me dar ao trabalho de atender. — Matteo e Romero estão preparando tudo para o voo deles. Eles vão participar da ultima festa de Scuderi.

Surpresa tomou conta de mim. — Você não vem?

— Eu odeio o homem e certamente gostaria de cortar alguns pedaços dele, mas meu irmão e Romero têm um incentivo mais forte.

— E as irmãs Scuderi?

— Aria e Lily são muito bondosas para esse tipo de coisa, e Gianna não suporta a visão de sangue.

— Diga a Matteo e Romero para nos encontrar no Sugar Trap, e é melhor eles se apressarem. Fabiano está ansioso para lidar com o pai.

Luca riu sombriamente. — Eu aposto que ele está. Posso imaginar o quão chateado você e Remo estão que nunca tiveram a chance de rasgar seu próprio maldito pai em farrapos.

Meu aperto no telefone aumentou. — Há rumores de que seu pai também não conseguiu o fim que merecia. Tenho certeza de que se dependesse de você e Matteo, sua morte teria sido menos abrupta e mais criativa.

— Isso é passado, — disse Luca em voz baixa.

— É verdade e agora você tem uma linda esposa e filhos para cuidar, o que torna nossa cooperação ainda mais importante.

— Minha família fica fora disso. E se isso foi uma ameaça velada, Falcone, é melhor você escolher suas palavras com mais sabedoria da próxima vez. Eu não sou o único com pessoas para proteger.

— Não foi uma ameaça, apenas um lembrete, Luca. Não temos intenção de atacar sua família e tenho certeza de que você também não irá atacar a nossa. Afinal, minha esposa é sua prima e Fabiano é seu cunhado.

— Isso pode ser verdade, mas eu de bom grado passarei por cima do seu sangue e de todos os filhos da puta em Vegas para proteger minha família, e é melhor você se lembrar disso.

— Devidamente anotado, — eu disse. — Mas o mesmo pode ser dito por Remo e eu. Nós protegemos nossa família. Agora chega de ameaças desnecessárias. Hoje é um dia de festa.

Eu terminei a ligação e continuei ouvindo a música de Kiara. Quando ela terminou, se virou para me encarar. — Você vai torturar o pai de Fabiano até a morte?

Sua voz era cuidadosamente controlada, desprovida de emoção, o que era incomum para Kiara e me mostrava o quão difícil era esse assunto para ela. — Não eu, não. Fabiano vai, e Matteo e Romero vão se juntar a ele.

Kiara amassou as mãos no colo. — Mas você vai estar presente?

Eu me levantei do sofá e fui até ela. — Levante-se.

Kiara fez isso sem hesitar, olhando para mim com curiosidade. Eu sentei

no banco e a puxei para o meu colo, pressionando um beijo na sua nuca antes de colocar meus dedos nas teclas do piano. — Eu preciso ter certeza de que Scuderi não morra muito rápido. Minha pericia será necessária.

Kiara estremeceu e eu examinei seu lindo rosto, aqueles expressivos olhos escuros, sempre tão gentis e bondosos. Eu enterrei meu nariz em seus cachos macios. — Eu sou um monstro, Kiara. Emoções ou não, eu sempre serei assim. Eu gosto de machucar. Eu gosto de quebrar os outros, lento ou rápido. Se você espera que isso mude, só vai te machucar.

Kiara descansou os dedos nas teclas do piano ao lado dos meus e começou a tocar a música que ela havia escrito para mim. Depois de um momento, eu segui.

Quando o último acorde flutuou para longe, ela virou a cabeça para mim e beijou minha bochecha, em seguida, o canto da minha boca. — Eu te amo exatamente como você é. E talvez você seja um monstro, mas é o meu monstro.

Eu passei meus braços ao redor dela.

— Eu ainda não consigo acreditar que ele a está mandando de volta. Eu não achei que ele iria até o fim, — Kiara disse na manhã seguinte enquanto nos preparávamos em nosso banheiro. Ela escovou o cabelo e me olhou no espelho enquanto eu aparava minha barba.

— Isso estava prestes a acontecer. Nós temos Dante onde o queríamos. Pegamos Scuderi e ele recebe Serafina.

— Nino, você não pode realmente acreditar que vai ser tão fácil assim.

A conexão de Remo com Serafina era definitivamente inquietante e intensa. — Remo está determinado a libertá-la.

Kiara pousou a escova, virou-se e se escorou no balcão de mármore. — O que isso deveria significar?

Eu balancei a cabeça. A mente de Remo funcionava de maneira muito diferente da minha.

Kiara suspirou, parecendo preocupada. — Prometa ter cuidado. Não se machuque. Eu não gosto da ideia de você se encontrar com a Outfit, especialmente quando Remo não parece ele mesmo, e Fabiano estará desfocado,

porque verá o pai dele.

Arrumando meu barbeador elétrico, toquei o rosto de Kiara. — Nós temos isso sob controle, confie em mim. Estaremos de volta em breve e então às coisas voltarão a ser como eram antes do sequestro.

Kiara sorriu estranhamente e me beijou. — Tudo bem.

— Savio e Adamo vão se certificar de que você esteja segura.

Eu a beijei novamente, então descemos as escadas até onde Remo, Fabiano e Serafina estavam entrando no carro. Kiara ficou rígida ao vê-los. Eu não tinha certeza do porque ela reagiu dessa maneira. Serafina estava usando seu vestido de noiva rasgado e parecia pálida, talvez fosse isso. Apertei a mão de Kiara, mas ela não reagiu, apenas assistiu Serafina entrar na traseira do nosso SUV. Serafina deu um pequeno sorriso a Kiara, que levantou a mão em despedida. Eu não entendi o que aconteceu entre elas. Elas não se conheciam bem o suficiente para ficarem tristes com a separação.

Remo franziu a testa e fechou a porta. — Nino, você vai se sentar ao lado de Serafina?

Eu balancei a cabeça.

Kiara colocou os braços em volta do peito. Eu toquei o braço dela. — Tudo vai ficar bem. Logo isso vai acabar.

Kiara olhou na direção de Remo antes que encontrasse o meu olhar. — Eu realmente espero que você esteja certo.

Eu pressionei outro beijo em sua boca quando Savio e Adamo saíram para a garagem.

— Por que eu sempre fico de fora da diversão? — Perguntou Savio. — Eu adoraria chutar uma bunda da Outfit.

— Nós não vamos chutar nenhuma bunda Outfit. Vamos trocar Serafina por Scuderi, é só, — eu disse.

Adamo e Savio trocaram um olhar que eu não consegui ler, então Savio disse: — Ainda mais divertido do que ficar preso bancando a babá.

— Eu não preciso de babá, — Kiara disse suavemente.

— Você estará protegendo nossa mansão no caso de Cavallaro ter algo planejado.

— Que tal você parar com a fofoca e entrar no carro? — Remo gritou do banco do motorista.

— Volte para casa em segurança, — Kiara sussurrou, ficando na ponta dos pés e beijando minha boca.

Todos nós deveríamos nos encontrar no Sugar Trap depois da troca. Fui o primeiro a chegar e acenei para Jerry, que estava limpando o bar. — Ei Nino.

Eu fui em direção aos nossos quartos privados nos fundos, onde deixei meu rifle e liguei para Matteo. — Ei Falcone, você pegou o bastardo? — Matteo disse como uma espécie de saudação.

— Nós o pegamos. Quanto tempo até você estar aqui?

— Não muito. Pousamos há trinta minutos. Talvez quinze minutos. Mal podemos esperar. Depois da obra-prima que você e Remo criaram com aquele filho da puta do Durant, estou ansioso para mostrar a vocês, como fazemos em Nova York.

— Talvez eu aprenda algo novo.

— Eu duvido, sabendo que você é um fodido Falcone torcido.

Eu também duvidava. — Vejo você mais tarde. — Eu desliguei e saí da sala dos fundos, em seguida, continuei em direção à frente, mas Fabiano cruzou o meu caminho. — Remo está no bar e de mau humor. — Ele estava arrastando o pai pelas algemas e me deu um aceno conciso enquanto levava o homem para o porão à prova de som.

Desde que minhas emoções começaram a voltar, eu estava dividido entre apreciação e frustração. Emoções gastam muita energia - entendê-las, lidar com elas, não apenas carregá-las.

Sabendo o quanto Remo era mais emocional, achei que teríamos um tempo difícil pela frente, enquanto ele lidava com a partida de Serafina.

Eu liguei para Kiara enquanto Remo foi em direção ao porão para ajudar Fabiano com seu pai. Eu só havia mandado uma pequena mensagem para ela

saber que tudo tinha ido conforme o planejado.

— Nino? Você está bem?

— Claro. Eu estou no Sugar Trap com Remo e Fabiano. Estamos esperando por Matteo e Romero para que possamos começar.

— Como está Remo? — Kiara perguntou hesitante.

Eu considerei o quanto dizer a ela. Kiara se preocupava com facilidade e eu não queria que ela ficasse perturbada pela explosão de Remo. — Ele está tenso.

— Quando você estará em casa?

— Não antes da meia-noite. Isso levará tempo. — Mesmo que a polícia de Las Vegas e praticamente toda Nevada estivessem em nossa folha de pagamento, não dávamos detalhes de nossos negócios ao telefone. Havia sempre a possibilidade de o FBI se envolver.

— Ok, — disse Kiara. — Tentarei esperar por você.

— Você não precisa.

— Mas eu quero.

O calor familiar que só Kiara poderia provocar se espalhou no meu peito. — Tudo bem, — eu disse baixinho. — Peça a Savio e Adamo para te levar para jantar, se você quiser.

Eu desliguei. Falar ao telefone sempre me enervava porque eu tinha dificuldade em avaliar o humor da outra pessoa só ouvindo a voz delas, e com Kiara eu precisava saber suas emoções mais do que qualquer outra pessoa. Seria muito fácil machucá-la acidentalmente.

Com outras pessoas, minhas emoções ainda estavam seguramente engarrafadas. Eu não tinha certeza se queria mudar. Chegar a um acordo com minhas emoções ao lidar com Kiara e meus irmãos era bastante desafiador.

Capítulo Nove

KIARA

Eu devo ter dormido a noite toda, porque Nino estava na cama comigo quando acordei e o sol já estava nascendo. Afastando o sono, me virei no braço de Nino. Lentamente suas pálpebras se abriram e como sempre o cinza de seus olhos enviou uma onda de calma através de mim.

Passei meus dedos pelos cabelos mais longos no topo de sua cabeça, amando a sensação sedosa dele. Nino soltou um pequeno suspiro depois rolou de costas, e eu coloquei minha cabeça no peito dele. — Tudo correu bem?

Era estranho perguntar isso, considerando que estávamos falando sobre o fim doloroso de um homem.

— Scuderi está morto. Remo e Fabiano o mataram juntos.

— Fabiano realmente os considera como irmãos.

— Ele faz, mas nós também.

— Então, você o perdoou por tudo o que aconteceu com Leona? — Parecia impossível que Remo e Fabiano tivessem se enfrentado em uma luta de morte. Eu estava feliz por não ter assistido.

— Remo considerou traição e eu também, mas minha visão sobre as coisas mudou, — disse Nino lentamente. — Demos a Fabiano uma escolha impossível, uma que não deveríamos ter lhe dado, eu percebo isso agora, e talvez Remo também.

— Escolher entre os entes queridos é cruel.

Nino inclinou a cabeça com uma pequena carranca. — Eu não posso imaginar receber essa escolha...

Arrepios subiram pela minha pele. — Nunca chegará a isso.

— Eu sei.

O brilho nos olhos de Nino enviou um pequeno arrepio as minhas costas. Ele beijou minha testa e sentou-se. — Eu preciso arranjar uma luta de morte para Remo.

— O quê? — Eu soltei, tropeçando para fora da cama atrás dele. — Por quê?

Então me ocorreu. Remo não conseguia lidar com sua agitação emocional. A única maneira que ele conhecia de lidar com isso era causando e recebendo dor, derramando sangue e matando. — Você não pode permitir isso.

Nino puxou uma camisa por cima da cabeça e penteou o cabelo para trás com os dedos. — Ele não me ouve. Eu tentei.

Vesti-me às pressas e segui Nino para o andar de baixo e para a cozinha. Ele conversou com Roger no telefone, o homem que possuía a arena de luta, enquanto eu preparava o café da manhã. Meu estômago estava em nós enquanto ouvia Nino discutir os detalhes da próxima luta. Remo ia lutar contra dois adversários de uma só vez, o que era pura insanidade, mesmo para seus padrões. — Isso é loucura, — eu disse, quando Nino encerrou a ligação.

Nino suspirou. — Isso é Remo.

Nos dias que se seguiram à luta brutal de Remo, ele agia quase como o seu antigo eu, mas às vezes havia um brilho de desejo em seus olhos que não existia antes. Eu não pude deixar de me perguntar como Serafina estava de volta a sua família.

Eu estava tocando piano quando alguém bateu contra as janelas francesas. Olhando para cima, vi Adamo com o capuz do casaco puxado sobre a cabeça e um cigarro pendurado na boca. Acenei para ele entrar. Ele não usou a rota direta pelo corredor adjacente, atravessou o jardim para poder fumar. Ele entrou depois de descartar o cigarro, depois baixou o capuz. Seu cabelo meio cobria os olhos, mas vi que eles estavam vermelhos.

— Você está bem?

— Posso ouvi-la tocar?

— Claro, — eu disse e comecei a tocar a música na qual estava trabalhando. Adamo afundou no chão ao lado do piano e olhou para a tatuagem

da Camorra em seu antebraço. Perguntas queimavam a minha língua, mas eu as segurei. Ele me diria o que o incomodava se precisasse. Desligando-me dele, concentrei-me na música. Era para Remo e estava quase pronta. Eu queria escrever músicas para Adamo e Savio também para o Natal e dar a cada um deles sua música como presente. Eles tinham tudo que o dinheiro podia comprar, então talvez apreciassem o presente.

Eu estava tocando a música pela segunda vez quando Adamo me interrompeu em um sussurro sombrio. — Nino falou comigo sobre a nossa mãe hoje.

Eu congelei.

Adamo olhou para cima, com os olhos cheios de tristeza. — Você sabia?

Eu engoli, me levantei e andei até ele antes de afundar no chão ao seu lado. — Nino me contou o que aconteceu. Ele teve que contar por causa de seu estado emocional.

Adamo assentiu. — Por que eles não me contaram antes?

— Eles queriam protegê-lo. A verdade às vezes é difícil de suportar.

— Eu não posso acreditar que ela tentou matar meus irmãos.

— E você. Ela teria te matado, tirando a própria vida.

Adamo assentiu. — Eu não entendo. Eu quero entender. — Ele olhou para mim.

— Algumas coisas estão além da compreensão. — Eu cobri a mão dele com a minha.

— Ela ainda está viva. Eu achei que ela tivesse morrido há anos. Não sei como me sinto sabendo que ela está em algum lugar.

Eu não sabia o que dizer. Era difícil imaginar como Adamo se sentia. Como eu me sentiria se de repente descobrisse que meu pai não estava morto, mas preso em uma clínica psiquiátrica?

— Eu falei tantas coisas horríveis para Remo porque não entendia como ele poderia ser assim, mas agora entendo.

— Algumas coisas nos mudam, e não importa o quanto tentemos esquecer o passado, algo simplesmente permanece conosco.

Adamo passou os braços frouxamente em torno de suas pernas e me olhou com um pequeno sorriso. — Estou feliz por você fazer parte da nossa família. Você nunca me julga quando falo com você.

— Eu não tenho o direito de julgar você ou qualquer um.

Adamo riu. — Isso não impede a maioria das pessoas de distribuir julgamentos o tempo todo.

— Eu sei — falei baixinho, lembrando-me de como fui julgada pela traição do meu pai na Famiglia, e quantos ainda me julgaram por ser a vítima de Durant. Muitas pessoas tentaram dar sentido a isso, culpando a vítima. Eu entendia isso agora.

— Você é parte da Camorra agora. Ninguém mais vai julgá-la abertamente, — disse Adamo.

No início de dezembro, comecei a decorar nossa ala e as principais áreas da mansão e do jardim com luzes de Natal, bugigangas e enfeites. Savio e Adamo compraram uma árvore de Natal e a montaram na sala comum a meu pedido.

— Esta é a primeira vez que temos uma árvore de Natal em... porra... eu nem me lembro quanto tempo, — disse Savio, enquanto ficava na frente da enorme árvore.

Adamo assentiu. — Eu acho que eu tinha seis ou sete anos, e Remo montou aquela árvore de plástico prateada feia.

— Aquela maldita coisa quase incendiou tudo porque o cabo estava quebrado, — disse Savio com uma risada.

— Sim. — Adamo riu também, e eles trocaram um olhar divertido.

Meu coração inchou. — Vocês vão me ajudar a decorá-la? — Eu apontei para a caixa com bugigangas e enfeites.

Savio olhou para Adamo e ambos assentiram. — O que ganharemos em troca?

— Cookies? — Sugeri.

— Combinado.

Adamo franziu a testa. — Eu não entendo como você consegue gostar de todas aquelas coisas doces. E você me chama de boceta.

Savio deu-lhe o dedo. — A porra dos cigarros provavelmente queimou suas papilas gustativas.

Eu empurrei a caixa para eles. — Ei, concentre-se na tarefa em mãos. Você pode pegar a escada para mim, Adamo?

Ele se arrastou para o depósito e voltou com a escada e colocou-a na frente da árvore. — E vocês dois podem decorar a parte inferior enquanto eu cuido do topo? — Eu subi a escada. Ela balançou e Adamo rapidamente a firmou. — Eu posso segurar enquanto você está lá em cima.

— Obrigada. — Eu subi mais, tentando decidir como organizar tudo.

Savio zombou. — Eu ganho cookies e Adamo ganha uma bunda.

Eu olhei entre ele e Adamo cujo rosto estava ficando vermelho. — O quê?

Sávio gesticulou para o meu traseiro. — Adamo deu uma olhada no seu traseiro. Ele parece gostar da vista.

— Eu não... — Adamo olhou para o irmão e sorriu para mim. — Quero dizer... eu não olhei a sua bunda... mas é muito bom, seu traseiro, quero dizer...

Sávio desmoronou. — Oh, pelo amor de Deus, cale a boca, — ele disse entre risos. — Você realmente precisa crescer. Kiara sabe que tem uma bela bunda. Acho que todos podem concordar com isso.

— Estou feliz por minha esposa atender as suas necessidades, — Nino falou lentamente da porta, braços cruzados e um sorriso no rosto.

Eu pisquei e meus ombros começaram a tremer enquanto eu lutava com risadinhas e quase caí da escada. Adamo tentou me firmar e agarrou meus quadris e brevemente roçou a parte superior da minha bunda. Ele rapidamente me soltou e Nino já estava ao meu lado. — Sinto muito, — disse Adamo rapidamente.

— Está bem. Obrigada pela ajuda.

— Boa pegada, — disse Savio. — Da próxima vez é a minha vez de segurar a escada.

Adamo assobiou algo em voz baixa, fazendo Savio sorrir ainda mais. Eu assisti os dois irmãos saírem, discutindo.

Nino olhou para a árvore e tocou minha cintura. — Se Savio ou Adamo fizerem ou disserem algo que te incomoda, diga a eles.

Eu balancei a cabeça. — Eu não me importo, honestamente. No começo, eu não sabia como lidar com Savio. Agora me acostumei com seu senso de humor.

Nino me deu um pequeno sorriso. — Estou feliz que você se dá tão bem com meus irmãos, até mesmo Remo.

— Eles são minha família e eu me importo com eles.

Nino passou um braço em volta de mim e me puxou contra seu peito.

Pela maneira que ele olhou para mim, finalmente reuni minha coragem. — Eu estava pensando... talvez eu possa parar de tomar a pílula no ano novo.

Compreensão se estabeleceu no rosto de Nino. — Você quer engravidar?

— Sim. Eu sempre quis ser mãe. Eu sei que estamos casados há apenas oito meses, mas pode demorar um pouco, então... — De repente, eu me preocupei em ter mencionado isso. As coisas com Remo ainda estavam difíceis, afinal.

O rosto de Nino estava congelado de surpresa. Então ele beijou minha boca. — Se é isso que você quer, então vamos tentar um bebê.

— Sério?

Eu pressionei meu rosto contra o peito de Nino, sorrindo.

Nino tocou a parte de trás da minha cabeça e murmurou: — Mas você precisa saber algo sobre mim antes de decidir ter meu filho.

Eu me afastei. — O que você quer dizer?

Os olhos de Nino refletiram hesitação. — Mesmo antes da coisa com minha mãe, eu não era normal. Eu tive déficits emocionais desde o começo.

Eu olhei para Nino com curiosidade. — Você era fechado?

— Isso e tinha dificuldade em entender e ler as emoções das outras pessoas. Eu era um garoto quieto e ficava estressado quando tinha que lidar com multidões. Preferia passar horas tentando resolver problemas matemáticos.

— Você já foi diagnosticado?

Nino sacudiu a cabeça. — Você quer dizer alguma forma de Aspergers ou algo similar?

Eu balancei a cabeça. Algumas das coisas que Nino descreveu poderiam ser associadas a algo do tipo.

— Eu não vejo como isso teria mudado as coisas para mim. Minha deficiência emocional se tornou uma vantagem, e não era tão óbvio antes do incidente com minha mãe.

— Ok, — eu disse suavemente. — E você se preocupa que uma criança possa herdar sua condição?

— É possível. Nós poderíamos fazer um teste.

Eu toquei no peito de Nino. — Não, eu vou aceitar e amar o nosso filho, não importa o quê. Isso faz parte de quem você é e se uma criança herdar, então é assim que deve ser.

Nino olhou para mim por um longo tempo e então inclinou a cabeça, levantando minha mão e pressionando um beijo no meu pulso.

Capítulo Dez

NINO

Minha mente estava repassando minha última conversa com Kiara nos últimos dois dias e, mesmo quando entrei na gaiola para o meu treinamento de luta com Remo, ainda estava muito clara na minha cabeça. Eu sempre soube que o casamento levaria a crianças, eventualmente. Eu as queria para perpetuar o nome Falcone e agora eu era o único dos meus irmãos que tinha uma mulher capaz de se tornar uma boa mãe. Eu não tinha uma única dúvida que Kiara seria uma mãe maravilhosa e carinhosa.

Remo subiu na gaiola. Ele parecia ansioso por uma luta. Eu estava distraído e Remo acertou alguns golpes duros do meu lado e no estômago nos primeiros minutos antes de eu aproveitar uma abertura e enfiar meu joelho em seu rim. Ele pulou para trás com um gemido, em seguida, deu um chute certeiro, que eu mal consegui evitar.

— O que diabos há de errado com você?

Eu levantei a palma da mão para parar a luta. — É Kiara.

Remo franziu a testa. — É por causa de ontem?

— Ontem?

Confusão surgiu no rosto de Remo. — Ela me pediu para treinar com ela, me fez persegui-la pela casa.

Kiara estava ficando mais confiante. Era reconfortante saber que ela estava realmente levando seu treinamento de luta a sério. — Eu suponho que é porque ela quer ser capaz de defender futuros filhos.

Remo estreitou os olhos e recostou-se na tela. — Então, ela está grávida?

— Ainda não. Ela vai parar de tomar a pílula em janeiro.

— Ela me disse que quer filhos.

Minhas sobrancelhas levantaram. — Ela falou com você?

Ele encolheu os ombros. — Tenho a sensação de que ela estava preocupada se eu ficaria bem com crianças na mansão.

Eu olhei para o meu irmão, a cicatriz no rosto e os antebraços. Cicatrizes por me defender e a nossos irmãos da nossa mãe. Então para as cicatrizes no resto de seu corpo, muitas ele sofreu no tempo em que estávamos nos escondendo, lutas que colocavam comida na nossa mesa. — E você está?

Ele me deu um sorriso irônico, que eu devolvi.

— Se alguém pode ser uma boa mãe, então é Kiara, — disse ele. — Ela é como uma maldita mãe galinha, até mesmo para mim. — Ele balançou a cabeça.

Kiara amava cuidar dos outros. — Nossos filhos terão sorte de tê-la como mãe.

— Você será um bom pai também. Mesmo quando não sentia porra nenhuma, você conseguiu criar Adamo e Savio comigo, e olha como eles se deram bem, os merdinhas. — Ele sorriu retorcido. — A casa é grande o suficiente, mesmo se você decidir ter dez filhos.

— Talvez você tenha filhos em algum momento também?

O rosto de Remo se desligou. — Não, eu não tenho a paciência necessária para uma mulher. Eu estou melhor com prostitutas.

Eu estreitei meus olhos para ele em pensamento. Nós dois sabíamos que havia uma mulher que ele não conseguia esquecer. Falar nela levaria a um desentendimento para o qual eu não estava de bom humor.

Remo se afastou da gaiola. — E aquela luta que você me prometeu?

Eu preparei minha máquina de tatuagem em um dos quartos vagos de Savio, não querendo que Kiara ouvisse o som da agulha.

Quando tudo estava preparado, sentei-me, apoiei o braço esquerdo na mesa à minha frente e liguei a máquina. Savio estava apoiado na porta e observava em silêncio quando comecei a delinear o nome de Kiara no meu pulso sobre as cicatrizes e em meio às chamas, então adicionei algumas notas musicais antes de começar a preencher cada letra com tinta.

— Eu nunca imaginei que você pudesse se importar com uma garota, — disse Savio. — E agora você está tatuando o nome de uma em sua pele.

Eu rapidamente olhei para cima do meu trabalho. — Eu não acho que teria chegado tão longe com qualquer mulher além de Kiara. Ela é... — Eu não conseguia encontrar a palavra certa para descrever Kiara corretamente, e raramente ficava sem palavras.

— Sim, — murmurou Sávio. — Aquela garota faz com que seja difícil não gostar dela, e eu me dediquei tanto a isso no começo. Tudo por nada. — Ele me deu um sorriso. — Ela é a única garota com quem eu falo mais do que algumas frases sem receber pelo menos um boquete como recompensa.

Eu levantei uma sobrancelha.

— Ciumento? — Ele perguntou.

— O ciúme requer uma vertente de insegurança. Eu sei que Kiara é só minha.

— E as pessoas me chamam de arrogante.

Suspirando, voltei para a tarefa.

— Eu estive pensando em fazer outra tatuagem.

— Não é o nome de uma menina, eu suponho, — eu disse secamente.

Savio zombou. — A garota para me prender a uma coleira ainda não nasceu.

— Que tipo de tatuagem você tem em mente?

Savio sorriu. — Uma cabeça de touro.

— Onde? — Eu perguntei desconfiado. Conhecendo Savio, eu tinha uma boa ideia de onde ele iria querer esse tipo de tatuagem.

Um canto da boca de Savio se curvou.

— Isso vai ser muito doloroso.

Savio me lançou um olhar “e daí”. — Eu posso lidar com a dor.

— Você vai adicionar um piercing para tornar a imagem completa?

— Não, eu não estou interessado em perfurar meu pau.

— Eu posso começar a esboçar algumas imagens e você pode decidir qual prefere. Se você quiser que a tatuagem cubra toda a pélvis e a parte inferior da barriga, precisaremos de algumas sessões para realizá-la.

— Eu sei. Eu testemunhei a progressão de sua arte, lembra?

— Eu devo avisá-lo que uma tatuagem nessa área pode interromper suas atividades recreativas por algumas semanas, ou pelo menos deixá-lo desconfortável.

— Veremos.

Balançando a cabeça, voltei a trabalhar na minha tatuagem. Eu queria fazer isso hoje para surpreender Kiara como uma espécie de presente de Natal antecipado.

KIARA

Levantei-me na véspera de Natal logo após o nascer do sol para cozinhar e assar tudo. Este era o nosso primeiro Natal juntos e eu queria que fosse especial. A massa de panetone foi deixada fermentando enquanto preparei tudo para o assado de cordeiro. Eu não tenho muita experiência em preparar carne. Nino e seus irmãos amavam cordeiro, então eu queria surpreendê-los com isso. Depois de ligar para Giulia e desejar-lhe um feliz Natal, comecei a trabalhar. Felizmente, ela me deu algumas dicas para garantir o sucesso do meu esforço culinário.

Era perto da hora do jantar e eu tinha colocado um vestido vermelho longo e estava pondo e decorando a mesa de jantar, quando Nino entrou, vestindo calça preta e uma camisa preta com os primeiros botões abertos, mostrando suas tatuagens coloridas. Seus olhos examinaram a mesa com as velas vermelhas, guardanapos e talheres dourados.

— Você deveria ter pedido ajuda a um de nós. É muito trabalho, — ele

murmurou enquanto passava a mão pela minha lateral até que veio descansar no meu quadril. — E você está absolutamente deslumbrante.

Sorrindo, dei de ombros. — Eu amo cozinhar e decorar, então não parece trabalho. E obrigada, você está muito bem também.

— Eu tenho algo para você. Parte do seu presente de Natal.

Eu não tinha certeza se Nino era do tipo que dava presentes. Ele e seus irmãos não tinham realmente celebrado o Natal nos últimos anos, pelo menos não de maneira tradicional.

Nino esticou o braço esquerdo e arregaçou a manga, revelando uma nova tatuagem: meu nome em meio a notas musicais.

Minha respiração ficou presa na minha garganta enquanto eu observava a bela arte da tinta. — Quando você fez isso?

— Esta manhã. Você estava ocupada cozinhando, então aproveitei a chance.

Eu estendi a mão para traçar as letras e depois me contive. Se Nino a tinha feito apenas esta manhã, a pele ainda deveria estar sensível.

— Tudo bem, você pode tocá-la.

— Eu não quero te machucar.

Nino sorriu ironicamente. — Kiara, isso não é nada.

Assentindo, eu levemente tracei a pele sob a tatuagem, tentando manter minhas emoções sob controle. Eu tinha acabado de me maquiar e não queria estragar isso com lágrimas. — Obrigada. É um presente maravilhoso. Eu sei o quanto suas tatuagens são importantes para você, e ter meu nome em sua pele com seus irmãos... significa muito.

Nino segurou meu rosto e deu um beijo suave nos meus lábios. — Você e meus irmãos são tudo o que importa nesta vida. Eu quero você perto o tempo todo, mesmo que seja só no nome.

Eu pisquei. — Não me faça chorar.

Ele franziu a testa. — Eu não tenho intenção de te fazer chorar.

— Eu sei. — Eu ri e soltei um suspiro. — Que horas são? Fabiano e Leona devem chegar às seis.

— Ainda temos quinze minutos. — Ele enfiou a mão no bolso de trás das calças e tirou um pacote muito pequeno. — Este é o seu segundo presente.

Eu peguei e abri a caixa de veludo, revelando brincos com um grande rubi vermelho no centro e pequenos brilhantes ao redor. — Lindo.

— Deixe-me colocá-los, — disse Nino, pegando-os e colocando-os em minhas orelhas.

— Então? — Perguntei.

— Perfeito.

— Espere um segundo, — eu disse, então rapidamente caminhei até o bar onde coloquei o presente de Nino. Era muito pesado, então fiquei feliz quando entreguei a Nino. Eu podia ver a curiosidade em seus olhos. — Abra.

Nino arrancou o papel de embrulho, revelando um livro sobre anatomia encadernado em couro. — É uma edição de colecionadores de 1925 com imagens desenhadas à mão de todas as partes do corpo... — Eu esperava que fosse algo que Nino gostasse. Sempre que estávamos juntos na biblioteca, Nino era frequentemente atraído por livros de medicina.

Nino começou a folhear o livro devagar, com os olhos agitados enquanto examinava as páginas com os desenhos. Quando ele finalmente olhou para cima, sua expressão estava alerta de entusiasmo. — Perfeito. Eu mal posso esperar para lê-lo e compará-lo com os mais novos livros sobre anatomia.

Eu sufoquei uma risada. Apenas Nino poderia estar animado com algo assim. Nino estava me beijando docemente quando passos soaram.

— Sinto cheiro de carne? — Perguntou Savio entrando, seguido por Remo e Adamo, todos usando camisas pela primeira vez.

Eu sorri abertamente. Logo Fabiano e Leona se juntaram a nós também, trazendo vinho. Eu abracei Leona com força. — Como está sua mãe?

— Melhor. Ela será liberada do hospital em dois dias. Ela nunca sabe quando parar, — disse Leona com um pequeno suspiro. Ela queria comemorar

com sua mãe para variar, mas depois de uma overdose quase fatal, ela ficou presa no hospital mais uma vez.

Eu peguei Fabiano trocando um olhar exasperado com Remo, que Leona notou quando os levei em direção à mesa. — Ele não entende porque eu ainda tento ajudar minha mãe, mas ele a ajuda por mim de qualquer maneira.

Eu toquei o braço dela. — Porque ele quer te ver feliz.

Todos nós nos sentamos em volta da mesa e, como esperado, o cordeiro foi o destaque para os homens. Eu gostava de observar a todos mais do que realmente comer. Foi simplesmente lindo ter minha nova família em uma mesa, celebrar juntos, e não pude deixar de me perguntar se no próximo ano, eu teria um bebê para cuidar também.

Depois do jantar, conduzi todos para a sala de estar da minha ala e de Nino, depois me acomodei no piano. — Por que vocês não ficam ao redor do piano?

Todos eles o fizeram, confusos por eu trazê-los aqui.

— Eu compus músicas para cada um de vocês. Elas não estão perfeitas ainda, e podem se desenvolver com o tempo, mas acho que não estão ruins considerando o tempo limitado que eu tive, — eu disse rapidamente.

Nino apertou meu ombro. — Sua música é sempre maravilhosa.

— Essa é para você, Remo. — Comecei a tocar a tumultuosa melodia, concentrando-me apenas nas teclas e nos dedos, sem ousar olhar para a reação de ninguém.

Quando finalmente arrisquei um olhar, os braços de Remo estavam cruzados e com uma expressão ilegível ele se apoiou no piano.

Engoli. — Esta é para você, Savio.

Era uma melodia leve, divertida, só ocasionalmente pontilhada por notas mais escuras. Sávio assentiu em aprovação quando a última nota soou. — Eu pareço divertido e sexy. Você acertou, Kiara.

Adamo revirou os olhos.

— Agora você Adamo. — Esta foi a mais difícil. Recentemente Adamo

tinha estado quieto e pensativo, mas eu não queria que sua melodia fosse assombrada, então escolhi basear-me nos sentimentos que ele evocava nos outros. Era uma melodia suave, que fazia você querer relaxar em frente a uma lareira com um copo de vinho.

— É tão legal que você pode criar algo assim, — disse Adamo.

Senti minhas bochechas esquentarem, encolhi os ombros e limpei a garganta antes de olhar para Fabiano e Leona. — Para vocês dois eu criei uma melodia.

Surpresa cruzou seus rostos.

— Você criou algo para nós também? — Perguntou Leona.

— Vocês pertencem a essa família, — eu disse, então toquei a última melodia.

Leona mordeu o lábio quando terminei, aproximou-se e me abraçou com força.

Savio apontou para Nino. — E o Nino? Ele não ganha uma música?

— Ele já tem sua música há algum tempo.

— Por que você não toca? — Perguntou Fabiano.

Eu dei a Nino um olhar questionador. Sem dizer uma palavra, ele veio até mim e eu lhe dei espaço no banco para que ele pudesse sentar. Eu podia sentir os olhos de todos em nós quando começamos a tocar, nossos dedos trabalhando juntos sem nunca ficar no caminho um do outro, nossas coxas se tocando. O calor de Nino e sua mera presença me deram uma nova confiança ao tocar essa música pessoal. Nada importava naquele momento, a não ser nós dois.

A última nota soou e nossos olhos se encontraram. Eu sorri, me perguntando como essa melodia soaria se eu adicionasse uma terceira estrofe a ela, uma para o nosso futuro filho.

Quando eu finalmente virei para o resto da nossa família e peguei um brilho sombrio nos olhos de Remo, uma sugestão de preocupação cintilou na minha barriga. Eu lhe dei um sorriso, o que fez com que ele me desse sua versão distorcida em troca.

Capítulo Onze

NINO

Estávamos sentados nos sofás, comendo pizza no jantar, quando notei o modo como Adamo começou a se mexer. Sua expressão me fez supor que ele diria algo para provocar Remo novamente. Nas últimas semanas desde o Natal, meu irmão mais velho foi surpreendentemente contido, talvez como um favor a Kiara, mas estava fadado a acabar. Ele estava engarrafando tudo o que o incomodava, provavelmente Serafina.

Adamo finalmente se sentou e olhou para Remo. — Por que você não me diz onde nossa mãe está?

Kiara endureceu ao meu lado, a mão dela com o pedaço de pizza pairando na frente de seus lábios entreabertos. Ela, como o resto de nós, virou-se para Remo.

Sua expressão era preocupante, sua boca torcendo cruelmente, seus olhos brilhando com a raiva desenfreada que o consumira quase diariamente no passado.

Savio acertou uma cotovelada no lado de Adamo. — Cale a boca.

— Não, — disse Adamo. — Eu quero saber.

— Não importa onde ela está. Ela pode muito bem estar no inferno por tudo o que nos interessa, — Remo disse.

Adamo escolheu ignorar o tom de aviso do meu irmão. Esse garoto testou nossa paciência durante toda a nossa vida, mas dessa vez ele realmente deveria saber quando parar. — Por que não podemos visitá-la? Eu tenho o direito de conhecê-la. Ela é minha mãe também. Eu quero conhecê-la.

Remo se levantou, seu corpo tremendo. — Ela é a mulher que tentou te matar e a nós. É alguém que você quer conhecer?

— Talvez ela tenha mudado. Talvez tenham curado o que havia de errado

com ela?

— A única coisa errada nela é que ela é uma vadia psicótica e assassina. Ela não merece ainda estar respirando, — Remo rosnou.

— Isso foi há muito tempo, — disse Adamo em voz baixa. — Talvez ela tenha mudado.

— Ela é uma vadia louca que quer nos ver mortos porque somos filhos malditos do nosso pai. Para ela, somos o mal encarnado, Adamo, quando você colocará isso na porra da sua cabeça?

Savio não disse nada, apenas encarando com um olhar sombrio seu telefone.

Eu agarrei o antebraço de Remo e apertei com força. Quando ele olhou para mim, eu disse a ele: — Sente-se, Remo.

Kiara estava observando tudo com olhos largos e preocupados. Remo me afastou e foi em direção ao saco de pancadas.

Suspirando, eu me virei para o meu irmão mais novo. — Adamo, ela não é a mãe que você está esperando. O que quer que você esteja esperando encontrar nela, não vai, confie em mim. — As palavras pareciam pesadas na minha língua. Falar sobre a nossa mãe nunca foi fácil para mim. Na maior parte do tempo, tentei esquecer que ela existiu – ainda existia por causa da fraqueza de Remo. Remo começou a chutar e socar o saco, golpes duros e furiosos que preenchiam cada momento de silêncio.

— Ela também foi uma vítima, não é? — Disse Adamo em voz baixa. — Ela teve que se casar com nosso pai e suportar sua crueldade.

Adamo não sabia nada sobre a crueldade do nosso pai, ou os jogos mentais distorcidos da nossa mãe. Havia uma razão pela qual Remo era tão bom em guerra psicológica. Adamo era jovem demais para experimentar qualquer um deles e, quando tinha idade suficiente para se lembrar, Remo já conseguira manter nossos pais afastados. Ambos temiam meu irmão como o diabo.

Remo disse: — Ela não precisava. Ela escolheu se casar com nosso pai. Ele foi inicialmente prometido à outra pessoa, mas nossa mãe o tinha na sua mira e então o pegou.

— Eles romperam o noivado? — Perguntou Savio, curioso.

— A garota que foi originalmente prometida a ele supostamente fugiu. Remo e eu suspeitamos que ela teve um acidente infeliz. Nossa mãe tem uma raia bastante cruel.

Adamo franziu o cenho para as mãos cruzadas no colo. — As pessoas podem mudar — ele disse com teimosia.

— Besteira, — disse Savio com um olhar. — Por que você simplesmente não aceita que ela não será uma boa mamãe que vai te abraçar e dizer que gostaria de voltar no tempo. Esse é um clichê ridículo que nunca acontecerá.

Adamo se pôs de pé. — Então vocês podem me deixar vê-la para que eu descubra que tipo de cadela sem coração ela é. O que isso importa?

Savio ficou de pé e guardou o telefone no bolso. — Talvez Nino e Remo não queiram que você veja a porra da sua cara antes de esmagar o crânio dela?

Adamo pareceu chocado. — Vocês vão matá-la?

Remo parou de bater no saco e olhou por cima do ombro para nós com um olhar que fez Kiara respirar fundo. Eu respirei fundo, tentando controlar a torção das minhas entranhas, uma sensação como se o ácido estivesse as comendo. — Um dia, sim, — eu disse sem emoção.

— Vocês não podem, — Adamo sussurrou.

Savio balançou a cabeça. — Estou fora. Talvez haja um pedaço de bunda em algum lugar que possa me distrair dessa merda.

Adamo olhou para Kiara em busca de ajuda, mas ela não disse nada. Toquei sua coxa gentilmente, sabendo que ela concordaria com Adamo, dada sua natureza gentil.

— Esta discussão acabou, — disse Remo.

— Mas...

— Adamo, — eu disse bruscamente. Remo não estava em estado de espírito para esse tipo de discussão.

Adamo zombou, depois se virou e partiu.

— Mesmo a quilômetros de distância, a cadela ainda estraga tudo, — resmungou Remo.

— Não para sempre. Nós vamos matá-la.

O olhar compassivo de Kiara passou entre meu irmão e eu.

— Nós vamos, — eu concordei. Remo e eu nos encaramos. Era algo que estávamos dizendo há anos e ainda não tínhamos sido capaz de realizar.

KIARA

Fomos dormir cedo depois que Adamo falou sobre visitar sua mãe. Remo permaneceu no andar de baixo destruindo o saco de boxe enquanto Nino tomava um longo banho como se pudesse lavar as memórias de sua mãe. Eu sabia que não funcionaria. Eu tentei lavar Durant muitas vezes, minha pele ficava vermelha e dolorida de esfregar.

Quando Nino finalmente saiu do banheiro completamente nu, o cabelo ainda úmido, sentei-me de pernas cruzadas na cama esperando por ele. Meu plano para conversar com ele se esvaiu em fumaça quando Nino veio em minha direção, já duro enquanto se inclinava sobre mim e me empurrava para trás. Seus lábios se chocaram contra os meus, mais firmes do que o esperado, mais forte do que nunca, quando seus dedos deslizaram entre as minhas pernas, deslizando por baixo da minha calcinha e começando a acariciar-me.

Eu enrijeci de surpresa com este lado menos contido dele na cama e Nino ficou tenso abruptamente, os olhos procurando os meus com preocupação.

Eu emaranhei meus dedos em seu cabelo e o beijei de volta para mostrar que estava apenas assustada. Nino me beijou com força, em seguida, empurrou dois dedos em mim. Seus olhos nunca deixaram os meus quando me reivindicou. Isso não era amor. Era alimentado por suas emoções erráticas, duro e rápido. O corpo de Nino me enjaulou quando pressionou, e me entreguei a ele alegremente, mesmo quando agarrou meus pulsos em uma das mãos e os empurrou acima da minha cabeça.

Nem um lampejo de desconforto entrou em minha mente. Olhar nos olhos de Nino sempre assegurava que eu não estava aflita e confiava nele absolutamente. Permiti que ele me controlasse porque eu poderia dizer que ele sentia que estava perdendo o controle de suas emoções, talvez dele mesmo.

Depois que nós dois gozamos, eu fiquei deitada de costas, meus braços ainda acima da minha cabeça, embora Nino já os tivesse libertado e saído de cima de mim. Desde que parei de tomar a pílula toda vez que Nino entrava em mim eu me sentia monumentalmente diferente, importante, o que era ridículo, mas maravilhoso ao mesmo tempo.

O peito de Nino estava arfando quando ele franziu a testa para o teto. Lentamente, ele se virou para mim, acariciando meus pulsos e antebraços até que os abaixei novamente. Seus olhos se encheram com uma pergunta inconfundível.

— Estou bem.

Nino não parou de franzir a testa. — Incomodou-te que te prendi?

— Não, eu sabia que você nunca faria nada que me deixasse desconfortável. — Eu me apoiei em seu peito forte, em seguida, agarrei seu braço e beijei o local onde meu nome estava tatuado em seu pulso. — Você prefere esse tipo de sexo?

Nino inclinou a cabeça, estreitando os olhos, pensativo. — Não, não em geral. Pelo menos não com você. Eu gosto do sexo gentil e lento com você tanto quanto gostei desse.

— Eu também não achei que gostaria, mas acho que com você gosto de tudo que fazemos.

Nino deu um pequeno sorriso. — Temos muito a descobrir.

Eu ri. — Existe alguma coisa que você não tenha feito?

— Não, eu explorei todos os atos sexuais que estava remotamente interessado.

Por um segundo, senti o desejo de pedir detalhes, mas depois decidi que seria melhor se eu não soubesse de tudo.

— Isso te incomoda? — Perguntou Nino.

Eu pensei sobre isso. Quando CJ me disse que dormira com Nino, isso me incomodou a principio, mas desapareceu rapidamente. Nino provavelmente dormira com todas as prostitutas dos clubes de sexo da Camorra, não que eu tivesse perguntado. — Não, não realmente. Eu sei que você é meu agora e isso é tudo que importa.

— Eu nunca fui de mais ninguém, Kiara. As mulheres do meu passado, eu não as vi. Elas estavam lá, mas poderiam muito bem não estar. Só existe você, tudo que eu já senti é só por você.

Eu coloquei meu queixo em seu peito, fechando meus olhos. — Isso é perfeito demais. Eu estou sempre esperando que algo ruim aconteça e leve embora. Parece bom demais.

Nino tocou a parte de trás da minha cabeça. — Ninguém vai nos tirar isso. Eu não vou permitir. Eu mato todos que se atreverem a destruir o que temos.

Ficamos em silêncio por um tempo. Eu ainda queria falar com Nino sobre Adamo, mesmo que isso significasse quebrar o momento. — Posso dizer algo sobre sua mãe?

Nino ficou rígido. — Claro, você sempre pode dizer o que está pensando.

Eu levantei minha cabeça, precisando ver sua expressão. Estava perfeitamente sem emoção, a bela máscara fria que ele usava com muita frequência. — Talvez você e Remo devam reconsiderar como lidam com o desejo de Adamo de ver sua mãe. — Os olhos de Nino brilharam e eu rapidamente continuei. — Eu sei que você se preocupa em como ele vai lidar com isso, mas se permitir que ele viva com a fantasia de como ela poderia ser, isso pode causar mais danos do que deixá-lo ver a verdade. Você não pode esconder isso dele. Ele é um homem feito há quase seis meses e está tentando fazer o que você e Remo esperam dele. Ele não é mais uma criança. Se ele quer ver sua mãe, você deveria lhe dar a chance. Não é uma decisão só sua e de Remo.

O rosto de Nino se fechou, seus olhos, o mercúrio frio que me lembrava do início do nosso relacionamento. — Remo nunca permitirá isso. Ele quer proteger Adamo e Savio de nossa mãe.

— Savio já a visitou?

— Não, ele nunca quis. Ele prefere viver no presente e não insistir no passado.

Eu me perguntei se era verdade. Se Savio podia realmente seguir em frente facilmente de algo tão perturbador. Ele era muito jovem naquela época, mas morava na mesma mansão com a mãe até que todos se mudaram para a Inglaterra.

— Nino, — eu disse, implorando. — Se você não lhe der a chance, ele sempre vai se perguntar como ela é. Isso vai assombrá-lo.

Nino se afastou de mim. — Se ele a vir, se a encontrar, vai assombrá-lo tanto quanto. Ela é torcida e manipuladora, e... — Ele balançou a cabeça. — Não se envolva nisso, Kiara. Não é da sua conta.

Meu peito se contraiu em seu tom cortante, em suas palavras. Eu rolei para longe dele, rapidamente me sentei e levantei. Eu precisava lavar meu rosto com água fria para conter a emoção, mesmo sabendo que seria inútil. Lágrimas surgiram em meus olhos e eu pisquei de volta quando corri em direção ao banheiro. Não é da minha conta? Ele fez soar como se eu não fizesse parte da família, como se não tivesse o direito de ser.

Eu não fui muito longe antes de Nino me pegar. Ele me agarrou pela cintura e me abraçou, seu peito pressionado contra minhas costas. — Não fuja de mim, — ele murmurou. — Eu não quis dizer dessa maneira.

— Como você quis dizer isso então? — Eu perguntei em uma voz baixa.

Nino me abraçou com força e soltou um suspiro baixo. — Você faz parte dessa família, da família que somos agora. O que aconteceu no passado, eu não quero que isso atrapalhe o que temos. Não quero que minha mãe esteja em seus pensamentos, que ela seja uma das suas preocupações. Ela é meu fardo, não seu.

— Mas eu amo você e nós somos uma família, então carregamos nossos fardos juntos. Você carregou o meu. Você ainda o faz, todos os dias.

— Você não é um fardo, nunca. — Ele ficou em silêncio por um momento. — Eu vou falar com Remo, mas será preciso muita insistência para que ele concorde com isso.

— Não deveria ser decisão dele. Remo, Adamo, Savio e você devem

conversar como irmãos e discutir o assunto. Esta não é uma questão do Capo, é mais do que isso.

Nino descansou a testa no meu cabelo. — Isso sempre será um problema de Remo porque ele se sente responsável. Esse é o seu fardo.

NINO

Remo não se sentou. Ele andava de um lado para o outro na sala comum, para frente e para trás, como um animal enjaulado. A raiva primitiva em seus olhos só enfatizava a impressão.

Sávio disse: — Deixe que ele a veja. É uma decisão dele. Ele precisa crescer e você o mimando sempre não está ajudando. — Pela primeira vez ele desligou e guardou o telefone para que pudéssemos conversar sobre isso, mesmo que eu tivesse falado mais até agora. Remo não havia pronunciado uma única palavra.

Adamo fez uma careta para Savio, mas não disse nada.

— Kiara pensa assim também, — eu disse.

— Eu sabia que Kiara era a razão pela qual você sugeriu esta reunião, — disse Remo. — Ela é intrometida. Ela precisa aprender a ficar fora dos negócios de outras pessoas.

— Somos sua família. Ela quer ajudar, — eu disse simplesmente. Kiara me deu um pequeno sorriso. Eu insisti que ela estivesse aqui para a reunião porque a presença dela geralmente levava a discussões mais civilizadas.

Remo acenou para mim, sem disposição de argumentar.

— Por favor, — disse Adamo.

Remo ficou rígido. Ele odiava a palavra. Se você a ouvisse milhares de vezes ao longo dos anos e ignorasse o tempo todo, tornava-se eventualmente contaminado, um sinal de rendição e fraqueza do mundo.

Savio encolheu os ombros. — Pelo amor de Deus, deixe que ele a veja. Ele precisa entender.

Eu assenti. — Remo.

Meu irmão me olhou por um longo tempo e em seus olhos vi cada dor e arrependimento compartilhado, cada momento de nossa infância distorcida que queríamos esquecer, nossa inocência roubada e confiança quebrada. Forcei minhas entranhas a se tornarem de aço, não permiti que os sentimentos tumultuosos se agitassem bem no fundo.

Remo deu um curto aceno de cabeça. — É um erro, mas eu não vou impedi-lo.

Os lábios de Adamo se separaram e ele olhou entre meu irmão e eu como se não pudesse acreditar que Remo realmente concordara. Eu também fiquei surpreso.

— Você não vai sozinho, — disse Remo. — Você não a conhece como nós. Não quero que ela tenha a chance de envenenar sua mente.

Adamo bufou. — Eu não sou idiota.

Ele não era, mas infelizmente Adamo queria que as pessoas gostassem dele por quem ele era, ainda desesperado por sua aprovação. A provação com Harper e Mason provou isso, e ele continuou vendo CJ também. Adamo cresceu nos últimos meses, mas não o suficiente.

— Estou fora. Eu não quero vê-la. Nunca mais, — disse Savio, levantando-se. — No que me diz respeito, ela pode apodrecer naquele asilo até o final dos dias. Eu não me importo de maneira alguma. Isso acabou? Eu quero sair com Diego.

Eu balancei a cabeça porque Remo estava olhando para o jardim. Savio hesitou, depois sacudiu a cabeça e afastou-se. Kiara observou-o sair.

Remo se virou para mim, sua expressão dura. — Um de nós deve ir com ele. — Ele flexionou a mão. — Eu irei.

— Não, — eu disse imediatamente. — Eu deveria fazer isso. Eu posso lidar com isso. — A última vez que Remo e eu a vimos foi quando tomamos conta de Las Vegas. Nossa mãe conseguiu falar com Cosimo, que na época era o

Capo, para deixá-la morar na mansão como uma rainha destronada. Tinha sido um breve encontro e, no entanto, algo que nos assombrava há muito tempo.

— Eu poderia ir, — disse Kiara.

Remo e eu dissemos “não” em uníssono.

— Por que não? — Kiara perguntou, aproximando-se. — Ela está em um hospital, fortemente vigiada. Nós não vamos ficar sozinhos com ela. Eu posso apoiar Adamo, porque não estou tão emocionalmente envolvida quanto vocês. Vocês realmente acham que é uma boa ideia um dos dois ir até lá?

Eu não queria que Kiara chegasse perto de nossa mãe, mas ela tinha razão. Remo iria perder a cabeça ao redor da nossa mãe. Ele e eu estávamos discutindo como matá-la por anos, mas nunca tivemos a coragem necessária. Eu me movi em direção a Kiara e toquei seu quadril. — Você é sempre compassiva e misericordiosa. Estou preocupado com como você lidará com isso.

Kiara inclinou a cabeça para cima, resoluta. — Eu sei o que ela fez com todos vocês. Não sentirei pena dela.

Eu balancei a cabeça. — Eu não a quero em um quarto com ela.

Kiara suspirou. — Então, e Fabiano? Ele não sentirá pena dela, não importa o que ela diga ou faça, e é capaz de fazer o que for necessário, caso ela tente alguma coisa.

— Essa é uma boa ideia. Vou pedir a ele.

— É um grande erro, é tudo o que vou dizer, — disse Remo. — Um dia você também verá isso.

Capítulo Doze

KIARA

Estou te dizendo que é um erro do caralho.

As palavras de Remo ainda soavam na minha cabeça, claras e altas, quando paramos em frente à clínica psiquiátrica. Adamo e Fabiano saíram. Nino e eu permanecemos no carro.

— Você vai entrar com a gente? — Eu perguntei a Nino.

Originalmente, Fabiano e Adamo deveriam fazer a visita sozinhos, e então Adamo me perguntou se eu me juntaria a eles e, assim, Nino, é claro, insistiu em vir também.

Um músculo na mandíbula de Nino pulsou e por um longo tempo ele apenas olhou para frente antes de dar um aceno conciso. — Eu não quero você em qualquer lugar perto dela.

— Fabiano e Adamo vão falar com ela. Eu vou ficar afastada. Ela não poderá me machucar.

Nino abriu a porta do carro e eu segui. Um homem de barba grisalha curta, cabelos grisalhos e jaleco branco, esperava por nós nos degraus. Do lado de fora, parecia uma mansão normal, mas, ao olhar mais atentamente, notei barras na frente de muitas janelas e o jardim atrás do prédio era separado da entrada por uma cerca alta. O médico caminhou em direção a Nino e apertou sua mão. — Eu acho que não nos conhecemos. Sou o novo psiquiatra-chefe, Dr. Mitchell.

Nino mal reagiu. — Onde será o encontro?

— Eu achei que os jardins seriam uma boa opção. O tempo está bom e os outros moradores estão na cafeteria para o almoço, então vocês terão privacidade.

— Lidere o caminho, — disse Nino.

O Dr. Mitchell olhou para Nino, hesitando, depois se virou e nos levou para dentro da mansão. Eu não tinha certeza do que eu esperava, algo mais como uma prisão, e fiquei agradavelmente surpresa.

Lá dentro o piso era de pedras esterilizadas e as paredes pintadas de amarelo, provavelmente por suas qualidades calmantes. — Ela já está esperando do lado de fora, — disse Mitchell.

— Sozinha? — Nino perguntou bruscamente.

— Com o seu enfermeiro.

As sobrancelhas de Fabiano se ergueram. Ele estava tenso, cauteloso. Nino e ele estavam armados com pistolas e facas. Adamo não teve permissão para carregar nada porque Nino se preocupava que sua mãe pudesse colocar as mãos sobre elas.

Chegamos a um vasto jardim e o médico apontou para um banco. Uma mulher de cabelo curto e escuro estava sentada com um homem grande de jaleco. O comportamento de Nino mudou imediatamente, uma mudança em sua musculatura e expressão, algo sombrio e primitivo que me preocupou. Fabiano notou também e brevemente tocou o antebraço de Nino, fazendo-o encontrar seu olhar. — Nino, Adamo e eu vamos em frente e vocês esperam aqui?

Nino assentiu e se virou para o médico. — Você pode ir embora, assim como o enfermeiro.

Dr. Mitchell parecia que discordaria, em seguida, pensou melhor e acenou para o enfermeiro sair.

Adamo e Fabiano foram lentamente até o banco. Por fim, apenas Nino e eu permanecemos na entrada do jardim, olhando para o banco. Fabiano parou bem na frente dele. Adamo falou com a mãe e sentou-se ao lado dela.

Nino se aproximou alguns passos, seu corpo transbordando de tensão. Paramos ainda a uma boa distância, fora do alcance da voz, mas perto o suficiente para ver as cicatrizes de queimadura nos braços da mulher. Cicatrizes de quando ela tentou matar seus meninos, cortando seus pulsos e queimando-os vivos.

Ela se virou, olhando por cima do ombro para nós, e minha respiração se

alojou na minha garganta. Seus olhos eram cinzentos como os de Nino.

Nino pegou sua arma, mas eu toquei sua mão. Seu olhar voou para o meu, estranho e odioso, mas mais do que isso - assombrado.

— Hoje não, — eu sussurrei. — Deixe Adamo ter esse momento.

Nino assentiu e baixou a mão. Uni nossos dedos, apertando-os para mostrar-lhe meu apoio. A Sra. Falcone ainda estava olhando para nós, embora principalmente para mim. Sua atenção inabalável me deixou nervosa. Algo sobre isso era muito intenso.

Adamo seguiu seu olhar e disse algo, o que a fez menear a cabeça e se virar para ele.

Eu soltei um suspiro estremecido. Nino observava tudo atento, os olhos ardendo de ódio que geralmente eu só via no rosto de Remo.

Fabiano finalmente deu um sinal e Nino acenou para o enfermeiro que esperava na porta. A Sra. Falcone nos encarou novamente quando Adamo e Fabiano retornaram.

Fiquei contente quando estávamos no carro e também Nino. Ele ligou o carro imediatamente e nos levou embora.

— Então? — Eu perguntei suavemente.

— Ela foi legal, um pouco confusa. Ela me chamou de Remo algumas vezes, — disse Adamo.

Nino estremeceu e o carro oscilou brevemente.

— Ei, — disse Fabiano, inclinando-se para frente. — Você quer que eu dirija?

Nino o ignorou, seus dedos apertando ao redor do volante.

— O que você achou, Fabiano? — Perguntei.

Ele deu de ombros, seu olhar ainda na parte de trás da cabeça de Nino. — Algo sobre ela estava errado, e não quero dizer só a loucura.

Adamo estava olhando pela janela lateral com uma expressão perdida.

— Você vai visitá-la novamente? — Eu perguntei a ele.

Nino fez um som baixo, mas não comentou.

— Acho que não. Foi estranho vê-la. Achei que sentiria alguma coisa, mas ela é uma estranha... A palavra “mãe” está em branco para mim.

Apesar de suas palavras, pude ouvir o desejo subjacente em sua voz, o desejo de mais, por uma conexão que talvez nunca existisse.

Eu poderia dizer que o encontro ainda ocupava os pensamentos de Nino um dia depois quando estávamos deitados na cama. Ele não era o seu eu habitual e calmo e não tinha dormido a noite passada. Havia uma inquietação subjacente que me preocupava. Remo tinha ido trabalhar no Sugar Trap quando saímos para a visita, e ainda não tinha voltado para a mansão. Ele também estava com o estômago revirado de preocupação. Primeiro a coisa com Serafina, agora isso. Remo estava sempre se aproximando de um abismo perigoso. Tive a sensação de que um pequeno cutucão poderia levá-lo ao limite.

Eu estudei as tatuagens coloridas de Nino, demorando-me na figura sombria em meio a chamas furiosas em seu braço e o nome de Remo compondo o brilho âmbar. — Isso dará paz à Adamo. Agora você pode seguir em frente.

Nino se virou para mim, seus olhos sem emoção. Agora que eu sabia o quão diferente eles pareciam quando ele mostrava emoções, vê-los assim sempre me cortava profundamente. — Nenhum de nós terá paz enquanto ela estiver lá.

— Finja que ela não está lá. Ela não pode sair da clínica, então você não precisa se preocupar com ela. Ela é o passado, Nino.

— Ela está lá, sempre no fundo de nossas mentes.

Suspirei. — Eu sei, mas é porque você e Remo a mantém lá, porque a tratam como negócios inacabados. Faça as pazes com o fato de que ela está viva, que você não vai matá-la, e então pode seguir em frente.

Nino franziu a testa como se o que eu sugerisse fosse impossível.

Eu beijei seu queixo barbudo. — Afaste-se do passado para que possamos avançar em nosso futuro. Queremos um bebê, queremos uma família nossa, não permita que sua mãe arruíne isso.

Nino segurou minha cabeça e me puxou para um beijo duro. Aos poucos, ficou mais suave até que ele se afastou. — Você não estará ovulando em breve?

Eu sufoquei uma risada. Confie em Nino para conhecer melhor meu ciclo do que eu mesma. — Acho que sim.

Nino me beijou de novo e seus dedos passaram sobre meu corpo, iluminando-o com desejo e quando finalmente fizemos amor, pareceu diferente - mesmo que isso não fizesse sentido. Mas olhando para o rosto de Nino, percebi que ele se sentia da mesma maneira, porque parecia que Nino queria um bebê tanto quanto eu.

Nino se contorceu e se virou durante o sono, me acordando. Ele estava tendo um pesadelo. Eu liguei a lâmpada de cabeceira. Os sons de angústia eram familiares e, quando toquei seu ombro, esperava o pior, outro episódio como o que ele tivera antes. Eu me preparei quando Nino acordou abruptamente. Ele me encarou por alguns momentos, seus olhos confusos e angustiados antes que a percepção lenta se instalasse e a tensão se dissipasse.

— Às vezes eu acho que aceitei minhas emoções, e então isso acontece e eu só quero o silêncio novamente, — ele murmurou.

— Eu sei, — eu disse suavemente. — Mas você ficará feliz por suas emoções quando segurar seu filho pela primeira vez.

— Fico feliz por minhas emoções quando olho para você.

O amor brilhou em meu coração e me aconcheguei contra Nino mais uma vez, descansando minha mão sobre a tatuagem do meu nome em seu antebraço. Comecei a cantar baixinho e gradualmente a pulsação de Nino diminuiu sob meus dedos. Seus lábios pressionaram contra o topo da minha cabeça e ele apagou as luzes. Minha voz ficou mais baixa quando o cansaço me arrastou para o sono e, eventualmente, adormeci com a pulsação calma de Nino batendo sob os meus dedos.

NINO

Com o passar do ano, as coisas se acalmaram para nós. O interesse de Adamo por nossa mãe diminuiu lentamente. Ele a visitou mais algumas vezes. No entanto, sua última visita foi há mais de dois meses e seu humor melhorou consideravelmente no geral, o que foi bom para ele, mas também bom para Remo.

Meu irmão mais velho finalmente parecia ter superado sua obsessão por Serafina, mesmo que ele definitivamente não a tivesse esquecido. Parte dele provavelmente ainda esperava que ela voltasse para ele. O problema com meu irmão era que, se ele permitisse que alguém entrasse em seu coração, era um filho da puta fiel e nunca os deixaria sair novamente.

Kiara estava decorando a casa inteira para nosso segundo Natal juntos e assando quase todo o dia. Nossos freezers já estavam empilhados com biscoitos de Natal.

Eu a observei enquanto trabalhava no meu computador no sofá da sala comum, terminando os últimos detalhes para a grande corrida que estava por vir. Ela estava reorganizando as bugigangas na árvore pela terceira vez, a testa enrugada.

Essa era uma estratégia de distração. Nós tínhamos feito sexo sem proteção por onze meses agora e ela ainda não estava grávida. No começo, ela fazia um teste de gravidez todos os meses, mas nesses últimos três meses ela parou, ou pelo menos não me falou sobre isso.

Eu não tinha certeza de como diminuir sua tristeza.

Colocando o laptop de lado, levantei e fui até ela. Peguei uma bugiganga dela e a devolvi ao ponto anterior na árvore. — Parece bom aqui.

Kiara suspirou e me deu um pequeno sorriso. — Eu sei.

Eu toquei sua bochecha. — Você está colocando muita pressão em si mesma. É por isso que não funcionou até agora. Tente relaxar, esquecer que você não está usando contraceptivos.

— Estou tentando. Eu sei que leva mais tempo com algumas pessoas, especialmente se elas estão se sentindo estressadas, e eu quero tanto isso que fiquei obcecada. Foi ridículo como fiquei desapontada quando minha menstruação veio depois de estarmos tentando engravidar a apenas algumas

semanas...

— Temos tempo, — eu disse.

Passos retumbaram pela casa e Remo invadiu, parecendo completamente enlouquecido. Savio estava alguns passos atrás dele, e sua expressão sombria disparou meus alarmes internos. — Qual é o problema?

Remo chutou o saco de pancadas com tanta força que o gancho guinchou e um pouco do reboco caiu no chão.

— Cavallaro enviou uma porra de assassino para o Kansas. Ele matou Russo, — disse Savio.

Kiara estava confusa.

— Nosso Underboss no Kansas, — expliquei, tentando entender as sensações que me dominavam - até que finalmente percebi que era raiva.

— Stefano sabe? — Perguntei a Savio. Remo não parecia estar com vontade de falar.

Savio balançou a cabeça, olhando para Remo com cautela. — Não, acabamos de descobrir e Stefano está verificando novos alvos. — Ele se aproximou de mim. — Devo falar com ele?

— Não, — Remo rosnou. — Vocês se odeiam.

— Eu não dou a mínima para Stefano. Ele é o único que não pode suportar que alguém seja mais bonito, para não mencionar mais bem sucedido com as mulheres, do que ele, — disse Savio com um sorriso.

— Eu falo com ele, — eu disse. — Vocês dois não estão aptos a dizer a alguém que perdeu seu irmão.

Remo assentiu. — Eu voarei para Kansas City imediatamente para mostrar presença. Você vem comigo, Savio.

— Quando você voltará? — Perguntei.

— Amanhã. Não quero me ausentar de Las Vegas por muito tempo no momento, não quando Cavallaro descobriu a porra de suas bolas.

Eu me virei para Kiara. — Vou pedir a Fabiano para vigiá-la. — Adamo

não voltaria da escola por mais três horas e Kiara precisava de proteção. Enviei um texto rápido para Fabiano e, como de costume, ele chegou cinco minutos depois.

— Estou começando a gostar desses novos arranjos de vida, — disse Fabiano com um sorriso enquanto entrava, mas ficou sério ao ver nossas expressões. — O que foi?

— Cavallaro matou nosso Underboss de Kansas.

— Foda-se, — Fabiano rosnou. — Aquele imbecil. Você vai revidar? — Seus olhos encontraram Remo, porque se alguém liderasse uma missão louca de vingança, seria meu irmão.

Remo mostrou os dentes. — Ainda não, mas confiem em mim. Nós vamos contra atacar.

— Você pode proteger Kiara enquanto procuro por Stefano?

Fabiano assentiu. — Que tal você vir para minha casa? Eu quero me exercitar no meu ginásio.

Kiara assentiu. — Claro. Quando Leona estará em casa?

— Em cerca de duas horas. Ela não tem muitas aulas hoje.

Kiara e Leona haviam se aproximado ainda mais desde que Fabiano havia comprado à vila ao lado da nossa e era nosso novo vizinho. Os proprietários anteriores tinham vendido a casa depois de alguma insistência de Remo. Eu beijei Kiara brevemente e saí para encontrar Stefano. Não seria bom se ele descobrisse por outra pessoa. Rumores sobre o que aconteceu já estariam se espalhando como um incêndio entre os nossos homens e era apenas uma questão de tempo antes que os capitães do Kansas ligassem para Stefano para lhe dar as condolências e cair em suas boas graças.

Peguei meu novo carro esportivo Tesla e fui até o apartamento de Stefano na Strip. Eu raramente dirigia nessa direção. Os turistas e propagandas de bufês baratos e bebidas não eram do meu gosto.

Saí do carro e larguei a chave com o manobrista, depois entrei e passei pelo porteiro.

— Senhor? Senhor, você não pode entrar aqui sem se registrar antes.

Parei em frente ao elevador e apertei o botão, depois virei para o porteiro gordo que se aproximava, com o rosto vermelho e o botão de alarme na mão. Eu estive aqui apenas uma vez antes e havia outro porteiro.

— Eu preciso pedir-lhe para me seguir até a minha mesa e se registrar comigo, — disse ele, tentando soar autoritário e falhando miseravelmente. A outra mão foi para o spray de pimenta preso ao cinto.

— Se você puxar isso, vou quebrar cada um dos seus dedos e esvaziar a garrafa inteira em seu rosto, — eu disse calmamente. — Meu nome é Nino Falcone. Agora vá para sua mesa e volte ao trabalho.

O homem deu um passo para trás. Entrei no elevador e fui até o último andar. Chegando à porta de Stefano, bati meu punho contra a porta.

Os passos soaram e depois pararam. Ele abriu a porta, vestindo apenas um bermudão e segurando uma Glock. Surpresa cruzou o rosto dele. — Nino? O que você está fazendo aqui?

— Posso entrar?

Stefano enfiou a arma na cintura e abriu a porta completamente. Eu entrei em sua área de estar aberta. Uma garota saiu correndo do quarto, segurando as roupas contra o corpo.

— Parece jovem. Ela é maior de idade?

Stefano franziu a testa. — Claro. Eu sempre me certifico de que sejam. É a regra número um. — Ele me estudou com olhos escuros e suspeitos. — Geralmente uma visita em casa de um de vocês não significa nada de bom. Eu não quebrei nenhuma regra, então espero que meus tapetes persas fiquem limpos.

Eu balancei a cabeça. — Cavallaro atacou Kansas City e matou seu irmão.

Stefano me encarou como se não tivesse certeza de que tinha me ouvido naquele exato momento, foi até o sofá e afundou. Lentamente, suas mãos se fecharam em punhos. Eu lhe dei um momento e fui encontrar a garota no quarto. Ela havia se vestido.

— Saia, e não volte.

Ela piscou. — O que...

— Saia. Ele só fodeu você pelo trabalho dele, — eu disse. Ela pegou sua bolsa e passou correndo por mim sem uma palavra. Stefano nem sequer olhou para cima.

— Remo e Savio estão indo para lá agora, lidar com as consequências, mas você terá que se juntar a eles.

Stefano olhou em volta. — Eu acho que vou ter que me mudar para Kansas City agora.

— Sim, — eu disse. — Você é o próximo da fila. Kansas City precisa de um novo Underboss.

— Dante tentará me matar também agora que provou sangue.

— Dante tentará, sim.

Stefano riu e se levantou. — Os homens do meu pai não me aceitarão facilmente. Há uma razão pela qual trabalho para você como Aliciador. É no que sou bom.

— Os homens do seu pai aceitaram seu irmão.

— Muito mal. Sou mais jovem e não sou muito popular por aquilo que fiz.

— Não importa. A Camorra não é uma democracia. Se Remo te declarar Underboss, seus capitães e soldados o aceitarão e, se não o fizerem, sofrerão as consequências. Você só precisa se preocupar em fazer um homem feliz e esse é Remo, e até agora, você fez um bom trabalho.

— Fazer um bom trabalho fodendo meninas e fazê-las se apaixonar por você é uma coisa diferente do que os lideres fazem.

— É, e você vai se destacar no último porque não quer nos desapontar.

Stefano fez uma careta. — Eu voarei para o Kansas hoje.

Eu dei um aceno e saí. Este assassinato causaria problemas. Meus irmãos e eu teríamos que conter isso, mostrar aos nossos subchefes que isto era um caso isolado. A maioria deles era leal até os ossos, a Remo, pelo menos, mas nosso

território era vasto e era impossível controlar absolutamente tudo, mesmo que Remo quisesse. Havia pessoas entre os nossos homens que poderiam aderir a um motim, homens que ficaram quietos quando Remo conquistou nosso território sem piedade, que estavam com medo de falar na época. Talvez eles ficassem mais ousados agora. Isso me daria à chance de eliminá-los.

Qualquer um que achasse que poderia tomar nosso território seria recebido com toda a crueldade de nossas naturezas. A Camorra era nossa. Nós *éramos* a Camorra. Nós éramos Las Vegas. Nós éramos o Ocidente, e sempre permaneceríamos assim.

Capítulo Treze

NINO

Savio, Remo e eu estávamos em nosso avião a caminho para salvar Adamo, que havia sido capturado pela Outfit.

Talvez devêssemos ter esperado outro golpe. Como Stefano dissera: Dante provara sangue. O assassinato bem sucedido de um dos nossos Underbosses o fez ousar. Continuar com a grande corrida em Kansas City, apesar do ataque recente, foi arriscado, mas também um sinal necessário.

Um que pode nos custar o Adamo.

Ele nunca deveria ter participado dessa corrida. Nós o havíamos proibido, mas Adamo era uma criança em muitos aspectos. Deveríamos ter nos certificado de que ele não teria a chance de chegar perto do Kansas. Não deveríamos ter confiado que ele estava com CJ no Sugar Trap. Foi nossa culpa tanto quanto dele. Nós deveríamos tê-lo protegido.

Remo sentou-se encolhido em seu assento. Nós tínhamos acabado de embarcar no avião, mas já estávamos no ar. Não tínhamos tempo a perder.

Sávio olhou para mim. — Você acha que conseguiremos tirá-lo de lá?

Nós não sabíamos onde a Outfit mantinha Adamo, e mesmo se descobríssemos, Dante manteria o lugar fortemente vigiado. Nós tentaríamos uma emboscada de qualquer maneira e provavelmente custaria as nossas vidas. Meu peito se contraiu pensando nas lágrimas de Kiara quando parti, sua voz trêmula quando me pediu para ter cuidado e voltar para ela.

Eu não queria nada mais, mas se não tentasse salvar Adamo, não seria capaz de viver comigo mesmo, nem meus irmãos. Nós o salvaríamos ou morreríamos tentando. Não havia outra opção.

O ruído do avião desapareceu no fundo até que só ouvi os gritos.

Piedade era um conceito estranho para mim. Quando eu causava dor a outras pessoas, sentia satisfação em descobrir as formas mais eficazes de alcançar qualquer meta que tivesse estabelecido para mim. Gritos não me perturbavam, nunca o fizeram. Mas ver Adamo sendo torturado na tela do laptop, ouvindo seus gritos pelos alto-falantes, minhas entranhas pareciam murchar. Lembrei-me de segurá-lo quando bebê, lembrei de remendá-lo sempre que, quando criança, ele caía e se machucava.

Remo estava tremendo, seu rosto era uma mistura de angústia e fúria. Não senti nada a não ser um vazio que se espalhava cada vez mais até que só havia frio. Sem emoções, sem dor, nada. A tranquilizadora calma do passado.

Remo estava certo, precisávamos ver o sofrimento de Adamo, então sabíamos o que estava em jogo. Nós tínhamos visto e feito pior, e não apenas testemunhado em uma tela de longe. Mas isso... isso corta profundamente.

Uma mulher loira apareceu, parando a tortura, protegendo Adamo. Serafina Mione.

Remo ficou tenso, e sua expressão tornou-se congelada de um jeito que nunca aconteceu. Como se essa fosse a revelação pela qual ele estava esperando.

Savio lançou um olhar preocupado para mim. — Porra.

— Remo? — Eu perguntei, quando ele continuou olhando para a tela.

Ele me ignorou e levantou o telefone. Tive a sensação de que sabia para quem ele ligaria e, mais do que isso, o que ele faria.

Eu balancei a cabeça, mas ele não me olhou, seus olhos apenas em Serafina.

— Dante, te darei o que realmente quer. Amanhã de manhã estarei em Minneapolis e me trocarei por Adamo.

Sávio se aproximou um passo, dizendo *que diabos?*

— É a mim que você quer ver queimando, não meu irmão, e você terá sua

chance. — O alívio apareceu no rosto de Remo e eu sabia que Dante havia concordado com o acordo. O Capo da Outfit queria Remo não Adamo. — Entendido.

Com um sorriso estranho, Remo baixou o telefone.

— Eles vão te matar, Remo, — disse Savio.

Remo assentiu e encontrou meu olhar. — Eles vão me cortar, me esfolar, me queimar, cortar meu pau, e então talvez eles me matem.

— Isso é loucura, Remo.

— Talvez. Mas é o que vai acontecer, Nino. Minha decisão é definitiva.

Remo afundou no banco e Savio se inclinou para perto de mim. — Não podemos permitir isso. Remo precisa parar de se sacrificar. Nós precisamos dele.

Engoli. Eu nunca havia me separado de Remo por mais de alguns dias. Nós sobrevivemos apenas porque tivemos um ao outro. Eu afundei na frente dele, esperando convencê-lo a ser razoável, mesmo que nunca tivesse funcionado no passado.

Remo balançou a cabeça. — Não perca seu tempo.

Eu parei, muito inquieto para me sentar. Savio estava debruçado em seu assento e fui até ele. Ele levantou a cabeça com uma risada sombria. — Porra. O merdinha sempre me irritou pra caralho. Mas ver aqueles idiotas o cortando e o queimando... Eu quero esmagar a cabeça deles.

— Um dia iremos.

— Sim, mas antes eles vão rasgar Remo em pedaços, — disse Savio. Ele passou a mão pelo cabelo, olhando para mim. — Você é um gênio do caralho, você não tem ideia de como resolver essa bagunça?

Remo estava olhando para fora da janela do avião, as sobrancelhas juntas e determinação feroz em seu rosto.

— Eu não acho que Remo vai permitir isso.

Remo era o Capo mais forte que havia. Sem ele, a Camorra ainda seria uma coleção de idiotas lutando pelo poder - sem ele, Las Vegas ainda estaria nas

mãos de homens indignos. Remo era Las Vegas. Remo era a Camorra. Remo era um líder nato.

Eu não era. Eu nunca quis ser.

Os Camorristas me seguiriam porque me temiam, por causa de sua lealdade inabalável à nossa família, mas não por *minha* causa.

Eles não teriam outra escolha se eu não descobrisse uma maneira de tirar meu irmão das garras da Outfit.

Remo disse que eu precisava aceitar sua decisão, mas enquanto assistia Remo sendo arrastado para um carro da Outfit, percebi que era algo que eu nunca poderia fazer. Eu não descansaria até que matasse todos os soldados da Outfit da maneira mais cruel possível para libertar Remo. Eu mataria Dante por último para que ele pudesse testemunhar um homem após o outro sofrer por seu erro, então ele viveria com o remorso e a culpa, até que finalmente o mataria. Seria um ato de misericórdia depois do que ele teria que suportar de antemão.

Adamo gemeu de dor quando Savio e eu o levamos para o nosso carro. — Não... não os deixem levar Remo embora. — Os carros atrás de mim já estavam se afastando levando meu irmão com eles.

— Nós vamos salvá-lo, — eu disse automaticamente, porque não poderia imaginar que fosse de outra maneira.

Savio me enviou um olhar interrogativo, mas eu o ignorei. Nós precisávamos tirar Adamo daqui o mais rápido possível para que eu pudesse examinar seus ferimentos. Sua pele queimada estava vermelha e irritada e rapidamente infectaria se não fosse tratada adequadamente.

— Foi um corte limpo? — Eu perguntei a ele quando o colocamos no banco de trás.

Adamo piscou para mim, atordoado.

— Não importa, — eu disse. Cuidadosamente apalpei seu braço, não sentindo nenhum osso saliente pelo menos.

Savio e eu entramos na frente do carro e nos afastamos. Savio estava dirigindo tão rápido quanto o tráfego permitia para nos levar ao nosso avião

rapidamente.

— Ficaremos por perto, certo? — Perguntou Savio, inclinando-se um olhar ansioso. — Então, podemos descobrir uma maneira de ajudar Remo.

Eu balancei a cabeça lentamente, embora não tivesse certeza do que poderíamos fazer.

Quando chegamos ao avião e estávamos a salvo no ar, liguei para Fabiano. Ele pegou depois do primeiro toque.

— Kiara está bem? — Eu perguntei imediatamente. Todo Camorrista estava em alerta máximo. Ainda assim, eu precisava ter certeza de que ela estava bem.

— Sim, mas ela está preocupada, nós dois estamos. Vocês pegaram Adamo?

Eu olhei para o meu irmão mais novo que estava deitado de costas no assento rebaixado, o rosto pálido e suado. — Nós o pegamos. Ele precisa de tratamento médico, e é por isso que temos que agir rapidamente.

— E Remo? — Fabiano disse asperamente, e minha garganta ficou apertada.

— Ele entregou-se como pretendia.

— Foda-se, foda-se! — Fabiano exalou. — Porra.

— Nós vamos voltar e ficar no Kansas por enquanto, tentando descobrir alguma coisa.

— Deixe-me ir até vocês. Deixe-me ajudar. Precisamos salvar Remo.

— Você precisa proteger Kiara. Savio e eu tentaremos descobrir algo com o Underboss do Kansas.

— Tudo bem. Vou levá-la de volta para a mansão — disse Fabiano em voz baixa. — Kiara quer falar rapidamente.

— Passe para ela.

— Nino, — Kiara sussurrou desesperadamente. — Por favor, cuide-se. Todos vocês fiquem seguros. Vocês são a minha família.

— Nós estaremos seguros.

Minha garganta ficou mais apertada e desliguei, precisando manter a cabeça limpa. Eu fui até Adamo e Savio.

Savio estava conversando com ele baixinho e olhou para cima quando parei ao lado deles. — Precisamos limpar sua ferida e tratar seu braço quebrado. Vai ser doloroso.

Adamo soltou uma risada abafada, os olhos vermelhos. — Eu posso lidar com a dor.

Eu balancei a cabeça, observando seu rosto ensanguentado, o corte em seu braço, a queimadura. Seu corpo falava uma linguagem clara da tortura que ele teve que suportar. Seus olhos me mostraram que foi deixado mais do que lesões físicas.

KIARA

Eu abaixei o telefone, meu coração acelerado no peito. Eles pegaram Remo. Eu apertei a mão sobre a minha boca e entreguei o telefone de volta para Fabiano. Pela primeira vez seu rosto não estava controlado. Eu podia ver sua preocupação, sua dor e isso era demais.

Inclinei-me para frente e gritei: — Eles precisam salvá-lo. Nino não pode ficar sem Remo... eles tem que permanecer juntos.

Fabiano colocou uma mão gentil nas minhas costas. — Todos nós precisamos de Remo.

Eu balancei a cabeça. O homem que me assustou mais do que qualquer outra coisa, era o que mantinha esta família unida.

— Nino vai descobrir alguma coisa... porra. — Fabiano suspirou. — Eu deveria estar lá com eles. Tudo isso começou porque Remo queria me dar meu pai.

— Isso não é verdade. Remo teria continuado com o sequestro de qualquer maneira, mas é claro que também queria te dar a chance de fazer o que ele nunca pode fazer.

— Matar meu pai.

Leona entrou com uma bandeja cheia de comida que deve ter encontrado na geladeira. A casa segura era sempre abastecida com comida e água, no caso de uma emergência surgir. Era uma casa pequena e insuspeita em um bairro de classe média.

Ela perguntou a Fabiano: — O que aconteceu?

— Remo se trocou por Adamo. A Outfit o pegou. Eles... — Ele olhou para a tatuagem da Camorra. O pomo de Adão dele balançou. Leona me lançou um olhar chocado, em seguida, lentamente, andou até a mesa de jantar e largou a bandeja. Ela tocou o ombro de Fabiano. Ela não disse nada, nem palavras de conforto, porque o que poderia ser dito?

A Outfit estava com Remo. Seu inimigo, o homem que sequestrou e desonrou a noiva de outro homem, a sobrinha de Dante.

Eu queria ficar esperançosa, mas pela primeira vez só senti medo. — Nino e Savio vão atacar o território da Outfit.

Fabiano assentiu. — Eles não descansarão até salvarem Remo ou saberem que ele está morto. E mesmo assim eles não vão parar.

NINO

Quando chegamos à mansão de Russo em Kansas City, Stefano nos esperava, parecendo que não tinha dormido desde que seu irmão havia sido morto pelos homens de Dante Cavallaro. Sávio e eu apoiávamos Adamo, que estava exausto demais para andar sozinho.

— Eu preparei um quarto e um dos meus médicos está de prontidão, caso você precise de ajuda, — disse Stefano com um breve aceno de cabeça. Ele

assumiu oficialmente como Underboss apenas dois dias atrás e seu território já estava em alvoroço. Era sua batalha para lutar. Se ele quisesse o respeito de seus homens, teria que ganhar por si mesmo.

Colocamos Adamo em um dos quartos de hóspedes e nos mudamos para o salão de bebidas com Stefano, onde nos acomodamos nos assentos de couro. — Um dos meus capitães esteve esticando suas antenas, tentando conseguir informações sobre quem organizou o ataque à corrida.

A boca de Savio se curvou. — Você realmente acha que é algo que nos importamos agora? Precisamos salvar nosso irmão.

Stefano tomou um gole do Brandy e nos deu um sorriso de boca fechada. — Se você me deixar terminar, verá que é relevante. Meu homem me disse que vocês não conseguiram esmagar todos os ratos quando você e Remo reivindicaram poder, Nino. Alguns ratos deixaram o navio que estava afundando antes que pudessem pegá-los, e aparentemente eles encontraram uma nova casa na Outfit.

Meus olhos se estreitaram. Remo e eu havíamos tentado matar todos os homens leais de nosso pai e aqueles que não eram leais a ninguém além de si mesmos, mas o caos reinara nos nossos primeiros meses em Vegas. Desperdiçamos recursos para capturar nossa mãe e deixamos que homens mais importantes deslizassem por entre nossos dedos. No entanto, caçamos a maioria deles nos meses que se seguiram. — Quem é?

— Um grupo de homens que seguiu os irmãos Eneide.

— Carmine, — eu murmurei. Remo tinha cortado a garganta de Cosimo por desfilar como Capo por um tempo, mas Carmine partiu rapidamente. — Ele liderou o ataque?

— Ele fez parte do ataque. Eles não têm voz na Outfit. Eles são tolerados, mas ninguém confia em vira-casacas.

— A maioria das informações que eles têm deve estar desatualizada, certo? Nós mudamos muito desde que reivindicamos o poder, — disse Savio.

Eu balancei a cabeça lentamente. Eles não representam uma ameaça ao nosso poder, mas podem se mostrar uma pedra nos nossos sapatos. Eventualmente nós teríamos que tirá-las.

— Se você está planejando um ataque contra Cavallaro, quero estar nisso. Meus homens estão irritados pela morte do meu irmão. E para ser honesto, alguns porque sou o chefe deles agora. Eles querem sangue e quero lhes dar isso, e de preferência não o meu.

— Você não quer vingar seu irmão? — Perguntou Savio, abaixando o conhaque.

— Eu quero vingança, confie em mim, — disse Stefano com um sorriso sombrio. — Pelo meu irmão, e por estar preso nesse inferno de onde fiz o possível para escapar.

Savio zombou. — Você prefere ficar como nosso Aliciador a governar o Kansas?

— O quê? Eu prefiro foder mulheres que me veneram na cidade do pecado a mandar em homens antiquados com o dobro da minha idade que acham que conhecem muito mais desta cidade caipira chata? O que você acha?

— Eu acho que você precisa se concentrar na tarefa em mãos, — eu disse com firmeza. — Quero informações sobre todos os lugares possíveis para onde poderiam levar meu irmão. Quero informações sobre cada sede do MC no território de Cavallaro.

Stefano tomou um gole de seu uísque, pegou o telefone e ligou para seus capitães.

Sávio e eu estudamos o mapa do território de Dante que Fabiano havia preparado para nós. Não poderíamos descansar até que tivéssemos um plano pronto para salvar nosso irmão.

Savio e eu tentamos encontrar uma opção viável para salvar Remo toda a noite, mas com nossas informações limitadas sobre o paradeiro dele, não tínhamos muito com o que trabalhar. Adamo tinha sido enviado com nosso avião para Las Vegas, onde estaria mais seguro do que ficando tão perto do território da Outfit. Ele precisava se curar, física e emocionalmente, antes de se envolver em qualquer ataque.

Meu telefone tocou e o número do Sugar Trap apareceu na tela. Era incomum que eles me ligassem quando podiam falar com Fabiano que estava mais perto, então atendi. — Está tudo bem? Estamos ocupados aqui.

— Eu sei, desculpe, chefe. Uma mulher dizendo ser Serafina ligou e queria falar com você especificamente, disse que era urgente.

Meu cérebro levou um momento para processar suas palavras. — Ela deixou seu número?

— Sim.

— Então me passe.

Eu encerrei a ligação e levei um momento para clarear meus pensamentos.

— O que está acontecendo? — Perguntou Savio.

— Serafina tentou falar comigo. Ela quer que eu ligue de volta.

Savio afundou devagar. — Você acha que ela quer nos dizer que ele está morto?

Eu olhei para o meu celular. — Eu não sei. Talvez eles nos façam ouvir enquanto terminam. — Eu enrolei uma das minhas mãos em um punho, tentando me concentrar nos músculos em meus dedos, em sua flexão, em vez do latejar no meu peito, o aperto da minha garganta. Meu olhar permaneceu em minhas cicatrizes, e eu respirei profundamente pelo nariz.

Savio fechou os olhos, pressionando a boca. — Eu vou caçar todos eles, cada filho da puta.

Depois de outra respiração profunda, eu disquei o número de Serafina, tentando encontrar a minha calma, mas minhas entranhas pareciam se contorcer e revirar.

No momento em que ela atendeu, perguntei: — Ele está morto?

Savio pressionou as palmas das mãos contra as têmporas, os olhos refletindo o mesmo medo do qual eu me sentia incapaz.

— Ainda não, — disse ela com firmeza.

Savio e eu aterrissamos com o helicóptero onde deveríamos nos encontrar com Serafina. Eu sinalizei ao piloto para manter tudo preparado para a decolagem imediata, caso isso fosse uma armadilha.

— Eu não confio nela, — disse Savio, examinando nossos arredores, com

a arma na mão.

— Nem eu.

Savio assentiu. — É uma armadilha que estou disposto a pisar se houver uma pequena chance de termos Remo de volta.

Um carro parou, uma limusine Mercedes com vidros escuros. Saí do helicóptero e Savio também, apontando nossas armas para o carro.

A porta do motorista se abriu e Serafina saiu, com uma arma na mão. Fiz sinal para que Savio ficasse perto do helicóptero enquanto eu me dirigia até o carro. Seu cano estava direcionado para mim, mas minha pontaria era melhor.

Ela me observou, em seguida, olhou para Savio antes de suspirar, abaixou a arma e caminhou para o lado do passageiro. Eu fiquei alguns passos para trás, ainda cauteloso com suas intenções. Savio veio atrás de mim, como de costume, ruim em seguir ordens.

— Vocês vão me ajudar? Ou querem que Remo morra? — Serafina sibilou, nos encarando.

Eu me aproximei um passo e espiei dentro do carro - avistando meu irmão, coberto de sangue. Eu embainhei minha arma. Ele estava inconsciente, ferido e espancado, mas respirando. Eu enfiei minhas mãos sob seus braços e Savio agarrou suas pernas. Precisávamos levá-lo ao hospital rapidamente.

Um grito estridente soou. A tensão atravessou meu corpo ao som inesperado e minha cabeça disparou em direção à fonte do ruído. Uma criança, uma menina a julgar pelas suas roupas cor-de-rosa e pelos cabelos longos e levemente encaracolados. Ao lado dela, um segundo bebê acordou em seu assento, um menino de olhos escuros, quase pretos. Os olhos de Remo. Meu olhar disparou entre o menino e a menina, gêmeos - os dois filhos de Remo, sem dúvida.

Savio inalou bruscamente ao meu lado. — Puta merda. Eles são do Remo.

Remo era pai. Eu era um tio. Dois novos Falcones. Kiara ficaria extasiada em tê-los na mansão.

Eu olhei para Serafina que parecia congelada. Algo havia mudado em sua postura. Ela estava tensa, protetora, pronta para atacar se nos atrevêssemos a

fazer algo contra seus filhos.

Ela não precisaria se preocupar. Nunca mais.

Remo começou a tremer nos meus braços. — Rápido, — eu disse e Savio entrou em ação, ajudando-me a levar nosso irmão até o helicóptero.

Nós o colocamos no chão do helicóptero e me agachei ao lado dele, tocando sua garganta.

— Vou perguntar a Serafina se ela precisa de ajuda com os bebês, — disse Savio, atordoado.

— Faça isso.

— Eles voltarão para casa com a gente, certo?

Eu olhei para Savio. — É onde eles pertencem.

Savio virou-se e dirigiu-se para Serafina, enquanto eu checava o peito de Remo em busca de costelas quebradas, encontrando duas, depois apalpei seus braços. Cortes cobriam sua pele, alguns deles abrindo velhas feridas, outros criando novas.

Suspirei. Esta era a primeira vez que Remo ficava impotente. Eu rapidamente o prendi a um IV para compensar a perda de sangue que ele sofreu.

Eu tinha checado cada centímetro de seu corpo por ferimentos quando Savio e Serafina apareceram na frente do helicóptero, cada um carregando um bebê.

Sávio ergueu o menino para mim e eu o peguei. Seus olhos escuros olhavam para mim, trazendo de volta memórias de carregar Adamo. Serafina e Savio entraram com a garotinha e se acomodaram no banco oposto com os bebês. Eu não tinha certeza de como me sentiria por um bebê. Eu sempre me importei com meus irmãos e me importava com Kiara, mas não sabia se me sentiria do mesmo jeito por um bebê. No entanto, vendo esses bebês que pareciam Remo, como Adamo quando era bebê, senti uma enorme sensação de proteção.

Remo nunca considerou ter filhos, mas os protegeria com tudo o que tinha, desde este dia até sua morte. Ajoelhei-me ao lado dele novamente, sentindo seu

pulso, precisando da certeza de que seu coração ainda estava batendo.

Eu não o deixaria morrer.

Capítulo Quatorze

KIARA

Eu tive que abafar um suspiro quando vi Adamo. Alguns soldados o trouxeram para a mansão e Fabiano o apoiou enquanto ele mancava na sala comum. Seu ombro estava engessado e seu antebraço coberto de ataduras. Seu rosto estava inchado e machucado, e a visão enviou uma pontada de preocupação através de mim, mas nada, absolutamente nada, me preparou para o brilho em seus olhos. Eles sempre foram quentes, macios, mas agora eles estavam assombrados, escuros, duros, e novamente não pude deixar de notar o quanto Adamo se parecia com Remo nesse momento.

— Não preciso da sua ajuda, — murmurou Adamo e libertou-se do domínio de Fabiano.

— Não seja idiota. Você está bagunçado pra caralho. — Fabiano tentou pegar Adamo novamente, mas ele o atacou com o braço ileso.

— Não! — Ele rugiu, tropeçando e caindo de joelhos, ofegando.

Dei um passo em direção a Adamo, mas Fabiano levantou a mão, com a palma para fora, balançando a cabeça.

Leona se inclinou na porta, e o olhar de choque em seu rosto poderia ter sido o meu. Este não era o Adamo que conhecíamos.

— Adamo — eu sussurrei.

Lentamente ele olhou para cima e por um momento pensei que ele estivesse chorando, mas seus olhos estavam quase febris de angústia. — Você quer saber o que é realmente uma bagunça? Que estou aqui e Remo está nas mãos daqueles malditos! Ele nunca deveria ter se trocado por mim. Você deveria tê-lo impedido.

— Remo não pode ser impedido. Ele faria qualquer coisa por você e seus irmãos. Absolutamente tudo. Ele alegremente desistirá da sua vida se isso significar que você viverá.

Adamo riu sombriamente, ainda ajoelhado na nossa frente. — Eles não vão apenas matá-lo. Eles vão acabar com ele. — Ele começou a rasgar suas bandagens, empurrando Fabiano para trás quando tentou detê-lo e finalmente seu antebraço apareceu. Metade da tatuagem da Camorra foi queimada. — Eles vão mandá-lo através do inferno, e ficaremos só esperando que isso aconteça!

O tórax de Fabiano inchou enquanto ele olhava para Adamo. — Nino e Savio vão dar um jeito.

— Vai ser tarde demais então. Vai ser muito tarde, — Adamo disse rouco. — Se eles matarem Remo, eu voltarei e os matarei.

Eu passei meus braços ao redor do meu meio, percebendo que tinha acabado de testemunhar Adamo perdendo sua inocência. Talvez isso estivesse prestes a acontecer. Ele não soava como um adolescente irritado soltando ameaças vazias, soava como um homem com uma missão, e isso mais do que qualquer coisa me assustou.

Fabiano tocou o ombro de Adamo. — Se eles matarem Remo... — ele engoliu em seco, com a boca em uma linha dura. — Se eles matarem Remo, o que eles não vão, entraremos no território da Outfit juntos e mataremos todos os homens responsáveis por isso.

Adamo sorriu sombriamente. — Nós poderíamos quebrar a Outfit, e você poderia se tornar Underboss de Chicago sob o domínio da Camorra.

Fabiano olhou como se Adamo tivesse enlouquecido completamente. Ele agarrou seu braço bom e o colocou de pé. — Vamos. Vamos levá-lo para a cama. Você está exausto.

Adamo não resistiu e eu os observei indo para a ala de Adamo. Engolindo em seco, fechei meus olhos. Um toque suave me fez abri-los novamente.

— Meu Deus, — Leona sussurrou. — O que quer que tenha acontecido com a Outfit... o quebrou.

Eu balancei a cabeça. — Isso não vai quebrá-lo. Isso vai deixá-lo mais forte como seus irmãos. Dante e a Outfit criaram outro inimigo.

Leona pareceu duvidar. — Você realmente acha que isso não vai assombrar Adamo?

— Isso vai assombrá-lo por um longo tempo, talvez sempre, mas eventualmente ele passará por isso. — Eu estava convencida disso, mas estava com medo do tempo que levaria para ele chegar a esse ponto.

— Mas ele não será o mesmo, — disse Leona.

— Ele já não é o mesmo.

Respirei fundo, precisando me distrair, não apenas por causa da minha preocupação com o estado mental de Adamo, mas também por Nino e Savio e, acima de tudo, Remo. Se a Outfit o matasse, isso quebraria Nino. Ele levaria a Camorra à guerra, lógico ou não. Ele vingaria seu irmão da maneira mais cruel possível. Eu não tinha certeza se o homem que Nino se tornaria depois ainda seria o homem que eu amava. — Vou fazer o espaguete favorito de Adamo. Você vai me ajudar?

Leona assentiu e, juntas, fomos para a cozinha e começamos a trabalhar num silêncio tenso.

Eu bati na porta de Adamo, o cheiro picante de alho rodando no meu nariz. Meu estômago estava atado com muita força para considerar comer qualquer coisa.

— Entre.

Empurrando a porta, entrei, carregando uma bandeja com uma tigela de espaguete *alho e óleo*. — Eu fiz o seu macarrão favorito.

Adamo estava deitado em cima das cobertas, de calça de moletom, revelando a parte superior do seu corpo machucado. Seu antebraço com a tatuagem queimada estava em exibição como se ele estivesse olhando para ela antes de eu bater.

Adamo desajeitadamente se ergueu para uma posição sentada. — Obrigado.

Eu andei através do corredor estreito de roupas sujas e posicionei a bandeja em suas pernas. — Posso ficar?

— Claro, — disse Adamo. Ele pegou o garfo e começou a comer. — Está bom.

— Estou feliz que você gostou. — Eu olhei para as marcas azuladas sobre suas costelas, sua maçã do rosto inchada, o olho de sua tatuagem da Camorra queimado. — Tenho certeza que Nino pode consertar isso de alguma forma.

Adamo olhou para cima e seguiu meu olhar. — Não, isso servirá como um lembrete.

Eu balancei a cabeça, mesmo que duvidasse que ele precisasse do lembrete adicional do que havia acontecido. Ele veria em seu sonho por um longo tempo. O passado era um inimigo difícil de vencer.

— Eu nunca entendi o que significava sentir-se impotente, — disse ele quando terminou de comer, olhando para mim com os olhos irritados. — Eu estava em suas mãos e eles podiam fazer comigo o que quisessem. Eu estava à mercê deles.

Bile viajou pela minha garganta quando me lembrei desse sentimento, estar à mercê de outro.

— Desculpe, — resmungou Adamo.

— Não, — eu disse com firmeza. — Cansei de fugir do passado. Sou forte o suficiente para suportar isso.

Adamo assentiu. — Eu nunca mais quero me sentir impotente novamente. Nunca deixarei chegar tão longe novamente. — Adamo olhou para baixo em sua tatuagem. — Eu sempre achei que meus irmãos estavam cheios de merda por insistir que eu treinasse e lutasse o máximo possível. Eu achei que eles estavam tentando me irritar, me mostrar quem era o chefe - mesmo depois que a Outfit atacou a Roger’s Arena e tentou matar a todos nós, não entendi, não realmente, porque meus irmãos estavam lá para me proteger. Eles sempre estiveram. Toda a minha vida eles me protegeram. Eles precisavam, porque eu era fraco, porque não queria admitir o que eu era.

— Você era uma criança.

— Mas eu não sou mais, — disse Adamo duramente. — E mesmo naquela época eu poderia ter sido mais forte se tentasse. Remo e Nino já haviam lutado por suas vidas quando crianças, e até mesmo Savio entendia o que era necessário para sobreviver. Ele fez o que era preciso para ter certeza de que todos sobrevivessem. Mas eu não fiz porque não quis, e por causa disso, por causa do

meu egoísmo, Remo vai morrer, e nunca vou me perdoar por isso. Nem Nino, Savio e Fabiano.

Eu toquei a mão de Adamo. — Claro, eles vão.

— Eles não deveriam! — Ele rugiu, me assustando tanto que levantei, longe de sua fúria.

Adamo me encarou com olhos arregalados e angustiados, depois baixou a cabeça e começou a rir baixinho, sacudindo a cabeça. — Vá vá, Kiara. Vai.

— Tente dormir um pouco, Adamo. Seu corpo e mente passaram por muita coisa. Você precisa de tempo para se curar. Dê a si mesmo um tempo.

Adamo não reagiu, e não pude ver seu rosto porque o cabelo o escondia da minha vista. Antes de sair, me virei para ele mais uma vez. — Remo não vai morrer. Ele simplesmente não vai.

Eu fechei a porta, então me inclinei contra ela e fechei os olhos, permitindo que as lágrimas caíssem.

Eu limpei a casa inteira e assei vários lotes de biscoitos e muffins, o prato favorito de todos, depois coloquei tudo nos dois novos freezers no porão. Pegando um pano de prato, comecei a secar as assadeiras que tinha lavado.

A porta da cozinha se abriu e Fabiano entrou, sua expressão entre choque e alívio.

— O que houve?

— Nino me enviou uma mensagem.

Larguei tudo e caminhei em direção a Fabiano, tremendo de medo. — Serafina entrou em contato com ele. Ela afirma que conseguiu tirar Remo de lá.

— Ele está vivo?

Fabiano assentiu lentamente, parecendo quase hipnotizado. — Parece que sim. Eu não sei os detalhes. Eu não sei nada na verdade. A mensagem de Nino foi curta, como sempre, e ele não respondeu quando pedi mais informações.

Poderia ser verdade? Serafina teria ajudado Remo? Mas como?

— Devemos contar a Adamo?

Fabiano balançou a cabeça. — Ele está instável. Se Serafina mentiu e isso acabar sendo uma espécie de armadilha, não quero lhe dar esperanças, só para esmagá-las depois.

Ele estava certo, mas Adamo precisava ver a luz no fim do túnel, precisava mais do que qualquer outra pessoa. Ainda assim assenti. Eu tinha meu celular na mesa da cozinha, no caso de Nino tentar entrar em contato comigo. Ele deveria estar focado em sua missão e só contatou Fabiano para nos dar as informações que precisávamos. Esse era Nino. Ele nunca perderia tempo com mensagens ou telefonemas se houvesse uma tarefa importante pela frente.

Fabiano, Leona e eu nos sentamos no sofá da sala comum, sem falar, esperando, sempre esperando.

— Você conhece Serafina melhor do que todos nós, você realmente acha que ela salvou Remo? — Perguntou Leona a Fabiano. Ela estava tentando ler um livro para suas aulas, mas eu poderia dizer que estava muito distraída, como o resto de nós. Eu estava contando os segundos desde que Fabiano me falou sobre Serafina e Remo. Quanto mais atenção eu dava ao tempo, mais devagar passava.

Fabiano beliscou a ponte do nariz, parecendo exausto. — Porra, se eu sei. Eu a conhecia quando criança. Ela era boa em conseguir o que queria e era leal. Mas tirar Remo da câmara de tortura de Cavallaro e deixá-lo em segurança?

Estremeci ao pensar no que eles fizeram com Remo. Adamo estava machucado o suficiente e não foi ele quem sequestrou Serafina.

O telefone de Fabiano tocou e todos nós ficamos tensos. Ele pegou da mesa, seus olhos azuis rapidamente examinando a mensagem. Sua expressão se iluminou de alívio. — Eles o pegaram. Eles estão o trazendo para Vegas.

Eu coloquei a mão na minha boca, soltando uma risada atordoada. — E sobre Serafina?

— Nino não a mencionou, mas se ela ajudou Remo a escapar, não pode voltar para a Outfit.

Fabiano abraçou Leona e soltou um suspiro. Eu sorri e levantei, dando tempo a eles. Fabiano amava Remo como um irmão. Ele tentou ser forte, mas

estava tão assustado por Remo quanto eu.

Eu corri para o andar de cima em direção à ala de Adamo, sentindo como se pudesse voar. Remo estava vivo. Eu só podia imaginar o que Nino deveria estar sentindo agora. Bati meu punho contra a porta e Adamo a abriu, parecendo assustado.

— Ele está...?

Lágrimas surgiram em meus olhos e eu sorri. — Nino e Savio o pegaram.

— Vivo? — Adamo sussurrou, dando um passo para trás, começando a tremer.

— Sim. Serafina o salvou. Ele estará aqui em breve.

Adamo e eu olhamos um para o outro e então eu simplesmente joguei meus braços ao redor dele. Ele estremeceu, mas antes que eu pudesse recuar, ele me abraçou ainda mais forte, tão forte que deve tê-lo machucado.

Levou várias horas até que um carro finalmente chegasse. Fabiano correu para a porta enquanto eu corria para cima para chamar Adamo. Ele estava no banho. — Eles estão aqui! — Eu gritei.

— Eu já vou descer!

Desci novamente, passando pela biblioteca onde Leona se escondera para ler em paz. Eu abri a porta. — Eles estão aqui!

Sem esperar por sua resposta, corri para a parte principal da casa, ouvindo a voz de Savio.

— Como ele está? — Eu perguntei, então congelei completamente, incapaz de acreditar no que estava vendo.

— Nino levou-o ao hospital, — disse Savio, mas eu não estava olhando para ele. Serafina estava na sala comum com dois bebês em seus braços, gêmeos e sem dúvida filhos de Remo. Eles tinham seus olhos e cabelos, e o garoto até suas características faciais. Por um momento tive certeza de que estava imaginando coisas.

Leona apareceu atrás de mim e sua boca se abriu. Definitivamente não era minha imaginação. Remo era pai. Eles eram os bebês mais bonitos que eu já

vi. Aqueles olhos expressivos escuros atraíam você como uma mariposa para a chama.

A garotinha começou a chorar, o rosto ficando vermelho, e seu irmão gêmeo começou a se contorcer no braço de Serafina ao ouvir o som.

— Eu preciso alimentá-los e trocar suas fraldas. Então eles precisam de um lugar para dormir — disse Serafina, olhando entre nós incerta. Eu tentei imaginar como ela se sentia, retornando ao lugar onde tinha sido mantida em cativeiro, para as pessoas que a tinham arrancado de sua família e a tratado como o inimigo.

Sávio e Fabiano também não pareciam saber o que fazer.

Eu dei um sorriso a Serafina, esperando tranquilizá-la. — Tudo bem se eu te levar para o quarto onde você ficou na última vez? Eu não quero abrir os outros quartos na ala de Remo. Ou prefere ficar na minha ala e de Nino?

Serafina me deu um sorriso irônico. — Eu vou ficar na ala de Remo.

Eu ajudei Serafina a se acomodar no quarto e preparar a mamadeira que ela trouxe. Enquanto eu segurava o menino, Nevio, em meus braços e o alimentava, meu desejo por um filho retornou mais forte do que nunca e me pegou desprevenida. Espero que as coisas se encaixem agora.

Deixei Serafina e as crianças, mesmo que adorasse ver os bebês dormirem, e desci as escadas. Savio, Adamo, Fabiano e Leona estavam na sala comum nos sofás, ainda em estado de choque com a mais nova adição ao clã Falcone.

Eu afundei ao lado de Leona. Savio tinha a cabeça jogada para trás e parecia que estava a momentos de desmaiar.

Adamo me deu um olhar curioso. — Como ela está?

— Ela parece estar bem. Cansada, assim como os bebês. Eles estão dormindo agora.

— Bebês, — Adamo repetiu com um aceno de cabeça. — Eu não posso acreditar em Remo tenha filhos. Vou ter que vê-los com meus próprios olhos para convencer meu cérebro disso.

Savio assentiu, então bocejou. — Eu ainda não superei isso e estive

encarando a bonequinha e o pequeno Remo por horas.

— Bonequinha? — Eu disse com um sorriso.

— Você deu uma olhada naquele rosto? Se você colocar aquela garotinha em uma prateleira, ninguém perceberia que ela não é uma marionete.

Fabiano riu. — Porra. Este... este é o dia mais estranho da minha vida, e eu tive muitos estranhos vivendo com esses idiotas.

— Você foi responsável por pelo menos um quarto da merda esquisita, então não banque o santo, — disse Savio com um sorriso.

Fabiano mostrou o dedo a Savio, o qual ele retornou. Adamo riu, depois segurou o lado dele com um estremecimento.

— A próxima surra é comigo, — disse Savio, cutucando Adamo levemente.

— Se alguém vai levar uma surra, será você, — retrucou Adamo, com a escuridão desaparecendo de seus olhos.

Eu pisquei rapidamente, tentando parar as lágrimas, mas senti como se um peso de dez toneladas tivesse sido tirado dos meus ombros.

— Oh, vamos lá, sem choro, — disse Savio com uma careta.

Leona revirou os olhos para ele e pegou minha mão. — Você está bem?

— Estou feliz.

— Quando estou feliz, eu não choro. Eu realmente espero que você não derrame uma lágrima toda vez que Nino te dá um final feliz.

Eu bufei.

— Você está cheio de besteiras, — disse Fabiano a Savio.

— Bem, se todas as meninas chorassem cada vez que eu as fiz feliz, Las Vegas teria seu próprio lago salgado.

— Ah, cale a boca, — disse Leona com uma risadinha. — Orgasmos fingidos não fazem ninguém feliz. — Seus olhos se arregalaram depois que as palavras saíram e eu comecei a rir. Geralmente Leona era bastante contida em

torno dos Falcones.

Fabiano lançou-lhe um olhar surpreso e depois assentiu apreciativamente. Ele passara todos os momentos livres com os Falcones antes de conhecer Leona, mas como ela não se sentia tão à vontade com a família, suas visitas se tornavam menos frequentes. Talvez isso mudasse agora que Leona parecia estar se acostumando a eles e estava vivendo ao nosso lado. Remo principalmente ainda a assustava. Talvez os bebês o tornassem mais acessível.

— Normalmente eu faria você comer as suas palavras, mas acho que Fabiano não vai gostar se eu te mostrar como é um orgasmo, — disse Savio.

— Essa tatuagem de touro o deixou ainda mais arrogante ou a tolerância a foda afundou? — Fabiano murmurou.

Savio encolheu os ombros. — As senhoras gostam.

— Do quê? — Eu perguntei. — Da tatuagem ou sua arrogância?

— Ambos, — Savio falou lentamente, em seguida, levantou. — É hora de comemorar. Vamos tomar um drinque.

— Remo ainda está no hospital, — lembrou Adamo.

Savio olhou com raiva. — Remo está bem pra caralho. — Ele andou em direção ao bar e pegou uma garrafa de Brandy e vários copos.

Depois de dois drinques, me arrastei para o andar de cima, cansada demais para ficar acordada, mesmo que tivesse me prometido esperar por Nino. Ele não tinha dito mais do que algumas palavras para as perguntas de Fabiano, então assumi que ele teria que ficar no hospital com Remo por um tempo.

Eu continuei me revirando, incapaz de adormecer apesar de me sentir completamente exausta. Por fim, deitei-me de lado, olhando para a porta, como se isso fizesse Nino voltar mais depressa. Quando a porta finalmente se abriu, sentei-me tão rápido que minha cabeça girou. Liguei a luz e pisquei contra o brilho até que finalmente Nino tomou forma. Eu nunca pensei que ele não retornaria porque não podia suportar esse pensamento. Ao vê-lo diante de mim, percebi o quanto estava preocupada.

Nino fechou a porta e caminhou na minha direção. Eu não pude esperar. Sai da cama e voei em seus braços, segurando-o contra mim quase

desesperadamente. — Você está bem?

Nino tirou alguns fios da minha testa e me deu um sorriso tenso. — Remo está vivo e vai se curar completamente, então sim, eu estou bem.

— Fiquei tão aliviada quando soube que você o tirou de lá. — Nino assentiu.

Eu examinei o rosto dele. Ele parecia exausto e em seus olhos, eu descobri um brilho reminiscente de quando teve seu episódio. Ele havia passado por muita coisa. — Por que você não vem para a cama? Você precisa dormir, ou vai voltar para o hospital?

— Remo está aqui. Ele não queria ficar em um hospital. Ele está estável e se curará melhor cercado por pessoas em quem ele confia. Caso contrário, sempre estará alerta e não relaxará. — Nino me beijou devagar e docemente. — Você está bem com as crianças ficando na mansão?

Confusão me encheu. Nino sabia o quanto eu amava crianças. — Claro. Por que eu não estaria? Eu amo crianças.

Nino inclinou a cabeça, as pontas dos dedos se movendo para a minha garganta, sobre o meu ponto de pulsação. — Eu não tinha certeza se isso iria perturbá-la, porque você ainda não engravidou.

Eu balancei a cabeça, ignorando o jeito que meu estômago revirou. — Acho maravilhoso que tenhamos crianças nesta casa agora. Vai ser bom para Remo, para todos vocês. Como eu poderia me ressentir de alguém por ter filhos apenas porque ainda não os tenho? Isso não melhoraria minha situação. Eu mal posso esperar para vê-los crescer. — Eu parei. — Eles vão ficar aqui, certo?

Serafina e Remo tinham muito a resolver. Eu não tinha certeza do que Serafina sentia por ele, mas Remo nunca havia a superado.

— Remo nunca os deixará partir. Ele deu a Serafina uma escolha e agora ela a fez. Não há como voltar atrás. Ele não permitirá isso. — Nino olhou para o relógio. — Eu acho que deveria voltar para Remo. Alguém precisa vigiá-lo.

— Você parece exausto. Deixe-me cuidá-lo.

— Eu preciso, — Nino murmurou, e eu entendi. Ele quase perdeu seu irmão. — Há um sofá no quarto. Se você quiser, pode dormir lá.

— Isso soa como um bom plano. Eu quero estar perto de você.

Nino deu um beijo na minha testa. — E eu preciso de você por perto. O problema de ter emoções é que você percebe o quanto pode perder.

— Você não vai me perder ou a Remo, ou qualquer outra pessoa.

Nino uniu nossos dedos e me levou para o quarto onde Remo estava deitado.

Raiva me atravessou quando vi Remo na cama. A maior parte de seu corpo estava coberta de bandagens e as partes que não, estavam machucadas. Seu cabelo estava emaranhado na cabeça com sangue. Seu peito subia e descia.

Nino e Remo fizeram pior para seus inimigos, mas não me importei com nenhum deles, apenas com minha família.

— Ele é forte. E isso só vai torná-lo mais forte.

Eu não duvidei disso, especialmente agora que ele tinha filhos para proteger. Remo se levantaria, como ele e Nino se levantaram depois que sua mãe tentou matá-los. Enquanto os irmãos tivessem um ao outro, eles prevaleceriam.

Capítulo Quinze

KIARA

Nino e eu adormecemos no sofá do quarto de Remo e, como de costume, Nino acordou ao nascer do sol. Enquanto Nino fazia um check-up em seu irmão, tomei um banho rápido antes de descer as escadas para preparar o café da manhã para nossa nova e maior família. As coisas com Serafina ainda estavam estranhas, não tanto entre ela e eu, mas definitivamente com os homens Falcone. Levaria tempo para ela se acostumar com essa nova vida.

Depois do café da manhã, ajudei Serafina a manter os gêmeos entretidos. Nós estendemos um cobertor no chão da sala comum e criamos brinquedos de coisas comuns como potes cheios de grão-de-bico seco que funcionavam como chocalho, panelas e colheres de pau para que Nevio pudesse fazer barulho. — Nós vamos ter que ir às compras em breve. Você e as crianças precisam de muitas coisas.

Serafina suspirou. — Deixei tudo para trás.

Eu tinha a sensação de que ela não estava se referindo apenas a coisas materiais. Desde que ela chegou, eu estava me perguntando como ela conseguiu salvar Remo, mas tive a sensação de que ela não estava pronta para discutir os eventos ainda. Nevio começou a se atrapalhar com um dos livros ilustrados e fui até ele olhando para Serafina pedindo permissão.

Ela assentiu com um sorriso antes de virar a página do livro que mostrava para Greta. A menina tinha me ignorado totalmente, exceto por alguns olhares tímidos. Nevio era o oposto total. Ele riu quando eu o levantei no meu colo e pegou meu cabelo.

— Cuidado. Ele gosta de puxar.

Eu afastei meu cabelo, em seguida, o pressionei contra o meu corpo, então ele se sentou direito antes de eu abrir o livro de gravuras na frente de seu rosto.

Nino entrou na sala. Ele esteve cuidando de Remo a manhã toda. Nevio

estava tagarelando feliz e não pude deixar de sorrir em suas brincadeiras adoráveis.

— Remo acabou de acordar.

Serafina rapidamente saiu para ver Remo enquanto Nino e eu cuidávamos de seus bebês. Comecei a entoar uma canção que minha mãe cantava para mim quando eu era pequena e, para meu alívio, acalmou Greta. Ela ainda me olhava criticamente, mas estava definitivamente hipnotizada pelo canto.

No entanto, Nevio só tinha olhos para as tatuagens de Nino e dava tapinhas no antebraço de Nino, excitado. Eu continuei cantando e balançando Greta enquanto observava Nino com Nevio. Era lindo ver como Nino era paciente e calmo com Nevio, que pulava e agarrava a pele como se pudesse arrancar as tatuagens. Ele soltou um grito de prazer, fazendo com que Greta se inclinasse para frente, com um sorriso hesitante.

Meu coração estava prestes a explodir com a fofura.

Savio entrou e balançou a cabeça nos vendo. — Não me digam que vocês querem alguns também.

Nino olhou para mim e olhou para seu irmão, que parecia perceber que algo estava acontecendo. Um breve lampejo de percepção em seu rosto suavizou a sua habitual máscara de menino bonito.

Savio se inclinou sobre Greta. — Ei bonequinha...

Antes que eu pudesse avisá-lo, o rosto de Greta se encolheu e ela começou a chorar, as bochechas rechonchudas ficando vermelhas. Savio se levantou, levantando as mãos. — Vamos, bonequinha, as meninas nunca choram quando me veem.

Eu lhe dei um olhar de reprovação. — Da próxima vez, não se incline sobre ela.

— Acho que o Nevio precisa de uma nova fralda, — disse Nino.

A boca de Savio se curvou. — Tudo bem. Cocô e garotas chorando. Essa é a minha sugestão para sair.

— Eu posso trocar sua fralda, — eu disse, levantando cuidadosamente com

Greta no meu braço. Ela havia se acalmado agora que Savio estava fora de vista.

Nino me deu um sorriso irônico. — Eu mudei mais fraldas do que você, eu acho.

— Adamo, — eu imaginei.

Assentindo, Nino se levantou com Nevio e, juntos, entramos no banheiro de hóspedes que tinha algumas fraldas, depois colocamos uma toalha no chão.

— Precisamos comprar tudo para os bebês e preparar um berçário.

— Foi o que Remo disse, — Nino murmurou.

Sorri para Greta, acariciando seu braço. Ela olhou para Nino que estava tentando despir um Nevio se contorcendo. — Você não precisa se preocupar com seu irmão, Greta. Nino vai ser muito cuidadoso com ele.

Nino olhou por cima do ombro para mim. — É bom que você fale com ela e não use o balbuciar de bebê como algumas pessoas fazem.

— Eu sabia que você aprovaria, — eu disse com uma risada.

Nino assentiu antes de voltar sua atenção para Nevio, cujas pernas ele segurava em uma das mãos para impedir o chute.

— Você será a melhor mãe, — Nino murmurou.

Mordi o lábio, observando quando Nino finalmente tirou a fralda de Nevio e jogou no lixo.

— Você terá um filho, ou quantos quiser, Kiara. Você vai. — Nino olhou para cima e a determinação em seus olhos acalmou minha mente ansiosa como sempre.

— Eu sei.

Eu estava tentando não ser intrometida, mas estava explodindo de curiosidade sobre como tinha sido o primeiro encontro de Remo com seus filhos. Desde que eu estava ansiosa para vê-lo de qualquer maneira, peguei um prato com um sanduíche e fui até seu quarto na hora do almoço.

Depois de bater, entrei sem esperar por uma resposta. Remo estava sentado na beira da cama, a transpiração brilhando em sua testa e sua expressão

tensa. Corri até a cabeceira dele e abaixei o prato.

— O que você está fazendo? Você deveria descansar, — eu disse, tentando empurrar Remo de volta. Mesmo ferido, ele era muito forte.

— Eu não vou ficar na cama.

— Você está sendo irracional, isso que você é, — eu repreendi. — Agora, deite-se ou vou buscar Nino. Talvez ele te amarre na cama ou te mate com analgésicos.

A boca de Remo se torceu. — Você está preocupada comigo?

— Remo. Deite-se, por favor.

— Só porque você disse, por favor, — disse ele, e lentamente deitou, com as pernas ainda meio fora da cama.

— Você precisa de ajuda?

— Não, — ele disse com firmeza, em seguida, lentamente arrastou-se ainda mais em sua cama, apesar da dor óbvia que ele estava sentindo — Feliz?

— Sim, — eu disse suavemente. — Muito. — Eu segurei seu olhar, sem dizer mais nada, porque realmente, não precisava. Remo era perceptivo. Engolindo, eu peguei o prato e entreguei a ele. — Eu coloquei Pastrami porque é o seu favorito no sanduíche.

— Você deve ter ficado muito preocupada se colocou carne no meu sanduíche, — disse ele, em seguida, deu uma mordida e balançou a cabeça em apreço. — Nino teria ficado bem sem mim, eventualmente, sabe? Ele tem você. Ele não teria quebrado.

Eu balancei a cabeça e afundei na beira da cama. — Essa não é a única razão pela qual eu estava preocupada. Como eu disse, somos uma família e sentiria sua falta.

Remo deu outra mordida. — Espero que você não fique mais emotiva quando estiver grávida.

Eu fiquei tensa brevemente, depois relaxei.

Remo suspirou. — Essa conversa emocional não é minha praia, Kiara.

— Eu sei. Vou lidar com a sua abrasividade e você terá que lidar com a minha emotividade, é assim que é. — Eu olhei para Remo. — Eu mal posso acreditar que você tem dois filhos.

— Este é o seu jeito de me perguntar como foi encontrá-los?

Minhas bochechas aqueceram. — Eu sou tão óbvia?

— Você não é a melhor em disfarçar.

— Eu não quero ser. — Eu dei de ombros. — Estou feliz por você. Nevio e Greta são os bebês mais bonitos que já vi. Eu mal posso esperar para vê-los crescer nesta casa.

Realização se instalou nos olhos de Remo. — É um maldito milagre, não é? E meio irônico... — Então ele soltou uma risada sombria. — A mulher que me odeia me dá dois filhos.

— Serafina não te odeia, Remo. Nem mesmo quando ainda era prisioneira nessas paredes, e não o faz agora.

O rosto de Remo se fechou e ele deu outra mordida em seu sanduíche.

— Descanse um pouco, — eu disse novamente, e levantei.

Eu saí, dando a Remo algum tempo para descansar, embora ele sem dúvida faria outra tentativa de fuga em breve. Nada que Nino ou qualquer outra pessoa fizesse manteria Remo na cama por muito tempo.

NINO

Remo era um paciente difícil, o que não era uma surpresa. Ele nunca gostou de parecer fraco na frente dos outros, até mesmo de mim. Adamo não facilitou muito para mim. A primeira vez que o examinei na manhã depois que trouxe Remo para casa, ele não estava em sua cama, descansando, mas fumando do lado de fora.

— A nicotina é um veneno. Seu corpo tem que gastar energia limpando as

toxinas que deveria estar usando para curar seus ferimentos, — eu disse a ele.

Ele olhou para cima. Seu rosto ainda estava inchado, por isso era difícil ler sua expressão. — O que não te mata te faz mais forte, certo?

Eu fiz uma careta ao seu tom amargo. — Eu preciso dar uma olhada em seus ferimentos. — Eu apontei para seu antebraço. — Você deveria ter deixado às ataduras. Está arriscando entrar sujeira em suas queimaduras.

Adamo deu outra longa tragada no cigarro antes de apertá-lo sob o tênis. — Estou bem.

— Você não está. Agora deixe-me verificá-lo. Eu sugiro que nós entremos.

— Você deveria cuidar de Remo, não de mim.

— Eu já fiz, e ele está se recuperando, mas precisamos que você se cure também.

Adamo se levantou e me seguiu.

— Não se culpe pelo que aconteceu com Remo, — eu disse enquanto o levava para a enfermaria que tínhamos equipado alguns meses atrás.

— A quem mais devo culpar? Fui pego. Eles nunca pegariam Remo sem que isso acontecesse.

Eu não o contradisse. — Concentre sua raiva em coisas que você pode realmente mudar. Concentre-se em ficar mais forte, em fazer escolhas mais sábias...

— Em me vingar?

— Isso também, — eu disse baixinho. — Você fez CJ te encobrir enquanto desaparecia para aquela corrida contra as ordens claras de Remo...

— Não, — disse Adamo duramente. — Deixe-a fora disso. Ela não sabia para onde eu estava indo. Eu lhe pedi para fingir que estava comigo, só isso.

Eu considerei Adamo por um longo tempo. — O que está acontecendo entre você e ela?

— Nada, — ele murmurou, revirando os olhos.

— *Nada* não a faria manter segredos por você. Você está passando muito tempo com ela. Se for assim, pode lhe dar experiência, isso é compreensível, mas não a transforme em mais do que isso, Adamo. As pessoas sempre tentam ganhar algo se aproximando de nós, e uma prostituta de um dos nossos estabelecimentos certamente não será a exceção.

Adamo me ignorou em favor de encarar sua ferida.

Ele não revelaria os detalhes de seu relacionamento com CJ para mim. Eu teria que falar diretamente com ela.

De tarde, fui até o Sugar Trap, sabendo que CJ tinha um turno. Eu balancei a cabeça para Jerry, enquanto entrava. — CJ está no quarto dela?

— Sim, mas ela está com um John. Eles devem encerrar em dez. Reservaram apenas trinta minutos.

Eu balancei a cabeça e me dirigi na direção do quarto, então esperei inclinado em frente à porta. Como Jerry disse, a porta se abriu dez minutos depois para CJ e um homem de meia-idade com óculos e uma leve pança. Eu o imaginei como um vendedor de seguros, ou algo parecido, com uma mulher grávida em casa que não quis ficar com ele no último trimestre.

Seu rosto ficou vermelho quando ele me viu e rapidamente se desculpou. CJ olhou para mim com incerteza. Eu me afastei da parede e andei na direção dela. Ela recuou, segurando uma toalha em volta do corpo. Entrei no quarto dela, fechei a porta, em seguida, notei os lençóis de babados da cama oval e o preservativo no chão.

CJ pegou e descartou, depois disse sem olhar para mim. — Eu posso mandar alguém trocar os lençóis e tomar um banho rápido se você não se importar em esperar.

— Eu não estou aqui por sexo. Eu tenho uma esposa.

Ela inclinou a cabeça para cima, enrijecendo. — Eu não sabia. Honestamente, não sabia. Eu só queria ajudá-lo.

Eu me aproximei. — O que você não sabia?

Ela engoliu em seco. — Que ele iria para aquela corrida... Eu só queria ajudar.

— Onde você achou que ele iria? Teria que ser algum lugar que desaprovássemos ou ele não lhe pediria para acobertá-lo.

Seu pulso martelou em sua garganta, seu peito arfando em crescente medo. — Eu não perguntei. Adamo sempre diz que é melhor saber o mínimo possível para não me meter em problemas com vocês.

Eu estudei seu rosto atentamente, tentando detectar se ela estava mentindo. Seu olhar descansou no meu peito. — Olhe para cima. — Ela levantou os olhos. Ela estava com medo, mas não peguei nenhuma mentira.

— O que está acontecendo entre você e Adamo, a verdade, — eu exigi.

— Ele veio para conversar, apenas conversar no começo...

— Sobre o quê?

Ela piscou. — Sobre a escola, sobre Harper, sobre corridas, qualquer coisa realmente. Nunca negócios, juro.

Eu balancei a cabeça. — Continue.

— Mas depois dormimos juntos. Eu achei que era isso que deveria fazer.

— Vocês fazem sexo, tudo bem, mas isso não é tudo.

— Quando fazemos sexo, não fica apenas para a ação. Nós conversamos antes e depois, e... — Suas bochechas ficaram vermelhas. — E nós só deitamos nos braços um do outro, às vezes. É menos como uma relação de trabalho e mais como amigos com benefícios.

Eu estreitei meus olhos. — Por que você está fazendo isso? Se você acha que pode conseguir alguma coisa, é melhor ter cuidado.

Seus olhos se arregalaram. — Eu não estou usando-o. Por que não gostaria de passar um tempo com ele? Sou recompensada por passar um tempo com ele como sou com todos os clientes, e ele é bom e atencioso, e gosto de estar com ele. — Seu rosto ficou ainda mais vermelho.

— Então você só está fazendo isso porque o sexo com meu irmão é agradável e permite que você enfrente menos clientes desagradáveis.

Ela desviou o olhar. — Sim.

— Tudo certo. Eu não tenho problema com isso, mas não cruze nenhuma linha, CJ, entendeu? — Ela deu um pequeno aceno de cabeça. — Adamo pode precisar de você agora mais do que nunca, cuide bem dele.

Saí satisfeito com minhas descobertas.

Eu não me importava se Adamo só fodia CJ, mesmo que suas sessões mais longas custassem uma fortuna. Não é como se meus irmãos e eu não tivéssemos usado os serviços de nossas prostitutas. Claro, nunca tivemos que pagar tanto porque não as mantínhamos por perto durante horas.

Se Adamo precisasse do tempo adicional, ele o teria. Em seu estado mental atual, fiquei feliz por qualquer coisa que conseguisse distraí-lo. As poucas conversas que tive com ele desde que foi libertado despertaram minhas preocupações. Sua angústia e raiva eram reminiscentes dos primeiros dias de Remo. Eu não achava que Adamo pudesse lidar com isso do jeito que meu irmão mais velho fez.

Isso poderia destruir o Adamo.

Kiara ficou ainda mais animada com o Natal do que no ano anterior, praticamente pulando de alegria enquanto decorava toda a casa e cozinhava para nós. A presença de Greta e Nevio, além de fazê-la perceber o quanto ela queria ter filhos, também a mantinha distraída. Aqueles dois eram muito trabalhosos, e Kiara de bom grado ajudava Serafina enquanto Remo se curava.

Quando o Natal chegou, tanto Remo quanto Adamo estavam melhores, e a maioria de seus ferimentos externos estavam curados. Nós estávamos sentados na sala comum, discutindo como organizar futuras corridas, tendo que voltar aos negócios apesar dos eventos. Stefano insistiu que mantivéssemos o território dele fora disso nos próximos meses enquanto tentava estabelecer suas regras. Seus homens haviam sofrido perdas suficientes e outro ataque da Outfit poderia desmoralizá-los. Ele precisava parecer forte se quisesse convencer seus céticos e inimigos.

— Eu não gosto disso, — Remo rosnou. — Eu não quero que Cavallaro pense que ele causou impacto sobre nós.

Savio encolheu os ombros. — O que nos importa o que o idiota pensa? Ele vai pagar em breve pela merda que fez.

— Ele deveria pagar agora, — disse Adamo, traçando as cicatrizes de queimadura em seu antebraço.

— A vingança leva tempo. Precisamos configurar nossos próximos movimentos cuidadosamente e não entrar nisso cegos pela fúria.

Remo olhou para mim, mas sabia que eu estava certo. Ele estava chateado, mais por Adamo do que ele mesmo - sem mencionar que ele não perdoaria a Outfit por destratar seus filhos por serem dele.

— Eu concordo com Nino, — disse Savio com firmeza. — Eu prefiro acertá-lo com força para que ele não consiga levantar-se nunca mais do que tentar acertá-lo rapidamente.

Remo se recostou com um suspiro. Em última análise, era sua decisão. Apesar dele ser Capo, ele frequentemente ouvia o que tínhamos a dizer.

Serafina entrou com os gêmeos em seus braços. — Você pode assisti-los? — Remo sentou-se, olhando para Serafina como sempre fazia - com uma pitada de confusão e saudade. Eu não estava certo se ele não tinha certeza sobre seus próprios sentimentos ou sobre os dela. Serafina encontrou meu olhar. — Você pode pegar Nevio?

Eu me levantei imediatamente e o tirei dela. Nevio agarrou minhas tatuagens novamente, arregalando os olhos e abrindo a boca como se as estivesse vendo pela primeira vez. Serafina foi até Remo e depois que meu irmão falou suavemente com sua filha, ele pegou Greta. Nada sobre Remo era suave, nunca e eu jamais o ouvira falar nesse tom antes. Savio e Adamo me deram olhares questionadores quando me sentei de novo. Remo acenou um chocalho na frente do rosto de Greta quando se juntou a nós e afundou ao meu lado. O brilho em seus olhos enquanto ele olhava para a filha me dava uma compreensão melhor do por que Kiara queria tanto filhos. Falava de um amor altruísta e imaculado que era raro em nosso mundo.

— Suponho que seja o fim dos meus dias de putaria na casa — resmungou Sávio.

Remo ergueu os olhos de Greta, estreitando-os. — Eu não quero uma maldita prostituta em qualquer lugar perto dos meus filhos.

Greta gritou com a dureza de sua voz, e os lábios de Remo se

apertaram. Ele rapidamente conseguiu acalmá-la novamente.

Nevio começou a mastigar meu dedo indicador. Ele não tinha nenhum dente ainda, então não causava nenhum dano real. Greta finalmente se acomodou pacificamente na dobra do braço de Remo e observou tudo com aqueles grandes olhos.

Adamo deu-lhe um pequeno aceno e ela observou em silêncio enquanto Nevio tentava rastejar do meu colo. Deixei-o explorar o sofá, segurando-o pelo cós sempre que ele ameaçava cair.

— Ele vai ser um pequeno PIA[3], eu posso dizer, — disse Savio.

A boca de Remo se contraiu enquanto ele observava seu filho tentar mergulhar novamente no sofá. — Eu tive prática com PIAs criando você e Adamo.

Savio sorriu, recostando-se no sofá e esticando os braços. — Tenho certeza que fui uma delícia. — Ele acenou com a cabeça em direção a Adamo, que se inclinou para frente ao lado dele. — Ele tem PIA escrito na sua testa e MIA[4] na sua virilha.

— Foda-se, — disse Adamo, mas não parecia tão chateado como no passado. Ele mal parecia se importar com o ataque. Remo me enviou um olhar significativo - é claro que ele notou isso também. Adamo estava crescendo mais rápido do que o esperado.

— Nenhuma reprimenda por usar o foda-se na frente de sua preciosa descendência?

Remo acariciou o braço de Greta. — Crescendo nesta casa, meus filhos provavelmente dirão foda-se antes de qualquer coisa.

— Ou eu poderia tentar ensinar-lhes uma palavra mais interessante... — Savio refletiu, trocando um olhar com Adamo, que balançou a cabeça com uma risadinha.

— Se um dos meus filhos disser boceta, pau ou pênis como sua primeira palavra, vou mandá-lo a Kansas City para ajudar Stefano a colocar seu pessoal sob controle, entendeu?

— Eles podem ouvir de outra pessoa.

Remo ergueu as sobrancelhas e Savio sorriu. — Kansas City, Savio.

Ele suspirou. — Não haverá realmente mais nada divertido para fazer nesta casa.

Capítulo Dezesseis

KIARA

— Você já soube? — Perguntei animada enquanto me dirigia para Leona. Ela estava sentada no terraço com um livro no colo. Eu adorava poder visitá-la sempre que quisesse agora que a cerca entre as casas tinha sido derrubada. — Remo pediu a Serafina que se casasse com ele. Bem, não foi realmente um pedido, mas com Remo era de se esperar.

Leona olhou para cima e assentiu com um sorriso tenso. — Sim, Fabiano mencionou algo. Quando eles vão se casar?

Eu afundei na cadeira ao lado dela, confusa com seu humor. — Maio, após o primeiro aniversário dos gêmeos. Eu mal posso esperar para organizar tudo. Vai ser incrível. Você vai me ajudar?

Leona assentiu novamente. — Claro. — Eu peguei a insinuação de incerteza em seu rosto e parei.

— Está tudo bem?

— Não é nada... quero dizer, é ridículo. Eu... — Ela balançou a cabeça. — Estou sendo idiota, me ignore.

— Não, — eu disse, inclinando-me para frente. — É porque você quer que Fabiano lhe peça em casamento?

— Não... quero dizer talvez. Nós estamos juntos há dois anos, o que não é muito tempo considerando os padrões normais, mas eu sei como as coisas são no seu mundo, mesmo na Camorra, o que não é tão conservadora. E o Fabiano cresceu na Outfit que é ainda mais tradicional, então fico imaginando o que o está detendo.

— Talvez ele esteja só esperando pelo momento certo.

Leona olhou para a pulseira que adornava seu pulso. — E se ele percebeu que quer uma mulher italiana? Fabiano é tradicional em muitos aspectos, então

talvez tenha decidido que eu não teria capacidade para ser sua esposa, uma Scuderi.

— Agora você *está* sendo ridícula, — eu repreendi gentilmente. — Fabiano ama você. É óbvio pela maneira que ele te olha. Ele até comprou esta mansão para você. Basta lhe dar tempo. Ele vai te pedir eventualmente.

— Ele comprou essa mansão porque quer estar perto de seus irmãos por escolha, — Leona disse suavemente.

Irmãos por escolha, esse era o termo perfeito para Fabiano e os Falcones. Eu lancei a Leona um olhar repreensivo. — E porque ele quer que vocês dois tenham espaço suficiente um para o outro e uma família.

— Você provavelmente está certa, e eu realmente deveria estar focando nas minhas aulas e não me preocupando em casar.

Eu sorri.

Leona olhou para longe e sorriu. — Que tal um chá de panela? Uma festa de despedida de solteira onde, por uma vez, ficamos ridiculamente bêbados e nos divertimos.

Eu pensei sobre isso. — Eu nunca festejei.

Os olhos de Leona se arregalaram. — Precisamos mudar *isso*.

— Você era autorizada a ir a festas?

Leona riu. — Bem, Fabiano esteve comigo toda vez que fui a um clube. Ele é um ótimo dançarino.

— Nós poderíamos levar Serafina para um clube, dançar, beber, nos divertir. Seríamos só nós, porque os amigos de Serafina estão em Minneapolis, então... — Eu parei. Eu realmente não tinha feito amigos em Las Vegas, não que tivesse tentado e simplesmente não tinha saído para conhecer novas pessoas. Leona e eu adorávamos passar um tempo juntas, e tinha a sensação de que em breve Serafina seria uma parte importante do nosso grupo muito unido.

— Você acha que pode convencer Nino e Remo a deixá-las festejar?

— Eu não acho que eles se importariam, se descartarmos o aspecto da segurança. Isso vai ser um problema. Eles insistirão que tenhamos guardas e não

confiam em muitas pessoas ao nosso redor.

— Não será uma despedida de solteira se um dos nossos homens estiver lá.

— Sim, talvez Savio e seu amigo Diego pudessem nos proteger.

— Isso poderia funcionar. Vou tentar convencer Fabiano e você trabalha sua mágica em Nino e Remo. Serafina *não pode* saber a priori!

Suspirei. Convencer Remo e Nino não seria fácil.

Leona e eu conversamos sobre as últimas séries que assistimos até que eu finalmente saí para que Leona pudesse estudar um pouco mais e porque queria trabalhar em uma nova peça no piano. Fui ao banheiro porque tinha uma ligeira dor de cabeça. Abrindo a gaveta de remédios, congelei quando vi meu estoque de testes de gravidez. Eu rapidamente peguei algo para minha dor de cabeça. Tínhamos um chá de panela e um casamento para organizar, não havia tempo para ficar obcecada com meus problemas. Nino estava certo, eu precisava relaxar.

Depois de tomar um comprimido, me acomodei no piano e comecei a tocar, me perdendo na música como sempre.

Uma batida soou, me fazendo pular, e a melodia morreu em um gemido baixo. Adamo estava em frente à janela francesa, com um cigarro na mão. Eu sorri e fiz sinal para ele entrar. Depois que ele deu uma última tragada no seu cigarro e o amassou contra o chão, abriu a porta e entrou.

— Não se esqueça de juntar a bagana mais tarde ou Nino encherá seu saco, — eu disse com um sorriso.

Adamo assentiu, sem sorriso, nada. Sombras se espalharam sob seus olhos enquanto ele se aproximava do piano e afundou ao meu lado no banco. Quando ele não disse nada, comecei a tocar novamente, tentando suprimir minha enxurrada de perguntas que queriam explodir de dentro de mim. Meses se passaram desde sua captura, e seu corpo tinha cicatrizado e curado. Mas ele se tornou mais fechado.

Depois que a melodia terminou, o silêncio desceu sobre nós até que eu não aguentei mais. — Você anda saindo muito.

— Eu fico com CJ.

Eu mordi meu lábio. — No Sugar Trap?

— Lá e no seu apartamento.

Adamo tinha quinze anos. CJ pelo menos vinte e oito. — Vocês estão juntos? — Eu perguntei, tentando esconder o julgamento da minha voz para que Adamo não se afastasse novamente.

Seus olhos se elevaram até os meus e um sorriso irônico inclinou seus lábios para cima. Eu ainda me lembrava de seus sorrisos honestos e gentis de antes. — Somos amigos com benefícios.

Eu pisquei, então balancei a cabeça, sem saber o que dizer sobre isso. Meu lado protetor me fez pensar no que ela ganhava com isso. CJ parecia legal, mas por que sairia com um adolescente sem motivo?

Serafina entrou com Greta e Nevio, depois parou quando me viu com Adamo. Ele levantou. — Oi, eu preciso sair de qualquer maneira. — Sem outra palavra, ele saiu, não levando a ponta do cigarro com ele.

Franzindo a testa, levantei-me, peguei e joguei no lixo ao lado do meu piano que era reservado para papéis com meus rabiscos.

— Ele ainda está sofrendo por causa do que aconteceu? — Perguntou Serafina.

Eu balancei a cabeça. Eu percebi que Adamo frequentemente evitava a presença de Serafina. Quando ele estava perto dela, Adamo era legal, mas se assegurava de partir na maioria das vezes. — Você quer que eu fique com Nevio?

Serafina entregou-o para mim e eu sorri para o rosto sorridente. — Eu queria perguntar, se você quer ir junto quando eu for comprar um vestido de noiva? — Ela ainda não tinha certeza se éramos amigas. Talvez ela achasse que eu estava apenas sendo legal porque me sentia obrigada, e embora isso pudesse ter sido verdade no começo, eu sinceramente gostava de Serafina, não apenas porque ela era uma ótima mãe, mas também porque era legal e durona e amava Remo.

— Sim, claro, — eu disse. — Você se importaria se Leona fosse também?

— Eu adoraria que ela fosse. Eu não tinha certeza se ela gostaria, porque

não a conheço muito bem.

— Ainda não, mas somos todos da família, então você irá, mais cedo ou mais tarde. E mal posso esperar para procurar um vestido para você. Estou tão animada para planejar esse casamento.

Serafina riu. — Meu último casamento levou dois anos para ser planejado e não aconteceu, e desta vez só temos meses.

— Você está preocupada que não será algo grande o suficiente?

Serafina balançou a cabeça, gentilmente balançando Greta, que estava se contorcendo. — Não, Remo e eu não queremos nada grande. Apenas um casamento em família, nada chique.

— Perfeito. Qual é a utilidade de ter centenas de convidados que você mal conhece?

O rosto de Serafina se iluminou. — Certo?

Eu mal consegui me conter em lhe perguntar sobre o que ela queria fazer para seu chá de panela. Eu sufoquei o impulso. Isso tinha que ser uma surpresa.

Nino, Fabiano e Remo finalmente concordaram em nos deixar sair para dançar - claro, sob certas condições. Os três ficariam em casa e cuidariam dos gêmeos desde que levássemos Savio, Adamo e Diego conosco. E claro, ficar em contato com Savio, caso alguém precisasse intervir, o que não aconteceria. Já era abril e faltava apenas um mês para o casamento, então já era hora de finalmente fazermos a despedida de solteira.

Serafina, Leona e eu nos preparamos juntas na penteadeira de Leona enquanto os homens estavam na mansão Falcone. Eu tinha comprado um minivestido justo para a ocasião que fez o meu sangue correr mais rápido com o nervosismo quando o vesti, e combinando com os saltos altos vermelhos.

Leona sacudiu a cabeça. — Os homens vão tropeçar em si mesmos para dançar com você.

Meus olhos percorreram Leona em calça e camisa apertada e salto alto, e Serafina em um minivestido brilhante. — Eu acho que eles terão dificuldade em escolher.

Nós rimos e batemos os copos. Nós tínhamos acabado com uma garrafa de vinho espumante enquanto nos preparávamos e já estávamos nos sentindo bem.

Serafina tomou o restante do vinho e pousou o copo com um ruído audível. — Vamos lá e mostrar aos nossos homens por que é melhor nos apreciar mais.

Leona sorriu e eu balancei a cabeça com uma risadinha.

— Eles decidirão que não estamos autorizadas a sair depois de tudo, — disse Leona. — Fabiano é super ciumento. Ele não vai gostar disso.

— Ele vai superar isso, — disse Serafina.

— Remo é ciumento? — Eu perguntei curiosa.

Serafina encolheu os ombros. — Ele disse que mataria qualquer um que me tocasse, então suponho que é.

Leona revirou os olhos. — Os homens da máfia são tão possessivos.

— Eles são, — eu concordei. Nino nunca tinha realmente mostrado ciúmes, mas nunca teve motivo para isso.

Encontramos nossos homens com Savio e Adamo na sala comum, tomando drinques.

— Foda-se, — Savio exclamou quando nos viu, pousando o copo. Ele já estava vestido para a ocasião. Calças azuis escuras e uma camisa branca justa que mostrava seu corpo musculoso. Ele teria mais dificuldade em afastar admiradoras do que nós. — Estamos ferrados, Adamo. Nós só temos a perder neste show.

Os outros homens se viraram, e suas reações foram uma mistura de surpresa com queixo caído e carranca de desaprovação, Adamo e Savio o primeiro, Remo, Nino e Fabiano o último.

— Que diabos é essa coisa que você está vestindo? — Perguntou-me Savio.

— É um vestido, — eu disse, corando.

— Eu sei como são vestidos e não são assim. Isso é uma mistura de regata com uma bandana, — disse Savio.

Ignorando-o, dei a Nino um sorriso esperançoso e ele se aproximou e tocou minha cintura antes de sussurrar em meu ouvido. — Não fique muito bêbada. Eu quero erguer esse vestido e enterrar meu rosto entre suas pernas esta noite. Eu quero que você pense na minha língua em sua boceta quando estiver dançando mais tarde, imaginar quão duro gozará quando eu te lamber, e gozar novamente, esta noite, se ficar lúcida o suficiente.

Minhas bochechas aqueceram e eu tive que reprimir uma risada embaraçada. Nino se afastou, parecendo frio como um pepino.

Savio soltou um assobio baixo. — Seu rosto está combinando com a cor do seu vestido.

Eu considerei estrangulá-lo com a alça da minha bolsa.

— Como diabos nós devemos impedir os homens de babarem em cima delas? Isso vai ser um inferno de trabalho.

— Se alguém tocar em Kiara, me ligue, Savio.

— Nino, — eu disse com uma pequena risadinha. — Você não vai arruinar a festa de Serafina matando ninguém.

Nino me olhou com aquela calma estoica me dizendo que nada que eu falasse mudaria sua opinião. — Eu só vou capturá-los hoje. Eu os mato amanhã.

— Isso parece razoável, — brincou Serafina com um revirar de olhos.

Leona estava ocupada dissuadindo Fabiano de qualquer modo superprotetor em que ele estava. Somente Remo parecia surpreendentemente calmo. Ele me deu um sorriso torto e beijou Serafina ferozmente. O olhar que ela lhe deu depois teria me feito corar ainda mais se eu já não estivesse com o rosto vermelho.

— Você fica de olho nelas, entendeu? — Remo disse a seus irmãos depois que se afastou do beijo.

Savio suspirou. — Deixe-me adivinhar, você vai me mandar para o Kansas se eu não fizer isso, certo?

— Se você tiver sorte, — disse Remo.

Nino acariciou levemente minha bunda. — Lembre-se do que eu te disse.

— O Cosmos é o melhor clube em Vegas agora, — disse Savio enquanto estacionava no beco lateral.

Leona, Serafina e eu estávamos sentadas no banco de trás do SUV enquanto Adamo e Savio ficavam na frente. — Você já esteve em um clube, Adamo? — Eu perguntei curiosa.

Adamo olhou para trás. — Claro. Algumas vezes.

Savio acenou com a cabeça para frente. — Lá estão Mick e Diego.

Saímos do carro e nos dirigimos até os homens que esperavam. Como Savio, eles estavam usando calças justas e camisas que acentuavam seus corpos musculosos. Diego e Mick perderam a compostura por um momento nos olhando.

— Eu vou lhes dar mais um segundo para conseguir acalmar seus paus ou vou chutar suas bundas, — Savio falou.

Diego e Mick afastaram os olhos. Diego era o mais volumoso dos dois, de ombros largos, como um lutador, enquanto Mick parecia um corredor, alto, com músculos mais vigorosos. Savio bateu palmas brevemente antes de acenar para nós. — Leona, a menina de Fabiano, Serafina é a esposa de Remo e Kiara, a esposa de Nino. Acho que não preciso dizer mais nada?

Diego nos deu um sorriso educado. Seus olhos tinham problemas para não se desviar abaixo de nossos rostos. Adamo veio até nós. — Ei.

Ele acenou, em seguida, empurrou suas mãos nos bolsos de sua calça jeans preta e verificou nossos arredores. No final do beco, vimos parte da fila esperando para entrar.

— Então, como faremos isso? — Diego perguntou, arregaçando as mangas.

— Um a um? — Mick sugeriu, fazendo o mesmo.

Savio estreitou os olhos em pensamento. Suas mangas já estavam arregaçadas. Leona me enviou um olhar questionador.

— Mangas, Adamo, — disse Savio.

Adamo zombou, mas fez o que lhe foi pedido. Os olhares de Diego e Mick

caíram na tatuagem queimada em seu antebraço e o rosto de Adamo ficou sombrio.

— Muitas pessoas sabem que isso significa que é melhor ficar longe de nós, — explicou Savio, indicando sua tatuagem.

— Táticas para assustar, — disse Serafina com uma risada.

— Vamos precisar delas, — Savio murmurou. — Vocês meninas provavelmente querem dançar sozinhas?

Dei de ombros, sem ter pensado muito nisso.

— Queremos nos divertir juntas e não tê-los presos aos nossos quadris a noite toda, — disse Serafina.

— Tudo bem, — disse Savio. — Nós vamos dançar perto de vocês, mas se os caras se aproximarem, cada um de vocês terá que dançar com um de nós, então os idiotas acharão que são nossas namoradas.

— Você é mais jovem que nós, — disse Leona.

Savio lançou-lhe um sorriso arrogante. — Um pouco, e nós não parecemos. — Ele estava certo. Eles pareciam homens adultos, não adolescentes, endurecidos pelo que tinham visto e feito, e com uma confiança geralmente reservada aos homens mais velhos.

Savio deu um sinal aos amigos. — Vamos lá.

Juntos, andamos até o fim do beco e passamos a fila em direção aos dois seguranças, altos e tatuados. Savio deu-lhes um aceno de cabeça e eles nos deixaram passar.

— Esse clube pertence à Camorra? — Perguntei a Diego, porque ele era o mais próximo de mim.

Surpresa atravessou seu rosto, depois o orgulho. — Todo clube em Vegas pertence. Os Falcones expulsaram os russos e os MCs quando tomaram o poder.

Savio virou-se brevemente e sorriu. Diego devolveu o olhar.

Uma batida forte que agitou meu corpo nos cumprimentou dentro do clube. Tudo brilhava em uma luz rosada e o teto parecia feito de milhares de

cristais que refletiam a luz para baixo. O clube estava lotado de corpos convulsionando, presos a mercê da música. Eu absorvi tudo, o jeito que todos pareciam se perder ao som do baixo, alguns com os olhos fechados. As pessoas raramente entendiam o que a música fazia comigo, mas nesse momento, nesse clube, todos eram escravos da melodia.

Excitação borbulhava em mim e meu pulso acelerou, preso na magia da batida rápida. Serafina sorriu para mim e Leona também ficou extasiada. Nós fomos para o bar e pedimos um Cosmopolitan para cada uma de nós.

— Isso é legal, — gritou Serafina sobre o barulho.

Eu balancei a cabeça, tomando minha bebida, absorvendo tudo. Savio, Adamo, Diego e Mick estavam do outro lado do bar, fingindo estar em uma noite dos caras, e talvez para estranhos parecesse convincente, mas eu via a concentração e a vigilância em seus rostos.

Eu me afastei deles, tomei outro gole e comecei a balançar com a música. Logo, nós três estávamos zumbindo com a necessidade de dançar, então bebemos mais rápido.

— Lá vêm eles, — gritou Leona.

Eu segui seu olhar e vi um grupo de três caras vindo em nossa direção. Bem vestidos, sorridentes. Eu estava tentando encontrar uma boa maneira de dispensá-los. Serafina foi mais rápida. Ela balançou a cabeça para eles e levantou um dedo, parecendo à princesa de gelo que ela me disse ser conhecida no passado. Os homens pararam, sem saber se Leona e eu compartilhávamos da opinião de Serafina. Eu balancei a cabeça também e finalmente eles se afastaram.

Eu dei a Serafina um sorriso agradecido. — Eu não achei que seria tão fácil afastá-los.

Serafina sacudiu a cabeça. — Eles vão voltar mais tarde quando tiverem bebido mais.

Andamos para a pista de dança e começamos a dançar juntas, sorrindo uma para o outra. Eu levantei meus braços, torci e girei, deixando a música guiar meus movimentos. Tentar ignorar os olhares dos homens ao redor logo ficou difícil, e notei como vários deles dançavam cada vez mais perto de nós, então

Leona, Serafina e eu tivemos que construir um círculo ainda mais apertado. Logo a presença de dois caras atrás de mim, a maneira eles tentavam dançar comigo, se tornou esmagadora. Eu balancei a cabeça, mas eles sorriram como se achassem que só precisavam se esforçar mais. Serafina olhou furiosa para um cara atrás dela e gritou alguma coisa - pelo olhar em seu rosto, nada de bom.

Leona empurrou o peito de um cara quando ele chegou muito perto.

Um dos caras atrás de mim dançou ainda mais perto e pegou meu quadril. Eu empurrei a mão dele, meu pulso acelerando. — Não. Saia.

Ele fez uma careta para a minha repreensão. Pela maneira como os olhos dele brilhavam, estava claro que estava bêbado. Ele deu um passo mais perto e tentou juntar nossos corpos para uma dança. Uma figura alta empurrou-o para fora do caminho e por um momento pensei que fosse Savio. Então eu vi os cachos. Adamo enfrentou o cara como Savio e Diego fizeram com os admiradores de Leona e Serafina. Mick ficou alguns passos para trás, mantendo os olhos no público em geral.

Adamo gritou alguma coisa e o cara recuou. Depois disso Adamo dançou perto de mim enquanto Diego dançava com Leona e Savio com Serafina. Eu sorri para Adamo que se moveu facilmente com a música e ele me deu um pequeno sorriso em retorno. Serafina e Savio estavam em sua própria competição de dança e pareciam estar se divertindo muito e Leona também estava sorrindo, apesar de Diego parecer tenso dançando perto dela.

Eventualmente minha bexiga pediu alívio. Eu me inclinei para Adamo. — Eu preciso ir ao banheiro.

— Eu vou com você, — ele gritou de volta. Nós apontamos para Savio que assentiu. Adamo agarrou minha mão e fizemos o nosso caminho através da multidão até chegarmos aos fundos onde os banheiros estavam localizados. A música era uma pulsação distante que ainda reverberava em meu corpo, chamando-me para voltar e me perder novamente. Claro, havia uma multidão na frente do banheiro feminino, o que significava pelo menos dez minutos de espera. Eu realmente queria ter vindo mais cedo porque não tinha certeza se poderia esperar tanto tempo.

Adamo sacudiu a cabeça. — Isso é ridículo. — Ele me puxou para o

banheiro dos homens.

— O que você está fazendo?

— Economizando tempo. — Ele empurrou a porta e nós entramos. — É melhor fechar os olhos até que eu lhe diga para abri-los novamente.

Eu fechei meus olhos com firmeza, apenas brevemente vislumbrando as costas dos homens na frente dos mictórios. Deixei Adamo me conduzir, tentando ignorar o cheiro forte, até que ele me parou com um toque suave nos meus ombros. — Tudo limpo.

Abrindo meus olhos, encontrei-me na frente de uma cabine de banheiro aberta. Entrei e fechei a porta, então considerei minhas opções. Tocar em qualquer parte do banheiro estava fora de questão, então comecei a rasgar o papel higiênico para construir o meu ninho pessoal de pássaros. Era estranho fazer xixi cercada por vozes masculinas que estavam gargalhando e se gabando, e até mesmo seus ruídos eram mais altos do que os de qualquer garota que eu já tinha ouvido falar. Quando terminei, hesitei. — Adamo?

Sem resposta. Suspirando, eu abri a porta, tentando não ver nada que realmente não queria ver. Adamo estava longe de ser visto. Saindo da baia, vários caras olharam para mim. Se o mesmo acontecesse no banheiro de uma garota, todo mundo começaria a gritar, mas esses caras pareciam não se importar que eu estivesse lá enquanto faziam xixi em mictórios. Mantendo meus olhos em frente, rapidamente fui até a pia e lavei minhas mãos, me perguntando onde diabos Adamo tinha se metido.

Fui para a porta e saí no corredor mal iluminado. A fila do banheiro feminino mal havia se mexido. Eu avistei o familiar cabelo castanho mais abaixo no corredor. Adamo conversava com dois caras e um deles entregou-lhe uma sacola pequena e transparente, e Adamo entregou algo de volta a eles. Meu coração afundou, percebendo o que era.

Adamo olhou para mim e rapidamente se desculpou e correu na minha direção, colocando algo no bolso.

— Kiara, eu achei que as meninas precisassem de mais tempo no banheiro.

— O banheiro masculino não faz com que você realmente deseje ficar.

Adamo assentiu, parecendo preso. Ele passou a mão pelas mechas indisciplinadas. — Escute, por favor, não conte a ninguém. Eu não sou viciado ou qualquer coisa, isso só me ajuda a esquecer do que aconteceu. Sem a erva, não conseguiria dormir a noite toda.

— Apenas maconha? — Eu perguntei. Já era ruim o suficiente, mas havia muitas opções piores que ele poderia consumir.

— Apenas maconha, — disse ele. — Eu não queria que você visse, colocá-la em uma posição onde teria que manter um segredo de Nino. Você não contará aos meus irmãos, certo?

Seus olhos me imploraram e, lembrando-me dos olhares assombrados que tantas vezes mostrava, assenti. — Eu não vou, mas prometa tentar parar completamente. Fale sobre o que aconteceu em vez disso, talvez isso ajude.

Adamo assentiu, mas eu poderia dizer que ele não faria isso. — Vamos voltar antes que Savio suspeite.

Nós voltamos para a pista de dança e Adamo começou a dançar ao mesmo tempo me dando um sorriso desafiador. Empurrando minhas preocupações para o lado, devolvi o sorriso e dancei com ele. Leona riu de algo que Diego disse e Serafina segurava uma garrafa de champanhe na mão. Ela tomou um grande gole, em seguida, estendeu para mim. Eu agarrei e bebi, deixando o líquido borbulhante levar embora a minha preocupação.

Eu definitivamente não estava lúcida quando voltamos para a mansão. Leona era a única que ainda conseguia andar sozinha, sendo mais contida quando se tratava de álcool - exceto por sua festa de aniversário. Adamo me tirou do carro com um grunhido e me carregou para dentro da casa enquanto Savio segurava Serafina.

— Uma pequena ajuda? — Ele chamou, quando entramos na sala comum.

— Você não deveria ficar de olho nelas e não deixá-los ficar completamente bêbadas? — Remo disse.

Eu ri quando Nino apareceu e com uma pequena carranca me tirou de Adamo.

— Sua esposa é como uma fera quando você tenta lhe tirar sua garrafa de

champanhe. Eu não queria que ela arrancasse meus olhos ou chutasse minhas bolas, — disse Savio.

— Onde estão Greta e Nevio? — Serafina balbuciou.

Eu olhei para Nino com um sorriso.

— Lá em cima, dormindo, assim como você estará em breve, — disse Remo.

— Eu não quero dormir, — disse Serafina.

Savio gemeu e Adamo saiu, sacudindo a cabeça.

Eu ri novamente.

— Eu não vou ser vomitado durante o sexo, Angel, — disse Remo.

Nino revirou os olhos e começou a se afastar. A última coisa que ouvi foi Serafina murmurando algo sobre estilo cachorrinho.

Nino levou-me para o nosso quarto e eu tentei dar-lhe um sorriso sedutor. Suas sobrancelhas se uniram. — Eu lhe disse para ficar lúcida. Você não o fez. Terá que viver com as consequências.

— Nino, — eu murmurei indignada.

Ele balançou a cabeça e me despiu, depois a ele. Eu tentei envolver minhas pernas em torno de seus quadris quando ele se juntou a mim na cama, mas ele gentilmente me virou, então minhas costas estavam pressionadas contra o seu peito.

— Às vezes eu odeio seu controle...

Ele riu e beijou meu pescoço. — É tão difícil para mim quanto para você, mas precisamos ter certeza de que se comportará da próxima vez.

Capítulo Dezessete

NINO

Ter uma pequena cerimônia em nossos círculos era uma gafe, especialmente se um Capo se casasse, mas fiquei feliz por Remo e Serafina terem escolhido mantê-la na família. Tornou os preparativos menos complicados, particularmente as medidas de segurança. Claro, teria sido ainda menos incômodo se Remo não tivesse escolhido convidar o irmão gêmeo de Serafina.

— Eu não confio nele, — eu disse baixinho enquanto Remo se vestia em um dos quartos da minha ala. Ele não deveria ver Serafina antes da cerimônia. Kiara e Serafina foram realmente inflexíveis sobre isso. Kiara estava entusiasmada organizando toda a decoração, culinária, seleção de músicas e tudo mais.

Remo fechou o último botão de sua camisa preta. — Nem eu, mas Samuel faria qualquer coisa por sua irmã. Eu vejo quão unidos Nevio e Greta já estão, mesmo que ainda sejam pequenos. Serafina e Samuel formaram um vínculo por toda a vida. Ele não fará nada que possa machucá-la.

— Eu assumo que nem você, o que faz com que isso seja um risco, afinal.

Remo sorriu retorcido. — Você está certo. Não vou pôr a mão em Samuel a menos que ele ataque Serafina, o que ele não fará. Mas sei que nada te atrapalharia se você considerasse Samuel uma ameaça para qualquer um de nós.

Eu dei um aceno de cabeça tenso. Deixar o inimigo não apenas entrar em nossa cidade, mas em nossa casa, não era algo com o qual eu me sentisse confortável e, se Samuel agisse de maneira inoportuna, ele pagaria o preço por isso. Eu o teria matado da última vez que o capturamos, se não fosse pelo veto de Remo.

Olhei de relance para os jardins, onde um arco com flores brancas havia sido montado por Kiara, que agora espalhava pétalas em um caminho que ia da casa até lá. Ela mal teve um momento de descanso nas últimas semanas, sempre cuidando dos gêmeos, do casamento, de todos os membros dessa família e,

embora gostasse de fazer isso, esse não era o único motivo. Estávamos tentando há tanto tempo engravidá-la, sem sucesso. Eu tinha pensado em abordar o assunto de ver um médico e decidi esperar até que as festividades acabassem e nós tivéssemos alguma paz.

Adamo se juntou a ela do lado de fora para fumar um cigarro. Suspirei e voltei para Remo, que colocou o pequeno pacote com o anel de Serafina no bolso.

— Eu ainda estou preocupado com a forma como Adamo vai reagir. Samuel estava entre os seus torturadores.

Ódio familiar queimava nos olhos de Remo. — Ele estava. Nunca perdoarei o idiota, mas por Serafina permitirei que ele viva, esteja aqui.

Meu telefone apitou. Era uma mensagem de Fabiano. — Eles estão aqui.

— Então desça e mantenha um olho sobre ele.

Assentindo, sai do quarto. Quando cheguei ao arco, Fabiano e Samuel estavam cruzando a propriedade de Scuderi em direção ao nosso jardim. O comportamento de Samuel mudou, ficando mais vigilante quando me notou. Infelizmente, ele não pegou sua arma. Kiara tinha desaparecido de vista e voltaria em breve. A ideia de ter Samuel perto de minha esposa não caía bem comigo.

Fabiano me deu um breve aceno de cabeça e depois disse algo a Samuel, que balançou a cabeça e fez sinal para um ponto a uma boa distância do lado do arco onde ele parou, sem tirar os olhos de cima de mim. Ele e Fabiano pareciam distantes, embora não fossem. Ambos os loiros da Outfit eram famosos.

Nossos olhos se encontraram e vi a mesma ansiedade em seu rosto que eu sentia, um desejo de acabar com isso hoje, de uma vez por todas, mas por Remo eu me seguraria. Na minha visão periférica, notei Kiara vindo na minha direção com os gêmeos em seus quadris. Ela estava linda em um vestido vermelho de verão com o cabelo escuro caindo pelos ombros e os bebês em seus braços. Seu rosto estava brilhando de felicidade, uma visão que sempre agitava algo em mim, mesmo nos dias em que o vazio do passado enchia meu peito.

Savio estava alguns passos atrás dela, enfiando a camisa nas calças e olhando para Samuel. Eu encontrei Kiara no meio do caminho e tomei Nevio

dela, que se contorcia e se agitava, querendo andar como de costume. Kiara sorriu e seus olhos se voltaram para Samuel. — Você acha que ele quer ver sua sobrinha e sobrinho?

— Não vamos deixá-lo chegar perto das crianças sem Serafina e Remo presentes, — eu disse.

Kiara assentiu. — Eu acho que é o melhor.

Nevio soltou um grito furioso quando não o coloquei no chão. — Não, — eu disse com firmeza. — Se você se acalmar, vou te colocar no chão.

Os olhos de Nevio brilharam de raiva e ele começou a choramingar. Ignorando sua birra, Kiara e eu fomos para o arco.

— Eu realmente prefiro o silencio da bonequinha, — Savio murmurou, em seguida, cutucou Nevio levemente na barriga quando ele parou ao nosso lado. — Que tal você parar o choro, PIA?

— Você tem sorte por Remo não ouvir isso, — disse Kiara em desaprovação. Savio estava chamando Nevio de PIA por um tempo agora. Nevio era definitivamente uma criança mais exigente.

Eu podia sentir o olhar de Samuel em nós e me virei para ele. Ele olhou de Nevio para Greta, mas sua expressão permaneceu perfeitamente vazia. Esse era o gene Cavallaro.

Savio fez uma careta. — Porra. Eu realmente queria esmagar o rosto dele. Não posso acreditar que ele está aqui na porra do nosso jardim, na nossa maldita cidade depois do que ele e sua família fizeram com Adamo e Remo.

Remo podia perdoar Samuel por sua própria tortura - ele considerou o jogo justo, mas não Adamo. Esse foi um erro pelo qual Cavallaro pagaria um dia.

— Talvez seja o primeiro passo em direção à paz, — disse Kiara, tentando colocar uma flor branca nas madeixas de Greta. Greta seguia tudo curiosamente com os olhos.

Savio zombou, seus olhos cintilando com ódio. — Nunca haverá paz entre a Camorra e a Outfit.

Kiara olhou para mim e, embora eu não gostasse do olhar esperançoso,

gostava de mentir para minha esposa ainda menos.

— Ele está certo. — Era difícil o suficiente manter a paz com a Famiglia. Luca cancelaria a trégua no momento em que nos aproximássemos de Cavallaro.

Greta se atrapalhou com a flor, agarrou-a com os dedos pequenos e enfiou-a na boca.

— Cuidado, — Sávio assobiou.

— Elas são comestíveis, não se preocupe, — disse Kiara e começou a rir. Parte da flor espiava entre os lábios carnudos de Greta. Seus olhos dispararam de Kiara para Savio, depois para mim e Nevio.

Os olhos de Kiara voaram de volta para a mansão onde Leona estava acenando para ela. — Eu acho que minha presença é necessária. Você pode pegá-la?

As sobrancelhas de Savio se ergueram. — Eu nunca a segurei. Ela vai chorar.

— Experimente, — eu disse. Greta estava observando Savio com mais interesse nas últimas duas semanas, mais disposta a tolerar sua natureza tranquila do que minha abordagem mais reservada.

Savio se inclinou, de modo que estava ao nível dos olhos de Greta, que ainda tinha duas pétalas presas na boca. — Tudo bem bonequinha, eu vou te pegar agora. Sem chorar. — Kiara a ofereceu e Savio cuidadosamente a pegou, e então a segurou contra seu peito. Os olhos de Greta se arregalaram, mas ela ainda estava quieta.

— Não tenho certeza se gosto da expressão do seu rosto — murmurou Savio. Ele se abaixou para pegar outra flor e segurou-a na frente do rosto de Greta. — Aqui, coma outro lanche.

Com uma risada, Kiara correu em direção a Leona. Greta também comeu aquela flor e depois olhou para Savio, tirou os dedos da boca e tocou o queixo de Savio.

Savio suspirou, sua boca se curvou em desdém. — Cuspe de bebe no meu rosto, o destaque do meu dia.

— Você também tem uma pétala na sua barba, — eu disse.

Sávio me deu um olhar sofrido. — Eu trabalhei tanto para ganhar minha reputação nas ruas. Isso poderia arruinar tudo.

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Se essa tatuagem de touro não arruinou sua reputação, nada vai.

Ele sorriu. — Você simplesmente não pode aceitar que as mulheres gostem.

— Para ser honesto, eu não poderia me importar menos. — Nevio soltou outro grito e se torceu nos meus braços, determinado a descer até o chão.

— Vamos precisar de uma coleira para ele em breve, — disse Savio.

— Eu quero ver você colocar uma coleira em Nevio quando Remo estiver por perto.

— O nome desse garoto é problema. — Savio olhou para Greta, que sugava seus dedos. — Estou certo, bonequinha?

Ela sorriu sem dentes, uma pétala agarrada à sua língua. Ela tentou tirá-la e começou a babar. Savio rapidamente pegou a pétala. Greta segurou a mão dele e começou a mastigar seu dedo. Ele me deu uma olhada.

— Nenhum comentário obsceno, — eu avisei.

Savio zombou. — Eu não sou tão depravado para fazer esse tipo de piada em torno da bonequinha, confie em mim.

— Veremos. Nevio e ela nem sempre serão bebês. Um dia eles serão adolescentes.

Savio balançou a cabeça. — Bonequinha, prometa ficar longe de caras como eu.

— Eu duvido que qualquer homem com um lampejo de sanidade se atreva a aproximar-se da filha de Remo.

— E se qualquer babaca tentar, vou cortar seu pau em pedaços e alimentá-los com ele, — Remo rosnou quando parou ao nosso lado. Uma de suas sobrancelhas se levantou quando viu Greta no braço de Savio e a pétala ainda

grudada em sua barba escura. — Eu vejo que você usou seu charme na minha filha.

Savio deu um sorriso. — Eu sou um homem das senhoras.

Greta estendeu as mãos para Remo, que sorriu e a pegou de Savio. Ele beijou sua testa, então olhou para Samuel que estava nos observando. A expressão de Remo endureceu, seus olhos se enchendo de desprezo.

— Estou surpreso que você tenha controle suficiente para não cortar sua garganta, — disse Savio com um aceno de cabeça para o irmão de Serafina.

Nevio se contorceu novamente, ficando mais irritado. Ele começou a chutar, se preparando para a segunda birra do dia. — Já chega.

Os olhos de Remo se voltaram para nós. — Nevio, você ouviu o que Nino disse. *Chega*. — Nevio parou de se contorcer.

— Bom, — eu disse. — Agora que você está se comportando, você pode correr por aí. — Eu o coloquei para baixo. Um sorriso dividiu seu rosto e então ele saiu correndo, cambaleando como um bêbado direto em direção a Samuel.

— Foda-se, — Remo rosnou.

— Eu vou buscá-lo. — Eu corri atrás de Nevio e o peguei antes que ele alcançasse seu tio. Samuel não estava olhando para ele de qualquer maneira. Seus olhos apertados estavam em Remo, e quando me endireitei apenas alguns passos dele, eles se fixaram em mim. Retornei seu olhar com firmeza.

Um sorriso frio esticou seus lábios. — Olhando em seus olhos, não entendo como Fina pode permitir que seus filhos estejam perto de você. Sem emoções, certo?

Eu não disse nada, só o observei friamente enquanto Nevio se contorcia em meus braços mais uma vez.

— Você provavelmente poderia matar todos nós, mesmo os bebês, sem piscar e, em seguida, comer um pedaço desse bolo de casamento enquanto ainda está coberto de sangue.

Eu sorri. — Eu poderia te matar agora e comer meu bolo com a roupa sem manchas.

Os olhos de Samuel brilharam com ansiedade.

— Nino, — disse Kiara, pisando entre Samuel e eu. — Serafina, estará pronta em breve, por que você não toma o seu lugar ao lado do arco? — Então ela se virou para Samuel. — Olá, Samuel. Tenho certeza que sua irmã ficará muito feliz em te ver. Ela sente sua falta.

As sobrancelhas de Samuel se juntaram, mas ele inclinou a cabeça educadamente.

Kiara pegou minha mão e me levou para o arco. — Eu sei que você não gosta dele, mas hoje é sobre Serafina e Remo, não sobre derramar sangue.

— Não é uma questão de gostar. Ele representa uma ameaça e quase matou meus irmãos.

— Um casamento é sobre reunir pessoas, então, por favor, ignore-o.

Eu dei a ela um pequeno sorriso que foi feito para deixá-la à vontade, mesmo que minhas entranhas ansiassem por violência e vingança. — Você não precisa se preocupar, Kiara. Eu não vou me mover em direção a ele. Estou nisso a longo prazo.

Kiara ficou na ponta dos pés para poder me beijar. Nevio soltou outro grito, fazendo-a rir. — Hora de sua mãe e seu pai se casarem. Espero que você se comporte.

— As chances são pequenas. Ele é uma combinação fatal de Remo, Savio e Adamo.

Kiara inclinou a cabeça. — Nada de você?

Eu olhei para Greta, a quem Remo carregava. — Greta é como eu.

— Eu sei, e o mesmo acontece com Remo, certo?

Eu balancei a cabeça. Remo e eu não falamos sobre isso, mas ele era perspicaz demais para não perceber.

A cerimônia de casamento transcorreu sem incidentes e Serafina ficou muito feliz com a presença de seu irmão gêmeo, o que levou meu irmão a estar feliz também. Ver Remo contente era uma experiência rara, então tentei me conformar com a presença de Samuel. Haveria tempo suficiente para matá-lo

mais tarde, uma vez que Serafina se acostumasse a ficar sem ele.

Não perdi os olhos furiosos de Adamo quando ele viu um de seus torturadores. Ele não discutiu quando Remo e eu perguntamos se estava tudo bem para Samuel comparecer. Fiz o meu caminho até ele, enquanto Serafina e Remo conversavam com Samuel.

Adamo estava afastado, fumando. Remo e eu desistimos de tentar acabar com esse hábito. Ele tinha quase dezesseis anos, idade suficiente para decidir por si mesmo. Dando outra tragada, ele tirou os olhos de Samuel quando me notou.

— Você está bem? — Perguntei.

— Claro, — ele murmurou. Em seguida, pressionou o cigarro no seu antebraço, onde as cicatrizes da queimadura estragaram sua tatuagem.

Agarrei seu pulso com força para detê-lo. — O que você está fazendo?

Adamo franziu a testa. — Com as crianças correndo por aí, não quero deixar pontas no chão.

— Adamo, — eu disse com firmeza. — O que diabos você está fazendo? — Eu puxei seu braço para mim, verificando a pequena queimadura. Havia marcas semelhantes em toda a sua pele queimada. Eu olhei em seus olhos, mas ele apenas olhou para trás.

— Não é como se eu estivesse me machucando muito. A pele aí está praticamente morta de qualquer maneira.

Eu o soltei, olhando por cima do meu ombro em direção aos outros. Ninguém estava olhando na nossa direção. — Isso precisa parar.

— Por quê? Você não ouviu? A pele está dormente. Não importa.

— Importa, — eu rosnei. — É porque o Samuel está aqui hoje? Você deveria ter dito alguma coisa. Remo não teria permitido que ele entrasse na cidade se soubéssemos que você está lidando mal com isso.

Adamo olhou de novo para Samuel. — Eu não estou lidando mal com isso. É bom que ele esteja aqui. Talvez possa haver paz.

O brilho em seus olhos não era de alguém que queria a paz. Eu me aproximei ainda mais. — Adamo, se você precisar de ajuda, pode sempre vir até

nós. Você sabe que morreríamos por você.

— Eu sei, — disse Adamo. — Remo quase morreu, lembra?

Um riso soou e Nevio cambaleou em nossa direção, caindo duas vezes antes de finalmente esbarrar nas pernas de Adamo. Adamo sorriu e bagunçou seu cabelo. — Ei, garoto.

Era estranho vê-lo assim, não mais o garoto que sempre foi para meus irmãos e eu, mas crescido, zangado e cansado. Muito parecido com o Remo adolescente, isso me preocupou.

Nevio levantou os braços e Adamo balançou a cabeça. — Vá com Nino.

Eu peguei Nevio e segurei-o com um braço. Adamo apontou para o arco. — Kiara está tentando nos fazer ir. Por que você não vai em frente? Eu preciso ir ao banheiro.

Eu estreitei meus olhos, sentindo que ele não se juntaria a nós em breve. Eu decidi lhe dar o espaço que ele precisava e me dirigi para minha esposa e os outros. Quando parei ao lado deles, Kiara me deu um olhar preocupado.

— Tudo certo?

Eu balancei a cabeça, não querendo sobrecarregá-la com isso. Ela tinha o suficiente para lidar com seus problemas para conceber.

— Ele está retrocedendo, — disse Fabiano, observando Adamo.

Savio fez uma careta. — Ele mudou.

Adamo desapareceu dentro da mansão. Eu deveria contar a Remo sobre o novo hábito de Adamo de se queimar. No entanto, Remo tinha uma certa maneira de lidar com problemas que talvez não ajudassem na situação do Adamo.

Manter um segredo dele e de Kiara não era algo que eu gostasse de fazer, mas talvez fosse o melhor até que soubesse exatamente com o que estávamos lidando.

KIARA

Alguns dias depois do casamento, Serafina, Leona e eu nos servimos de taças de champanhe e nos acomodamos nas espreguiçadeiras. Ainda tínhamos algumas sobras de garrafas do casamento e, agora que Fabiano pedira a mão de Leona, tínhamos motivo para comemorar.

— Eu ainda não posso acreditar que ele me pediu em casamento, — Leona sussurrou, sorrindo para o anel de diamante em seu dedo.

— O casamento pareceu motivá-lo, — disse Serafina com um sorriso.

Eu levantei meu copo. — Viu, eu lhe disse que ele pediria.

Na primeira hora, começamos nossa segunda garrafa e, de alguma forma, acabamos falando sobre sexo. O álcool ajudou a diminuir nossas inibições, embora Serafina fosse definitivamente a que tivesse menos problemas para discutir esses assuntos, o que não era estranho considerando com quem ela era casada - estar perto de Remo o tempo todo o tornava insensível.

— Qual foi o lugar mais estranho onde você fez sexo? — Serafina perguntou por cima do copo, os olhos brilhando de malícia.

Leona considerou isso com os lábios franzidos. — A gaiola de luta no ginásio da Camorra? Ou talvez no carro de Fabiano na nossa colina favorita?

Serafina tomou um gole. — Gaiola de luta, isso parece emocionante. Ela prendeu o lábio inferior entre os dentes com um pequeno sorriso. Eu tinha a sensação de que Remo logo teria outro motivo pelo qual amava a gaiola.

— E você? — Eu perguntei a ela, sentindo-me tonta e quente.

— Durante nossas corridas no canyon, na piscina, em um elevador, no beco atrás do Sugar Trap... mas o meu favorito foi aqui nos jardins, — disse ela com uma risadinha.

— Isso não é muito ousado, — disse Leona.

Serafina me deu um sorriso de desculpas e me perguntei o que significava. — Quando eu ainda era uma cativa, Remo e eu nos encontramos

debaixo da janela do seu quarto - enquanto você e Nino...

A boca de Leona se abriu e ela bateu a palma da mão sobre ela com uma risadinha.

Embaraço agudo tomou conta de mim. — Sério?

Serafina deu um pequeno aceno de cabeça.

— Oh Deus, o que você ouviu? — Eu balancei a cabeça. — Não, não me diga. Que embaraçoso.

— Eu acho que quem deveriam se envergonhar são Remo e Fina por espionar vocês, — disse Leona com uma risada.

— Como se Remo se envergonhasse disso, — eu murmurei. Eu cutuquei o joelho de Serafina. — Como posso encará-lo novamente sabendo que vocês nos ouviram?

— Foi há muito tempo, — disse Serafina e bateu o copo contra o meu. — E pelo que ouvi você é uma menina de sorte. — Ela riu da minha expressão. Ela tinha ouvido quando Nino desceu em mim?

— Ele gosta de viajar para as terras de baixo? — Disse Leona, suas bochechas corando, mesmo quando ela riu.

Eu bebi o resto do meu champanhe. — Fabiano e Remo não? — Eu atirei de volta, tentando lhes dar o troco, mas elas não eram tão tímidas sobre esses tópicos quanto eu, especialmente Serafina.

— Oh, Remo adora isso.

— Fabiano também, — disse Leona com um sorriso conspiratório.

Eu me deixei cair na cadeira de sol e olhei para o céu. Eu estava dividida entre o riso e a mortificação aguda.

Serafina cutucou minha coxa. — Vamos. Nenhuma razão para ficar envergonhada. É bom que tenhamos homens que sabem como nos fazer felizes, certo?

— Certo. — Sentei-me.

Serafina sorriu. — Ok, eu vou falar sobre outro lugar para distraí-la.

— Eu juro que se você e Remo fizeram sexo em nossa cama, vou enlouquecer.

Ela balançou a cabeça. — Fizemos sexo no flamingo de Savio.

Comecei a rir.

— Eu sempre quis saber como isso funciona, — Leona ponderou. — Você não pode realmente subir naquilo sem a coisa virar...

Serafina encheu nossos copos novamente, esvaziando a garrafa. Por sorte havia uma terceira no cooler esperando por nós. Eu tinha a sensação de que precisaria de mais álcool.

— Ok, nós tivemos um tipo de sexo lá. É muito confortável relaxar naquela coisa com os pés mergulhando na piscina enquanto um cara mergulha a língua na sua piscina.

Champanhe saiu do meu nariz quando bufei, minha pele esquentando. — Muita informação, Fina!

Leona estava agarrando a borda da cadeira de sol para não cair enquanto ria e cuspia álcool por toda parte.

— Savio sabe? — Perguntou Leona.

— Eu duvido que ele se importe, — eu disse. — O flamingo viu muito pelo que ouvi.

Serafina deu de ombros. — Nós limpamos depois, então...

Eu apertei a mão sobre os olhos, incapaz de acreditar no rumo que nossa conversa tinha tomado. Alguns anos atrás, algo assim teria sido impossível para mim.

— E você, Kiara? Qual é o lugar mais estranho em que você fez sexo?

Eu olhei para Serafina através dos meus dedos, em seguida abaixei-os lentamente, enviando-lhe um sorriso envergonhado. Eu corri meus dedos ao longo da borda do copo enquanto contemplava o quão pouco eu tinha feito até agora. Nós não havíamos nos aventurado fora do nosso quarto muitas vezes até agora. — Nós fizemos no chuveiro da Roger’s Arena uma vez, e na piscina, — eu disse. — Mas foi isso. Eu acho que Nino está se controlando por mim.

Serafina franziu os lábios. — Então você terá que mostrar-lhe que quer ser mais aventureira. Eu realmente recomendo fazer em algum lugar da natureza ou experimentar o flamingo.

Eu empurrei meu copo para ela. — Eu preciso de mais álcool.

Tínhamos terminado a terceira garrafa e passamos para um licor de hortelã-pimenta que Serafina havia descoberto em algum lugar nos fundos do bar quando os homens nos encontraram. Até então nós estávamos completamente bêbadas.

Remo carregava Greta e Nevio e arqueou as sobrancelhas quando nos viu. — Eu vejo que vocês encontraram o estoque secreto de licor de Savio.

Tomei um gole do meu copo e estremeci com o gosto. — Repugnante. Tem gosto de pasta de dente. — Então eu ri, e Serafina e Leona se juntaram a mim.

— Isso não impediu vocês de esvaziar a garrafa, eu vejo, — disse Nino, levantando a garrafa de licor.

Fabiano foi até Leona e ajudou-a a se levantar. Ela caiu em seus braços, sorrindo. — Nós conversamos sobre viagens as terras de baixo.

Fabiano franziu a testa e olhou para Remo e Nino, que deu de ombros. — Talvez no próximo ano.

Serafina e eu desatamos a rir.

— Espero que você vá para as terras de baixo mais de uma vez por ano, — brincou Serafina.

A compreensão cruzou o rosto de Fabiano e ele arqueou uma sobrancelha. — Vamos, Leona estou com vontade de viajar.

Remo sacudiu a cabeça. Nevio estava balbuciando e rindo, determinado a se divertir mesmo que não tivesse ideia do que era. Greta, como de costume, observava tudo com seu escrutínio silencioso.

— Eu acho que deveria tentar fazer nossos monstrinhos dormir. Você provavelmente está excitada pra caralho depois de toda a conversa sobre sexo? — Remo disse e deu a Serafina seu sorriso distorcido.

Ela ficou de pé, oscilou e conseguiu ir até o marido e os gêmeos. — Estou no clima para uma pequena viagem as terras de baixo também.

Eles desapareceram e eu tropecei em meus pés, mas voltei a sentar na cadeira. Nino se aproximou e eu sorri para ele. Lentamente, meus olhos percorreram o comprimento de seu corpo, a maneira como sua camisa abraçava seus músculos, e meu núcleo se apertou com a necessidade. Nino se inclinou sobre mim, agarrando minha cintura para me levantar. Eu agarrei seu pescoço e o beijei. Ele correspondeu, mas foi contido. Eu me afastei. — Eu quero você.

Ele procurou meus olhos. — Você está muito bêbada.

— Eu sempre quero você. Eu não preciso estar sóbria para isso. Este não é um primeiro encontro, — eu brinquei. Eu segurei-o através de suas calças, apalpando levemente e sentindo-o endurecer sob o meu toque.

A boca de Nino se contraiu. — Eu vejo que o álcool diminui suas inibições.

— Te incomoda se estou assim? — Eu perguntei e não parei de esfregá-lo, apreciando a rapidez com que ele respondia a mim, como ele estava ansioso por mim.

Nino se agachou, não me deixando alternativa senão soltá-lo. — Não, estou feliz que você esteja finalmente confiante o suficiente para dizer o que quer e agir sobre os seus desejos.

Ele envolveu um braço em volta da minha cintura e se aproximou mais quando a outra mão deslizou por baixo da minha saia e começou a acariciar-me. Eu já estava molhada e dolorida por ele. Olhei para a casa, imaginando quanto disso seria visível das janelas. Esta parte da área da piscina não era tão escondida como a própria piscina. Eu não vi ninguém, mas o risco permaneceu. A maior parte seria protegida pelas costas largas de Nino, no entanto. Nino seguiu meu olhar. — Devo parar e continuar lá dentro?

Eu balancei a cabeça rapidamente. — Não.

Sua boca se contraiu e ele lentamente empurrou dois dedos em mim. Eu ofeguei na deliciosa invasão quando ele empurrou para dentro de mim.

— Fina me disse que ela e Remo nos escutaram fazendo sexo uma vez, —

eu disse entre gemidos, curiosa sobre a reação de Nino e surpresa quando ele apenas assentiu.

— Eu sei. Remo me disse, e eu os ouvi pela janela aberta.

Meus olhos se arregalaram. — Você sabia que eles estavam ouvindo e não parou?

— Eu não me importei, mas sabia que você iria, então não te disse.

— Oh Deus, por favor, chute o traseiro de Remo da próxima vez que ele tentar algo assim. — Nino empurrou para dentro de mim novamente.

— Eu vou deixá-lo saber seus sentimentos sobre o assunto.

Eu gemi e balancei a cabeça. — Não... não, não. Eu prefiro que ele esqueça que isso aconteceu.

Nino assentiu com a cabeça, os olhos focados em seus dedos e os meus dedos dos pés começaram a se curvar em seu olhar faminto. Meu orgasmo me atingiu e meus braços cederam. Eu caí de volta na cadeira, gemendo e rindo, completamente oprimida e também cada vez mais tonta.

A cabeça de Nino apareceu acima de mim. — Eu acho que é isso por agora.

— E você?

— Amanhã, — ele murmurou e me pegou gentilmente. Concordei grogue contra seu peito, então minha visão ficou preta.

Capítulo Dezoito

KIARA

Eu tive a dor de cabeça da minha vida. Toda vez que a luz encontrava meus olhos, uma dor aguda cortava meu cérebro. Segurando minha cabeça, tropecei para fora do quarto. Nino já tinha saído, deduzi para o seu mergulho matinal porque já eram dez.

Quando entrei na cozinha, Serafina estava debruçada sobre a mesa, parecendo um zumbi. Ela mal olhou para cima e me deu um sorriso fraco.

Tentei devolver o gesto, mas só consegui fazer uma careta. A boca de Remo puxou em seu sorriso torcido. Nevio e Greta estavam ocupados pegando os cubos de comida nos pratos na frente deles.

Eu me arrastei na direção da cafeteira e servi um grande preto. Por uma vez sem leite ou açúcar. Fazendo meu caminho até a mesa, me agarrei a minha caneca como se fosse minha tábua de salvação. Eu nunca me senti assim e definitivamente nunca mais beberia de novo. Foi bom relaxar ontem, mas na manhã seguinte...

Nevio soltou um grito feliz quando me sentei e choraminguei com a pontada que o som causou em meu cérebro.

— Shhh, — murmurou Serafina, meio implorando.

Remo riu. — Vocês duas parecem um cadáver.

Nenhuma de nós reagiu.

— Espero que vocês não esperem que eu faça o café da manhã. Não sei cozinhar e não tenho intenção de aprender.

Eu olhei para cima. — Talvez você deva.

— Não, essa é a vantagem de ser Capo, — ele disse, então sorriu perigosamente. — Serafina mencionou que finalmente lhe contou sobre a nossa

presença.

— Remo, — Serafina assobiou, então gemeu e tocou a cabeça dela. — Eu te disse para não mencionar isso. Eu não deveria ter.

Minhas bochechas aqueceram e fiz uma careta. — Não fale sobre isso.

Remo se inclinou para frente. — Da próxima vez te darei um aviso para você saber o que está acontecendo.

Eu levantei um dedo de advertência. — Não se atreva. Mantenha seu nariz fora do meu quarto.

Remo teria dito algo para me envergonhar ainda mais. Por sorte, Savio, Nino e Adamo foram atraídos para a cozinha pelo cheiro de café e todos se acomodaram em volta da mesa.

Nino me olhou atentamente. — Como você está?

— Horrível.

Nino me observou por mais um momento. — Causa e efeito.

— Eu realmente amo você, mas isso está me fazendo querer bater em você com uma colher. — Surpresa brilhou nos olhos de Nino.

— Mantenha seu estilo dominatrix perversa em seu quarto, tudo bem? — Savio disse um pouco alto demais.

— Você pode diminuir o tom? — Serafina murmurou.

Savio sorriu. — O quê? Não me diga que você está com dor de cabeça? — Desta vez ele falou ainda mais alto.

— Não vamos tomar café da manhã? — Perguntou Adamo depois de um momento.

— Nossa cozinheira residente está cuidando de uma ressaca, — disse Remo.

— Eu vou fazer omelete, — disse Nino e se levantou. Eu enviei-lhe um sorriso agradecido. Remo estava tentando alimentar Greta com purê de cenoura, enquanto Nevio comia sozinho. Ele odiava quando alguém tentava alimentá-lo com uma colher, então acabamos desistindo e colocamos uma seleção de

legumes em cubos, carne e frutas na frente dele para que ele pudesse escolher o que comer.

Bebendo meu café, observei Remo com Nevio e Greta, como ele era paciente mesmo quando Nevio agia como um pequeno monstro. Remo notou meu olhar e ergueu as sobrancelhas, e eu apenas sorri. Ele não gostava quando as pessoas viam seu lado mais suave.

Alguns minutos depois, Nino apareceu com uma enorme panela cheia de ovos mexidos.

— Eu achei que iríamos comer omelete, — disse Savio.

— Se você não estiver satisfeito com a comida fornecida, está livre para cozinhar para si mesmo, — Nino disse.

Savio estendeu o prato. — Eu vejo que estamos todos de mau humor esta manhã.

Eu sufoquei uma risada, então estremeci. Apesar do meu protesto, Nino também colocou um pouco de ovos no meu prato. — Você precisa comer.

Suspirei, em seguida, peguei a colher e empurrei um bocado na minha boca. Tudo parecia sem gosto esta manhã.

Depois de devolver a panela vazia ao fogão, Nino colocou Tylenol e um grande copo de suco de maçã na minha frente. — Isso pode ajudar.

Ele afundou ao meu lado.

Nino apertou minha coxa suavemente e forcei os analgésicos e um grande gole de suco pela minha garganta.

— Quando você chegou em casa ontem à noite? — Nino perguntou a Adamo.

Sombras escuras se espalharam sob seus olhos e ele cheirava a fumaça e cerveja. — Por volta das quatro.

— Amanhã tem escola. Eu não quero você fora a noite toda novamente.

— É quase o final do ano letivo. As férias começarão em breve. Não é como se alguma coisa emocionante estivesse acontecendo — murmurou Adamo,

agarrando-se à xícara de café. — Savio festeja o tempo todo.

— Savio não está na escola, e nunca fica com cara de merda, — Remo disse bruscamente. Greta olhou para ele, a boca manchada de purê, ignorando a colher que Serafina agora lhe estendia.

— Savio também é maior de idade, — disse Savio, revirando os olhos. — Cara, você parece uma merda, ainda pior do que nossas duas belezas lá.

— Eu só me diverti um pouco, — disse Adamo defensivamente.

Nino franziu a testa. — Você pode se divertir, mas precisa conhecer seus limites e não cruzá-los constantemente.

Serafina e eu trocamos um olhar. Nós não tínhamos dado o melhor exemplo na noite passada, mas foi apenas a segunda vez que ficamos bêbadas.

— Tudo bem, — resmungou Adamo, aumentando minhas suspeitas. Geralmente ele era mais conflituoso com esses assuntos.

Remo estreitou os olhos. Greta se inclinou para frente e levou as mãos para um dos pedaços de abacate de Nevio. Nevio pegou e entregou para que Greta pudesse pegá-lo. O pedaço foi esmagado entre as mãos, mas Greta levou o purê verde ao rosto e enfiou os dedos em sua boca.

— Eu não suporto a fofura, — eu sussurrei.

Os lábios de Savio se curvaram. — Eu acho que as maneiras à mesa não importam mais.

Serafina revirou os olhos e beijou a cabeça de Greta. — Você prefere o que Nevio está comendo?

Greta não respondeu e, quando Remo estendeu um pedaço de cenoura cozida no vapor, ela pegou e enfiou na boca, depois sorriu. No final do café da manhã, tanto Nevio quanto Greta tinham comida em todo o rosto e cabelo, mas pareciam satisfeitos e felizes.

Depois disso, Nino e Remo saíram para uma reunião com Stefano que estava na cidade enquanto Serafina e eu tentávamos limpar a bagunça que as crianças haviam causado enquanto elas brincavam no cobertor no chão.

Eu me encostei ao balcão e observei os dois, como eles interagiam,

pacificamente compartilhando seus brinquedos, como Nevio se acalmava quando era só ele e Greta.

O anseio constante tornou-se mais relevante e eu o afastei. Algumas coisas levavam tempo.

Eram meados de junho, quando eu estava a caminho de dar um mergulho. Comecei a amar usar a piscina no início da manhã como Nino e isso me ajudou a relaxar. Ao avistar Adamo encostado na parede sozinho, fui até ele.

Os olhos de Adamo estavam quase febris quando me acomodei ao seu lado. Imaginei que ele acabara de voltar de onde quer que tenha passado a noite. Ele ficou ainda mais retraído desde o casamento. Talvez ver Samuel tivesse o atingido depois de tudo. Ele deu outra tragada no cigarro antes de olhar para mim. Demorou alguns segundos para seu olhar se concentrar totalmente em mim; ele havia usado alguma coisa. O brilho em seus olhos só podia ser de drogas e eu não achei que fosse apenas erva. — Adamo?

— Sim, — ele resmungou.

— O que há de errado? Pode me dizer, você sabe que pode confiar em mim.

Ele acenou com a cabeça em direção às cicatrizes de queimadura em seu antebraço. Foi a primeira vez que o vi de mangas curtas e meu estômago se agitou quando vi as pequenas queimaduras de cigarro que não estavam lá antes.

— Eu não consigo esquecer isso. Eu sonho com isso todas as noites. Com o desamparo, a agonia e o pior ódio irrestrito em seus olhos. Eles queriam me destruir da maneira mais brutal possível só porque eu sou um Falcone.

Minha garganta ficou seca. Esta foi provavelmente a primeira vez que ele admitiu em voz alta. — Porque eles sabiam que isso quebraria Remo.

Adamo assentiu. — Às vezes eu me pego olhando nos olhos de Fina apenas para invocar as lembranças daquele dia. Eles são como os de Samuel e parecidos o suficiente com os de Dante.

Oh Deus. O que eu deveria dizer sobre isso? Adamo evitava Serafina, mas por essa razão eu não esperava. — Por que você tenta lembrar?

— Porque não posso esquecer! Me dá uma sensação de controle quando

escolho o momento em que as lembranças surgem.

— Eu entendo, — eu sussurrei.

Ele jogou fora o cigarro. — Eu achei que era diferente. Tentei dizer a mim mesmo que era, mas não sou.

— O que você quer dizer?

— Eu quero vingança. Eu quero fazê-los sangrar, mesmo que saiba que não vai mudar nada, só levar a mais violência, a mais miséria. — Ele passou a mão trêmula pelo cabelo.

— O que você usou?

— O quê?

— Você está chapado, — eu disse baixinho.

Eu podia ver suas defesas subindo. Adamo aprendera a guardar segredos e eu me preocupava com quantos ele escondia atrás de sua máscara.

Adamo levantou. — Ninguém na Camorra me venderia drogas, Kiara. Como eu poderia estar chapado?

— Eu vi você comprar algo daquele cara no clube.

Ele balançou a cabeça. — Aquilo foi uma coisa de uma só vez. Quando descobriram quem eu era, se recusaram a me vender qualquer coisa.

Essa era provavelmente a verdade, mas ele estava mentindo agora. Ele *havia* usado alguma coisa.

— Adamo, seus irmãos amam você. — Eu me levantei e toquei seu braço. — Não deixe o que aconteceu te quebrar. Não deixe isso mudá-lo. Você é o homem mais gentil que conheço.

— Eu não sou gentil! — Ele agarrou meus braços em um aperto firme, seus olhos brilhando com desespero, mesmo quando saíram do foco. Se ele não estivesse pegando drogas da Camorra, as únicas outras opções eram a Bratva, o Cartel ou um MC local, e isso era uma completa insanidade. Las Vegas estava firmemente nas mãos da Camorra.

Isso significava que ele tinha que conseguir seus suprimentos quando era

autorizado a correr em outros estados.

— Eu não sou gentil, — ele repetiu, seus dedos apertando ainda mais.

— Você está me machucando.

O olhar de Adamo correu para suas mãos e ele se afastou de mim, balançando a cabeça uma e outra vez. — Eu sinto muito. Estou bagunçando tudo. — Ele recuou devagar, com uma expressão de culpa no rosto e depois se virou, saiu correndo e desapareceu na esquina da casa.

Eu prometi a Adamo que nossas conversas permaneceriam confidenciais. Foi por isso que ele se abriu comigo. Eu poderia esconder isso de seus irmãos e todos os outros? Eu deveria?

Eu fechei meus olhos. Eu esperaria alguns dias antes de tomar uma decisão.

No dia seguinte, estava a caminho do meu banho, mas congelei no limiar do espaço comunitário, surpresa ao encontrar Nino na sala de jogos com os gêmeos. Eu achei que ele já estava nadando suas voltas. Talvez Serafina tenha lhe pedido para vigiar os gêmeos enquanto se preparava. Eu parei na porta. Ele estava sentado no sofá com Nevio ao lado dele. Greta se aproximou tropeçando, seus olhos escuros se fixando no livro no colo de Nino. Ela segurou seu joelho, ainda não tão firme em suas pernas quanto seu irmão gêmeo. Nevio já havia perdido o interesse nas páginas e estava novamente tocando as tatuagens de Nino, balbuciando em evidente prazer.

Nino observou Greta atentamente. Ela tentou pegar um vislumbre no livro, mas era muito pequena até que Nino levantou o livro em sua direção o que por sua vez deixou Nevio infeliz, resultando em um grito de alerta que poderia muito bem levar a uma completa sessão de birra.

— Se eu te pegar, você e Nevio podem ver o livro, — Nino explicou calmamente. Greta olhou para ele com aqueles enormes olhos, derretendo meu coração com sua fofura.

Nino baixou os braços, movendo-se lentamente para dar-lhe tempo antes de deslizar uma mão sob o bumbum revestido de fralda enquanto a outra firmou suas costas. Ele a levantou do chão, os olhos focados em seu rosto como se estivesse preocupado que ela começasse a berrar a qualquer momento. Por muito

tempo, Remo foi o único que ela aceitou. Agora que Savio tinha sido autorizado a segurá-la, parecia que ela tinha começado a confiar nos homens desta família. Ela permaneceu quieta e sua expressão deixou claro que ainda não estava muito entusiasmada com a situação. Nino embalou-a no braço e apontou para o livro. Claro, Nevio imediatamente subiu em cima dele também, e enquanto eu assistia, finalmente, Greta e Nevio se acomodaram no colo de Nino, enquanto ele silenciosamente explicava as imagens para eles. Meu coração estava tão cheio, que não tinha certeza de como não explodiu, e logo lágrimas traidoras encheram meus olhos.

Serafina apareceu ao meu lado e me abraçou. — Você também terá isso em breve. Você e Nino merecem ser pais.

Eu balancei a cabeça e não me atrevi a dizer nada por medo de chorar. Talvez fosse hora de parar de fingir que tudo ficaria bem e procurar um médico. Por alguma razão eu estava com medo de descobrir o que havia de errado, *se* havia algo errado. A ideia de que tinha algo a ver com o meu passado me aterrorizava.

Saí do banheiro, pronta para dormir, onde Nino já estava esperando por mim.

— Kiara.

A voz de Nino estava fria e me fez virar para ele. Ele sentou-se lentamente na cama, seus olhos cintilando com algo feroz e duro, algo aterrorizante. Segui seus olhos atentos para meus braços e senti a cor sumir do meu rosto.

Adamo deve ter me agarrado mais forte do que eu pensava, considerando as impressões digitais azuladas em minha pele.

Nino saiu da cama, com o corpo tenso e predatório enquanto se aproximava de mim. Ele traçou minhas contusões com as pontas dos dedos, me fazendo pensar como seu toque poderia ser tão gentil quando havia um desejo de morte em seus olhos. — Quem fez isto?

— Nino — comecei, sem saber o que dizer a ele, como contar qualquer coisa sem quebrar a confiança de Adamo, e imaginando se talvez não houvesse outra maneira de salvar o irmão Falcone mais novo.

— Quem te machucou? — Nino murmurou, e a fúria em seus olhos,

embora não dirigida a mim, enviou uma pontada de medo através do meu corpo.

— Não foi nada. — Eu sorri, mesmo quando meu rosto estava duro com a emoção forçada. Eu peguei meu roupão de banho, desesperada para cobrir as contusões e banir a brutalidade da expressão de Nino, mas ele não deixou. Ele enrolou os dedos em volta da minha mão, me impedindo.

— *Quem te machucou*?

Seus olhos me chamavam para revelar a verdade, mas a que custo?

— Ele não queria me machucar. Foi um acidente...

Eu engoli em seco porque a boca de Nino se curvou em um sorriso assustador. — Um acidente? — Ele segurou meu rosto, beijando minha boca docemente, amorosamente. — Quem fez isso? Você não confia em mim?

Eu confiava em Nino com minha vida, sabendo que estava a salvo com ele, mas com a mesma certeza de que ninguém mais estava. — Ele não quis fazer isso. Ele está machucado.

— Adamo, — Nino respirou, fechando os olhos, e a gentileza sumiu de seu rosto. Ele soltou minhas bochechas e saiu do quarto.

— Nino! — Eu tropecei atrás dele, mas ele estava correndo muito rápido. — Nino, não!

Adamo não estava em seu quarto, que estava ainda mais bagunçado do que antes. Sem parar, Nino se virou e desceu as escadas. Consegui alcançá-lo quando ele parou por um momento na porta da sala de jogos. Savio estava no sofá, e Adamo também, uma luta passava na grande TV.

Remo olhou de onde estava esmurrando o saco de boxe. — Que porra...

Ele não prosseguiu. Nino avançou em direção a Adamo, que estava estendido no sofá, agarrou-o pela garganta e empurrou-o para o chão.

— Nino, não faça isso! Por favor! — Corri em direção a ele, tentando impedi-lo. Nino estava ajoelhado em cima de Adamo, com os dedos cravados na sua garganta, um olhar de brutalidade austera no rosto. Os músculos de suas costas nuas se flexionaram, fazendo a fênix e as chamas se tornarem vivas.

— Você machucou Kiara? — Nino perguntou a Adamo.

Remo viu minhas contusões. Ele perguntou asperamente: — Nino?

A cabeça de Adamo ficou vermelha sob o estrangulamento de Nino. Ele não fez nenhum movimento para se defender, apenas olhou para o irmão com os olhos cheios de miséria, parecendo quase desesperado por Nino terminar o que havia começado. Talvez Remo visse também, porque por um instante sua expressão cintilou com um olhar que ele só mostrava quando sua mãe era mencionada.

Então ele agarrou o ombro de Nino e puxou. — Nino, pare com essa merda.

Nino não soltou seu aperto até que Savio agarrou seu outro braço e ele e Remo o puxaram. Nino soltou Adamo e deixou Remo colocá-lo de pé enquanto Savio verificava seu irmão mais novo.

— Você está bem?

Adamo não reagiu. Ele ficou no chão, massageando sua garganta. Seus olhos pousaram em mim, absorvendo meus braços e, mais uma vez, sua expressão se contorceu de culpa.

— Sinto muito, Kiara.

— Eu sei, — eu disse suavemente. Andando até Nino, cujo ombro Remo ainda estava segurando com força, toquei seu peito. Depois de vários momentos, Nino desviou o olhar de Adamo e me encarou, e como sempre a raiva desapareceu em favor da gentileza. — Eu estou bem, ok? Adamo não queria me machucar.

— O que aconteceu? — Remo perguntou a seu irmão e a mim.

Adamo sentou-se devagar e, olhando atentamente para Nino, ele se atreveu levantar. — Foi um acidente.

Nino deu um passo em sua direção. — Isso é uma desculpa de alguém que não lutou a maior parte de sua vida usaria, alguém que não está familiarizado com a violência e a dor. Mas você, como eu, não causa dor por acidente, Adamo.

— Nem todo mundo é tão bom em causar dor como você, em controlar como distribuir isso, — Adamo murmurou.

— Eu quero saber o que aconteceu, — retrucou Remo, forçando-me a encontrar seu olhar severo.

Nino se moveu entre nós, empurrando Remo para longe.

— Isso é o suficiente, — eu disse, ao lado de Nino para enfrentar Remo. — Nino, você sabe que Remo não vai me machucar.

Remo sorriu sem humor. — Por que Adamo deixou hematomas no seu braço?

Adamo me olhou com apreensão, temendo o que eu revelaria. Quais seriam as consequências? Remo deixou claro que não toleraria Adamo usando drogas, mas Adamo o fez, e não apenas isso, ele estava pegando de nossos inimigos - não poderia ser de outra maneira.

— Esse olhar que vocês estão compartilhando, não gosto nem um pouco, — Remo rosnou, tocando meu braço para trazer a minha atenção de volta para ele.

— Foi um acidente.

Nino fez um pequeno som no fundo da garganta, olhando para mim como se eu o estivesse traindo.

— Besteira, — disse Remo. — Um de vocês vai contar tudo ou vou perder a cabeça.

Passos soaram e Serafina apareceu com os gêmeos em seus braços. Ela franziu a testa para a cena na frente dela.

— É melhor você sair. Temos algo a discutir, — disse Nino e Remo assentiu.

Os olhos de Serafina se lançaram de mim para Adamo, que lhe deu um pequeno sorriso, e tudo que consegui pensar foi que ele olhou para ela para se lembrar da tortura sofrida. Ela se virou com um último olhar interrogativo para Remo e saiu.

— A porra da verdade, agora, — Remo disse para mim.

— Eu já disse tudo.

A boca de Remo curvou e ele trocou um olhar com Nino, que ficou completamente imóvel.

— Kiara, — Remo disse em aviso. — Eu ainda sou Capo e quero a verdade de você.

— Eu não direi mais do que já fiz. Se você quiser conseguir mais informações de mim, terá que usar suas sofisticadas habilidades de tortura.

— Sim, certo, com esses seus malditos olhos me encarando como um cachorrinho quebrado. Você sabe muito bem que Nino e eu não tocaríamos nenhum fio dos seus cabelos rebeldes.

Eu sabia que Nino não me machucaria, e sempre suspeitei que Remo pelo menos hesitaria antes de me machucar, mas ouvi-lo admitir que era incapaz de me infligir dor me encheu de calor. Pensar que tive medo de me tornar uma Falcone, do meu casamento com Nino, quando isso me dera um homem que me amava, e irmãos que significavam mais para mim do que meus parentes de sangue. E agora, esses irmãos estavam prestes a atacar um ao outro. Savio parecia surpreso com tudo.

Remo foi até Adamo. — Então você terá que abrir a porra da sua boca.

— Eu te disse. Foi um acidente. Se você não acredita em mim, por que não termina o que Danilo começou e queima o resto da minha tatuagem? — Adamo empurrou seu antebraço em direção a Remo. A parte superior da tatuagem com o cabo da faca e parte do olho se foi, substituída por cicatrizes de queimadura. Dando ao resto do olho que restou um triste olhar caído.

Remo ficou rígido. — Você fez um juramento a mim. Você me deve a verdade.

— Remo salvou você duas vezes, Adamo, talvez você deva ser grato, — disse Nino friamente.

Doía ver os irmãos assim, vê-los sofrendo. Eu não tinha certeza se a verdade iria ajudá-los. Eu não conseguia imaginar como poderia. O uso de drogas de Adamo colocaria Remo em uma posição impossível, especialmente se minhas suspeitas fossem verdadeiras.

— Talvez ele não devesse ter me salvado — disse Adamo com raiva,

depois empurrou Savio, pegou as chaves do carro do lado e correu para fora.

— Que porra é essa? — Exclamou Savio.

Remo e Nino olharam para mim e meu estômago afundou.

— Tem algo a ver com as queimaduras de cigarro? — Nino me perguntou.

Remo e Savio ficaram olhando para ele.

— Que queimaduras? — Remo rosnou.

Savio se afundou no braço do sofá.

Nino tocou meus braços. — Kiara.

Eu fechei meus olhos. — Ele não superou o que aconteceu com a Outfit. Ele está sonhando com isso e procurando uma saída. — Eu não mencionei os olhos de Serafina, não querendo fazê-la se sentir culpada.

— Ele está de volta às drogas, — disse Remo em voz baixa. Claro que ele descobriria.

Eu olhei para ele e assenti. Nino sacudiu a cabeça, frustrado.

— Eu quero respostas, — disse Remo. — Que queimadura de cigarro e onde Adamo compra as fodidas drogas?

— Eu peguei Adamo apagando um cigarro no seu antebraço. Ele alega que não sente por causa do tecido da cicatriz, — explicou Nino.

— Merda, — Savio murmurou.

O rosto de Remo era aterrorizante, cheio de fúria e determinação fria. — Quem está vendendo as drogas para ele? — A intensidade de seu olhar me fez estremecer.

— Eu não sei. Ele me disse que ninguém na Camorra lhe venderia nada.

Nino e Remo trocaram um olhar.

— Talvez a Bratva.

— Você realmente acha que ele seria tão idiota em se aproximar dos nossos inimigos? — Perguntou Savio.

— As drogas obrigam as pessoas fazerem coisas estúpidas, — Remo rosnou. — Talvez ele conheça pessoas nas corridas que o ajudam.

— O que você vai fazer?

— Vamos encontrar as pessoas que lhe vendem as drogas e matá-las, — disse Nino com simplicidade.

— E com o Adamo?

— Nós vamos ter certeza que ele fique em seu quarto e em abstinência. Não quero que ele arruíne sua vida com drogas — disse Remo. — Eu prefiro mantê-lo preso até que esteja limpo do que ele morrer da merda.

— Eu vou procurá-lo. Conheço alguns lugares onde ele gosta de ficar, mas vou começar pela casa de CJ — disse Savio, levantando-se e saindo.

Serafina enfiou a cabeça novamente, parecendo preocupada. Ela carregava Greta. — Posso entrar?

Remo assentiu, ainda olhando para o chão.

— Greta está sendo muito exigente. Ela não quer dormir. Ela parece precisar de proximidade hoje à noite. — Serafina examinou o rosto de Remo. — Por que você não a pega um pouco? Nevio acabou de dormir e estou preocupada que ela o acorde.

Remo acenou com a cabeça novamente devagar e foi até a esposa. Ele a beijou e então pegou Greta, que imediatamente se agarrou a ele. Serafina sussurrou algo, mas Remo balançou a cabeça. Ela tocou o braço dele brevemente, em seguida, subiu novamente.

— Vamos lá, — Nino murmurou para mim. Antes de sairmos, vi Remo se esticar no sofá com Greta esparramada no seu peito, sorrindo para ele com seus enormes olhos. Ele sorriu e acariciou suas costas.

— Ele vai ficar bem, — Nino disse baixinho enquanto me levava para longe.

— Eu sei. E você?

— Eu também ficarei. Adamo ficará bem. Nós vamos ajudá-lo. Uma vez que seus fornecedores estejam mortos e ele esteja limpo, podemos fazer algo

sobre as lembranças.

Nós nos acomodamos em nossa cama, eu de costas e Nino inclinado sobre mim, seus olhos traçando meus braços. Ele se inclinou e beijou minhas contusões. — Eu não suporto vê-la ferida.

— Estou bem, Nino. Me dói mais ver você e seus irmãos discutirem um com o outro. Então, por favor, não fique bravo com Adamo.

— Eu não estou. Não mais. Meus irmãos e eu sempre estaremos lá um para o outro. Nada vai mudar isso. Remo não permitirá, nem eu.

Capítulo Dezenove

NINO

— Então, o que, você vai me manter trancado aqui para sempre? — Adamo disse. — Um cativo em minha própria casa? — Desde que Savio o trouxe para casa duas noites atrás, ficamos de olho em nosso irmão mais novo e ele já estava mostrando sintomas de abstinência. Movimentos erráticos, transpiração, agitação dos dedos. Ele deve ter usado mais tempo do que qualquer um esperava.

— Você vai ficar aqui até termos certeza de que está limpo, — eu disse calmamente.

Adamo olhou com raiva. — Por que eu não posso ficar no meu quarto pelo menos?

— Porque não há barras na frente da sua janela e não queremos instalá-las.

Adamo balançou a cabeça, olhando ao redor do quarto na ala de Remo. Era onde Remo costumava manter Serafina. — Isto é ridículo. Vocês não podem me tratar assim.

Remo cambaleou na direção dele e ficou na sua cara. — Você sabe o que eu faria com qualquer outro soldado que usa drogas e não me diz onde as pegou, então talvez você devesse calar a boca.

— Se você nos disser quem te deu as drogas, isso facilitaria as coisas.

— Para quem? — Adamo cruzou os braços com um sorriso amargo.

Remo soltou um suspiro severo e então seu sorriso se tornou perigoso. — Tudo bem, então não nos diga. Vamos conversar com CJ e perguntar a ela. Você passou muito tempo com ela. Suponho que ela saiba algo.

Adamo ficou pálido. — Não, deixe-a fora disso.

O sorriso de Remo se alargou ainda mais. — Eu não posso fazer isso.

Considerando que sou seu Capo, ela deveria ter me contado tudo, mas não o fez. Isso é traição.

— Não! — Adamo gritou e se jogou em Remo, mirando um soco nele. Remo o bloqueou, torceu o seu braço e jogou-o de cara no chão, depois se ajoelhou nas suas costas. — Nunca levante seu punho contra mim novamente.

— Foda-se, — Adamo rosnou, seu rosto ficando vermelho.

— Adamo, — eu disse em um tom suplicante enquanto me agachava diante dele. — Você precisa parar com isso. As drogas estão brincando com você. Remo e eu só queremos ajudá-lo.

— Não machuque CJ, me machuque.

— Eu tenho a sensação de que machucá-lo não vai nos aproximar da verdade, certo? — Eu murmurei. — Dor não fará você falar mais.

— Você nunca tentou. Apenas faça.

Remo soltou-o e levantou-se com um grunhido. — Cale-se. Você sabe que não vamos torturá-lo.

— Por que você não pode simplesmente me deixar tomar minhas próprias decisões? Se eu quiser arruinar minha vida com drogas, então me deixe.

Remo olhou com raiva. — Eu não vou desistir de você, nunca. Eu vou torturar alguém para conseguir informações sobre os filhos da puta que te venderam essa merda. Eu quero que você volte a ser quem era.

— Eu não vou, — disse Adamo calmamente, rolando de costas. — Não há nada que você possa fazer sobre isso. Eu não sou mais aquele, talvez nunca tenha sido.

Remo engoliu em seco, a boca em uma linha dura. Ele se inclinou sobre Adamo, segurando seu antebraço com as queimaduras. — Então se torne alguém mais forte. Aqueles filhos da puta que te torturaram, não lhes dê poder, mesmo depois de mortos. Fique bravo, brutal, eu não dou a mínima, mas tire a porra daquela tortura da sua cabeça. Siga em frente. Está no passado.

Adamo sorriu estranhamente. — Se fosse assim tão fácil, você e Nino ainda não agiriam como se nossa mãe não estivesse viva.

Remo se levantou. Ele estava no limite. Eu agarrei seu ombro.

— Adamo, existem duas opções. Você nos diz quem te vendeu as drogas ou Remo e eu vamos questionar CJ.

Adamo olhou com raiva, mas a preocupação cintilou em seus olhos. Talvez Adamo pensasse que era como nós, tinha se tornado como nós, mas ele ainda era mais gentil do que Remo e eu jamais seríamos.

— Não nos dê esse olhar, — disse Remo em voz baixa. — Eu não vou deixá-lo lidar com traficantes potencialmente perigosos que poderiam usá-lo e o seu vício em drogas para nos atingir, a nossa família.

Adamo zombou.

Remo deu um passo em direção a ele novamente, mas se conteve. — Tem certeza de que não lhes daria os códigos de segurança se eles não lhe vendessem as drogas que você tanto deseja? Você pode olhar nos meus olhos e jurar que não agiria de forma imprudente por outra dose? Você pode? — Remo riu sombriamente quando Adamo permaneceu em silêncio. — Isso foi o que eu pensei. Não vou arriscar as vidas de Greta e Nevio, ou as de Serafina, Savio, Kiara ou Nino - ou a sua. Nunca. Se eu tiver que torturar uma prostituta para que você me dê às informações que preciso, farei sem uma merda de remorso. — Então ele acenou para mim. — E acredite em mim, Nino nem sequer piscaria em desmembrar alguém para garantir a segurança de Kiara.

Adamo se colocou na posição sentada. — Eu nunca daria nossos códigos. Nem mesmo por drogas.

— Diga-nos quem te vendeu essa merda.

Adamo baixou os olhos. — Existem alguns caras nas corridas. Eles mesmo estão usando essas coisas. Eu os pago em dobro, então eles compram para mim também.

— Eles sabem quem você é? — Remo perguntou.

Adamo assentiu. — Todo mundo sabe quem eu sou.

Remo se virou e saiu.

— Nomes, e se você sabe, onde encontrá-los, — eu exigi.

— Kay e Josh. Eles ficam sempre com a equipe principal da corrida no acampamento.

Estendi a mão para Adamo e ele pegou. De volta a seus pés, ele suspirou. — Eu realmente tentei ficar longe das drogas, menos da maconha - isso tornava as coisas melhores e então um desses caras disse que a heroína tornaria isso ainda mais fácil...

— Nada que valha a pena é fácil, Adamo. Você está certo, Remo e eu às vezes ainda lutamos contra o passado, mas seguimos em frente porque temos pessoas que confiam em nós e você também. Nós confiamos em você. Nós precisamos de você como parte de nossa família, então enfrente seus medos sem drogas.

Adamo não disse nada.

— Eu vou trancá-lo por agora. Mais tarde, quando alguém estiver aqui para ficar de olho em você, pode andar pela casa.

Ele afundou na cama e eu saí. Remo ainda estava no corredor quando saí, encostado na parede e parecendo um assassino. — Nós vamos ter que dar um exemplo. Colocar na cabeça das pessoas que precisam parar de vender essa merda para ele.

— Deixe eu e Fabiano lidar com isso. Você fica aqui com seus filhos. Fique de olho nas coisas.

— Você ainda acha que Samuel pode usar as informações que reuniu enquanto esteve aqui para o casamento? Para atacar?

Eu balancei a cabeça. — Acho que ele não arriscará nada com a irmã dele por perto, mas acho que você deve ficar aqui. Eu sei que você acredita que tem que proteger a todos nós, mas Fabiano e eu podemos lidar com isso.

Remo não gostou, mas ele tinha seus gêmeos para pensar e se jogar em todos os conflitos tinha que parar. Eu pude ver quão difícil ele tomou o vício em drogas de Adamo.

— Tudo bem, — disse ele lentamente. — Mas você vai garantir que todos recebam a mensagem.

Eu lancei-lhe um olhar e ele mostrou os dentes em uma risada dura. —

Sim. Você fará isso.

— Vou procurar Fabiano e dizer a Kiara que estou saindo, então partiremos.

Atravessei os jardins até a casa de Fabiano. Leona estava deitada em uma das espreguiçadeiras e lendo. Ela sentou quando me viu chegando. — Algo aconteceu?

— Eu preciso de Fabiano para uma missão.

— Ele está na academia, malhando.

Eu balancei a cabeça, mas antes de entrar, eu disse: — Serafina, Savio e os gêmeos estão na piscina. Por que você não se junta a eles?

Surpresa cruzou o rosto dela. — Eu irei, obrigada.

Eu balancei a cabeça, em seguida, dirigi-me para a sala de estar. A casa de Fabiano era menor que a nossa e não tinha alas, mas ainda era uma construção enorme. A academia ficava no fim do corredor e, quando entrei, Fabiano estava fazendo supino. — Você não deveria ser mais vigilante?

— Reconheci seus passos. — Ele colocou a barra de barra no rack de segurança acima de sua cabeça, em seguida, sentou-se e enxugou o suor do rosto e do peito. — Adamo?

Eu balancei a cabeça. — Ele nos deu nomes.

— Quando você quer partir? — Fabiano perguntou enquanto se levantava.

— O mais cedo possível.

— Remo irá?

— Não, ele ficará aqui e manterá os olhos nas coisas.

— Quanto tempo ficaremos fora?

Sempre eficiente quando se tratava de uma missão, o que eu gostava em Fabiano. — Uma noite, talvez duas. O acampamento está atualmente estacionado perto de Sacramento.

— Tudo bem. Dê-me quinze minutos para tomar um banho rápido e

arrumar algumas coisas.

Com um breve aceno de cabeça, voltei a nossa mansão para procurar por Kiara. Eu a encontrei em seu piano, mas ela não estava tocando nada, apenas olhando para os dedos nas teclas. Eu me sentei ao lado dela. — Qual é o problema?

— Nada, — ela disse lentamente, então me deu um pequeno sorriso.

Eu acariciei seu braço com as contusões. Ela não estava dizendo a verdade. Dado seu ciclo, ela deveria ter menstruado há dois dias. Nós transamos esta manhã e ela definitivamente não estava sangrando. — Eu tenho que ir até Sacramento para resolver algumas coisas.

— Adamo contou quem lhe vendeu as drogas?

— Sim. — Eu não disse mais nada e Kiara não perguntou, apenas assentiu. Ela sabia o que precisava acontecer.

— Como ele está?

— Nós o trancamos na sala segura. Ele só terá permissão para sair se Savio ou Remo estiverem por perto para vigiar.

— Isso é mesmo necessário?

Eu trouxe o pulso dela para minha boca e a beijei. — Não sabemos quanto tempo Adamo está usando heroína. Ou o que mais ele usou. Podemos descobrir em Sacramento, mas se o vício dele é sério, o que eu temo que seja ele pode fazer algo idiota tentando conseguir mais.

— Eu realmente espero que ele possa superar isso.

— Ele vai. — Eu procurei em seus olhos por um indício de que Kiara precisava de mim. — Você vai ficar bem?

— Claro. Você precisa resolver isso. Eu vou ficar bem. *Eu estou*.

Eu a beijei lentamente, tentando decidir se deveria pedir a Savio para ir em meu lugar.

— Eu estou bem, — ela disse mais firme. — Vá. Resolva tudo.

KIARA

Eu assisti Nino e Fabiano partirem de carro, em seguida, voltei para dentro de casa. Serafina estava no terraço com os gêmeos e Leona, e Remo e Savio estavam na sala em comum, discutindo sobre Adamo. Por um momento, considerei sair, me distrair do pensamento incômodo que não me deixara por dois dias.

Apenas dois dias.

Minha menstruação estava atrasada apenas dois dias e, no entanto, não conseguia parar de pensar nisso, mesmo que nunca tivesse significado nada no passado. Eu queria que significasse algo, que dissesse que eu estava finalmente grávida. Em algum momento, tinha que funcionar. Tinha que acontecer. Eu toquei minha barriga e balancei a cabeça.

Atravessando o hall de entrada, me tranquei no banheiro de hóspedes com um dos meus testes de gravidez do meu esconderijo. Dez minutos depois, olhei para a pequena janela enquanto a decepção despedaçava meu coração em pequenas lascas. Negativo, novamente.

Eu me senti doente e desesperada. Tentando conter as lágrimas, saí do banheiro de hóspedes e fui em direção à sala de jogos para preparar uma bebida no bar. Eu quase nunca tomava bebidas destiladas, mas naquele momento queria entorpecer minha tristeza. Por sorte, Savio e Remo não estavam mais lá. Eles provavelmente se juntaram ao resto no terraço.

Alcançando a primeira garrafa em que pude colocar minha mão, me servi de uma dose generosa e consegui tomar metade antes de começar a tossir. Lágrimas finalmente explodiram e eu não tinha certeza se era por causa do álcool ou por causa do vazio no meu peito, essa sensação esmagadora de que a coisa que eu mais queria não viria fácil para mim, ou mesmo para todos.

Remo apareceu, vindo do jardim. Eu rapidamente limpei meus olhos e corri para longe, querendo me afogar na minha miséria, mas seus passos soaram atrás de mim e, eventualmente, desisti de escapar, porque era inútil de qualquer maneira. Remo nunca desistia e eu estava cansada de correr. Fungando, me

inclinei contra a parede e deslizei lentamente para o chão. Suas pernas apareceram, mas ele não disse nada. Eu podia imaginá-lo me observando.

— Já que você odeia grandes manifestações de emoções, deveria ir embora. Só vai piorar a partir daqui. — Mesmo para os meus próprios ouvidos, eu soava amarga.

Remo afundou na minha frente, segurando meu copo meio cheio. Ele examinou meu rosto e olhou para o teste de gravidez na minha mão. Eu nem percebi que ainda estava segurando-o como um memorial do meu fracasso em conceber. Eu lhe mostrei para que ele pudesse ver o resultado.

— Você acharia que fica mais fácil. A decepção depois de ter suas esperanças muito altas uma vez mais.

Remo tomou um gole da minha bebida, depois girou no copo.

— Isso é meu.

— Você o deixou lá em cima. É uma edição limitada do rum Don Papa, que custa uma fortuna. Eu não vou deixar lá para que Adamo possa profanar isso em uma porra de Cuba Libre.

Eu sufoquei uma risada e estendi minha mão. — Eu preciso de outro gole.

Remo entregou o copo para mim e eu tomei um grande gole, estremecendo com a força do álcool. — Fodido desperdício de bom rum. Você odeia bebidas fortes.

— Eu odeio, — eu disse e devolvi a bebida para Remo. — Eu achei que ajudaria.

Remo sorriu. — Quando o álcool já ajudou com alguma coisa?

— Pode ajudá-lo a esquecer.

— Por algumas horas, mas permite que você caia ainda mais quando lembra novamente.

Mordi o lábio, sabendo que ele estava certo. Adamo estava tentando lidar da mesma maneira e eu podia ver onde isso o havia levado. — Estamos tentando há tanto tempo.

Remo inclinou a cabeça em consideração. Não havia pena em seus olhos, o que era bom, e por isso eu amava conversar com Remo. — Nino é infértil?

Eu pisquei, ainda, depois de todo esse tempo, chocada com a franqueza de Remo. — Eu não sei, mas não acho que seja ele. É minha culpa. Eu sei disso no fundo. Alguma coisa está errada comigo. Talvez eu não mereça ser feliz. Primeiro meus pais, depois Durant e agora isso... — Eu comecei a ofegar por ar enquanto desespero e tristeza se acumulava em meu peito. Eu não podia acreditar que havia dito essas palavras em voz alta. Elas estavam me assombrando há muito tempo.

— Kiara, pare com isso.

Eu não consegui. Remo agarrou meu tornozelo, me assustando. Minha cabeça se levantou. Ele raramente me tocava. Eu engoli quando me concentrei em seu rosto.

— Não é culpa de ninguém, e não há nada de errado com você, entendeu?

— É injusto, — eu sussurrei desesperadamente.

Remo tomou o restante do o rum. — A vida é injusta pra caralho. Ela quer te esmagar, mas você não pode deixar a cadela vencer. Você tem que forçá-la a seguir suas regras.

— Você faz parecer tão fácil, mas para mim não é. Você é forte. Ninguém poderia forçá-lo a fazer nada.

Remo se inclinou para frente, apertando meu tornozelo. — Você sabe quantas pessoas ousam falar a verdade na minha cara? Quantos não cagam nas calças quando estão sozinhos comigo?

Eu balancei a cabeça. Eu imaginei que não havia muitos. Serafina, seus irmãos e Fabiano... até mesmo Leona ainda era cautelosa em torno do Capo da Camorra.

— Você é forte do seu jeito, Kiara. E você é uma Falcone. O mundo é seu. Se você quiser uma criança, você terá uma.

Eu ri. — Eu sei que você é poderoso, mas algumas coisas estão fora do seu controle. Você não pode sequestrar uma.

— Se Nino for infértil, você pode receber meu esperma para engravidar.

Eu engasguei. — Você está falando serio?

Ele ergueu uma sobrancelha.

Eu balancei a cabeça. — Você está realmente falando sério. Você acha que Fina ficaria bem com você sendo um doador de esperma?

— Somos todos da família. Eu quero que você e Nino realizem seu desejo, e Serafina entenderia.

— Isso não vai funcionar se for eu.

— Há todo tipo de merda que os médicos podem fazer hoje em dia. Você e Nino deveriam fazer um check-up. Depois de saber qual é o problema, vocês podem encontrar uma solução.

— Talvez não haja solução.

— Sempre há. Vocês podem adotar. Talvez não seja a pior ideia, considerando o quão confusos Nino e eu somos.

— Isso é por causa de sua infância.

— Confie em mim, parte disso é hereditário. — Sua boca se curvou como se ele se lembrasse de todas as coisas que fizeram ao longo dos anos.

— Eu estive pensando em adoção. — Eu olhei para Remo. — Mas eu não quero que as crianças sejam consideradas inferiores porque não são parentes de sangue.

— O único sangue que me importa é dos filhos da puta que tratarem seus filhos como inferiores por alguma merda de DNA, e só porque vou me banhar nele depois que cortar suas gargantas.

Diminui o pequeno espaço entre nós e abracei Remo pela primeira vez na minha vida. — Obrigada, — eu sussurrei. — Você é como eu gostaria que meus irmãos pudessem ter sido. Eu não me importo com o que as pessoas dizem sobre você, amo você como um irmão.

Remo congelou, então ele tocou levemente minhas costas, mas não disse nada em troca - não que eu esperasse que ele dissesse.

Eu me afastei, limpando a garganta e enxugando os olhos. Remo levantou-se e estendeu a mão. — Vamos. Vamos nos juntar aos outros na piscina.

Eu peguei a mão dele e permiti que ele me puxasse para cima.

— Eu não estou usando biquíni.

— Então vá se trocar. Vou ver se Adamo está com disposição de acabar com seu mau humor.

Ele me olhou por mais um momento, depois pegou o teste de gravidez descartado e foi embora.

Eu soltei um longo suspiro, me sentindo um pouco melhor. Remo estava certo. Não adiantava ter pena de mim mesma.

Dez minutos depois, cheguei à piscina, vestida com meu biquíni vermelho e um vestido de verão por cima. Serafina e Leona estavam na água, cada uma delas empurrando os gêmeos ao redor da piscina em pequenas boias de unicórnio que Serafina havia encomendado para eles. Savio estava estendido preguiçosamente em uma das cadeiras de sol, os calções de banho perigosamente baixos, exibindo a metade superior daquela tatuagem desagradável de touro.

Savio ergueu seu óculos de sol com um sorriso. — Não consegue tirar os olhos do meu minotauro, certo?

Eu fiz uma careta. — Eu ainda não consigo acreditar que você deixou Nino tatuar essa coisa em sua pele.

Savio olhou para baixo em seu abdômen, em seguida, levantou o cós, olhando por baixo.

— Você deveria ver o resto. Acho que você mudaria de ideia.

Minhas bochechas coraram. Uma bola molhada voou na direção da cabeça de Savio e ele a bloqueou com o antebraço. — Ei!

— Comporte-se, — advertiu Serafina.

Savio cruzou os braços atrás da cabeça, parecendo totalmente satisfeito consigo mesmo.

— Você gosta de nos irritar, certo? — Eu disse com uma pequena risada.

— É mais divertido do que eu esperava.

Eu saí do meu vestido e rapidamente entrei na piscina, desconfortável em meu minúsculo biquíni ao redor de outros homens além de Nino.

Savio baixou os óculos de sol novamente. — Que tal você assar alguns daqueles deliciosos biscoitos de chocolate branco e macadâmia?

— Eu achei que você iria se livrar dessa gulodice em algum momento. Como você pode encher a cara com toda essa merda açucarada? — Remo disse enquanto caminhava em direção à piscina em calções de banho. Não havia sinal de Adamo.

Savio encolheu os ombros. — Eu preciso disso para que possa dar às senhoras um pouco de açúcar.

Eu bufei quando fiz meu caminho até Leona, Serafina e os gêmeos. — Você é absolutamente impossível. Essas cantadas fajutas realmente funcionam?

— Não, — Remo disse ao mesmo tempo que Savio disse: — Sim.

Remo acenou para ele. — Tanto faz. Estou surpreso que você não tenha tatuado um pirulito em vez desse touro acima do seu pau. Enviaria uma mensagem clara.

— As garotas com quem eu saio sabem o que fazer com meu pau. Eles não precisam de um pirulito para lembrá-las, e se seus cérebros não funcionarem, eu lhes darei dicas.

— Mas você precisa de um touro para se lembrar de ser um animal na cama, ou o quê?

Remo também entrou na piscina. Leona e Serafina notaram meus olhos vermelhos, mas lhes lancei um sorriso brilhante, não querendo que elas se preocupassem.

— Não se preocupe. Não preciso lembrar, — disse Savio. — Seu telefone tocou e ele pegou da pequena mesa ao lado de sua espreguiçadeira.

Quando eu assumi a tarefa de Leona, empurrando a boia de Greta, Remo se juntou mim.

— Ele não quis sair? — Perguntei.

— Ele está mal humorado. A abstinência é uma merda.

Leona se animou. — Se você precisar que eu fale com ele, irei. Já passei por tudo isso com a minha mãe, então eu entendo.

Os olhos de Remo se voltaram para ela. Ela corou, mas segurou seu olhar por uma vez. — Por que não? — Ele disse eventualmente. — Conte-lhe algumas histórias de horror, tenho certeza que você viveu muitas.

— Sim, definitivamente.

Greta sorriu para Remo. — Papai, — ela disse naquela voz alta e fofa. Remo a tirou da boia e ela sorriu. — Quer estar perto de mim, hmm? — Ele apertou-a contra o peito e atravessou a água. Ela parecia muito mais contente do que na boia. Nevio, por outro lado, estava causando uma tempestade com os pequenos pés e sufocando a vida do pescoço do unicórnio.

Serafina o empurrou para frente e para trás com um sorriso. Eu nadei até ela e Nevio enquanto ele gorgolejava de prazer. Eu passei meu dedo molhado contra seu nariz, fazendo-o gargalhar. Leona sentou-se na beira da piscina, parecendo relaxada, talvez pela primeira vez sem Fabiano por perto.

— Com esses pulmões, o garoto poderia ser o vocalista do Nine Inch Nails[5], — disse Savio, enquanto caminhava até a beira da piscina, arrastando sua boia de flamingo atrás dele.

— Essa coisa fica fora da piscina, — disse Serafina.

Savio empurrou a boia para a piscina. — Obrigue-me. — Ele mergulhou, emergiu da água e subiu na atrocidade rosa. Com as pernas sobre o longo pescoço do flamingo, ele se esticou e suspirou.

— Sinto o desejo irresistível de usar uma das facas de Remo para dar um fim cruel ao flamingo, — sussurrou Serafina em meu ouvido. Eu reprimi a risada. Sávio nos lançou um olhar desconfiado enquanto Serafina fazia uma cara inocente.

Passamos as próximas duas horas na piscina e me senti muito melhor depois. Quando voltei para o quarto depois do jantar naquela noite e me enrolei sozinha em nossa cama, a decepção me surpreendeu mais uma vez.

Eu senti falta de Nino horrivelmente naquele momento. Eu tinha meio

adormecido quando meu telefone tocou. Era quase meia-noite e, quando li a mensagem, sorri apesar dos meus olhos ardentes.

Boa noite, Kiara. Volto em breve. Eu te amo.

Nino não era grande em mensagens, especialmente para não transmitir seus sentimentos. Foi a primeira vez que ele me enviou um texto dizendo que me amava. Eu respondi rapidamente.

Eu também te amo e gostaria de poder adormecer em seus braços.

Eu não tinha certeza do por que Nino ter me mandado aquelas palavras, ou se talvez alguém tivesse mencionado meu colapso lacrimoso, e isso não importava. Eu só estava feliz pelo gesto, sabendo que ele estava focado em outra coisa no momento, algo que exigia que ele desligasse todas as suas emoções.

Segurando o telefone na minha mão, fechei os olhos novamente.

Capítulo Vinte

KIARA

Na noite seguinte, eu estava assando pão de banana quando Nino entrou na cozinha. Meu estômago explodiu de alívio ao vê-lo, então meu humor caiu quando percebi que teria que dizer a ele que não tinha funcionado de novo. Nino veio direto para mim e me abraçou por trás, beijando minha bochecha e quando virei minha cabeça, meus lábios.

— Vai dar certo. Nós temos tempo.

— Como você sabe? — Eu duvidava que Remo tivesse corrido para lhe contar no segundo em que Nino entrou na mansão.

— Sua expressão, e eu sei que está na época do seu ciclo, e você costuma fazer o teste.

Suspirei. — É impossível manter segredos de você.

— Você não precisa.

— Você está chateado?

Nino franziu a testa. — Por que eu ficaria chateado? Como eu disse, nós temos tempo. Eventualmente teremos um bebê. E não é como se qualquer um de nós fosse culpado. Isso não é algo que possamos influenciar.

Eu pressionei meu rosto em sua camisa, absorvendo seu perfume reconfortante. — Eu estou chateada. Estou tão chateada.

Nino ficou quieto. — Com quem?

— Com ninguém, nunca com você, nem mesmo comigo. Estou tão irritada e nem faz sentido.

As sobrancelhas de Nino se levantaram com o meu xingamento. — Talvez você precise desabafar.

— Eu tomei meio copo de rum do Don Papa. Isso não ajudou.

— Deixe-me adivinhar. Remo lhe disse para beber.

Eu sorri. — Não, na verdade ele me disse para *não* beber. Pelo menos não o álcool caro.

Nino balançou a cabeça com uma risada, mas depois ficou sério de novo e pressionou nossas testas. — Talvez você só precise deixar sua raiva sair. Nós poderíamos fazer algum treinamento de luta. Eu sempre me sinto melhor depois.

— Por que não? Não pode doer, pode?

— *Deve* doer, — disse Nino.

Eu balancei a cabeça. — Certo. — Nino me beijou novamente, então se afastou. — Podemos ir agora ou você tem que ficar por causa do pão?

Eu verifiquei. Estava pronto e só precisava esfriar. Eu rapidamente tirei a assadeira do forno antes de seguir Nino para fora da cozinha.

— O pão de banana está pronto, — gritei quando passamos pela sala de jogos onde Savio estava trabalhando no laptop. Talvez ele apreciasse um pedaço hoje à noite. Greta estava ao lado dele no sofá como uma linda bonequinha e olhava curiosa para a tela, não para o livro de gravuras em seu colo. Os guinchos satisfeitos de Nevio soaram do lado de fora, seguidos pela voz mais profunda de Remo. Ele parecia estar perseguindo seu filho ao redor do jardim.

— Espero que o que você esteja fazendo seja adequado para os olhos de uma criança, — disse Nino a Savio.

Savio olhou para cima e depois para Greta. — Nossas estatísticas de apostas. E não é como se Greta pudesse ler alguma coisa. Certo, bonequinha?

Greta olhou para ele com um sorriso torto e meu coração derreteu.

— Você realmente a conquistou, — eu disse suavemente.

Savio lançou um sorriso para Greta. — Eu tenho um jeito com as meninas, não tenho?

Ela apenas sorriu. Nino acariciou minhas costas e finalmente arrastei meu olhar para longe deles.

Savio guardou o laptop e perguntou a Greta: — Por que não verificamos o pão de banana? Talvez eu possa colocar um pedaço na sua boca antes que sua mãe fique toda maluca por causa de um pouco de açúcar.

— Eu ouvi isso, — Serafina murmurou quando entrou, vestida em um biquíni, olhando para Savio. Ele encolheu os ombros.

— Desculpe, bonequinha, fiz o melhor que pude. — Com um aceno ele se afastou quando Serafina pegou a filha e beijou sua bochecha rosada.

Ela me deu um sorriso encorajador e eu sabia que Remo já havia lhe contado, não que teria ficado em segredo por muito tempo.

— Vamos para a academia, — disse Nino, em seguida, ele me puxou, pelo que eu estava feliz. Eu não queria falar sobre o teste negativo novamente.

NINO

— Você resolveu as coisas em Sacramento? — Kiara perguntou enquanto eu dirigia o Tesla pela entrada da garagem.

— Encontramos os homens que deram as drogas a Adamo, sim, — eu disse. Kiara acenou com a cabeça, me olhando com aquela preocupação quieta. Ela frequentemente se preocupava com o modo como esses atos de brutalidade me afetavam e talvez fosse bom que ela achasse que eles poderiam. Eu corri meu polegar sobre os nós dos seus dedos.

— Ele não saiu do quarto. Remo também não me deixou visitá-lo.

— Você não deve vê-lo sem um de nós. Nesse estágio de abstinência, ele pode muito bem se tornar violento para alcançar seu objetivo.

Ela balançou a cabeça. — Adamo não me machucaria.

Eu olhei intencionalmente para seus braços e para os hematomas, e quando Kiara seguiu meu olhar, ela suspirou. — Ele não queria.

— E não iria queria *novamente*. Ele estaria única e exclusivamente focado

em conseguir outra dose. Isso é perigoso. Você não vai chegar perto dele sem um de nós, Kiara. Essa é a minha última palavra sobre o assunto.

Ela assentiu devagar. — Quanto tempo vai levar para ele ficar limpo?

— É difícil dizer. Depende da pessoa, da gravidade do vício, da compreensão do problema e da determinação para combatê-lo. Força de vontade é a chave.

— Adamo tem isso. Ele é um Falcone.

Eu sorri, mas não estava associado a nenhuma emoção edificante. — A força de vontade não será o problema, mas não tenho certeza se Adamo entende a magnitude de seu problema, e isso resulta em falta de determinação para combatê-lo.

— Você vai ajudá-lo.

— Eu vou. Nós vamos, mas é uma luta que não podemos lutar por ele. Só ele pode vencê-la.

Chegamos à academia dez minutos depois e assim que colocamos nossas roupas de treino, Kiara e eu entramos no ringue de boxe. Ela ganhou força durante o tempo do nosso casamento, não apenas mentalmente, mas também fisicamente. Eu não tinha certeza se ela percebeu o quanto. Eu a ajudei a colocar luvas de boxe. Ela me deu um olhar curioso.

— Nós dois vamos usá-las para fazer treinar. Eu acho que você precisa de um treinamento mais ativo hoje.

Eu coloquei luvas também - elas suavizariam meus golpes ainda mais.

— Pronta? — Eu perguntei.

Ela assentiu e respirou fundo. Sem afrouxar a tensão em seu corpo. Kiara estava reprimindo sua frustração sobre sua incapacidade de conceber e tentou se distrair, mas em algum momento ia ser demais.

Eu levantei minhas mãos. — Esquerda e direita. Esquerda, direita. Rápido.

Kiara pousou os golpes instruídos contra as minhas mãos enluvadas, as sobrancelhas franzidas. — Eu quero lutar de verdade.

— Tudo bem, — eu disse com um aceno de cabeça, e fiquei em posição, com os punhos para cima. Eu fingi um ataque, que Kiara evitou, então ela apontou um soco em direção às minhas costelas. Sem me incomodar em bloquear seu golpe, permiti o golpe. Ela precisava liberar suas emoções e eu não era sensível à dor, pelo menos não à quantidade que Kiara poderia invocar.

Ela acertou outro golpe contra o meu estômago.

— Pare com isso! — Ela engasgou.

Eu olhei para ela.

— Pare de me deixar vencer. Eu quero que você *lute* comigo. Pare de segurar. — Ela tentou me dar um soco de novo. Desta vez, eu a bloqueei com o punho, não com o cotovelo que a teria machucado.

— Se eu não me segurar, posso te ferir seriamente.

Raiva cintilou em seus olhos. Não fazia sentido.

— Eu não sou indefesa! Nem *desamparada*!

Seus socos eram desfocados, alimentados por suas emoções transbordantes, e eu bloqueei cada um deles. — Eu não disse que você era, — eu disse calmamente, mas isso só pareceu enfurecê-la ainda mais.

— Mas você me trata como se eu fosse! Pare com isso! *Simplesmente pare*! — Ela estava gritando agora.

Eu não sabia o que fazer com o comportamento irracional dela. Ela começou a bater em meus punhos levantados novamente. — Bata-me de volta, para que eu possa lutar.

— Kiara, — eu tentei novamente.

Ela não parou. — Não sou desamparada. Nem indefesa...

Eu não podia bater nela, então permiti que ela batesse contra o meu peito até que se encostasse a minha pele, deixando escapar um soluço. Ela caiu no chão e eu me ajoelhei também, e rapidamente tirei as luvas, em seguida, puxei-a no meu colo, segurando-a com força.

— Estou *me* sentindo tão impotente, indefesa. Eu só quero um bebê.

— Eu sei, — eu murmurei contra o cabelo dela.

— Eu odeio me sentir impotente novamente. Como se tudo estivesse fora do meu controle... Eu achei que nunca seria assim novamente. Eu odeio isso. Eu odeio muito. E você sabe qual é o pior? Que eu me pergunto se o estupro fez alguma coisa ao meu corpo, algo que me impede de engravidar. — Ela respirou sufocada. — Durant teria amado isso. Eu praticamente posso ver seu sorriso triunfante, sabendo que, mesmo na morte, ele ainda arruína a minha vida.

Eu me afastei e cutuquei seu queixo até que seus olhos lacrimosos encontraram os meus. — Kiara, pare. Durant sofreu. Ele sofreu pelo que fez. Ele pagou pelo que fez, e mesmo que isso nunca seja suficiente em comparação ao que ele fez com você, no final ele era um homem quebrado. Mas você, Kiara, não está quebrada. Você terá uma vida maravilhosa e obterá seu desejo. Confie em mim, um dia você terá seu bebê. Não se pressione. Você ainda é jovem. Nós temos tempo.

Ela me deu um beijo molhado. — Mas eu não quero esperar.

Eu acariciei sua bochecha, enxugando algumas lágrimas. — Nós vamos marcar uma consulta médica. OK? Vamos descobrir e então encontramos uma solução.

— Tudo bem, — ela sussurrou.

Capítulo Vinte e Um

NINO

Uma semana se passou desde que descobrimos que uma das trompas de falópio de Kiara estava bloqueada. Poderia ser um resultado do estupro, de uma doença sexualmente transmissível não tratada. Eu sempre usei preservativo com as mulheres com quem já estive no passado e fiz um teste antes de começar a fazer sexo com Kiara.

Após o choque inicial, Kiara parecia estar bem, voltando a ser a guardiã da casa. Inclinei-me contra a porta e observei-a assar um monte de biscoitos de banana sem açúcar que Serafina tinha aprovado para as crianças.

Ela congelou com um biscoito contra a boca quando me viu. Com um sorriso, ela deu uma mordida, em seguida, dirigiu-se até mim e levantou o biscoito. Eu dei uma mordida apesar da minha antipatia por todas as coisas doces.

— O que você acha?

— Nada mal.

Kiara franziu os lábios. — Eles não são muito doces. As bananas foram o único adoçante que usei.

— Tenho certeza que Serafina vai apreciar o esforço.

Kiara deu outra mordida e encolheu os ombros. — Eu gostei deles.

Eu gentilmente agarrei seu pulso fazendo com que ela me desse um olhar exasperado. — Nino, estou bem, honestamente. Foi difícil no começo, sabendo que é minha culpa.

— Não é sua culpa, — eu rosnei.

— Que a causa está no meu corpo, — ela corrigiu. — Mas poderia ser pior. É apenas uma trompa bloqueada. Poderia ter sido ambas ou algo mais que

teria tornado a concepção natural impossível, mas assim, ainda pode funcionar sem qualquer ajuda adicional.

— Se dermos tempo, — eu disse a ela.

— Sim, e estou tentando ser paciente. Estou em um bom caminho, e talvez funcione em alguns meses ou anos, e se não...

— Vai funcionar.

Ela assentiu. — Estou aliviada por finalmente sabermos o que é. Não saber era pior que o diagnóstico.

Eu trouxe seu pulso até a minha boca e pressionei um beijo em seu ponto de pulsação.

— Você sabe, eu estava pensando em fazer uma tatuagem aí. Seu nome.

Eu congelei com meus lábios contra sua pele macia, meu olhar encontrando seus olhos gentis. — É um lugar muito macio, muito doloroso.

— Está tudo bem. Eu sei que você vai ser cuidadoso.

— Eu não quero te causar dor. Eu não vou.

— Então, deixe o seu tatuador fazê-lo, aquele que fez parte de suas costas.

— Não, — eu disse com firmeza. — Eu não vou permitir que alguém coloque a mão em você, para causar dor. Eu teria que matá-lo.

As sobrancelhas de Kiara franziram. — Isso é um pouco extremo.

— Eu não vou deixar ninguém te causar dor.

Ela olhou para mim. — Eu quero essa tatuagem. É escolha minha. Eu ficarei feliz em sentir a dor.

— Deixe-me pensar em um design, algo bonito, — eu disse baixinho.

Ela ficou na ponta dos pés. — Desde que não seja um touro.

Meus lábios se contraíram. — Isso não foi ideia minha.

Kiara sentou-se à minha frente e estendeu o braço. Desinfetei a pele do antebraço, ainda relutando em tatuá-la. Eu sabia que a tatuagem ficaria bonita

nela, mas o processo seria mais do que um pouco desagradável. — Você tem certeza?

— Tenho, — disse ela.

Eu peguei o desenho pronto da tatuagem. Os olhos de Kiara se arregalaram vendo isso enquanto eu pressionava o estêncil em sua pele para transferi-lo. Com tatuagens delicadas sempre era melhor não tatuar sem um estêncil como orientação.

— Uma rosa?

— Uma rosa vermelha com espinhos.

— Por quê?

— Uma rosa representando sua beleza, vermelha porque eu amo a cor em você, e espinhos porque até mesmo a rosa mais bonita deveria tê-los. Você não tinha no começo, mas eles cresceram novamente.

Kiara mordeu o lábio inferior e depois abriu um sorriso. — Isso é bonito. Mas e o seu nome?

Eu fiz uma careta. Por alguma razão, parecia sacrilégio colocar meu nome na pele perfeita de Kiara, mesmo que uma parte possessiva minha estivesse imensamente satisfeita com o pensamento. — Eu poderia adicionar em uma das pétalas ou muito pequeno ao longo do caule.

— Não, — disse Kiara com firmeza. — Deixe seu nome fluir *para fora* do caule. Porque foi você quem me ajudou a cultivar esses espinhos, a florescer em tudo. Você foi o solo.

Eu balancei a cabeça, sem dizer nada, minha língua subitamente pesada na minha boca. Concentrando-me na tarefa em mãos, transferi o design do estêncil para a pele de Kiara e depois adicionei cuidadosamente meu nome em letra cursiva. Quando terminei, peguei a máquina. — Por ser complexo e multicolorido, levará mais tempo. Eu não posso me apressar ou não ficará tão bonito quanto deveria.

— Compreendo. Não tenha pressa.

Eu nunca fiquei nervoso antes de fazer uma tatuagem. Desta vez eu

estava. Respirando fundo, coloquei a agulha na pele de Kiara. Ela respirou fundo e ficou tensa. Eu olhei brevemente para cima, avaliando seu rosto.

— Faça.

Eu continuei, observando Kiara ocasionalmente. Seus olhos lacrimejaram e meu peito se apertou com a visão.

— Está tudo bem, — ela sussurrou.

Nunca antes causar dor a alguém tinha me incomodado. Eu me concentrei na tatuagem, na tarefa. A dor teria que valer a pena. Este tinha que ser o meu melhor trabalho. Kiara não merecia nada menos.

Quando terminei, larguei a máquina e me permiti admirar meu trabalho por um segundo. A rosa era delicadamente linda, cada pétala, cada espinho falava de elegância.

— Oh, Nino, — Kiara disse maravilhada. — É tão bonita. Eu não posso acreditar quão real parece, quão vivas as cores são. Obrigada.

— Obrigado por colocar meu nome em sua pele para o mundo ver. — Eu tinha autoconsciência suficiente para saber como a maioria das pessoas me via. Eles tinham medo de mim, não só por causa da Camorra, ou porque eu era um Falcone, mas por causa do que eu era. Kiara conseguiu ver mais em mim, partes de mim que eu não conhecia antes que ela entrasse em minha vida.

Kiara se inclinou para frente e me beijou.

— Como está a dor? — Murmurei, mesmo quando havia tantas outras coisas que eu queria dizer logo em seguida.

— Valeu a pena, — disse ela.

No início de agosto, permitimos a Adamo mais liberdade, mas ainda mantínhamos um olho nele. Ele não mostrava mais sinais de abstinência, mas as coisas podiam desmoronar rapidamente, então um de nós sempre ficava perto dele, mesmo que isso o incomodasse.

— Quando você vai parar de pairar? — Ele perguntou durante a nossa luta na academia um dia. — Meu aniversário é em breve. Eu não quero babás ao redor quando for para CJ.

— Vamos ver, — eu disse e acertei um chute contra o seu lado, explorando sua defesa ruim.

Ele grunhiu e pulou para trás. — Eu fiz tudo o que você me pediu.

— Eu sei, é por isso que nós facilitamos para você recentemente.

Adamo me deu um olhar duvidoso. Eu acertei outro golpe, desta vez um soco nas costelas. Ele tropeçou para trás, esfregando o local.

— Você precisa melhorar. Usar drogas destruiu seu foco e sua resistência. — Remo entrou, sem shorts de luta, mas usando sua calça jeans preta e camiseta. Eu parei. Adamo tentou usar minha distração, mas ele realmente precisava ser mais rápido para ter sucesso. Eu chutei suas pernas debaixo dele e o empurrei para o chão. Ele aterrissou com força e amaldiçoou.

— Qual é o problema? — Eu perguntei quando Remo parou na frente do ringue de boxe.

— Jerry ligou. Um dos Johns achou que poderia espancar uma das nossas meninas.

Normalmente nossos seguranças, Fabiano ou um dos soldados inferiores lidavam com esse tipo de coisa. — Quem?

Os olhos de Remo se voltaram para Adamo. — CJ.

Adamo se levantou. — Como ela está?

— Nosso médico está dando uma olhada nela no Sugar Trap. Estou indo para lá agora para discutir o assunto com o idiota abusivo. — A boca de Remo se torceu. — Eu achei que você gostaria de se juntar a mim.

Adamo saiu do ringue imediatamente e eu segui atrás dele. — Vamos nos trocar primeiro. Mais alguns minutos não fará diferença — falei.

Adamo parecia querer protestar, depois assentiu.

Vinte minutos depois, paramos em frente ao nosso estabelecimento. Adamo foi o primeiro a sair do carro e correu para o clube. Remo e eu seguimos alguns passos atrás dele. Na área do bar, algumas prostitutas se reuniram, discutindo os acontecimentos. Ainda era cedo, e a maioria dos clientes chegava no final do dia quando os shows de strip começavam. Ainda assim, não era bom

que as putas fofocassem no bar. Isso era ruim para os negócios.

— Vão para os vestiários, ou conversem em seus quartos, — eu pedi. As mulheres saíram rapidamente, não antes de dar pequenos sorrisos a Adamo.

Jerry saiu de trás do bar.

— Onde ela está? — Adamo exigiu.

— Em seu quarto habitual, — disse Jerry, mas Adamo já estava correndo naquela direção.

Remo sacudiu a cabeça. — Onde está o babaca?

— Eu mandei Snake levá-lo para o porão.

— Ele estava bêbado? — Eu perguntei.

Jerry sacudiu a cabeça. — Ele só tomou algumas cervejas. Eu não sei o que aconteceu.

— Vamos falar com CJ, — eu disse a Remo.

Nós seguimos pelo corredor. A porta do quarto de CJ estava entreaberta e ela estava sentada na beira da cama. Adamo tocava seu ombro. Um médico estava esperando. O cheiro de fumaça de cigarro pairava no ar e um cinzeiro com algumas baganas sujas de batom estava na mesa de cabeceira. Nós tínhamos uma política rigorosa de não fumar em nosso estabelecimento, mas decidi dar uma folga a CJ hoje.

CJ se virou quando ouviu eu e Remo entrar. Um de seus olhos estava começando a inchar, assim como o lado esquerdo superior de sua testa, e seu lábio estava partido. Ela também estava esfregando o pescoço.

— Concussão e contusões, — disse o médico.

Eu balancei a cabeça.

— O que aconteceu? — Remo exigiu, fazendo Adamo se aproximar de CJ, eu levantei minhas sobrancelhas para ele.

CJ soltou um suspiro baixo. — Ele não é um dos meus clientes. Lee geralmente o atende. Ele paga um extra para que possa espancá-la e humilhá-la de outras maneiras. — A boca de CJ se curvou com desgosto.

— Isso não faz parte dos serviços que você deveria oferecer, — eu disse a ela.

— Eu não faço isso. Lee faz. Ela precisava do dinheiro extra, mas não estava aqui quando ele apareceu, então decidi aceitá-lo. Eu lhe disse antecipadamente que não fazia essas coisas e ele concordou em me reservar pelo padrão.

— Eu suponho que ele mudou de ideia, — disse Remo em voz baixa.

CJ olhou brevemente para ele e depois para as mãos dela. — Sim. Assim que começamos, — ela disse, evitando o olhar atento de Adamo. — Ele começou a dar ordens. Eu lhe disse que não fazia anal, mas ele não se importou.

Adamo ficou tenso. — Ele a forçou?

CJ sacudiu a cabeça. — Ele tentou. Ele me empurrou contra a parede. Foi daí que consegui a contusão na minha testa. Ele segurou minha boca para que eu não pudesse gritar. Eu o mordi. Ele ficou ainda mais irritado e me socou duas vezes. Eu caí de joelhos e mordi seu pau. Isso encerrou tudo. — CJ olhou para mim e para Remo. — Você me disse que eu poderia decidir o que faria e eu não faço anal, — disse ela na defensiva.

— Sua escolha. Eu não dou a mínima, — Remo disse.

— Onde está Lee?

CJ encolheu os ombros. — Eu não a vi ainda. Ela está estranha desde que voltou ao trabalho.

Lee tinha trabalhado para nós no passado, mas quando engravidou, nós a proibimos de trabalhar como prostituta e ela desapareceu sem uma palavra só para aparecer novamente algumas semanas atrás, perguntando se poderia começar a trabalhar para nós novamente.

— O que acontece agora? — CJ perguntou.

Adamo se agachou na frente de CJ com um sorriso amargo. — O idiota vai pagar, eu prometo.

Remo sorriu sombriamente. — Oh, ele vai.

— Eu quero fazer isso, — disse Adamo de uma vez.

— Você não precisa, — disse CJ imediatamente, tocando seu braço. Ele se levantou e recuou.

— Mas eu vou.

— Tudo bem, então vamos seguir em frente, — Remo disse, a ânsia familiar já soava em sua voz. Eu me perguntei por que ele envolveu Adamo nisso. Ele esperava que isso ajudasse Adamo a lidar com sua própria tortura? Eu não tinha certeza se funcionaria para ele como tinha funcionado para nós. Adamo não era o bom garoto que ele queria que fosse, mas definitivamente também não era como Remo e eu.

Eu estudei o rosto machucado de CJ, o jeito que ela mordia o lábio. — Por que você não vai para casa? Pegue um táxi e deixe Jerry pagar do caixa.

Eu saí, seguindo meus irmãos para o porão. No segundo em que entramos na sala com o John, Adamo pulou nele e deu um soco no seu rosto. Remo agarrou Adamo e o puxou para trás, mas a ansiedade nos olhos de Remo deixou claro que ele aprovava totalmente. — Uau. Não tão rápido. Precisamos conversar com o cavalheiro primeiro.

Adamo se virou para Remo com um olhar incrédulo, mas então viu o sorriso de Remo e assentiu.

O homem estava de pé, parado e segurando o nariz sangrando. — Que porra é essa? É assim que você trata os clientes? Sua prostituta filha da puta mordeu meu pau.

Nós olhamos para a sua virilha. Ele não estava usando calças.

— Ela deve ter uma boa mira para morder algo tão pequeno, — comentou Remo.

O rosto do homem ficou ainda mais vermelho. — Como você se atreve? Esta foi a última vez que fodi uma das suas putas nojentas!

Ele não era um dos nossos apostadores e nunca havia lidado conosco de outra maneira além de usar os serviços de nossas garotas. Ele obviamente não entendia o que éramos - *quem éramos*.

— Isso está absolutamente certo, — disse Remo, vestindo o sorriso louco que tinha tornado sua reivindicação ao poder mais fácil do que deveria ter sido

para alguém da sua idade.

O homem parou como um coelho que percebeu que havia provocado o lobo. — Eu vou falar com a polícia.

Adamo bufou. — Quão estúpido você é?

— Ele obviamente não percebe em quanto problema se meteu, — Remo disse agradavelmente. — Que tal mostrarmos a ele?

Adamo assentiu com um sorriso sombrio. Ele pegou um cigarro e acendeu, depois deu uma tragada. Os olhos de Remo brilharam de raiva, então Adamo tirou o cigarro da boca. — Você gosta de humilhar garotas?

Eu assisti Adamo avançar em direção ao homem que soltou uma risada incerta. — Quantos anos você tem, garoto?

Adamo deu outra tragada no cigarro e parou bem na frente do homem, depois riu. Ele ficou em silêncio e olhou para a ponta brilhante com uma pequena carranca.

— O que diabos é isso? O que há de errado com você? — O homem gritou.

Remo e eu trocamos um olhar. Adamo nunca havia torturado ninguém, e nunca o forçamos a isso.

— Tudo, — Adamo murmurou então ele agarrou o homem pelo pescoço e pressionou o cigarro em seu pau. As sobrancelhas de Remo se ergueram e eu dei um passo mais perto porque o homem estava se debatendo descontroladamente, gritando estridentemente. Ele tinha pelo menos vinte quilos a mais que Adamo. Mas Adamo recuou antes que o cara pudesse bater nele e deixou o babaca cair no chão, agarrando seu pênis.

Adamo franziu a testa e seu peito arfava. Eu poderia dizer que ele não faria mais hoje e Remo também.

— Que tal todos nós nos divertirmos agora? — Remo disse. Ele agarrou o homem pela garganta também e bateu seu rosto contra a parede. O som do nariz quebrando foi seguido por gritos abafados.

Adamo levantou a mão trêmula, empurrou o cigarro na boca e acendeu

novamente, depois deu uma tragada profunda. Deixei Remo cuidar do cara por enquanto e fui até Adamo.

— Você está bem? Você não tem que fazer isso. Remo e eu podemos lidar com essas coisas.

— Eu sei — disse Adamo, após uma tragada. — Mas eu quis. — Ele encontrou meu olhar e eu não tinha certeza do tipo de reação que ele esperava.

— Você se saiu bem para a primeira vez.

Adamo riu. — Eu quero fazer mais.

Remo olhou para cima do cara no chão. — Sinta-se livre para lavar a alma.

Adamo rapidamente balançou a cabeça e deu outra tragada, depois pegou o toco de sua boca e por um momento tive certeza de que o pressionaria contra sua própria pele novamente. Em vez disso, ele deixou cair no chão de pedra e o pisoteou.

— Posso ir até CJ?

Olhei para Remo, que deu de ombros, mas pude ver preocupação em seus olhos.

— Não quebre a nossa confiança, — eu disse a ele.

— Eu não vou, — disse Adamo, em seguida, sem outro olhar para o John, ele deixou o porão.

— Você vai ficar aí o dia todo ou vai me ajudar? — Eu me movi em direção ao John.

Quinze minutos depois, uma batida soou. Remo rosnou, olhando para cima do filho da puta no chão. Ele havia se mijado. Eu não tinha certeza se Remo queria matá-lo ou mantê-lo vivo. Talvez nem ele soubesse.

Peguei uma toalha e limpei as mãos antes de me dirigir à porta para abri-la. Jerry esperava lá. Seus olhos brevemente piscaram para a minha camisa suja de sangue, em seguida, rapidamente até o meu rosto, tentando não olhar para Remo e o homem no chão.

— Eu recolhi um pouco do lixo e ouvi choramingo na lixeira. Você pode

verificar? Eu acho que um gato pode ter deixado seus gatinhos lá. Ou talvez alguém tenha abandonado filhotes indesejados. Estou preocupado que os transeuntes se intrometam se não cuidarmos disso.

— Você percebe que pedir a seus chefes para remexer no lixo não lhe dará pontos de bônus, — Remo murmurou já se afastando do idiota. Agarrando outra toalha, ele começou a se limpar, mas sua camisa como a minha estava uma bagunça. Considerando que estávamos a ponto de eliminar um lixo que não era um problema entretanto.

Os olhos de Jerry voaram entre Remo e eu. — Umm... eu preciso cuidar do bar. Eu não tenho uma muda de roupa, mas tenho certeza que posso descobrir algo.

Remo abriu a porta toda, passando por mim e dando a Jerry uma boa visão da bagunça sangrenta dentro do quarto. Jerry rapidamente recuou, empalidecendo apesar de anos trabalhando para nós.

— Não mije suas calças, — Remo murmurou. — Nós vamos lidar com isso.

Jerry voltou para o bar enquanto Remo e eu fomos em direção à porta dos fundos. — Se encontrarmos gatinhos ou filhotes, não mencione nada a Kiara. Ela vai insistir em mantê-los. Eu não quero que nossa casa seja transformada em um maldito zoológico.

Paramos em frente às lixeiras e ouvimos.

— Eu não ouço nada, — eu disse.

Remo estreitou os olhos para as lixeiras. — Eu não ficaria surpreso se tivessem sufocado por agora. É quente e abafado. Com um suspiro, ele subiu em uma lixeira e eu subi os degraus da outra. A maior parte do lixo estava em sacos plásticos pretos, mas algumas garrafas e restos de comida tinham sido despejados lá dentro.

— Foda-se, — Remo rosnou quando empurrou um saco de lixo para o lado. — Por que eu domino a porra do Oeste e ainda tenho que pegar tomates podres nas minhas mãos?

Eu abri minha boca para responder, empurrando uma sacola para longe

quando um pequeno pé humano chamou minha atenção. Por um momento eu congelei, incerto se minha mente estava me pregando peças, então entrei em ação. Eu peguei outra sacola, jogando-a atrás de mim.

— Remo!

Eu agarrei o bebê, que estava imóvel no meio do lixo. Estava usando apenas calças sujas. Pressionando o corpinho contra o peito, desci os degraus e me ajoelhei no chão. Remo já estava lá. — Porra! Está respirando?

Eu balancei minha cabeça enquanto empurrava meu dedo na boca do bebê limpando-o de possíveis objetos que poderiam entrar em suas vias aéreas quando iniciasse o RCP.

Remo estava rosnando ao telefone: — Precisamos que você venha exatamente nesse segundo. Encontramos um bebê no lixo. Não está respirando.

Eu embalei o bebê em minhas mãos e cuidadosamente soprei ar no pequeno corpo. Felizmente o bebê respondeu rapidamente. Se ele ainda estava chorando não muito tempo atrás, não estava sem ar a muito tempo.

Quando seu pequeno peito começou a se mover e começou a respirar por conta própria, eu me virei para Remo, que estava olhando para mim com uma mistura de fúria assassina e preocupação evidente. — Eu preciso de toalhas molhadas e alguém precisa conseguir uma mamadeira o mais rápido possível.

Remo se virou e entrou. Eu tirei o bebê das calças sujas, vendo que era um garotinho, então me endireitei com ele no meu braço. Eu estava a caminho do nosso escritório quando Remo veio correndo de volta, carregando toalhas. Eu peguei uma dele então entrei na sala, coloquei o garotinho no sofá e comecei a limpá-lo com o tecido frio.

— Ele está superaquecido, desidratado e desnutrido. Precisamos levá-lo ao hospital. Nossos médicos não têm o conhecimento necessário.

Remo deu um aceno conciso. — Tudo bem. Vou levá-lo e garantir que os médicos e enfermeiras façam o seu trabalho, e mantenham seus narizes fora do nosso maldito negócio e depois disso terei uma conversa com a mãe do menino.

Apenas uma prostituta estava grávida no ano passado - Lee. Quando ela voltou, Lee nos disse que tinha dado o filho para adoção. Ela começou a

trabalhar novamente para pagar por seu vício em heroína.

Eu disse: — Eu posso levá-lo ao hospital.

Remo tocou meu ombro, olhando do bebê até meu rosto. — Você vai para casa e converse com Kiara.

Eu olhei para o garotinho em meus braços, percebendo o que Remo estava dizendo sem realmente dizer isso. Eu balancei a cabeça lentamente e o entreguei a Remo, que o segurou cuidadosamente contra seu peito.

— Vou esperar por você no hospital e ter certeza de que ele esteja protegido.

Com um último olhar para o bebê sujo no braço de Remo, eu me virei e corri de volta para casa.

Capítulo Vinte e Dois

KIARA

Eu cantarolava enquanto cozinhava um lote de chili de batata doce vegetariana para amanhã e não me virei quando a porta se abriu atrás de mim. Pensar que no passado eu teria ficado tensa, temendo o pior, isso me fez sorrir com o quão longe eu cheguei.

Braços vieram ao meu redor e Nino beijou minha garganta e minha bochecha. Eu me virei em seu abraço para olhar para ele. Algo em sua expressão, um lampejo de hesitação, me fez largar a colher e me virar para ele completamente. Havia acontecido algo com Adamo? Ele estava melhor, certo? Ou era apenas fingimento?

— O que há de errado?

— Uma das prostitutas engravidou e quando Remo descobriu, ele a proibiu de trabalhar. Ela voltou algumas semanas atrás, dizendo a todos que tinha dado o bebê para adoção. Hoje Jerry ouviu choramingos vindo da lixeira. Ele achou que um gato tinha dado cria nas lixeiras...

Meu coração já estava apertando com a compreensão.

— Jerry falou comigo e com Remo porque ele ainda precisava trabalhar no bar. Encontramos um bebê de algumas semanas, desnutrido, desidratado.

Engoli. — Ela jogou seu bebê no lixo.

— Ela não cuidou bem dele mesmo antes. Remo o levou para o hospital. Ele está esperando por nós.

Eu pisquei para Nino, entendendo o que ele estava sugerindo. Eu respirei fundo, as lágrimas saltaram nos meus olhos e comecei a tremer. Nino franziu a testa, preocupação cintilando em seu rosto.

— Eu sei que você quer engravidar, dar à luz a um filho *nosso*, mas...

Eu o interrompi com um beijo desesperado, segurando seu rosto, chorando. — Eu amarei este bebê com todo meu coração. Obrigada, muito obrigada.

— Foi ideia de Remo. — Nino pressionou a testa na minha por um momento. — Vamos lá.

Eu balancei a cabeça lentamente, mas não conseguia me mexer, muito sobrecarregada. Isso estava realmente acontecendo? E eu deveria me sentir tão feliz quanto estava? Afinal, algo horrível havia acontecido. Eu desliguei o fogão, respirando fundo novamente.

— Kiara? — Nino perguntou suavemente.

— Vamos, — eu disse, apertando sua mão.

Trinta minutos depois, entramos no quarto do hospital. Remo estava em pé sobre um pequeno bebê deitado em sua cama e ligado a aparelhos e um tubo no seu nariz. Ele estava falando em voz baixa com o menino enquanto acariciava seu braço. Os olhos do bebê estavam abertos e observando Remo.

— Finalmente, — disse ele, quando se endireitou e com um último olhar para o bebê veio em nossa direção. Seu olhar cintilou nas minhas bochechas marejadas e um toque de suavidade que ele raramente mostrava ao mundo exterior cruzou seu rosto. — Ele tem cerca de cinco semanas de idade. Dizem que podemos levá-lo para casa amanhã, se insistirmos.

— Eles não vão alertar as autoridades? — Eu perguntei quando me aproximei da cama e me inclinei sobre o menino. Seus cabelos eram macios e cor de mel, e seus olhos eram azulados. Eu sabia que muitas vezes mudava no primeiro ano de uma criança.

— Nós *somos* as autoridades do caralho nesta cidade, — disse Remo.

Meus olhos pousaram no nome na etiqueta do berço. Menino. Falcone.

Eu tracei o nome, sentindo minha garganta entupir mais uma vez quando olhei por cima do meu ombro. Tanto Nino quanto Remo estavam me observando.

— Eu não sabia o nome que você queria para ele, mas o sobrenome foi fácil, — disse Remo.

Eu corri em direção a ele e joguei meus braços ao redor de sua cintura. Ele tocou a parte de trás da minha cabeça brevemente. — Eu não me importo se o mundo te odeia, eu vou te defender contra todos eles.

— Eu não dou a mínima se o mundo me odeia desde que as pessoas que importam não, — disse Remo, desembaraçando meus braços da sua cintura. — Agora cuide do seu filho.

Eu dei a ele e Nino um sorriso choroso, em seguida, parei. — E se a mãe pedir por ele?

Qualquer gentileza desapareceu dos rostos de Nino e Remo. Um passado compartilhado transportado para o presente.

Os olhos de Remo brilharam com ódio e angústia, e mais uma vez eu desejei que alguém tivesse protegido aqueles garotos Falcone quando eles mais precisavam. — Ela o jogou na lixeira como lixo. Ela o deixou para morrer quando deveria tê-lo protegido, quando deveria tê-lo mantido em segurança até o seu último suspiro. Ela não é mãe dele. Você é, porque nos poucos segundos que o viu, já o ama mais do que ela jamais o fez.

Nino fechou os olhos por um momento e quando encontrou meu olhar eles estavam controlados e calmos, mas eu notei o brilho da emoção.

— Quando é o aniversário dele?

— Eu vou descobrir. Estou indo para o Sugar Trap agora para falar com ela. Jerry me disse que ela estava em seu quarto com um John quando ele verificou.

Eu agarrei o antebraço de Remo. — Não a mate.

A expressão de Remo refletia crueldade e ódio absoluto. — Ela jogou seu próprio filho na lixeira enquanto fodia um John e você acha que ela merece viver?

Passei o dedo ao longo das cicatrizes cruzadas em seu pulso e seu rosto ficou ainda mais assustador, se é que isso era possível. Nino pôs as mãos nos meus ombros. — Kiara. Deixe Remo lidar com isso.

— Talvez ela não mereça viver, mas talvez não mereça a morte também. Ouça-a e depois a julgue. Deve haver outras opções além de matá-la. Sua morte

não mudará nada, nem para o bebê nem para você.

Remo se libertou do meu aperto. — Eu respeito você, mas às vezes sua bondade te cega para a porra da verdade. Vá até ele e olhe para o estômago dele e repita o que acabou de dizer.

Pavor se instalou em meus ossos, me imobilizou. Não Nino, que se aproximou do berço, ergueu a minúscula camisola, e ficou muito quieto, muito perigoso e, quando seus olhos pousaram em mim, soube que a mulher morreria. — Ele tem duas queimaduras de cigarro em seu estômago.

Remo olhou para mim, sua boca torcendo cruelmente e levantou uma sobrancelha.

— Por favor, descubra o máximo possível sobre ele.

— Escolha um nome para ele, porque com certeza ele não vai levar o nome que a prostituta que tentou matá-lo lhe deu. — Remo saiu e fechou a porta, me fazendo pular. Eu me juntei a Nino ao lado da cama e olhei para o menino.

— Ninguém jamais vai machucá-lo novamente, ninguém vai chegar perto, — eu prometi, acariciando sua cabeça pequena, em seguida, sua bochecha, imaginando se alguém já havia lhe mostrado amor até agora. Meu coração se partiu e ao mesmo tempo algo mais feroz, mais escuro subiu em meu peito.

Nino beijou o lado da minha cabeça. — Eu te disse o mesmo logo depois que nos casamos.

— Eu sei, e você manteve sua promessa desde então. Você vai proteger nosso filho como me protege?

— Eu daria minha vida por você e por ele.

Meu coração já estava cheio de amor pelo bebê que eu mal conhecia, mas me perguntei o que Nino sentia. Para ele, era difícil formar laços emocionais e eu imaginei que levaria tempo para ele vir a amar nosso filho, como tinha levado um tempo para ele me amar.

— Como devemos chamá-lo? — Nino perguntou eventualmente.

— Eu sempre quis nomear meu filho de Alessio, mas o que você quer?

Nino sacudiu a cabeça. — Eu nunca considerei ter filhos, não como

você. Eu acho que Alessio é um nome forte que se encaixa na nossa família.

— Alessio então?

Ele assentiu e eu me inclinei para o nosso filho e beijei sua testa. — Alessio Falcone, bem-vindo à sua família.

Nino gentilmente esfregou minhas costas enquanto eu olhava para o pequeno bebê. Um pequeno arranhão marcava sua bochecha esquerda e eu gentilmente escovei sobre ela.

— Talvez ele tenha sido cortado por alguma coisa no lixo, — disse Nino com neutralidade. — Ele teve sorte que as sacolas não cobriram sua cabeça e o sufocaram.

Engoli em seco. — Você está seguro agora.

Uma enfermeira entrou quinze minutos depois, e relaxou quando me viu, provavelmente aliviada por Remo ter ido embora, mas seu relaxamento só durou até que notou Nino encostado na parede, observando tudo com olhos vigilantes.

— Olá, — ela disse hesitante.

Eu sorri.

— Você é...?

Nino se afastou da parede. — Nós somos os pais do menino. — A enfermeira piscou, a confusão cintilando em seu rosto.

— Mas...

Nino levantou uma sobrancelha com uma expressão que enviou um pequeno arrepio pela minha espinha.

A enfermeira assentiu rapidamente. — Claro. Certo. — Ela se moveu em direção ao berço e Nino se aproximou também, fazendo-a endurecer.

— Eu só vou remover os tubos para que você possa tentar alimentá-lo com uma mamadeira, se estiver tudo bem?

Nino deu um rápido aceno de cabeça. — Continue.

A enfermeira foi cuidadosa e gentil com Alessio, mas ele começou a

chorar quando ela tirou os tubos de alimentação de seu nariz e meu coração se partiu ouvindo seus lamentos, mesmo que fosse necessário. Eu não conseguia parar de imaginar quantas vezes ele chorou no passado, quantas vezes esses gritos não foram respondidos ou até mesmo punidos.

A enfermeira disse: — Eu vou pegar uma mamadeira para você.

No momento em que ela saiu, descansei minha palma suavemente em cima do peito de Alessio, tentando mostrar a ele que estava aqui. — Shhh. Você está seguro. Seu pai e eu vamos protegê-lo.

Eu podia ver a surpresa no rosto de Nino enquanto ele remoía seu novo papel - um pai. — Talvez você possa tentar ser menos assustador em relação à enfermeira? — Eu disse suavemente.

Nino pegou minha mão e deu um beijo no meu pulso. — Eu não me importo se ela está com medo. Ela precisa saber o seu lugar e entender as consequências, se algo acontecer com Alessio.

A enfermeira voltou, roubando-me a chance de responder. Com um pequeno aceno de cabeça, revirei os olhos. Nino já estava concentrado na mulher como Remo, ele via quase todos como um intruso.

Eu peguei a mamadeira dela. — Obrigada. — Alessio parecia menor do que os bebês que eu vi até agora.

A enfermeira pairou ao meu lado.

— Nós podemos lidar com isso, — Nino falou. — Nós a chamaremos se precisarmos de alguma coisa. — Ela se virou e saiu sem outra palavra.

— Eu não vou machucá-lo por causa de suas feridas? — Eu perguntei.

Nino sacudiu a cabeça. — As queimaduras não são muito recentes.

Respirando profundamente, eu cuidadosamente peguei Alessio e o pressionei contra o meu peito, e me senti perfeita - como se fosse para ser, ele e eu e Nino, nos tornando uma família. — Talvez seja o destino, — eu sussurrei. — Todos nós experimentamos horrores em nosso passado, mas criaremos um lindo futuro juntos.

Nino acariciou meu cabelo, sem dizer nada, apenas sorrindo. Ele não

acreditava em destino ou algo parecido. — Tente dar-lhe a mamadeira, veja se ele está com fome.

Eu escovei o bico sobre sua boca pequena e ele abriu, começando a chupar ansiosamente. Meus olhos bebiam seu rosto bonito. Ele chupou tão rápido que mal respirava no meio. Eu puxei a garrafa alguns centímetros. — Shhh. Você terá a mamadeira. Não tão rápido.

— É provavelmente porque ele passou fome no passado. Precisamos lhe mostrar que ele sempre terá o que precisa a partir de agora.

Eu balancei a cabeça, incapaz de dizer qualquer coisa. Alessio moveu os lábios, querendo a mamadeira de novo e eu lentamente deslizei de volta, certificando-me de que ele não engasgasse.

Nino e eu ficamos no hospital com Alessio durante a noite, certificando-nos de que ele tinha tudo o que precisava e estava bem protegido. Após os protestos iniciais, duas enfermeiras trouxeram uma cama para nós passarmos a noite... depois que Nino teve uma conversa com elas. Empurrei-a bem ao lado do berço para poder ver Alessio enquanto estava deitada na cama. Nino deslizou ao meu lado, mas não se esticou. De costas contra as barras da cabeceira, ele ficou vigiando.

Alessio se mexia muito e chorou algumas vezes, mas sempre se aquietava quando sentia nosso toque ou pegava a mamadeira. Em muitos momentos me peguei deitada acordada, ouvindo a respiração suave de Alessio, tentando me assegurar de que ele ainda estava lá, ainda meu e de Nino. Nino não dormiu nada. Sempre que eu acordava, seus olhos estavam abertos, vigiando, protegendo-nos.

— Durma, Kiara, — ele murmurou eventualmente. — Eu vou ter certeza que vocês dois estejam seguros.

Eu sabia que ele o faria.

Capítulo Vinte e Três

KIARA

Na manhã seguinte, Alessio foi liberado do hospital. Como Remo dissera, ninguém tentou nos impedir de levá-lo para casa. Ele era realmente nosso filho; ninguém jamais o conheceria como qualquer outra coisa. Nino providenciou um assento de bebê para o SUV, para que pudéssemos transportar Alessio com segurança, e eu sentei no banco de trás ao lado dele para acalmar nosso bebê. Ele começou a chorar no momento em que Nino ligou o carro e finalmente consegui acalmá-lo cantando para ele e pressionando minha mão tranquilizadora contra seu peito.

O telefone de Nino apitou mais uma vez. Ele recebera várias mensagens desde ontem e eu me perguntava se algumas delas eram de Remo, informando-o sobre a mãe biológica de Alessio. Talvez fosse egoísta e covarde, mas eu não tinha certeza se queria saber o que Remo tinha feito com ela.

Leona e Serafina me enviaram vários textos, parabenizando-me e eu mal podia esperar para mostrar nosso filho.

Nosso filho. Eu ainda não consegui superar quão maravilhoso era pensar nisso, dizer isso. Não importava que ele não tivesse nosso sangue e nunca seria. Ele era nosso.

Nino abriu os portões com um apertar do botão e subiu a entrada em direção à mansão. — Esta é a sua casa, Alessio.

Nino e eu saímos do carro, então ele cuidadosamente tirou Alessio de seu assento. Nosso bebê parecia tão pequeno em comparação com Nino, quebrável. Meu coração parecia impossivelmente cheio observando Nino segurando Alessio, sendo cuidadoso e gentil com ele.

— Você quer levá-lo para dentro? — Ele perguntou baixinho.

Eu balancei a cabeça, porque mesmo que a visão de Alessio nos braços de Nino fizesse meu coração cantar, eu só o queria perto, queria sentir seu doce

aroma de bebê, sentir seu calor e acariciar sua bochecha macia. Nino entregou-o para mim e eu o pressionei contra o peito.

Seus pequenos dedos achataram contra a minha pele e foi a melhor sensação do mundo. Nino tocou minhas costas. — Vamos. Vamos entrar para que ele possa conhecer o resto de sua família.

Eu balancei a cabeça, mas não consegui parar de olhar para a cabecinha cor de mel de Alessio. Ele amava estar perto de mim e sempre se aquietava quando sentia meu calor, e eu apreciava a sensação de seu pequeno corpo contra o meu. Eu sorri para Nino, delirantemente feliz.

Nino sorriu para mim. — Você não tem sido tão feliz há muito tempo.

— Eu sempre fui feliz com você, mas isso torna ainda mais perfeito. — Quando entramos na sala comum, todo mundo já estava esperando.

Fabiano e Leona, Serafina e Remo com os gêmeos, e até Savio e Adamo. Serafina se levantou e veio até mim. — Oh, ele é fofo.

— Ele é, — eu concordei.

Nevio cambaleou até mim, curioso como sempre e agarrou meus joelhos. Ele apontou um pequeno dedo para Alessio. — Você quer vê-lo?

Um aceno brusco. Nino pegou-o e segurou-o perto de mim. Nevio inclinou a cabeça, observando tudo com seus olhos escuros.

— Alessio vai ser seu melhor amigo e de Greta, Nevio.

— Eles vão causar problemas juntos, com certeza, — disse Remo ao se aproximar de Greta, que estava tão curiosa sobre a nova chegada quanto seu irmão, mas não tão ousada.

— Viu, Greta? — Remo murmurou. — Agora você não é a menor pessoa nesta casa. Precisamos te ensinar a chutar bundas, para que você e Nevio possam proteger Alessio.

Savio bufou. — Boa sorte. Essa garota não tem um único osso agressivo em seu corpo. De jeito nenhum ela vai chutar a bunda de alguém.

Remo encarou seu irmão. — Eu vou ensiná-la.

Eu tive que concordar com Savio, o que não acontecia com muita frequência. Greta era de fala suave, gentil e cautelosa, e eu duvidava que isso mudasse com o tempo. Nem todo mundo queria lutar, e tudo bem, mesmo que Remo discordasse.

— Se ela não quiser lutar, Alessio e Nevio vão protegê-la, — eu disse, pressionando um beijo no cabelo macio de Alessio. Os outros se reuniram em torno de Alessio e de mim também, e eu o mostrei a todos.

— Ei Alessio, — disse Fabiano com um pequeno sorriso. — Finalmente, outro menino de olhos azuis nesta família.

— Você poderia começar a trabalhar em crianças de olhos azuis, — Remo sugeriu com um sorriso torcido.

Os olhos de Fabiano se arregalaram em alarme, e Leona balançou a cabeça rapidamente. — Ainda não, — disse ela. Eles trocaram um olhar e riram.

— Eu acho que há bebês o suficiente nesta casa agora, — disse Savio.

A boca de Remo se contraiu. — Veremos.

— Oh homem, — disse Adamo. Revirei os olhos para ele e ele me deu um pequeno sorriso, um que me lembrou os do passado. — Ele *é* fofo no entanto.

— Eu sei que ele é, — eu disse.

Nevio e Greta ainda estavam curiosos, observando o recém-chegado. Eu mal podia esperar que eles estivessem mais velhos e brincassem juntos no jardim.

Alessio começou a se contorcer e gemer baixinho, batendo em seus lábios. — Você está com fome, não é?

— Você quer que eu prepare uma mamadeira para ele? — Serafina perguntou imediatamente.

Sorrindo, eu assenti. — Isso seria bom.

Ela entregou Nevio para Nino e saiu correndo.

— Eu não posso acreditar que alguém jogaria um bebê no lixo, — disse Leona, incrédula, se aproximando.

Remo e Nino trocaram um olhar sombrio.

— Ele está muito magro e tem queimaduras de cigarro no estômago, — disse Nino. — E a prostituta nem se lembrava de seu aniversário.

— Ela deu à luz no apartamento de um negociante de merda que ela fodeu em troca de drogas e não o levou a um médico até alguns dias depois.

Minha garganta se apertou quando olhei para Alessio. Nino havia mencionado brevemente que teríamos que escolher o aniversário de nosso filho, mas parecia uma coisa tão monumental que ainda não tínhamos decidido.

Leona balançou a cabeça com olhos vidrados.

— Foda-se, — Savio murmurou. — Nós fizemos muita merda louca, mas abandonar um bebê, queimá-lo, isso é apenas fodido.

— Ele está seguro agora, — disse Remo.

— E em alguns anos, ele será forte o suficiente para se defender, — acrescentou Fabiano.

— Você vai ser tão forte quanto seu pai e seus tios, — eu disse ao meu menino.

Eu me acomodei no sofá com Leona e Serafina enquanto os gêmeos brincavam um com o outro no chão.

Eu não conseguia parar de olhar para Alessio enquanto ele tomava a mamadeira, descansando pacificamente na dobra do meu braço.

Ele era um bebezinho de braços finos e um rosto quase de elfo, magro demais. — Vamos trabalhar nessas bochechas rechonchudas, não vamos? — Murmurei enquanto acariciava sua bochecha macia, em seguida, segui até o cabelo. Ele me observava em silêncio. Mesmo que seus momentos exigentes fossem muito trabalhosos, eu os preferia a seus momentos muito tranquilos, porque me preocupava ser um sinal das coisas que ele já teve que suportar em tão tenra idade.

Serafina arrulhou suavemente e puxou seus pés pequenos. — Me faz querer ter outro.

Nevio jogou um bloco de madeira, depois outro, sorrindo como se fosse

uma façanha.

— Mas vou esperar mais alguns anos, — acrescentou ela. Nevio continuou jogando coisas ao redor. — Ou talvez até mais.

Leona riu. — Não posso acreditar que você quer mais depois de dar à luz gêmeos.

— Bem, eu não estou muito animada com o trabalho de parto. Você não perdeu nada, — Serafina me disse então fez uma careta. — Eu não deveria ter dito isso.

Eu balancei a cabeça. — Não, está tudo bem. Eu adoraria dar à luz, mesmo que seja doloroso, mas estou perfeitamente feliz com Alessio. Não importa como ele veio até nós. Ele é nosso filho.

— Ele é, — Serafina murmurou e deu um beijo na minha bochecha. — E você será uma mãe incrível.

— Considerando que eu nunca tive uma boa mãe ou mesmo decente, me pergunto como eu serei uma boa mãe, — disse Leona, tocando a cabeça de Alessio gentilmente.

— Eu também não tive um modelo. Minha mãe era fraca e depois morreu, e minha tia sempre me viu como um fardo. Vou criar Alessio como quis ser criada, com amor e carinho.

NINO

Os outros homens e eu nos mudamos para a sala ao lado da comum, que costumava ser o escritório do nosso pai, mas agora abrigava apenas nosso ringue de boxe e a mesa de sinuca, além de parte do nosso armário de bebidas. Com a nossa família em expansão, precisávamos de mais espaço na sala de jogos, que estava lentamente se transformando em uma sala comum para todos nós. Remo levantou um copo. — Ao novo pai. — Todos nós tomamos nossa bebida e Adamo sibilou com a força do álcool.

— Estou surpreso que você a tenha matado, — disse Adamo com uma carranca enquanto todos nós nos afundamos nas poltronas organizadas em um semicírculo.

— Eu ficaria surpreso se ele não o fizesse, — disse Fabiano, trocando um olhar com Remo. — Ela merecia a morte.

Savio balançou a cabeça. — O que ele deveria fazer com ela? Deixá-la ir? Entregá-la à polícia? Não era realmente uma opção.

Adamo encolheu os ombros. — Ela poderia trabalhar em um dos nossos outros estabelecimentos.

Eu disse: — Primeiro, causaria discórdia entre as prostitutas se uma delas fosse descoberta como uma assassina de crianças. Segundo, eu não queria que ela causasse qualquer tipo de problema para Alessio no futuro.

— Eu entendo, — resmungou Adamo. — Mas você ainda está chateado com o nosso meio-irmão por matar nosso pai, mas tirou de Alessio a chance de matar sua mãe ou conhecê-la.

Mencionar Growl ao redor de Remo nunca era uma boa ideia. Meus sentimentos pessoais em relação ao nosso meio-irmão beiravam a indiferença, mas eu não queria outra briga entre Remo e Adamo. Nossa mãe havia causado discórdia suficiente entre eles. Eu me inclinei para frente, estreitando meus olhos. — Ela não é mãe dele. Kiara é. Alessio nunca vai descobrir que não tem nosso sangue.

Remo tomou sua bebida. — A partir deste dia, esse garoto é um Falcone. Qualquer um que ouse dizer de maneira diferente terá que lidar com as consequências.

Eu dei a Remo um sorriso agradecido. Mentir para a família não era algo que Remo ou eu gostássemos de fazer, mas isso era para o benefício de Alessio. Descobrir sobre sua verdadeira mãe não traria nada de bom, só traria dor.

— Você vai ter que decidir o aniversário dele, — Remo me lembrou.

Se dependesse de mim, eu teria simplesmente escolhido um dia aleatório no início de julho. Alessio nunca saberia que não era o dia em que nascera e, a

longo prazo, alguns dias a mais ou a menos não tinham importância. Kiara, no entanto, precisava de tempo para considerar as possíveis datas.

— Você sabe quem é o doador de esperma? — Perguntou Savio.

Os lábios de Remo se curvaram. — Ela fodeu sem preservativo com vários clientes no passado, não há como dizer quem a engravidou e, como eu disse, não importa.

— Pode ser importante por doenças genéticas, — disse Savio.

— A prostituta que deu a luz a ele era uma viciada. Ela consumiu drogas quando estava grávida. Os médicos nos alertaram que isso poderia ter efeitos a longo prazo, levar Alessio a ter déficits de concentração ou ter uma propensão para as drogas.

Adamo afundou-se em sua cadeira. Ele havia retornado de CJ e como prometido não havia usado drogas apesar de não estar sob supervisão. Talvez ele estivesse no caminho certo. Eu esperava que Kiara e eu não tivéssemos que ver Alessio passar por algo similar no futuro.

— Mas este foi um bom lembrete de que ainda temos negócios para liquidar também, — disse Remo em voz baixa, segurando o meu olhar com o brilho familiar de ódio em seus olhos.

— Nós temos. Talvez seja a hora.

Adamo perguntou, preocupado: — Vocês querem matar nossa mãe?

— Ela merece a morte, — eu disse, tentando parecer equilibrado e calmo, apesar do caos no meu peito.

— Essa não é uma decisão sua, — disse Adamo. — Ele é minha mãe e de Savio também.

— Eu não me importo se eles a matarem. Ela está morta para mim de qualquer maneira. Mas não quero estar envolvido nisso. Não quero mais vê-la, nem viva nem morta — murmurou Savio, enchendo o copo de novo.

Remo começou a andar pela sala. O silêncio caiu sobre nós enquanto o observávamos, sabendo que ele estava perto de uma explosão. — Ela tentou matar a todos nós, Adamo. Ela ainda nos mataria se tivesse a chance. Doente ou

não, ela é perigosa. Você não estava lá. Não realmente.

— Ela não é a mesma mulher que era. Você não tem o direito de matá-la sem o nosso consentimento, — insistiu Adamo.

Remo se inclinou, aproximando o rosto do de Adamo. — Você realmente acha que a conhece? Não seja ingênuo. Você continua confiando nas pessoas erradas.

Adamo projetou o queixo. Eu levantei a mão antes que isso pudesse sair do controle.

— Nós não temos que decidir isso hoje. Agora, tenho que ajudar Kiara com Alessio, e seu aniversário é em breve, Adamo. Depois disso, teremos outra discussão e encontraremos uma solução.

— Não vamos decidir hoje, — admitiu Remo, endireitando-se. — Mas há apenas uma solução.

Kiara balançava Alessio suavemente contra o peito enquanto nos dirigíamos ao nosso quarto. Era mais cedo do que a nossa hora de dormir habitual, mas Kiara não dormiu muito e nem eu a noite passada.

Surpresa encheu seu rosto quando avistou o berço ao lado da nossa cama.

— Remo e Serafina compraram para Alessio esta manhã. Eles trouxeram isso e algumas outras coisas para o berçário.

— Vou ter que lhes agradecer amanhã, — disse Kiara enquanto passava os dedos pelo berço branco. O interior era um azul suave com nuvens brancas. — Onde vamos fazer o seu berçário?

— Eu achei que o quarto ao lado faria sentido enquanto ele ainda é jovem, e acho que você quer que ele durma no nosso quarto nas primeiras semanas.

Kiara me deu um sorriso cheio de desculpas. — Eu realmente quero. Tudo bem pra você?

Eu me movi até ela, acariciando sua garganta e olhando para o pequeno bebê dormindo contra seu peito. — Por que não estaria? Ele precisa de nós agora. Depois do que ele experimentou, precisa aprender a confiar, e sei que tê-lo aqui vai te fazer feliz.

Ela assentiu com a cabeça, seus olhos cheio de tanto amor que às vezes ainda me pegava desprevenido. Suspirando, ela se virou para o berço e cuidadosamente colocou Alessio nele, então ficou debruçada sobre ele e apenas o observou. Eu pressionei um beijo no topo da cabeça dela. — Eu vou tomar um banho rápido.

— Tudo bem, — ela sussurrou.

Quando saí, dez minutos depois, Kiara usava uma camisola e estava deitada de lado, observando Alessio. Ela removeu as barras do lado do berço de frente para a cama e acariciava sua barriga suavemente.

Eu subi na cama atrás dela e pressionei contra suas costas. Ela soltou um pequeno suspiro. — Às vezes tenho medo de que ele desapareça se eu fechar os olhos e que isso acabará sendo um sonho.

— Não é, — eu murmurei contra o pescoço dela. — E nada vai tirá-lo de nós. Ele é nosso. Você escolheu o aniversário dele?

Kiara soltou um pequeno suspiro. — Eu estive pensando sobre isso o dia todo. Parece errado decidir algo assim para uma pessoa pequena.

— Não temos como descobrir a data de nascimento dele.

— Eu sei, e acho que devemos apenas dizer que ele nasceu em 01 de julho. É o começo de um novo mês, um novo começo. A possibilidade de novas aventuras... — Ela parou. — Eu sei que estou colocando muito significado em uma simples data, mas sinto que ele precisa de um dia especial.

— Isso soa bem. Primeiro de julho, então.

Ela assentiu. — Eu sempre serei grata a Remo e a você por trazê-lo para esta família. Muitos homens em nossos círculos não iriam querer uma criança que não seja seu sangue, especialmente não a criança de uma prostituta. Eles insistiriam em ter um herdeiro.

Eu trilhei meus dedos para cima e para baixo em seu braço esbelto. — Alessio é meu herdeiro, Kiara. Sangue ou não. Remo e eu não nos importamos com isso. Nós acolhemos Fabiano e ele se tornou nossa família. E não consigo ver a importância de sua mãe biológica ser uma prostituta. Não tem nada a ver com ele. Ele vai crescer para ser um Falcone.

— Olhe para todos nesta casa. Todos os nossos passados detêm horrores em alguma forma, mas de alguma maneira nós nos reunimos. Às vezes tenho medo que isso nos alcançará. É perfeito demais, bom demais.

Eu balancei a cabeça. — O passado é apenas isso. Só pode nos alcançar se permitirmos e não o faremos.

Kiara sorriu e, com essa linda imagem, apaguei as luzes. Eu acreditava nas palavras que acabei de dizer, mesmo que Remo e eu ainda estivéssemos amarrados ao nosso passado através de nossa mãe.

Essa era a *nossa* fraqueza e não iria manchar a nossa família.

Capítulo Vinte e Quatro

NINO

Apesar da falta de sono de um recém-nascido implicava, Kiara parecia brilhar com energia e felicidade enquanto cuidava de Alessio. Ele mal dormia mais de duas horas seguidas, um bebê agitado e nervoso que precisava de muita atenção. Provavelmente foi por isso que sua mãe biológica o queimou. Algumas pessoas nunca deveriam pensar em ter filhos, muito diferente de Kiara, que tinha um suprimento infinito de paciência, não apenas com Alessio, mas com todos.

Enquanto Kiara preparava uma mamadeira para ele, eu o embalava em minhas coxas. Ele já estava miando, desesperado por comida. — Tudo bem, Alessio. Sua mãe lhe trará seu leite em breve.

Eu gentilmente levantei sua camisa, verificando as duas marcas de queimadura em sua barriga. Elas ainda estavam vermelhas, mas curados. — Você pode me passar a pomada? — Pedi a Remo, que estava chutando o saco de boxe, que ele se recusou a remover da área de estar, apesar das dicas não tão sutis de Kiara e Serafina.

Parando seu ataque, ele pegou o tubo da mesa, sentou ao meu lado e me entregou a pomada. Eu coloquei um pouco em meus dedos e esfreguei entre eles, para que não estivesse muito fria, em seguida, espalhei nas feridas de Alessio. Ele parou o choro só movendo a boca como se já estivesse tomando a mamadeira.

— Eu não posso acreditar o quão pequeno ele é, — disse Remo, tocando o dedo na palma de Alessio. — Nevio e Greta já tinham cinco meses quando os vi pela primeira vez e já os achei minúsculos.

Quando terminei com suas queimaduras, me afastei e imediatamente Alessio choramingou de novo, então continuei esfregando sua barriga com o polegar. Kiara apareceu com a mamadeira e eu estava prestes a lhe entregar Alessio porque ela vinha lidando com a alimentação e quase tudo o mais até agora, ansiosa por finalmente ser mãe, mas ela balançou a cabeça.

— Sua vez.

Peguei a mamadeira dela e ela se acomodou no braço do sofá. No momento em que toquei o bico nos lábios de Alessio, ele ansiosamente começou a chupar, mas continuei acariciando sua barriga desde que parecia acalmá-lo. Remo levantou-se, apertou meu ombro e saiu para o jardim.

— O que você vê quando olha para ele? — Kiara perguntou, passando os dedos pelo meu cabelo do jeito que sempre gostei.

Eu observei a criança pequena no meu colo, a maneira como ele se agarrava à mamadeira como se ela pudesse ser tirada dele a qualquer momento, as marcas vermelhas em sua barriga, a maneira como ele respondia ao toque gentil. — Você. Eu te vejo.

Kiara inclinou a cabeça com uma expressão curiosa. — Eu? Ele não parece comigo.

— Não foi isso que eu quis dizer, — eu disse, tentando colocar em palavras o que sentia, porque era o que Kiara estava realmente perguntando. — Eu te vejo porque ele precisa de proteção e cuidado como você quando me foi dada. Eu te você porque ele significa que você está feliz. Eu vejo seu amor. É por isso que vou amá-lo como vim a amá-la. Você sabe, leva tempo para mim.

— Eu sei, e suas palavras já são mais do que eu esperava. — Ela se inclinou para frente e beijou minha bochecha.

Quando o levamos para a cama por volta das sete da noite, passei meus braços em volta de Kiara por trás, acariciando seu pescoço. Nós não tínhamos sido íntimos desde que Alessio se juntou à nossa família. Kiara não conseguia relaxar com ele no mesmo quarto e ainda não queria deixá-lo sozinho. Eu pressionei minha ereção contra a parte inferior das suas costas e ela soltou um pequeno suspiro, e olhou para mim por cima do ombro. — Eu não posso com ele no mesmo quarto.

— Eu sei, — eu murmurei e peguei o monitor de bebê. — Podemos deixá-lo aqui e ainda ter certeza de que ele está bem.

Ela mordeu o lábio, dividida entre a necessidade de protegê-lo e sua necessidade de proximidade física. Eu acariciava o lado dela. — Coloque seu novo vestido vermelho, mas sem calcinha e desça até o piano. Leve seu xale de

seda vermelho. Eu estarei esperando por você.

Kiara assentiu.

Eu me virei e desci as escadas. Depois de colocar o monitor de bebê em uma mesa ao lado, afundei no banco em frente ao piano. Meu pau estava empurrando contra minhas calças. Eu desejava Kiara de uma maneira que não imaginava ser possível. Ficando com uma mulher por alguns anos, teria pensado que me cansaria de seu corpo, seu cheiro, seu gosto, mas longe disso.

Comecei a tocar a música que criei com o Kiara até ouvir o som dos saltos. Kiara desceu as escadas em seu elegante vestido vermelho na altura dos joelhos, os sapatos de salto combinando, segurando o xale de seda vermelho em uma mão. Ela parecia curiosa e ansiosa quando se aproximou de mim. Eu não parei de tocar até que ela estivesse ao meu lado.

— Não, — eu disse quando ela estava prestes a sentar ao meu lado no banco.

Kiara franziu a testa. Eu tirei o xale de suas mãos e levantei para o rosto dela. — Posso cobrir seus olhos?

Surpresa brilhou em seus olhos escuros, então um lampejo de excitação. — OK.

Eu cuidadosamente amarrei o xale na parte de trás de sua cabeça. — Eu só quero que você sinta e para que isso funcione precisamos limitar seus sentidos, — eu disse asperamente.

Kiara soltou um pequeno suspiro, tremendo. Fechei a tampa sobre as teclas e então levantei Kiara no piano. Ela ofegou. Agarrei um pé e coloquei-o na borda elevada do piano, depois fiz o mesmo com o outro pé, para que ela sentasse na minha frente com as pernas abertas. A saia fluida se reuniu entre suas coxas, cobrindo-a.

— Mantenha as pernas assim, — eu pedi.

Kiara assentiu com a cabeça, sua respiração já acelerando. Agarrando a bainha de sua saia, eu a empurrei e ajeitei-a em torno de sua cintura, deixando sua boceta nua aos meus olhos.

O desejo correu pelas minhas veias, vendo-a se abrir para mim, suas

dobras rosadas já brilhando com sua luxúria. Eu me inclinei para frente e corri meu nariz ao longo da pequena cicatriz branca na parte interna da sua coxa, em seguida, inalei. Kiara estremeceu. — Nino? — Desejo e uma pitada de insegurança tocava sua voz. Eu olhei para cima, encontrei suas bochechas avermelhadas.

— Deite-se, — eu murmurei e ela o fez. — Relaxe. Sinta. Ouça.

Eu empurrei sua saia ainda mais para cima, em seguida, puxei-a para mais perto até que sua boceta pairou sobre a borda, tentadora e provocante. Eu levantei a tampa novamente e apertei a tecla ‘A’. A nota baixa reverberou no piano e, arrepiou a pele de Kiara. Ela podia sentir o zumbido em todos os lugares, mesmo em sua vagina. Toquei a nota baixa novamente, mas desta vez beijei seu joelho, deslizei minha língua por sua panturrilha e circulei seu tornozelo com a ponta antes de subir de novo e bater a próxima nota no piano.

Kiara respirava mais rápido, os seios subindo a cada ingestão, os mamilos duros contra o tecido luxuoso e sua excitação aumentando. Eu continuei com essa pequena estimulação, batendo as duas notas mais baixas repetidas vezes enquanto beijava e lambia suas panturrilhas e tornozelos até que ela estava ofegante. — Você vai pingar no piano, — eu disse em uma voz rouca, inclinando-me para frente e lambendo a gota descendo até a bunda perfeita de Kiara.

Ela arqueou com um pequeno gemido. — Nino, por favor.

— Relaxe. Ouça. Sinta, — eu disse a ela.

Toquei uma nota nova e mais alta e lambi ao longo da parte interna da coxa até a curva entre sua coxa e boceta, depois inalei novamente e minha própria excitação quase me fez desistir do meu plano. Porra. Eu queria mergulhar, devorar sua boceta e depois me enterrar dentro dela.

— Nino, por favor, só...

— Só o quê? O que você quer? — Eu lambi sua cicatriz, em seguida, chupei a pele em minha boca e bati na nota baixa novamente. Os músculos da coxa de Kiara se contraíram contra os meus lábios.

— Nino...

— Diga o que você quer.

— Eu quero que você me lamba, — ela admitiu.

— Bom. — Eu pressionei minha boca na boceta dela e lambi, longa e devagar como a nota ‘A’. Quando meus dedos encontraram as notas mais altas, batendo nelas mais e mais rápido, agitei minha língua sobre seu clitóris. Ela ficou tensa e batendo na nota ‘A’ mais uma vez, chupei seu clitóris entre meus lábios e ela gozou na minha boca, arqueando-se no piano, uma visão de tecido vermelho e pele branca contra a laca preta. Fechando os olhos, me permiti sentir a música, saborear o gosto de Kiara. Perfeição.

Recuando, eu fechei a tampa novamente, em seguida, abri meu zíper e tirei meu pau. Agarrando seus quadris, eu a puxei para baixo até que seus pés encontraram o chão e ela estava encostada no piano com sua boceta pairando sobre o meu pau.

— Dobre as pernas.

Ela fez e minha ponta pressionou contra suas dobras. Gemendo, ela tentou se abaixar ainda mais, mas minha mão no quadril a segurou rápido. — Ainda não. — Eu esfreguei minha ponta grossa ao longo dos lábios de sua boceta cutucando seu clitóris a cada vez. Ela ofegou e minha própria respiração se tornou irregular. Eu não pude resistir mais.

— Monte-me.

Ela se abaixou, os dedos agarrados à tampa do piano atrás dela enquanto se empalava no meu comprimento. Ela começou a mover seus quadris para cima e para baixo, girando ao mesmo tempo, perseguindo o prazer enquanto me levava ao limite do meu próprio controle enquanto a observava. Pegando o xale, eu o puxei para longe. Os olhos de Kiara brilharam com luxúria e necessidade, e ela balançou ainda mais rápido contra mim. Nossos olhos se fixaram, seus lábios se abriram em um pequeno grito e ela pulsou em torno de mim, me derrubando sobre a borda com ela. Ela continuou balançando contra mim mesmo quando a puxei para o meu peito até que finalmente ficou frouxa em cima de mim.

— Uau, — ela respirou. — Eu não achei que a música pudesse ser erótica.

— Quando você está envolvida tudo pode ser erótico, — eu disse rouco enquanto arrastava beijos apreciativos ao longo de seu peito e garganta.

— Onde diabos ele está? — Remo rosnou. Nós nos reunimos na área comum para discutir o desaparecimento de Adamo.

— Não com CJ, isso é claro. Ela foi a primeira pessoa que verifiquei. Diego disse que Gemma perguntou a algumas de suas amigas que conhecem as pessoas com as quais Adamo anda ocasionalmente, mas nada, — eu disse.

Kiara andava de um lado para o outro no terraço, escutando, Alessio amarrado ao suporte na frente do peito, tentando fazê-lo dormir, mas estava ouvindo, eu poderia dizer.

Eu acrescentei: — Eu acho que devemos considerar a opção muito válida que ele encontrou alguém que lhe vendeu heroína e agora está dormindo chapado.

— Se ele comprou de pessoas erradas, pode estar morto. Ou eles o matam, ou vendem drogas de baixa qualidade que são misturadas a veneno de rato ou outras merdas. Ele pode estar deitado em uma vala com uma overdose agora mesmo, — Remo aterrou. Ele continuou esfregando o polegar para cima e para baixo nas cicatrizes em seu pulso.

— Você fez tudo o que podia para protegê-lo.

— Talvez ele esteja apenas na corrida. Você sabe que ele queria correr neste fim de semana e ficou chateado quando não foi permitido, — disse Savio, um braço contra o bar.

— Um dos tripulantes teria nos dito, — eu disse.

— Não se Adamo conseguiu se esgueirar novamente como da última vez.

Remo foi até o saco de pancadas e deu um chute forte. — Você quer dizer a vez que ele foi capturado pela porra da Outfit? — Ele exalou, em seguida, agarrou o saco com força.

Sávio me deu um olhar que deixou claro que ele estava cansado de tentar falar com Remo. — O acampamento deles está próximo no momento. Nordeste de LA. Nós poderíamos ir lá e checar, — eu disse.

Remo grunhiu. — Ele iria se esconder de nós.

— Nós poderíamos tentar de qualquer maneira.

Remo assentiu lentamente. — Mas se ele estiver drogado, se ele realmente socou essa merda em suas veias novamente, é melhor vocês me segurarem ou posso espancá-lo pra caralho desta vez.

Savio afastou-se do bar e sentou-se no sofá. — Eu acho que isso significa que eu vou ter que ficar por aqui e bancar a babá, figurativa e literalmente.

— Você e Fabiano. Temos sorte da casa dele ser ao lado da nossa.

— Como se a sorte tivesse algo a ver com isso. Aquele cirurgião plástico quase cagou nas calças quando Remo falou com ele.

— Ele teve sorte de eu não tê-lo matado, então pronto, — Remo murmurou.

Eu saí para contar a Kiara. Pela expressão preocupada em seu rosto, ela já sabia. — Você está saindo para procurar o Adamo?

— Tenho que ir. Aquele garoto... ele é...

Eu balancei a cabeça e acariciei o cabelo de Alessio. — Encontre-o. Ajude-o, — disse Kiara. — Nós vamos ficar bem. Talvez você o encontre antes que seu bolo fique velho.

— Acho que você deve comê-lo hoje. O aniversário dele vai acabar quando o encontrarmos e suspeito que ele não mereça uma recompensa.

Kiara franziu o lábio. — É o bolo de aniversário dele.

Serafina estava sentada na grama e os gêmeos estavam na pequena piscina de bebê que ela tinha comprado, mas ela olhou para nós. — Podemos preparar outro quando ele voltar. Nino está certo, a torta de limão não vai durar muito.

Quando Remo se juntou a nós do lado de fora, ela olhou para ele e seu rosto refletia a mesma preocupação que eu tinha visto em Kiara.

Remo e eu não éramos mais responsáveis por nossos irmãos, tínhamos esposas e filhos. Ele me deu um olhar irritado, pensando o mesmo e ansioso para chutar o traseiro de Adamo. Eu não tinha certeza do que fazer com Adamo, como lidar com ele. Se não fosse ele, a solução seria clara - tortura, depois morte.

— Eu não sei o que farei se ele estiver drogado novamente, — disse Remo

quando nos sentamos no carro, prontos para sair.

— Nós vamos descobrir isso. Nós podemos tentar novamente. Prendê-lo por mais tempo.

Remo ligou o carro. — E se isso não for o suficiente?

Eu não disse nada, porque pela primeira vez não consegui pensar em outras opções.

KIARA

Eu estava deitada no sofá ao lado de Alessio, tentando descansar depois de uma noite sem dormir. Alessio estava dormindo profundamente agora. Apesar do meu cansaço, não conseguia dormir. Eu adorava ver seu rosto doce. Nino e Remo estavam fora há um dia e ainda não tínhamos notícias deles, o que não era incomum, considerando que Nino desprezava mensagens desnecessárias.

Meu telefone tocou na mesa ao meu lado. Virando-me desajeitadamente, tentei não acordar Alessio. O nome de Adamo surgiu na tela. Eu atendi imediatamente, surpresa que ele me ligasse. — Onde você está? Eu fiz um bolo para o seu aniversário ontem, mas você desapareceu. Estamos preocupados com você. — Eu esperava que ele não tivesse comemorado seu décimo sexto aniversário sozinho. Talvez Savio estivesse certo e ele tivesse passado nas corridas, talvez com amigos que tinha feito lá, mas por que Remo e Nino não o encontraram ainda?

— Kiara... — A palavra foi arrastada.

— Adamo, o que há de errado? Onde você está? — Eu perguntei, sentando-me lentamente.

— Com a minha mãe... eu estive lá para vê-la...

Choque tomou conta de mim. Eu pensei que Adamo a tivesse tirado da cabeça como seus irmãos pareciam ter feito. Por que ele a visitou em seu aniversário, nada menos?

— E agora? Onde você está agora? Ainda na clínica?

— Nah... — ele disse baixinho, uma sugestão de hesitação em sua voz, como se não estivesse me contando tudo. — Não fiquei muito tempo... ela não está bem na cabeça... ela é...

— Adamo, por que você não vem pra casa? Pegue um taxi. Não dirija. Você está bêbado, certo? — Ele não podia estar longe. A clínica psiquiátrica era nos subúrbios de Vegas.

Adamo riu. Era um som suave e desanimado. — Bêbado, drogado.

Comecei a andar pelo quarto, ficando cada vez mais nervosa. — Você quer que eu te pegue?

— Não conte aos meus irmãos, — ele disse rapidamente.

Não havia como seus irmãos não descobrirem. Eles suspeitaram de sua recaída, afinal.

— Eu não vou. Eu posso te buscar sozinha. Vou pegar um carro. Há bastante para escolher.

— Quando foi a última vez que você dirigiu um carro?

Eu não dirigia um carro há anos, apenas durante as aulas de direção quando ainda estava na escola.

— Adamo, me diga onde você está. Deixe-me ajudá-lo. — Olhei para Alessio, que estava movendo os dedos em seu sono. Se fosse só eu, não teria hesitado em dirigir o carro, mesmo que fosse inexperiente. No entanto, eu não arriscaria com Alessio no mesmo carro, e não podia deixá-lo com Serafina. Ela tinha os gêmeos para cuidar, que davam trabalho o suficiente, especialmente Nevio. Leona estava no campus, e Savio e Fabiano não podiam cuidar de um recém-nascido.

— Você não vai dirigir sozinha. Você vai mandar alguém, certo? — ele disse miseravelmente.

— Não, — eu menti mesmo me sentindo mal, mas não podia dirigir, não importa o quanto quisesse, e talvez Adamo precisasse de alguém que pudesse carregá-lo se ele desmaiasse.

— Ela fugiu, — disse ele.

— Quem fugiu? — A conversa estava me confundindo. Com a minha falta de sono, eu simplesmente não conseguia acompanhar.

— Eu achei que seria bom vê-la no meu aniversário. Ela foi legal. Ela me disse que tudo bem se eu precisasse escapar da realidade de vez em quando. Ela ficou ao meu lado enquanto tomei uma dose.

A raiva borbulhou. — Adamo, quem fugiu? — Uma suspeita horrível estava criando raízes na minha cabeça. Eu não queria dar espaço para crescer. Não podia ser.

— Nossa mãe, ela fugiu. Hoje. Se foi. Eu não sei onde ela foi.

Eu fiz uma careta, tentando entender o que ele estava dizendo e me perguntando quanto disso era o resultado das drogas. — Eu achei que você a tivesse visto na clínica. Ela não pode sair de lá. Remo deu ordens claras... — Uma sensação de medo tomou conta de mim.

— Ele deu ordens que apenas um de nós, irmãos, poderia tirá-la.

Fechei os olhos. — Você a ajudou a *sair* da clínica?

— Sim… ela estava chorando e se desculpando. Eu achei que nós poderíamos... Eu não sei... Eu não queria que ela morresse. — Ele soltou um suspiro trêmulo. — Mas ela me usou. Ela fugiu enquanto eu abastecia o carro. Eu não sei onde ela foi. Ela não está bem da cabeça. Porra, Kiara. Eu sou tão idiota.

Adamo estava à deriva e à procura de uma âncora, mas continuou procurando nos lugares errados quando um refúgio seguro estava sempre esperando por ele nessas paredes.

— Venha para casa, — eu insisti. — Estamos todos preocupados com você.

— Remo e Nino nunca vão me perdoar por libertá-la.

— Claro, que eles vão. Eles amam você. Eles passariam por fogo por você, basta voltar para casa. Tudo vai ficar bem. — Mas eu não tinha certeza se era verdade. Remo e Nino odiavam e temiam a mãe igualmente. Ela era o espinho

em sua carne, a corrente de seu passado cruel e a gasolina que poderia alimentar o fogo de sua monstruosidade.

Eu disse: — Deixe-me ajudá-lo. Deixe-me pegar você.

— Não. — Sua voz já estava desaparecendo como se ele estivesse abaixando o telefone. — Eu vou ter que encontrá-la. Eu vou ter que... ter que... então Remo e Nino me perdoarão.

— Adamo!

A linha estava morta. Eu tentei ligar para ele, mas ele rejeitou a ligação. Alessio acordou com meu grito e começou a chorar. O que eu deveria fazer?

Capítulo Vinte e Cinco

KIARA

Remo e Nino eram os homens mais fortes que conhecíamos, mas havia uma coisa ainda com o poder de destruí-los depois de todos esses anos. A mãe deles. Serafina sabia disso também. Nós tínhamos que protegê-los e às nossas famílias a qualquer preço, mas como?

Serafina e eu nos sentamos no sofá da sala, observando Greta e Nevio enquanto eles brincavam no chão. Eu balancei Alessio suavemente em meus braços, na esperança de fazê-lo dormir.

— Temos que encontrar uma maneira de pegá-la antes que eles descubram o que aconteceu, — disse ela ferozmente.

— A clínica certamente os alertará em breve. Alguma coisa acontecerá, ou um dos outros médicos quererá confirmação, e Remo receberá a ligação.

Serafina sacudiu a cabeça, franzindo o rosto em desespero. — O que ele estava pensando? Como ele pode acreditar em uma palavra dela depois do que ela fez com seus irmãos?

— Ele não era nascido quando aconteceu. Para ele, é um cenário abstrato que não consegue compreender, mas ela estava lá na frente dele, chorando e implorando. Ela era real e ele queria ajudá-la. Você sabe o quanto ele está lutando.

— Por causa do que minha família fez com ele.

Olhei em seus olhos, imaginando se ela notou como Adamo a usava para se lembrar do passado. Eu não achei que ela estivesse ciente da extensão de suas lutas, talvez nenhum de nós estivesse. Adamo se tornou um mestre em esconder seu vício, suas batalhas. — Nós temos que protegê-los, — eu sussurrei. Era ridículo, nós tentando proteger Remo e Nino, mas neste caso eles precisavam ser protegidos.

— Fabiano é o único que pode nos ajudar.

Eu tracei suavemente a linha do cabelo de Alessio enquanto o segurava nos meus braços. — Ele é leal a Remo. Não será fácil convencê-lo a agir pelas costas de Remo.

Serafina bufou. — Não é traição se ele proteger Remo de si mesmo.

— Tenho a sensação de que ele e Remo não verão dessa maneira.

— E o Nino? Ele baseia sua decisão na lógica. Aposto que ele concordaria com o nosso plano de envolver Fabiano.

— Talvez. — Nino tinha chegado tão longe do homem que eu conheci há mais de dois anos. Ele ainda tinha problemas com as emoções, reconhecendo-as, sentindo-as, mostrando-as, mas estávamos em um bom caminho, ou tínhamos estado. O pensamento de que isso poderia fazê-lo voltar me aterrorizou. Quando eu não conhecia Nino de outra maneira, sua falta de emoções era tolerável. Agora que sabia como ele poderia ser se realmente sentisse. Não acho que eu poderia sobreviver a emoções falsas dele novamente.

— Mas é diferente quando sua mãe está envolvida.

— Fabiano é nossa única chance. É isso ou contar para Remo e Nino.

Serafina e eu nos encaramos, seus olhos como os meus cheios de lágrimas. — Vou ligar para o Fabiano. Temos duas horas antes de nossos maridos voltarem.

Eles nos enviaram uma mensagem dizendo que não haviam encontrado Adamo e voltariam em breve. Eu disquei o número de Fabiano. Ele atendeu depois do segundo toque. — O que há de errado, Kiara?

— Você pode vir? Serafina e eu precisamos conversar com você. Por favor, não diga a Remo e Nino.

Houve um momento de silêncio do outro lado. — Eu estarei aí em cinco minutos.

Ele permaneceu fiel à sua promessa e entrou na sala exatamente cinco minutos depois, com os olhos tensos de apreensão, com uma das mãos na arma como se esperasse uma emboscada.

Alessio já estava dormindo no meu colo agora. Nevio e Greta ainda

estavam sentados em seu cobertor no chão e brincavam com blocos de madeira multicoloridos.

— Qual é o problema? Aconteceu alguma coisa? — Fabiano perguntou com urgência. Serafina e eu trocamos um olhar e Fabiano fez uma careta. — Esse olhar não é um bom presságio. O que há de errado?

Serafina se aproximou dele e tocou seu braço. Eles eram amigos quando crianças e nos últimos meses a tensão entre eles após o sequestro finalmente diminuiu. — Você tem que jurar que não vai contar a Nino ou Remo o que vamos lhe dizer. Não a menos que lhe digamos.

Fabiano recuou para que Serafina tivesse que afastar a mão, sua expressão se endurecendo. — Eu traí Remo uma vez e nunca mais farei isso novamente.

— Não é traição se você estiver ajudando.

— Eu devo a meu Capo a verdade. Eu devo a ele lealdade.

— Você acha que Kiara ou eu faríamos alguma coisa para trair nossos maridos? — Serafina sibilou, aproximando-se de Fabiano. Parecendo um anjo, ela ainda conseguia parecer feroz. — Você é o único que pode nos ajudar a salvá-los.

— De quê? — perguntou Fabiano, ficando atento e tenso, pronto para entrar em guerra para proteger seus irmãos por escolha.

— De si mesmos, — eu sussurrei. — Por favor, Fabiano. Precisamos da sua ajuda.

— Então me diga qual é o problema.

— Primeiro você tem que jurar que não vai contar a eles, — insistiu Serafina.

— Isso não vai acontecer, Serafina.

Serafina olhou com raiva e se virou para Greta e Nevio, que pararam de jogar com a chegada de Fabiano.

Fabiano pegou meu olhar, sua expressão questionando. — Kiara.

Suspirei e coloquei Alessio no berço antes de encarar Fabiano. Que

escolha nós tínhamos? Nós precisávamos da ajuda dele. Serafina deu um pequeno aceno de cabeça, seus lábios apertados de preocupação.

— A mãe deles escapou da clínica.

Os olhos de Fabiano se arregalaram e ele sacudiu a cabeça. — Impossível. Remo deu instruções claras ao pessoal. Eles nunca se atreveriam a contrariá-lo.

— Ele deu-lhes instruções para permitir que apenas um irmão Falcone a libertasse.

Fabiano franziu a testa, então a realização se instalou. — Foda-se! — Ele rosnou, fazendo Greta largar seu bloco de madeira e começar a chorar. Ele fechou a boca e murmurou sob sua respiração. — O que diabos há de errado com o garoto? Primeiro as fodidas drogas, agora isso.

Serafina embalou a filha nos braços e, como de costume, Greta se acalmou rapidamente. Fabiano suspirou e então olhou de volta para mim. — Você percebe que Remo e Nino não descansarão até que a peguem.

Eu me inclinei para Alessio que estava dormindo profundamente, um bebê tão quieto quando não estava com fome. Doeu meu coração pensar que ele se tornara assim, porque em suas primeiras semanas seus gritos foram ignorados ou punidos com dor. — Não se você pegá-la antes deles.

Fabiano congelou. — Você quer que eu a procure?

— Cace-a e mate-a, — disse Serafina enquanto colocava Greta de volta com Nevio, que havia começado a bater os blocos.

Matá-la? Nós não falamos sobre isso. Serafina me deu um olhar de dor.

— Kiara, não me olhe assim. Você sabe tão bem quanto eu que ela sempre vai assombrá-los enquanto viver. Mesmo agora, quando finalmente estão felizes, ela consegue estragar tudo de novo. Eu quero que ela se afaste de suas vidas de uma vez por todas. Eu quero que o passado termine para que possamos nos concentrar no futuro, em nossa família. Eu a quero morta.

Serafina era a esposa de Remo por completo. Ela amava ferozmente e brutalmente, e protegia seus filhos e Remo implacavelmente. Eu dei um pequeno aceno de cabeça, mesmo quando meu estômago virou pensando que eu estava

decidindo sobre a vida de alguém. Mas não havia limite para a extensão que eu iria para garantir que Alessio e Nino estivessem seguros. Eu não intervi quando Remo matou a mãe biológica de Alessio, não é?

— Você quer que eu a mate? — Fabiano perguntou lentamente, em seguida, riu sombriamente. — Remo nunca me perdoaria. Nem em um milhão de anos se eu tirasse essa morte dele e de Nino. Seu maldito meio-irmão matou o pai antes que Remo pudesse. Eu não farei isso com Remo. Se alguém tem que acabar com essa mulher, serão os irmãos Falcone, não eu.

Eu fechei meus olhos. Fabiano não cederia sobre esse assunto.

Serafina se aproximou dele. — Não é mais apenas sobre eles. Eles têm filhos. Eles nos têm. Eles têm que ser pais e maridos.

— Confie em mim, se eles não a matarem, não serão homens com os quais você vai querer viver.

Serafina balançou a cabeça e se girou, virando-se de costas para nós e lentamente afundou ao lado de seus filhos.

Eu não disse nada, apavorada com a reação de Nino quando ele descobrisse. Fabiano se aproximou de mim, suas mãos se curvando sobre a borda do berço. — Como está Alessio?

— Ganhando peso e as queimaduras se curaram. — Eu encontrei seu olhar. — Você quer filhos?

Fabiano sorriu, mas seus olhos estavam preocupados. — Primeiro, Leona e eu precisamos nos casar no próximo ano... se isso der certo.

— Você acha que Remo e Nino ainda estarão perseguindo a mãe deles? — Eu não podia imaginar ficar sem Nino por tanto tempo. Mesmo que ele voltasse para casa de vez em quando, a vida deles seria dedicada à perseguição e não à nossa família.

— Eu não penso assim, mas pode complicar o planejamento e tudo mais. Acho que teremos que esperar pela reação deles. — Ele passou a mão pelo cabelo, apertando a boca. Ele estava tão preocupado com a reação deles às notícias quanto nós. Ele os conhecia, os conhecia há muito mais tempo que Serafina e eu.

Fabiano caminhou até Serafina e os gêmeos e se ajoelhou ao lado deles. Serafina não olhou na direção dele, os ombros rígidos. Fabiano entregou a Greta um bloco de madeira após o outro, que ela pegou depois de um momento de consideração e os empilhou. Nevio, claro, levantou-se e cambaleou até Fabiano, com os olhos fixos na arma do coldre. Fabiano segurou as mãos de Nevio. — Não.

Essa era uma palavra que Nevio não gostava muito e seu rosto franziu em um grito indignado. Fabiano riu, agarrou-o e catapultou-o por cima da cabeça. — Um dia você será Capo, jovem, mas até lá você ouvirá muitos não.

Serafina se virou para eles, sorrindo um pouco, apesar das lágrimas correndo por suas bochechas. Greta se arrastou até ela e se acomodou em seu colo. Sentindo-me sentimental, eu peguei Alessio, acordando-o. Ele choramingou suavemente, piscando para mim. Eu pressionei um beijo em sua bochecha e o embalei contra o meu peito. — Eu vou alimentá-lo.

Saí em direção à cozinha. Não havia motivo para pânico ainda. Talvez Nino e Remo lidassem com o desaparecimento da mãe melhor do que esperávamos. Eles cresceram muito desde que vim morar com eles.

O passado era apenas isso, o passado. Certo?

Depois que Fabiano mandou a Remo um texto que ele e Nino precisavam voltar para casa o mais rápido possível, esperamos. Fabiano e Serafina ainda estavam no chão com os gêmeos e eu estava estendida no sofá com Alessio no peito quando Remo e Nino chegaram. No momento em que nos viram, ficaram em silêncio. As sobrancelhas de Nino se uniram quando ele viu Fabiano, em seguida, seus olhos se moveram para mim. Meus olhos estavam vermelhos e os de Serafina também.

— O que está acontecendo? — Remo perguntou a Savio, que estava sentado no sofá durante a última hora, remoendo o que nós lhe contamos. Antes que Savio pudesse responder, Nino se aproximou de mim enquanto eu cuidadosamente me sentava para não acordar Alessio.

— Kiara? Aconteceu alguma coisa?

Eu fiquei de pé, então liguei minha mão a de Nino. Serafina ficou no chão com os gêmeos, olhando para Remo como se ele fosse uma bomba-relógio. Fabiano levantou-se e eu tremi, temendo o que viria pela frente.

Eu disse: — Sua mãe escapou da clínica. Nós não sabemos onde ela está.

Os dedos de Nino ficaram frouxos, algo assombroso cintilando em seus olhos, e seu olhar foi para Remo, que estava congelado, exceto pelo olhar em seu rosto. Ele parecia o homem que eu temia no começo.

— O quê? — A palavra reverberou com a promessa de punição, com puro ódio não filtrado.

— Adamo foi visitá-la e ela o enganou para tirá-la de lá. Quando ele não estava prestando atenção, ela fugiu.

— Eu ainda não consigo acreditar nessa merda, — Savio respirou. Ele não estava tão abalado quanto seus irmãos. Mesmo que eles tivessem lhe contado sobre os eventos daquele dia fatídico, ele pelo menos não conseguia se lembrar deles.

Remo fechou as mãos em punhos e baixou o rosto para encarar o chão, os ombros tremendo. Nino ainda não havia se movido. O olhar em seu rosto não era menos perturbador do que o de Remo.

— Onde ele está agora?

— Eu não sei, — eu disse, sem tirar os olhos do rosto maravilhosamente frio de Nino. — Ele queria pegá-la para que vocês o perdoassem.

Nino soltou uma zombaria sufocada.

— O que você vai fazer agora? — Perguntou Savio.

— Pegá-la. Matá-la — disse Remo em voz baixa enquanto observava Greta e Nevio no chão. Ele se ajoelhou e tocou suas cabeças.

— Você vai caçá-la? — Eu toquei no peito de Nino.

— Nós temos que fazer isso.

— Eu poderia caçá-la e trazê-la para vocês, — sugeriu Fabiano, e eu poderia tê-lo abraçado. Meu alívio foi de curta duração, vendo as expressões de Nino e Remo.

— Não, não desta vez, Fabiano, — disse Nino.

Remo se inclinou para frente e beijou seus gêmeos, depois levantou. Ele

puxou Serafina contra ele, que apertou os lábios.

— Ela precisa morrer.

— Eu sei, — disse ela.

— Quando você vai sair? — Perguntei.

Nino olhou para o irmão. — Imediatamente.

Remo suspirou. — Ela ainda pode estar por perto. Não quero dar tempo a ela para deixar nosso território ou renovar contatos antigos.

Serafina olhou para Remo. — Contatos antigos?

— Quando assumimos, matamos a maioria dos homens de nosso pai e os homens que se consideravam dignos de governar a Camorra, mas não pegamos todos eles. Alguns desses covardes fugiram. Nós achamos que eles estavam no México ou na Europa, mas eles encontraram refúgio no território da Outfit.

— Devemos ir a clínica psiquiátrica primeiro, procurar através de suas coisas, — disse Nino. Ele parecia frio, eficaz e seus olhos estavam sem emoção.

— Vocês querem que eu vá? — Perguntou Savio em voz baixa.

— Você e Fabiano ficam aqui e vigiam, — disse Remo.

Serafina sacudiu a cabeça. — Remo.

— Não, — ele rosnou. — Isso acaba agora. Vamos acabar com isso de uma vez por todas.

— Vou pegar algumas coisas, — disse Nino. Tomando Alessio, segui-o até o quarto. Ele enfiou algumas roupas em uma mochila, em seguida, outra faca e arma, além da faca de caça e arma amarrada ao peito. Eu toquei seu braço e olhei para ele. Havia uma batalha furiosa em seus olhos, frieza contra a dor, ódio contra o amor, então nada novamente. — Não se preocupe, — ele disse simplesmente.

— Como posso não me preocupar?

Os olhos de Serafina seguravam a mesma trepidação que eu sentia. Era um milagre que homens como Remo e Nino pudessem nos amar a principio, que eles pudessem controlar os demônios que os seguravam. Agora eu temia que isso

pudesse ser o ponto de inflexão para ambos. Um catalisador que pode extinguir sua humanidade.

Nós todos nos reunimos na entrada para vê-los.

— Você vai voltar o mais rápido possível, certo?

Nino baixou a cabeça. — Sim. Isso vai acabar logo. — Eu queria encontrar consolo na calma cinza de seus olhos, mas eles estavam guardados e frios.

— Não se perca na perseguição, — eu implorei. — Nós precisamos de você.

Nino me olhou, depois para Alessio dormindo contra meu peito em seu equipamento. — Eu me perdi há muitos anos e ainda estou me encontrando todos os dias.

Toquei seu peito, sentindo seu batimento cardíaco constante contra a palma da minha mão, tentando encontrar calma e consolo nele. Hoje não funcionou.

— Você vai voltar para mim como o homem que é agora ou como o homem que era quando nos conhecemos? — Eu o amava, sempre o amaria mesmo se ele voltasse ao homem sem emoção do passado, eu não podia *não* amá-lo.

Nino passou o polegar pela minha bochecha. — Eu *vou* voltar para você.

Eu engoli em seco, agradecida por ele ter cumprido sua promessa de não mentir para mim e ao mesmo tempo desejando que ele tivesse mentido. — E vamos esperar por você. Por favor, retorne rapidamente. Eu te amo muito.

— E eu te amo, não importa como volte. — Nino beijou minha boca, em seguida, deu um beijo na testa de Alessio antes de se virar e se dirigir para o carro.

A expressão de Serafina era uma mistura de raiva e desespero enquanto falava com Remo, mas ele balançou a cabeça mais uma vez, agarrou-a quase bruscamente e beijou-a. Então ele se ajoelhou e curvou-se, de modo que ele estava no mesmo nível que Nevio e beijou sua testa. Ele se endireitou, foi até Savio, que segurava Greta e beijou sua testa também. Então Remo deu um aceno a Savio, que ele retornou com uma expressão determinada.

Eles partiram. Eu soltei um suspiro sufocado e fechei meus olhos. Alguém tocou meu ombro e encontrei Fabiano ao meu lado.

— Kiara, eles vão passar por isso. Vivi tantos horrores com eles, lutei tantas batalhas, enfrentei tantos inimigos, pessoas que pensaram que poderiam nos vencer, mas Remo e Nino ainda estão de pé e essas pessoas não estão.

— Eu sei que eles vão sair disso como vencedores, — eu disse com firmeza. — Mas estou preocupada com o quanto vai demorar para chegar lá.

— Nada que valha a pena é fácil ou sem luta, — murmurou Fabiano.

Eu balancei a cabeça, então olhei para Serafina e vi a mesma determinação. Estávamos dispostas a lutar, porque o que tínhamos valia tudo.

Capítulo Vinte e Seis

KIARA

Nos primeiros dias, Remo e Nino voltaram todas as noites e saíram antes do nascer do sol novamente. À medida que ampliavam o raio de busca, ficavam mais tempo longe. Parecia impossível que eles encontrassem sua mãe. Ela poderia estar em qualquer lugar. Talvez no México, talvez no território Outfit, talvez em outro lugar. Ela era um fantasma, os assombrando de um jeito ou de outro por muito tempo.

— Eles estão procurando por três semanas, devemos dizer-lhes para desistir, — disse Serafina uma noite na mesa de jantar.

— Eles não vão ouvir, — disse Savio, olhando rapidamente por cima do seu celular.

Fabiano assentiu. — Ele tem razão. É a única coisa em que Nino não escuta a lógica. Ambos não escutam.

Remo e Nino não estavam apenas procurando por sua mãe. Adamo também desaparecera. Nada os faria desistir de sua missão.

Leona entrou com uma grande tigela de espaguete com molho de tomate. Ela cozinhara pela primeira vez. Fabiano e ela passaram a maior parte do tempo na mansão agora que Remo e Nino estavam caçando.

Ela disse: — Eu não entendo. Por que eles têm que pegá-la? Eles deveriam estar felizes por ela ter ido embora. O que importa se ela começa uma nova vida em outro lugar? Eu tive problemas com a mãe, mas talvez eles devam deixar isso pra lá.

Sávio pegou a concha dela e encheu vários pratos. — Sua mãe maluca tentou te matar? Queimá-la?

Leona fez um pequeno movimento de cabeça, um rubor tomou conta de sua garganta e bochechas, apagando suas sardas.

— Então você não sabe nada.

— Savio, não fale com Leona assim, — retrucou Fabiano. Eles seguraram olhares, ambos sem disposição de recuar. Homens e suas batalhas por domínio eram algo que eu nunca compreenderia. Não ajudava que a tensão estivesse aumentando devido a eventos recentes.

Leona levantou a mão. — Não, está tudo bem. Não é da minha conta. Não tenho o direito de meter meu nariz na sua família.

— Você também é da família — disse Serafina, tentando colocar um babador em volta do pescoço de Nevio.

Savio suspirou e assentiu. — Fabiano é, então você também.

Fabiano inclinou a cabeça e tocou o quadril de sua noiva.

Leona corou ainda mais e encheu o prato de Fabiano, depois o dela. Greta e Nevio já tinham começado a encher seus rostinhos fofos com a comida, o primeiro usando o babador sem protestar, o último ficando com abacate esmagado por toda a roupa.

Eu comi uma garfada da massa, mas não conseguia me concentrar em comida ou qualquer outra coisa além do pensamento de que minha menstruação estava atrasada há mais de duas semanas. Alessio estava dormindo em seu berço no andar de cima. Empurrando minha cadeira para trás, levantei.

— Qual é o problema? — Serafina perguntou preocupada.

— Nada. Eu só preciso ir ao banheiro. Você pode ficar de olho no monitor do bebê para mim?

Todas as cabeças assentiram e eu entreguei o monitor para Serafina, que tentou pegar meus olhos, obviamente preocupada. Evitando o olhar desconfiado de Fabiano, rapidamente me dirigi ao banheiro de hóspedes e me tranquei.

Eu olhei para a gaveta com os testes de gravidez. Lentamente sentei na tampa do vaso, considerando se valia a pena. Devo fazer o teste e arriscar ter minhas esperanças esmagadas, ou apenas esperar?

Respirando fundo, abri a gaveta e fiz um teste. Eu não tinha certeza de quantos deles eu tinha usado desde que Nino e eu começamos a tentar

engravidar. Mas desta vez era diferente. Eu tinha Alessio e nas poucas semanas desde que ele se tornou parte de nossa família, eu cresci e o amava tanto. Ele era meu filho. O sangue era completamente irrelevante. Mesmo que o teste fosse negativo, não seria como nas últimas vezes, porque eu já tinha um filho para amar.

Vinte minutos depois, fechei os olhos, abri o segundo teste no chão e comecei a rir baixinho. O mesmo resultado do primeiro. Uma batida soou.

— Kiara? Você está bem? — Perguntou Leona.

Respirei fundo novamente, lavei as mãos e abri a porta. Ela examinou meu rosto, depois examinou os dois testes no chão.

— Estou grávida, — eu sussurrei, e ouvindo essas palavras a realidade da situação realmente afundou. Pela primeira vez um teste foi positivo, dois deles até. Depois de todo esse tempo, todas as lágrimas e obsessão, eu estava finalmente grávida. Como se ter Alessio, tivesse me libertado, tivesse removido algum tipo de bloqueio.

— Oh, Kiara, — disse Leona e me abraçou com força. — Você vai ligar para Nino?

Eu balancei a cabeça. — Preciso consultar um médico primeiro. Certificar-me de que seja realmente verdade. Eu não quero esmagar suas esperanças se for um alarme falso. Ele e Remo têm carregado o suficiente por causa da mãe deles.

Leona me deu um sorriso compreensivo. — Eu tenho aula amanhã, mas posso faltar se você precisar de apoio.

Eu apertei a mão dela. — Obrigada, mas você não deve faltar. Savio vai levar eu e Alessio a um pediatra para um check-up amanhã. Há um ginecologista no mesmo prédio.

Leona sorriu. — Você vai voltar para a mesa?

— Você pode manter isso em segredo por enquanto? Mesmo de Fabiano?

— Vou tentar. Eu não sou a melhor em guardar segredos dele, no entanto. Ele é muito atento.

— Isso não é uma coisa ruim, — eu disse com uma risada.

Voltamos para a mesa. Serafina, Savio e Fabiano me lançaram um olhar curioso, mas eu apenas sorri. Debaixo da mesa, pressionei minha palma na minha barriga, imaginando se era realmente verdade.

Serafina entregou o monitor do bebê de volta para mim. — Aqui.

— Obrigada. — Alessio ainda estava deitado de costas, dormindo pesado. Ele logo se tornaria um irmão mais velho?

Depois do check-up de Alessio, que correu bem, Savio queria ir para a garagem subterrânea. Eu apertei o botão do andar abaixo do nosso. — Eu ainda preciso ir a outro médico.

— Tudo bem, — disse ele lentamente. Sua expressão pareceu dolorosa quando viu que estávamos indo ao ginecologista. — A sério?

Dei-lhe um olhar aguçado e coloquei o suporte de Alessio na recepção do consultório. Savio olhou em volta com uma carranca como se estivesse preocupado que um de seus amigos pudesse pegá-lo em um lugar como este, ou talvez uma das garotas com quem ele dormia.

Eu disse à recepcionista: — Eu preciso ver o médico.

— Você tem uma consulta? — Ela perguntou, mal olhando para cima da tela do computador.

— Não, eu...

— Há quanto tempo você mora em Vegas? — Perguntou Savio friamente.

A cabeça da mulher disparou com uma carranca. — O quê?

Ele se inclinou sobre o balcão e esticou o braço com a tatuagem, um sorriso no rosto que levantou os pequenos cabelos no meu pescoço. — O nome é Falcone, Kiara Falcone. Agora diga ao médico para se apressar, não temos o dia todo.

Ela parecia sem noção. A outra recepcionista levantou-se imediatamente. — Eu vou pedir-lhe para te atender imediatamente.

— Isso era necessário? — Eu sussurrei.

Savio encolheu os ombros. — Eu não gostei do tom que ela usou com

você.

Savio esperou do lado de fora enquanto o médico fazia o check-up, e depois não consegui tirar o sorriso do meu rosto.

Saí, fazendo com que Savio se endireitasse imediatamente de onde se apoiava contra a parede.

— Ele é o pai? — Perguntou o médico. Os olhos de Savio se arregalaram em alarme.

— Não, — eu disse rapidamente, então sorri e nos despedimos.

Savio esperou até que estivéssemos no elevador antes que ele perguntasse: — Você está grávida?

Eu balancei a cabeça enquanto pegava Alessio do carregador porque ele começou a chorar. No momento em que o pressionei contra o peito, ele se acalmou, como de costume. Savio agarrou a transportadora.

— Foda-se, a mansão será invadida por esses pequenos monstros em breve.

— Você está exagerando.

— Se um deles for como Nevio, estamos condenados, é tudo o que estou dizendo.

Eu ri. Nevio era uma criança muito ativa e muito barulhenta, o oposto de sua irmã.

— Se você contar a Nino, ele voltará imediatamente, e não acho que sairá novamente. Se você lhe disser que não quer que ele vá, ele não vai. Você sabe que o envolveu em seu dedo mindinho.

O elevador parou e fomos em direção ao Porsche Panamera. Como tínhamos três crianças na família, alguns carros esportivos haviam sido trocados por veículos com um pouco mais de espaço.

— Eu sei que ele teria ficado se eu tivesse pedido, mas ele precisava fazer isso.

— Talvez Leona esteja certa, sabe? — Murmurou Savio. — Talvez fosse

melhor que ela simplesmente desaparecesse, então nenhum de nós teria que matá-la. Com um pouco de sorte, ela acaba com a própria vida.

O olhar de Savio se afastou de mim, observando os carros estacionados à nossa direita, e ele ficou tenso.

— Entre no carro!

Ele estava prestes a puxar sua arma quando cinco homens saltaram de trás dos outros carros. Dois deles o agarraram por trás, impedindo-o de pegar a arma. Eu recuei quando Savio bateu a parte de trás da cabeça contra o rosto de um de seus atacantes, que o soltou com um grunhido. Savio acertou um alto chute contra o queixo do outro, fazendo com que a cabeça dele voasse para trás com um rangido doentio. O homem caiu no chão imóvel.

Eu me virei, pressionando Alessio contra o peito e corri de volta para o elevador. Os sons da luta me seguiram e depois passos. O que eu deveria fazer? Ligar para a polícia estava fora de questão, mas eu precisava de ajuda para Savio. Fabiano era a única opção, mas ele não podia deixar Fina e os gêmeos sozinhos. Minha mente tropeçou em cada pensamento, incapaz de segurar um. Não me atrevi a olhar para trás e, de repente, fui banhada em líquido. Escorreu pelo meu cabelo, meu pescoço, na cabeça de Alessio e seu macacão. Ele começou a chorar.

— Pare! — Uma mulher ordenou. — Pare ou você vai queimar. — Era uma voz melódica e suave. Uma destinada a palavras tranquilizadoras e canções de ninar.

Eu respirei fundo, e então o cheiro de gasolina entupiu meu nariz e eu congelei, olhando para Alessio com horror. Ele também estava coberto de gasolina. Lentamente me virei para olhar nos olhos cinzentos. Como os de Nino, mas ao contrário dele, não me davam uma sensação de calma.

A Sra. Falcone tinha uma garrafa meio vazia em uma mão e um isqueiro na outra.

— Pare essa merda ou o bebê e a menina vão queimar! — Um dos atacantes rosnou.

Savio segurava outro homem pelo colarinho. Seus olhos dispararam para mim, depois para a mãe, e lentamente ele soltou o homem, tirando a faca do

peito. O homem caiu no chão, os olhos arregalados e sem vida, e logo o sangue se espalhou ao redor dele. Apenas três homens ainda estavam de pé, dois deles sangrando, o terceiro agora apontando uma arma para Savio. O homem com a arma atingiu Savio na cabeça, fazendo com que ele se dobrasse e caísse no chão.

Alessio começou a chorar mais uma vez e meu balanço não fez nada para acalmá-lo.

A Sra. Falcone sorriu para mim. — Você é Kiara *Vitiello*? E este deve ser seu filho?

Agarrei Alessio protetoramente contra mim, dando um passo para trás. Imagens do que ela fez com seus filhos se formaram em minha cabeça, agitaram o terror em minhas entranhas. — O que você quer?

Ela apontou para uma limusine preta. — Vá até lá. — Sua boca se contorceu em um sorriso largo demais. — Por favor.

Estremecendo de medo, fui até o carro e entrei no banco de trás. Savio foi empurrado para um segundo carro. A Sra. Falcone entrou no banco do passageiro do carro em que eu estava e um dos homens pegou o volante. O choro de Alessio soava severamente no pequeno espaço.

Tentei limpar a gasolina da cabeça de Alessio, mas ela se agarrou a ele. Esfregando suas costas, comecei a cantarolar. No entanto, Alessio continuou chorando, seu rostinho ficando vermelho.

A Sra. Falcone franziu a boca. — Faça com que ele pare.

— Shhh, — eu arrulhei contra o templo do meu filho.

— Pare-o.

— Estou tentando.

— Pare-o! Ou eu vou! — ela gritou, girando no seu lugar e olhando para nós com uma expressão de olhos arregalados.

Eu congelei, segurei Alessio apertando, mas ele também ficou completamente quieto, como se pudesse sentir o perigo em que estávamos. Beijei sua testa apesar da gasolina, sem tirar os olhos da Sra. Falcone.

Ela acenou com a cabeça uma vez, depois voltou para o para-brisa.

— Eu tenho esperado muito tempo por este momento.

— Por favor, — eu sussurrei. — Não faça isso. Você pode começar uma nova vida.

Ela olhou por cima do ombro. — Eu não quero uma nova vida. Tudo que eu quero é terminar o que comecei, você não entende?

A determinação febril em seus olhos me fez estremecer. Eu pressionei minha bochecha contra a cabeça de Alessio.

— Você não precisa ter medo. Não vou machucá-la, nem a ele, se meus filhos fizerem o que eu digo. Ele não é do Nino, certo?

Engoli. — Nós o adotamos.

— Bom, então vocês dois podem viver. — Tudo que eu conseguia pensar era o bebê na minha barriga, o bebê de Nino. O que ela faria se descobrisse que eu estava grávida do filho de seu filho?

Eu tentei não entrar em pânico. Só passaria isso para Alessio e o faria chorar de novo. Remo e Nino descobririam uma maneira de nos salvar.

NINO

Estávamos voltando para casa depois de quatro dias na estrada e nem um vestígio de nossa mãe. — Nossas esposas e filhos precisam de nós, — eu disse novamente, porque Remo estava perigosamente silencioso desde que o convenci a voltar para a mansão por alguns dias.

Eu acrescentei: — Nós não temos uma pista, Remo. Quero que ela vá tanto quanto você, mas não podemos gastar cada segundo atrás dela, não mais, não como no passado.

— Cada momento que ela está lá fora, é um momento onde pode estragar tudo. Você a *conhece*.

— Eu...

O toque do meu celular me impediu de dizer mais. Era o número de Kiara. Eu atendi imediatamente. — Aconteceu alguma coisa?

— Olá Nino, — disse uma mulher e meu cérebro levou um momento para reconhecer a voz e minhas entranhas congelaram. — Eu sei que não nos falamos há um tempo, mas só estou ligando para dizer que temos a sua Kiara e seu bebê. Não sei se você se importa, mas acho que talvez possa, então se você quiser vê-la viva, você e Remo devem voltar para casa agora.

Remo diminuiu a velocidade do carro, absorvendo minha expressão. — Nino?

A voz de minha mãe continuou calmamente: — Diga a Remo, que Kiara e o bebê estão cobertos de gasolina e, se ele não se comportar, vou ter que queimá-los. Nós estaremos esperando por vocês.

Ela desligou e eu só podia olhar para o meu celular. Imagens do passado, de chamas famintas corroendo as cortinas, deslizaram pela minha mente, seguidas pela horrível percepção de que hoje pode não ser eu queimando, mas pior, Kiara e Alessio.

— Nino, diga alguma coisa.

— Nossa mãe pegou Kiara e Alessio. Ela vai matá-los se não voltarmos para casa.

O telefone de Remo tocou e ele atendeu, dizendo imediatamente: — Fabiano, o que diabos está acontecendo? — Meu irmão fechou os olhos, seu peito arfando. — Leve Fina e os gêmeos para o quarto do pânico em sua mansão se você tiver tempo. Talvez nossa mãe não saiba sobre eles. Remo assentiu. — Deixe-os entrar. Não corra o risco de machucar Kiara ou Alessio.

Remo abriu os olhos e olhou para mim. Eu ainda estava segurando meu celular na mão.

— Temos que salvá-los, — eu disse asperamente. — Ajude-me a salvá-los.

Remo agarrou a parte de trás da minha cabeça e me abraçou. — Você nunca terá que me pedir algo assim. Nunca. Nós os salvaremos, e se alguém queimar hoje, seremos nós. — Ele se afastou, seus olhos duros. — Eu sei que é muito foda pedir isso agora, mas empurre suas emoções o mais longe que

puder. Se quisermos salvá-los, preciso que você seja o assassino sociopata, não o marido ou pai, entendeu?

Eu dei um aceno de cabeça. — Eu vou matar todos eles.

— Você e eu vamos. — Ele acelerou e nos levou de volta para casa.

Os portões se abriram e na entrada da garagem vimos três carros que não conhecíamos. Dois homens ficaram de guarda na frente da entrada. Eu os reconheci imediatamente como Carmine, o irmão mais novo de Cosimo, e ao lado dele outro dos antigos cachorros de nosso pai.

Remo e eu saímos, e Carmine com um largo sorriso apontou a arma para nós. — O vento virou, não é?

A boca de Remo se curvou. — Seu irmão implorou e chorou como uma garotinha antes de eu matá-lo. Pensar que uma boceta como ele se atreveu a se intitular Capo por um segundo sequer me faz querer espetar uma faca no meu cérebro para que eu possa cortar a parte da memória.

O rosto de Carmine ficou vermelho. — Você... você vai morrer hoje.

— Assim como você, — eu disse calmamente.

Ele ganhou peso na cintura e sua linha do cabelo havia recuado.

— Para dentro, — ele ordenou: — Mas primeiro entreguem suas armas. Não esqueça que aquela mulher e o bebê vão virar carvão em um piscar de olhos, se vocês tentarem alguma coisa.

Remo e eu removemos nossos coldres e os entregamos a Carmine, que olhou para Remo. — Entrem, agora!

Nós entramos na mansão com eles apontando suas armas nas nossas costas. Eu procurei nos corredores adjacentes por mais atacantes, mas não vi nenhum. Remo sozinho poderia ter dado conta dos homens que nos mantinha na mira da arma e juntos não teríamos problemas, mas não poderíamos arriscar enquanto Kiara e Alessio estivessem nas mãos de nossa mãe. As imagens torturantes do passado continuaram lambendo minha consciência como chamas famintas, esperando para banir o aqui e agora. Com pura força de vontade, eu as afastei.

Meu coração acelerou quando chegamos à sala de jogos. Kiara estava sentada no sofá e embalava Alessio contra o peito. Seu cabelo estava grudento e o cheiro de gasolina pairava no ar. Meu interior se contraiu. Eu só lhe dei um pequeno aceno de cabeça, lembrando as palavras de Remo. Sávio estava caído no chão, a cabeça sangrando e olhando para mim aturdido. Eu não percebi nenhuma outra ferida. Se as coisas afundassem, ele ainda conseguiria lutar decentemente apesar da sua lesão. As mãos de Fabiano estavam amarradas às costas e ele estava ajoelhado ao lado de outros dois ex-camorristas. Remo lançou-lhe um olhar e ele deu um pequeno aceno de cabeça.

Serafina e os gêmeos estavam no quarto do pânico.

E então eu a vi, a mulher que destruiu a pouca inocência que Remo e eu tínhamos quando crianças. Num instante ela se moveu para o lado de Kiara e ergueu o isqueiro. — Vocês vão largar todas as suas armas, ou eles queimarão.

— Nós pegamos suas armas, — disse Carmine, transpiração brilhando em sua testa. Os gritos de seu irmão todos aqueles anos atrás não seriam nada em comparação com o que Remo e eu faríamos com ele hoje por ameaçar as pessoas que deveríamos proteger.

Nossa mãe balançou a cabeça com um sorriso benevolente. — Não, não, você não fez. Eu conheço os filhos de Benedetto.

— Nós somos seus filhos também, — Savio disse, rolando de costas e tocando a mancha de sangue seco no lado de sua cabeça com uma careta.

Ela o ignorou. — Um tiro poderia fazer Kiara e seu filho pegarem fogo também. Uma pequena faísca e tudo se transforma em chamas, você realmente quer arriscar? Ouvir seus gritos agonizantes?

Remo olhou para mim, esperando que eu a refutasse, mas não consegui. Não com absoluta certeza e o fogo se espalharia rápido demais. Eu não podia arriscar isso, não podia arriscar Kiara e Alessio serem consumidos pelas chamas. Remo e eu nos inclinamos e pegamos as armas amarradas às nossas panturrilhas.

— Cuidado agora, — disse a mãe. — Você sabe como é excruciante queimar vivo. Não consigo imaginar como seria morrer assim.

— Talvez você descubra hoje, — disse Remo, com os olhos cheios de

ódio.

Dentro de mim havia silêncio, uma quietude aterrorizante, apenas interrompida por explosões do que eu poderia assumir que era medo, medo de perder tudo. Não a minha vida. Eu não me importava com isso.

Carmine tirou nossas armas com um sorriso desagradável, em seguida, recuou novamente para os outros homens.

— O que você prometeu-lhes fazer o seu jogo? — Eu perguntei.

Mamãe sorriu. — Dinheiro. Poder. Vingança.

— Poder, — Remo zombou. — Você realmente acha que meus homens vão seguir qualquer um de vocês? Eles vão rir em suas caras feias e então esmagá-los. E mesmo se vocês conseguirem tomar o poder por algum golpe de sorte, não o terão por muito tempo. Luca limpará o chão com idiotas como você e simplesmente reivindicará a Camorra para si.

— Vamos ver, — disse Carmine. Ele era obviamente o líder dos traidores restantes. Que eles escolheram um homem como ele mostrou como eram fracos.

— Ajude-o a levantar, — disse a mãe, indicando Savio.

Um homem mais velho, um dos antigos capitães do meu pai, agarrou o braço de Savio para colocá-lo de pé.

Savio empurrou a cabeça para frente, quebrando o nariz do homem com a testa. — Vá se foder, filho da puta. — O homem cambaleou para trás, segurando o nariz, então ele levantou a arma e apontou-a diretamente para a cabeça de Savio. Meu próprio corpo entrou em modo de luta, mas me forcei a ficar parado.

Nossa mãe acenou com o isqueiro. — Eu te disse. Eles vão queimar.

Eu olhei para Kiara e Alessio. Ela estava acariciando suas costas, seu olhar em mim. Ela não estava chorando, apenas olhando para mim com absoluta certeza de que eu poderia salvá-los, e não importava o preço, eu o faria. Aqueles olhos gentis me ajudaram a derrubar partes das paredes do passado e hoje eu esmagaria o resto delas. Talvez eu não sobrevivesse; não importava, desde que eu levasse minha mãe e esses traidores comigo para que Kiara e Alessio pudessem viver em paz.

Sávio cambaleou e se aproximou de nós, mancando um pouco. Não havia uma ferida de bala ou faca na perna dele, então eu esperava que ele tivesse torcido o tornozelo.

— Onde está Adamo? — Perguntou a mãe, abrindo o isqueiro, fazendo Kiara recuar e eu dar um passo à frente. Mãe sorriu para a chama laranja antes de seu olhar se fixar no meu e depois em Remo. Sua expressão, cheia de excitação maníaca, assombrara muitos pesadelos do meu passado.

— Ele desapareceu depois que você o enganou para ajudá-lo.

— Pobre menino, — ela cantou. — Ele é fraco, perdido. Ele não é como você ou Benedetto. — Ela considerou a chama bruxuleante do isqueiro novamente e cada fibra do meu corpo ficou tensa. Eu não alcançaria Kiara a tempo se a mãe tocasse a chama em seus cabelos ou roupas. Seus olhos ficaram ansiosos novamente. — E seus filhos e sua esposa, Remo? Onde eles estão?

As narinas de Remo dilataram.

— Todo mundo sabe sobre essa garota sequestrada e aqueles gêmeos que se parecem com você, — ela continuou. — Especialmente o menino. Sua imagem cuspida. Seu sangue contaminado.

Remo deu-lhe um sorriso largo, cheio de escuridão maníaca. — Você me conhece, não é? Você realmente acha que eu poderia ter uma mulher na minha vida sem matá-la?

Mãe inclinou a cabeça e fechou a tampa do isqueiro. — Você a matou?

— Ela e aquelas crianças inúteis.

Mamãe o olhou atentamente, mas pelo olhar no rosto de Remo até eu teria acreditado que suas palavras eram verdadeiras se não soubesse o que Serafina e seus gêmeos significavam para ele.

— Por que você não nos enche de gasolina? Dessa forma, você pode garantir que não ajamos inoportunamente e pode deixar Kiara e Alessio irem, — eu disse cuidadosamente.

A risada da mãe era de menina, muito alta, muito falsa. — Oh não, não. Não vou deixar o passado se repetir. Ela fica. Você vai se comportar tanto quanto ela. Você não quer que ela se machuque, não é?

Eu engoli em seco, tentando suprimir a necessidade de atacar, de distribuir a dor que ela merecia.

— Precisamos nos apressar aqui, — disse Carmine, olhando para Remo. Meu irmão parecia estar imaginando todas as maneiras que ele poderia quebrar o homem diante dele. — Não sabemos se eles não alertaram seus soldados. Enquanto eles ainda viverem, todos os homens adultos na cidade seguirão o comando deles.

A mãe lançou-lhe um olhar indignado e suspirou antes de sorrir para nós. — Ok, é assim que vai ser, garotos. Eu quero que vocês cortem seus pulsos, tudo bem?

Savio zombou.

O rosto de Remo se transformou em uma máscara de absoluta fúria. — Eu deveria ter te matado logo depois que eles tiraram Adamo de você. O pai não teria me parado. Ele teria encontrado uma nova mulher para aterrorizar.

Segurei o olhar chocado de Kiara e ela balançou a cabeça, pedindo-me para não agir de acordo com as exigências de minha mãe, mas essa era uma promessa que eu não poderia fazer, porque a minha vida não importaria sem ela nela.

Mãe sorriu. — E eu deveria ter matado você primeiro, em seu sono, mas eu não sabia o quão forte você era. Eu sei agora, meu filho.

— Não me chame assim! — Ele rosnou.

Ela olhou de Savio para mim, depois para Remo. — Isso deveria ter acontecido há muitos anos. Deve terminar assim, você não vê?

Eu só podia olhar para Kiara, que estava segurando o nosso filho com lágrimas nos olhos, e o amor no rosto dela me prendeu, me deu paz e certeza. Ela viveria, não importava o preço.

A mãe abriu a aba do isqueiro e eu dei um passo à frente. — Não!

Ela gritou. — Todos os três vão cortar seus pulsos agora. Vou esperar até vocês desmaiarem antes de queimar a mansão e seus corpos nela. Se vocês não fizerem isso, vou queimá-la e ao bebê bem na sua frente e mandar meus homens atirarem em vocês de qualquer maneira.

Carmine e os homens trocaram olhares, obviamente não envolvidos no plano até agora. Eles não tinham percebido que nossa mãe era louca?

— Você vai queimá-los de qualquer maneira. No momento em que desmaiarmos, você os matará — falei sem emoção.

Nossa mãe balançou a cabeça com um sorriso suave. — Não, não, ela é uma vítima como eu fui, e o menino não é seu, então ele pode viver também. Nós temos que ir, mas não eles, garotos, vocês não veem?

Sávio olhou para ela com nojo. — Porra, se eu soubesse o quão louca você é, eu mesmo teria te matado.

— Veja, — ela disse. — Está em você como está neles, como estava em seu pai. — Ela nos olhou. Ela fez um gesto para Carmine, que deu a ela um olhar incrédulo, então ele me entregou minha faca de volta. — Ou vocês cortam seus pulsos agora, ou eu vou queimá-los. Eu contarei até três.

Kiara começou a chorar baixinho, balançando Alessio.

Eu trouxe a lâmina para o meu antebraço, em seguida, cortei horizontalmente, nunca tirando meus olhos de Kiara.

— Não! — Ela engasgou, mas era o único caminho, e ela sabia.

— Bom, — mamãe cantarolou. — Agora o outro. — Eu golpeei meu outro pulso, sentindo o líquido quente deslizando pelas minhas mãos, em seguida, por meus dedos antes que pingasse no chão. Não havia dor, medo, nada, apenas a determinação de salvar minha esposa e meu filho.

— Dois, — mamãe contou. — Savio, Remo.

Olhei para os meus irmãos e estendi a faca para eles pegarem, sentindo-me vazio por dentro e ao mesmo tempo cheio de terror como nunca antes, não por mim mesmo, mas por Kiara e Alessio.

Remo agarrou a faca com um grunhido e, segurando meu olhar, ele cortou seus pulsos e meus ombros caíram.

— Foda-se, — Savio respirou, fechando os olhos.

Os olhos de Fabiano brilharam quando ele pressionou os lábios. Eu podia vê-lo trabalhando em suas amarras, mas pelo seu olhar de desespero ele não

estava fazendo progresso.

— Um, — mamãe avisou.

Savio abriu os olhos, pegou a faca de Remo e cortou seus pulsos. Eu dei-lhe um olhar grato antes de baixar o olhar para o sangue escorrendo por suas mãos. Eu gostaria que ele não compartilhasse essa experiência conosco.

Capítulo Vinte e Sete

KIARA

Isso não estava acontecendo. Não poderia estar.

Eu suguei o ar, mas não atingiu meus pulmões. Eu peguei a crescente poça de sangue no chão, pingando das veias dos homens que se tornaram minha família. Todos eles entregando sua vida para que eu e Alessio pudéssemos viver, mas eu não podia deixá-los, não podia permitir isso. Remo tinha Serafina e os gêmeos que precisavam do pai e marido, e Savio era jovem demais, ele precisava ter a chance de encontrar o que tínhamos - alguém para amar e que o amasse também. Eu não tiraria isso dele.

A Sra. Falcone apontou para um dos homens. — Agora me alcancem essa faca.

— Nós queremos o resto do nosso dinheiro. Não somos seus soldados, lembre-se disso.

A Sra. Falcone apenas sorriu. — Há muito dinheiro no porta-luvas do carro. É seu. Agora me dê essa faca. Ela fechou o isqueiro, mas não demorou muito para abri-lo novamente.

Remo riu sombriamente e enxugou o suor da testa, espalhando sangue por todo o rosto. — Ela enganou vocês. Ela não tem mais dinheiro. Ou ela te mostrou?

Os homens trocaram olhares.

— Nenhuma outra palavra, — a Sra. Falcone advertiu, levantando o isqueiro mais uma vez. — Eu tive tempo suficiente para esconder dinheiro antes de você chegar em Las Vegas.

Uma sombra no canto do meu olho me chamou a atenção e, pelo breve lampejo de reconhecimento no rosto de Nino, ele também viu. Alguém estava atravessando o jardim da mansão de Fabiano.

— Nós queremos o nosso dinheiro. Precisamos disso para ganhar o controle. Você disse que conseguiu esconder alguns milhões.

— Ela é uma vadia mentirosa, — Remo rosnou.

— Não me chame assim! — Ela gritou.

A boca de Remo se curvou. — Meus olhos te lembram do pai? — Ele sorriu. — Oh, eles lembram, não lembram? Ele acabou por não ser o príncipe que você esperava, certo? Valeu a pena matar sua noiva para se tornar a abelha rainha?

— Você... você... — ela engasgou, aproximando-se de Remo, ofegante. Ele estava zombando dela, puxando-a para longe de mim.

E então tudo aconteceu rápido demais. Adamo invadiu o interior pelas janelas francesas e correu para as costas da mãe, apertando a mão no punho com o isqueiro e ao mesmo tempo enfiando uma faca no estômago dela. Seus olhos se arregalaram e os dois caíram no chão.

Por um momento, o ruído sibilante em meus ouvidos foi o único som, então os gritos se tornaram uma cacofonia abençoada.

Nino veio na minha direção. Um dos homens entrou em seu caminho com uma arma levantada. Eu pulei e chutei sua canela ao mesmo tempo em que ele atirou. A bala atravessou o braço de Nino, mas depois ele atacou o homem, quebrou sua perna com um chute no joelho antes de segurá-lo pela parte de trás da cabeça e empurrar o rosto para baixo em seu joelho. O homem caiu ao seu lado, gorgolejando. Nino pegou a arma, sentindo o queixo do homem. — Eu quebrei sua mandíbula. Espero que você possa gritar de qualquer maneira. — Ele agarrou os dedos do homem e os empurrou para trás, fazendo-o chorar roucamente. — Não são os melhores gritos que já ouvi, mas servirão. *Mais tarde*. — Ele se endireitou, passando por cima do homem. Remo e Savio haviam nocauteado os outros homens e estavam libertando Fabiano.

— Você está bem? — Nino perguntou, pegando meu rosto com as mãos ensanguentadas e beijando minha bochecha, minha testa, minha têmpora e meus lábios antes de dar um beijo na cabeça de Alessio.

Eu assenti atordoada. — Mas você não está. Você precisa de um médico. O olhar de Nino não estava tão focado como de costume. Eu agarrei sua mão

ensanguentada e apertei. O sangue ainda estava escorrendo dos cortes. Eu pressionei o pulso dele, mas o vermelho em seu braço se espalhou rapidamente. — Nino, você precisa cuidar disso.

Nino ainda me olhava como se tivesse medo que eu desaparecesse no ar a qualquer momento. — Vai levar muito tempo para eu sangrar até a morte devido a uma laceração do pulso dessa profundidade.

— Nino, — Remo grunhiu, ajoelhando-se ao lado de sua mãe, que estava esparramada no chão em uma poça de sangue, a faca de Adamo ainda presa em sua barriga. Ela estava ofegando por ar. Adamo estava sentado no sangue dela, o peito arfando. Savio se curvou ao lado dele; ele estava pálido. A pancada na cabeça e a perda de sangue estavam cobrando seu preço.

— Vá, — eu sussurrei para Nino. — Vá até Remo.

Nino soltou minha mão e foi lentamente até seus irmãos. Eles estavam todos cobertos de sangue, ainda perdendo-o dos cortes nos pulsos.

Fabiano cambaleou em minha direção, sangrando por causa de um corte na testa que não estava lá antes. — Precisamos tirar você dessas roupas e lavar a gasolina.

Eu balancei a cabeça, mas não consegui tirar meus olhos dos quatro irmãos reunidos em torno de sua mãe. Remo enrolou a mão em torno do cabo da faca, então Nino fechou os próprios dedos ao redor dela. Remo olhou para Adamo, que deu um aceno de cabeça trêmulo, depois para Savio, que inclinou a cabeça em concordância. E então Remo e Nino mudaram o ângulo da faca e espetaram-na o resto do caminho. A mãe deles sacudiu, então a tensão deixou seu corpo e o alívio me inundou. Agarrei Alessio mais perto de mim, expirando.

Remo segurou o ombro de Nino, disse alguma coisa, em seguida, saltou e desapareceu no jardim, indo em direção à mansão de Fabiano.

Nino levantou e andou na minha direção. Sua expressão era gelo bonito, desligado de suas emoções, e talvez fosse melhor agora. Adamo fechou os olhos da mãe e deixou a cabeça cair para trás, olhando para o teto.

Nino tocou meu braço. — Remo está a caminho do quarto do pânico para verificar Serafina e os gêmeos, — disse ele sem emoção. Meus olhos percorreram a trilha de sangue que levava ao terraço. Nino apertou minha mão e

eu olhei para os pulsos dele, ainda pingando sangue. — Você precisa tomar banho, se livrar da gasolina, — ele pediu.

Eu fiz um sinal para Fabiano. — Fabiano, Adamo, consigam ataduras. Precisamos pressionar ataduras para parar o sangramento até que os médicos cheguem.

Fabiano baixou o telefone que estava usando para alertar os médicos da Camorra e saiu correndo.

— Kiara, — Nino murmurou. — Você precisa tomar banho.

Eu olhei em seus olhos, determinada, preocupada. Ele não relaxaria até que eu fizesse isso, com certeza. — Se você deixar Fabiano e Adamo fazer um curativo na sua ferida e na de Savio.

Depois que Savio tropeçou, afundou no braço do sofá e olhou para as mãos, uma delas segurando um pulso enquanto o outro continuava sangrando.

Fabiano voltou com dois kits de primeiros socorros e empurrou um contra o peito de Adamo. — Levante-se e ajude. Agora.

Adamo tropeçou e, com um último olhar para a mãe, aproximou-se de Savio. Fabiano fez Nino sentar, mas seus olhos cinzentos estavam apenas em mim.

— Estamos bem. Você tem que ficar bem também, — eu disse, então rapidamente subi as escadas e entrei no nosso banheiro principal.

Alessio havia parado de chorar enquanto eu o balançava. No momento em que entrei no chuveiro com ele e a água morna caiu sobre nós, ele começou de novo. Comecei a cantarolar enquanto tentava lavar a gasolina dos nossos cabelos e pele. Logo meus soluços romperam a melodia e eu tive que parar.

— Shhh, Alessio, shhh. Tudo está bem agora.

Demorou dez minutos para ficar limpa, não só da gasolina, mas também do sangue grudado na pele. Quando desliguei o chuveiro, congelei. Nino estava sentado na beira da banheira assistindo com uma expressão assombrada.

Ele estava coberto de sangue da cabeça aos pés.

Levantou-se devagar, pegou duas toalhas e me entregou uma para que eu

pudesse envolver Alessio. Uma vez que ele estava enrolado, eu o entreguei a Nino, depois me enxuguei. Os olhos de Nino pousaram nos meus. Suas ataduras já estavam ficando rosadas.

— Você precisa de pontos.

Ele suspirou. — Eu quase perdi você hoje. Sinto muito, Kiara.

— Por que você sente muito? Foi sua mãe. Você cortou seus pulsos para salvar a mim e a Alessio.

— Eu prometi protegê-la, manter vocês dois a salvo, mas hoje eu falhei. Nunca mais falharei. Eu nunca hesitarei em matar alguém que considere uma ameaça.

Toquei a bochecha de Nino e ele puxou Alessio e eu contra ele. — Você não poderia prever o que aconteceria. Não é sua culpa, Nino.

Ele balançou a cabeça lentamente e beijou o topo da minha cabeça.

— Os médicos estão aqui! — Gritou Fabiano.

Eu me afastei. — Desça as escadas. Faça um curativo.

Nino balançou a cabeça. — Eu não vou sair do seu lado.

Suspirando, fui para o quarto, coloquei um vestido e vesti Alessio em um macacão. — Espero que ele não tenha recebido nenhum dos vapores de gasolina em seus pulmões.

— Nós faremos o médico verificá-lo primeiro.

Nino pegou minha mão e me levou de volta para baixo. Todos estavam reunidos na sala de jogos mais uma vez, até mesmo Serafina. Ela tinha os braços ao redor da cintura de Remo enquanto um dos médicos cuidava de sua ferida. Seus olhos estavam vermelhos de chorar. O segundo médico estava atendendo Savio, que se esticara no sofá apenas de cueca, pressionando um saco de ervilhas congeladas contra a cabeça. Suas roupas encharcadas de sangue estavam no chão ao lado dele.

Fabiano estava conversando com o terceiro médico e o enviou para nós no momento em que chegamos. Depois que o médico deu uma olhada rápida em Alessio, Nino se sentou no outro sofá e depois estendeu os pulsos para que o

médico pudesse cuidar deles. Eu segurei Alessio contra mim e fui até Fabiano, tocando seu ombro.

— Obrigada, Fabiano.

Fabiano deu um aceno de cabeça tenso.

— Onde estão os corpos?

— Eu arrastei a mãe para fora. Carmine e os outros homens ainda estão vivos. Nós vamos lidar com eles mais tarde para descobrir o que eles sabem.

Eu balancei a cabeça e fui até Remo.

Serafina me abraçou com força. — Estou tão feliz que você e Alessio estão bem.

Eu engoli em seco, percebendo que ela quase tinha perdido o marido porque Remo teria dado a vida por mim, por Nino, pelo nosso filho, e pelo bebê que nenhum deles sabia ainda.

Eu perguntei a ela: — Greta e Nevio estão bem?

— Eles estão no andar de cima, brincando. Eles acharam que Remo estava coberto de tinta. Eles não entendem o que aconteceu.

— Bom, — eu sussurrei, em seguida, me afastei e me virei para Remo. Lágrimas surgiram em meus olhos quando encontrei seu olhar, e as palavras ficaram presas na minha garganta. Ele assentiu antes que eu dissesse qualquer coisa, seus olhos escuros e irritados, mas também suaves de alguma forma. Remo, o constante enigma.

— Obrigada, — consegui dizer.

— Você não tem que me agradecer, não por isso. Eu fiz isso por você, por Nino, por todos nós.

— Eu sei. — Eu o abracei. — Você salvou não só eu e Alessio.

Remo franziu a testa para mim e eu toquei minha barriga. Ele exalou, olhando para Nino que me observava, mas não conseguia ver minha mão. — Ele não sabe ainda?

— Eu não tive tempo para lhe contar ainda. Mas irei esta noite.

Remo assentiu, depois soltou outro fôlego. — Você acabou? — Ele perguntou ao médico. — Eu tenho alguém para destruir.

Eu dei um passo para trás e me movi em direção ao sofá, caindo de joelhos ao lado de Savio. O médico estava costurando-o e os olhos de Savio estavam fechados. Eles se abriram quando toquei seu ombro. Apesar de tudo, ele me deu um sorriso e, embora não atingisse seus olhos, fiquei contente em ver.

— Você veio me apalpar enquanto estou muito fraco para lutar com você?

Eu engasguei com uma risada chorosa, balançando a cabeça. — Obrigada. Muito obrigada. — Inclinando-me para frente, beijei sua bochecha.

Surpresa então raiva cruzou seu rosto. — Eu deveria protegê-la e não nos deixar ser capturados.

— Havia muitos atacantes. Você fez tudo que podia. Você derrubou dois, Savio. — Toquei levemente o pulso enfaixado dele. — E isso... isso... — Eu engoli em seco.

— Agora todas as garotas vão achar que eu sou um garoto emo que cortou seus pulsos. Eu acho que vou descobrir quão boas garotas emo são na cama, — ele disse e sorriu.

Eu empurrei seu ombro levemente. — Como está Alessio?

Eu olhei para o meu filho. Ele havia adormecido novamente. Essa era a beleza dos recém-nascidos, eles não viam o mundo como nós ainda. Ele não se lembraria deste dia. — Bem.

— E o pão no forno?

Eu sorri suavemente. — Seguro.

Ele gesticulou atrás de mim. — Você deveria ir até ele.

Olhei por cima do ombro e encontrei Nino olhando para mim. Assentindo, me levantei e fui até ele. Ele se levantou, afastando o médico que estava tentando prender o curativo em seu segundo pulso.

— Estamos todos a salvo e ela finalmente está morta. Isso acabou, — eu disse a ele.

Nino tocou minha bochecha. — Não é bem assim. Vamos interrogar os sobreviventes e descobrir se há outros em algum lugar. Precisamos encontrar cada último traidor, agora mais do que nunca.

Eu acariciei sua barba. — Não demore muito. Nós precisamos de você.

NINO

Eu hesitei, dividido entre a necessidade de destruir esses homens que se atreveram a ameaçar minha família, que invadiram minha casa. Eles precisavam morrer, e precisavam sofrer antes de morrer, mas eu queria estar lá para Kiara.

Ela sorriu, acariciando as costas de Alessio distraidamente. — Está tudo bem. Você precisa fazer isso, então estaremos todos a salvo. Apenas se apresse.

Eu me abaixei e a beijei lentamente. — Descanse.

Ela balançou a cabeça. — Eu vou cozinhar alguma coisa. Nós todos estamos precisando de alguma comida reconfortante hoje. — Ela recuou e suas roupas limpas ficaram manchadas com meu sangue novamente, e assim estavam suas bochechas e mãos.

Serafina se aproximou e passou um braço ao redor de Kiara. — Eu ficarei com ela e Alessio. Ajude Remo a acabar com eles.

Eu me virei e desci para o porão onde os traidores haviam sido levados. Meu corpo não estava tão forte como de costume. A perda de sangue havia deixado sua marca, mas não o suficiente para me impedir de fazer isso. Remo esperava no corredor do porão.

— Você vai se juntar a mim?

— Claro.

Remo examinou meu rosto, mas eu não tinha certeza do que ele estava procurando. — Fabiano foi buscar Leona do campus para o caso de haver outros por aí esperando por sua chance de nos atingir novamente e Savio precisou se

deitar por causa de sua concussão, então somos apenas nós.

— Não, — uma voz rouca soou das escadas. Tanto Remo quanto eu olhamos para Adamo descendo os degraus, ainda coberto de sangue como nós.

Lentamente, ele caminhou em nossa direção, com os olhos cheios de sangue e culpa. — Eu quero ajudar. Eu quero compensar o que eu fiz... de alguma forma... eu... — Ele engoliu em seco. — Eu sinto muito. Eu sinto muito por isso.

A boca de Remo puxou em uma linha apertada e ele assentiu.

— Vocês poderão me perdoar um dia?

Eu observei meu irmão mais novo e agarrei seu braço, empurrando sua camisa, revelando perfurações. — Você está drogado?

Adamo desviou o olhar. — Não realmente, eu tomei a última dose ontem.

Remo soltou um grunhido baixo. — Foda-se, Adamo. Foda-se tudo. Eu deveria te matar agora.

Adamo assentiu, em seguida, encontrou meu olhar. — Se alguma coisa tivesse acontecido com Kiara ou Alessio, eu... eu nunca me perdoaria. Eu provavelmente não vou de qualquer maneira.

— Arrependimento é tempo perdido, assim como a culpa, então pare de desperdiçar seu tempo. Gaste em algo útil, como ficar limpo e decidir quem você quer ser em vez de chafurdar em autopiedade e desejar ser alguém que você obviamente não é, — eu disse bruscamente. Hoje não tinha nenhuma paciência para poupá-lo, não depois do que quase tive que testemunhar.

— Estou tentando, — disse Adamo.

— Vamos começar isso. Eu quero acabar com os filhos da puta — Remo rosnou.

Nós entramos na sala à prova de som onde os quatro homens sobreviventes estavam trancados. Um deles encarava o teto com olhos arregalados, os outros três estavam encolhidos contra as paredes, pernas e mãos atadas.

Fui até o imbecil imóvel e o cutuquei com o dedo do pé. — Ele teve sorte, — eu disse. — Seu fim foi moderadamente indolor.

— Deve ter chutado sua garganta com muita força, — disse Remo com um sorriso torcido, então ele enfrentou os traidores. — Agora quem quer ir primeiro? Algum voluntário? — Ele agarrou Carmine pelo colarinho e arrastou-o para o centro da sala. — Que tal você, Carmine? Queremos cuidar de você quando ainda estamos cheios de adrenalina e raiva, certo?

— Por favor, — disse Carmine.

Eu ri, balançando a cabeça enquanto puxava minha faca. — Você não pode dizer por favor hoje. Se você tentar de novo, vou cortar sua língua.

— Prontos? — Remo perguntou.

Eu afiei a ponta da minha faca sob a unha do polegar de Carmine. — Sempre.

— Pronto, — disse Adamo.

Duas horas depois, sabíamos que os homens nesta sala não conheciam nenhum outro traidor sobrevivente e que eles haviam encontrado asilo no território da Outfit em troca de informações. A maioria estava desatualizada até agora porque mudamos nossas rotas de entrega e a maioria dos laboratórios depois que assumimos, mas não todos.

Remo, Adamo e eu nos encostamos à parede do corredor por um momento depois que terminamos, tentando relaxar. Adamo tinha observado principalmente, mas eu tinha visto o brilho ocasional em seus olhos.

— Você não pode usar drogas. Não só porque parece ruim na frente dos nossos soldados, mas também porque a merda mexe com a sua cabeça. Isso fará com que você se torne um perigo para si e para os outros. Não vou permitir que isso aconteça, — disse Remo.

Adamo assentiu. — Eu sei. E eu sei o que tenho que fazer para poder vencer isso. Eu preciso estar longe de vocês, em algum lugar aonde ninguém vai me proteger. Aqui eu sei que vocês sempre virão para me salvar, que estou seguro, não importa o que eu faça.

— E onde seria isso? Você está segura em todo lugar em nosso território, a menos que eu declare o contrário, e mesmo assim, ninguém tocaria você por medo da minha ira, — Remo rosnou.

— Eu sei. É por isso que acho que você deveria me mandar para Nova York por um ano, para trabalhar sob o comando de Luca.

Remo se afastou da parede e empurrou Adamo contra ela. — Você está louco?

Adamo chamou minha atenção, na esperança de raciocinar comigo, se não com Remo. — Só por um ano. Se tiver que trabalhar com Luca, sei que não deverei esperar por misericórdia. Ele não será tolerante comigo, se você lhe disser para não ser. Ele é tão cruel quanto você, mas não dá a mínima para mim.

— Mas ele se preocupa com a paz, Adamo, — eu disse. — E ele sabe que Remo vingará você, mesmo que ele próprio te envie para Nova York.

— Se ele me matar, mas não vai. Mas ele vai me punir e me forçar a entrar na linha. Lá eu serei apenas um soldado. Lá eu precisarei seguir as regras. Aqui sempre serei seu irmão mais novo.

— Se Luca te pegar usando drogas, ele vai te torturar, — disse Remo com um sorriso severo. — E desta vez Serafina não estará lá para interferir. Você estará sujeito às regras dele e Luca não tolera objeções.

— Eu sei. Mas aqui não vou mudar, porque não preciso.

— Estou pensando que talvez eu deva parar de ser tão tolerante com você. — Remo agarrou a garganta de Adamo e aproximou seu rosto do de nosso irmão.

— Você poderia, mas não vai. E você tem seus filhos, e Nino também. Eu tenho dezesseis anos. Eu tenho idade suficiente para decidir. Envie-me para Nova York.

— Adamo está certo, — eu disse com firmeza. — Não podemos puni-lo. Nós não vamos. Luca vai. Ele vai tratá-lo como qualquer soldado. Ele será um homem feito entre muitos. Por um ano pelo menos. Talvez seja o suficiente.

Remo recuou devagar. — Você não sabe com o que está concordando, estando sob o domínio de Luca, sem mencionar que duvido que ele concorde.

— Por que não? Há paz entre nós e eu fui torturado por Dante. Luca odeia Dante. Talvez ele espere mais informações sobre ele.

— Se a guerra começar, você será o primeiro que ele matará.

— Eu serei o primeiro a saber se a guerra começar e você mesmo disse que Luca tem muito a perder, certo?

— Ele tem, — eu disse baixinho. — Assim como nós. — Eu precisava ir até Kiara. Isso já havia demorado demais. — Fale com Luca, Remo.

Remo olhou para mim por um longo tempo, em seguida, fez uma careta. — Porra. Isso é uma loucura do caralho, e eu sei disso. — Ele enfiou um dedo no ombro de Adamo. — Mas vou falar com Luca e vamos torcer para que você coloque sua cabeça no lugar enquanto ele for seu Capo.

— Você sempre será meu Capo. Eu só trabalharei com ele por um ano.

Remo riu asperamente. — É melhor não lhe dizer isso. Luca vai bater em você pra caralho.

Eu me virei e os deixei. Adamo estava certo. Ele precisava estar longe da nossa proteção, de Las Vegas. O nome Falcone o protegia aqui, e talvez essa fosse a raiz do problema.

Capítulo Vinte e Oito

NINO

Alessio dormia no berço quando entrei no quarto, com os braços estendidos para os lados, os pequenos dedos enrolados em um punho solto. Eu me inclinei sobre ele, maravilhado com a forma como ele parecia sereno, intocado pelos eventos do dia. Eu acariciei sua bochecha, em seguida, rapidamente recuei, vendo o sangue cobrindo meus dedos, mãos, tudo.

Entrei no banheiro onde encontrei Kiara, imersa na banheira, parecendo exausta e pálida. No entanto, ela sorriu a me ver. Eu comecei a tirar minhas roupas ensanguentadas e as joguei no chão.

— Você tem que ter cuidado com suas bandagens, — disse Kiara.

Eu procurei na gaveta pelo envoltório de plástico que mantinha à mão para essas ocasiões e a envolvi em volta dos meus pulsos. Não duraria muito, mas era melhor que nada. Os pontos segurariam mesmo molhando.

Uma miríade de coisas para dizer passou pela minha cabeça vendo minha esposa me observando preocupada, mas parecia impossível colocá-las em palavras. — Posso me juntar a você?

Kiara sacudiu a cabeça com uma risada. — Por favor.

Eu olhei para o meu corpo coberto de sangue, depois entrei na banheira e afundei na água quente. Ficou rosa imediatamente, mas Kiara não pareceu incomodada com isso. Ela se aproximou de mim com uma esponja e começou a limpar meu rosto suavemente, depois minha garganta e meus ombros. Eu observei essa mulher, tão cheia de bondade e amor, me limpando depois que meu passado quase a matou, depois que cheguei coberto com o sangue de homens que eu tinha torturado e matado para deixar o passado descansar.

— O que foi? — Ela sussurrou, enquanto passava a esponja ao longo do meu abdômen.

— Eu te amo mais que a minha vida.

Kiara tocou meu peito e me beijou. — Passado é passado. Nós não permanecemos nele, certo?

— Kiara, — eu murmurei. — O que aconteceu hoje, você deve me dizer se tiver problemas para lidar com isso. Estou acostumado com a escuridão, posso lidar, mas se precisar de ajuda adicional, me avise. Não deixe que isso seja seu fardo.

Kiara sorriu tristemente. — Não será. Eu sei que você pode lidar com a escuridão, mas eu também posso. Eu vivi na escuridão. Eu vivi sem ninguém lá para me salvar. Eu estava sozinha com o meu medo, com tudo. Mas hoje não estou, porque tenho você e você sempre me salvará. E porque eu tenho essa família, que protege um ao outro até a morte. Eu posso lidar com isso, Nino, porque o bem supera o escuro. Hoje ainda mais que ontem.

Eu soltei uma respiração. Kiara se inclinou para perto, seus lábios quase tocando os meus. — Eu quero focar no futuro, não no passado. Foi o que você me ensinou e temos tantas razões para olhar para o futuro. Estou grávida. Eu descobri hoje antes de tudo acontecer.

Eu congelei, olhando para Kiara, para a alegria em seus olhos. — Você sabe com certeza?

— Eu estive no médico hoje. Eu estou de seis semanas. Alessio será um irmão mais velho em breve.

Eu a puxei contra mim, sem me importar com minhas bandagens, sem me importar com a queimadura em meu braço onde a bala tinha me atingido. Eu a beijei ferozmente e pressionei minha palma contra sua barriga.

— Você está feliz? — Ela sussurrou.

Meu coração acelerou, tentando desvendar as sensações do meu corpo, mas ficando aquém. — Eu sou tantas coisas agora, mas vendo a alegria em seus olhos, sim, eu estou feliz.

Kiara encostou a testa na minha e ficamos assim até nossa pele enrugar. Depois que nos secamos, nos dirigimos para o quarto e nos deitamos, embrulhados nos braços um do outro.

— Você escolheu um nome? — Eu perguntei depois de um tempo.

Kiara sacudiu a cabeça. — Não sabemos se é menino ou menina. Mas eu gostaria que você escolhesse o nome desta vez. Eu escolhi o nome de Alessio.

— Eu vou encontrar um nome bonito para o nosso bebê. — Eu escutei a respiração de Kiara, em seguida, agarrei seu pulso, precisando sentir sua pulsação.

— Você está bem com ela ter morrido? — Kiara perguntou suavemente após alguns minutos de silêncio. — Você e Remo hesitaram tanto em matá-la, e agora ela está morta.

— Eu não lamento que ela esteja morta, só que Remo e eu não fizemos isso antes. Enquanto ela estava viva, sempre permaneceu aquela dor incômoda na parte de trás de nossas cabeças. Agora ela se foi de uma vez por todas. O passado pode finalmente descansar.

Quando entrei na sala de jogos por volta das sete da manhã seguinte, qualquer vestígio do ataque de ontem desaparecera. Eu olhei os pisos e sofás limpos. O cheiro de couro limpo e desinfetante flutuando no ar, se foram o sangue e a gasolina. As janelas francesas estavam abertas. Adamo estava sentado no terraço, braços enrolado em torno de seus joelhos. Fui até ele e afundei no chão. Sombras se espalhavam sob seus olhos e suas mãos estavam vermelhas. — Você limpou tudo?

Ele assentiu, sem olhar em minha direção. — Eu precisava. Era o mínimo que eu podia fazer.

— Você deveria ter dormido. Ontem foi difícil para todos nós.

Ele finalmente se virou para mim. Eu procurei em seus olhos por um sinal de drogas, mas eles estavam claros. — Eu não precisava de descanso. Eu não fui aquele que teve que cortar os pulsos. — Ele olhou para minhas bandagens, em seguida, para a ferida no meu bíceps, onde uma bala tinha me atingido. — Ou levou um tiro.

— Vai curar, — eu disse. Essas feridas não eram nada que eu não pudesse lidar. As lembranças ficariam comigo e me perseguiriam, mas elas também se desvaneceriam com o tempo.

— Eu sinto muito por isso. Por tudo, — sussurrou Adamo.

Eu toquei seu ombro. — Aprenda com seus erros, Adamo. Isso é tudo que eu peço.

— Eu não posso nem olhar para Fina e Kiara. Por minha causa, elas quase perderam tudo.

— Está no passado.

Adamo suspirou.

— Você vai ficar bem com o que você fez? Apunhalar a nossa mãe? — Perguntei.

— Eu a teria matado. Naquele momento, eu queria. Eu não o fiz porque sabia que você e Remo precisavam fazer isso. — Ele fez uma pausa. — Certo?

Matar nossa mãe sempre pendeu como uma Espada de Dâmocles [6] sobre a minha cabeça e a de Remo. Agora que ela estava morta, percebi que a ação em si tinha sido mais fácil do que eu pensava. Talvez por causa do que nossa mãe quase fizera com Kiara e Alessio. Foi a última gota.

— Precisávamos fazer isso e agora ela se foi.

Remo saiu e se sentou ao nosso lado. — *Finalmente*, se foi.

Adamo o observou. — Eu sinto...

— Eu sei, — disse Remo. — Eu não dou a mínima com que frequência você pede desculpas, isso não muda nada. Prove. Mostre-nos que você aprendeu com seus erros.

— Isso foi o que Nino disse.

— Ele é um maldito gênio, então o ouça. — Remo cheirou as roupas de Adamo. — Agora tome um banho.

Depois de um momento de hesitação, Adamo se levantou e saiu.

Remo me observou. — Você parece calmo.

— Você também, — eu disse. *Essa* era a parte surpreendente.

— Eu estou, e então não estou, — disse ele. Ele flexionou seus pulsos enfaixados. — Em alguns momentos sinto tanta raiva que mal posso me impedir

de explodir. E então sinto alívio. Ela se foi de uma vez por todas.

— Ela se foi. Nós a matamos. Agora podemos seguir em frente.

Remo sorriu sarcasticamente e acenou em direção ao seu pulso. — Ela deixou sua marca. Depois de todos esses anos, ela quase conseguiu o que queria.

Não foi a única marca que ela deixou. — Ela não conseguiu e não vai. Nós prevalecemos.

— É o que fazemos, — disse Remo. Ele examinou meu rosto. — Como está Kiara?

— Bem. Melhor do que eu achava que estaria.

— Porque ela tem um futuro para o qual ela está ansiosa.

Eu assenti. — Nós também.

KIARA

Eu abracei Adamo firmemente. — Vou sentir sua falta. Comporte-se em Nova York certo? Luca é rigoroso.

Adamo concordou com a cabeça e recuou. — Voltarei no verão para o casamento de Fabiano e quando você der à luz a ele.

— Ele? — Eu disse com curiosidade.

— Você é uma mãe de menino. Não consigo te ver com uma filha. Você nos colocou na linha.

Eu ri de sua avaliação. — OK. Veremos. Ainda é cedo para dizer. Você vai voltar para casa no Natal?

— Eu não sei. Isso é só daqui a três meses. Eu sinto que deveria realmente tentar me tornar útil em Nova York para agradecer a Luca por me receber.

Remo bufou. — Ele não está fazendo isso pela bondade de seu coração,

confie em mim. Ele vai querer algo em troca e logo, e não é como se você fosse morar na casa dele.

— Você provavelmente vai dividir um pequeno apartamento com milhões de baratas, — disse Savio com um sorriso. Adamo deu-lhe o dedo que Savio retornou.

Adamo entrou em um carro com Remo, que o levaria para o aeroporto, mas não o acompanharia para Nova York. Adamo não queria chegar com um Capo e eu entendi. Ele queria provar seu valor.

Nino passou o braço em volta dos meus ombros enquanto os assistíamos partir e depois voltamos para dentro. — Vai ser estranho sem ele, — eu disse.

Nino suspirou. — Remo ainda não engoliu isso. É difícil para ele deixar isso assim, mas acho que é o melhor para a Adamo. — Paramos no berço de Alessio. — Luca não pune injustamente. Nós temos que confiar nisso.

— Eu acho que Adamo vai aprender a lidar com ele, — eu disse. Alessio abriu os olhos e eu me inclinei e o peguei, pressionando-o contra o peito. — Talvez seja bom para a paz também. Poderia estreitar nosso vínculo com a Famiglia.

Nino assentiu pensativo. Eu realmente esperava que a trégua fosse válida, não só porque me permitia falar com Giulia e ocasionalmente visitá-la. Isso significava que estávamos mais seguros.

— Estou morrendo de fome, — disse Savio enquanto passeava até o sofá e se sentou. — Que tal uma pizza da tarde?

Eu zombei. — Existe algo assim?

— Costumava existir, — disse Savio, levantando uma sobrancelha. Como Remo e Nino, ele parou de usar ataduras nos pulsos alguns dias atrás. Os cortes pareciam um vermelho irritado em seus pulsos. Nino os cobriria com tatuagens assim que as feridas estivessem curadas. Os olhos de Savio pegaram os meus e ele me deu um sorriso irônico.

— Então peça pizza. Tenho certeza de que Remo estará morrendo de fome quando voltar — disse Serafina, enquanto entrava carregando Greta. Nevio cambaleou na direção de Savio, que se levantou do sofá e pegou o cardápio de

pizza. Nevio seguiu atrás dele como uma sombra.

Sávio olhou por cima do ombro. — Ele parece um pouco com aqueles bonecos assassinos assustadores de filmes de terror pela maneira que me persegue e sorri como um pequeno Remo maníaco.

Serafina pareceu indignada. — Não diga isso.

Observando Nevio, que se agarrava à sua perna, Savio pegou seu telefone e pediu pizzas. Quando ele desligou, balançou a cabeça para Nevio, em seguida, pegou-o de qualquer maneira. — Você fez xixi em mim. Eu não esqueci e não vou perdoar.

Eu fui até ele. — E você já teve alguma sorte com garotas emo?

Savio tentou impedir que Nevio tocasse nas cicatrizes. — Não. Ainda não tentei. Eu preciso de mais alguns dias para me recuperar e dar tudo de mim. Não gosto de desapontar as senhoras.

Eu me perguntei se o que aconteceu o atingiu mais do que ele deixava transparecer. Ele ergueu os olhos e sacudiu a cabeça com um sorriso.

— Não me dê esse olhar, Kiara. Cuide de Nino, Alessio e o pão no seu forno. Sou mais resistente que ervas daninha. Eu vou foder as memórias diretamente do meu cérebro. Isso sempre funciona.

— Foda, — disse Nevio, deliciado.

Os olhos de Savio se arregalaram e ele começou a rir. Serafina se aproximou e beliscou o braço dele.

— Eu não posso acreditar que uma de suas primeiras palavras é foda.

— Não é só culpa de Savio, — Nino argumentou com um sorriso. — Remo também tem uma queda pela palavra.

Serafina assentiu com relutância e soltou um suspiro exasperado. Savio levou Nevio para Serafina. — Aqui, pegue seu pequeno boneco assassino.

— Foda! — Nevio gritou, fazendo Greta sorrir onde estava sentada no chão. Ela abriu a boca. Savio foi até ela e se agachou. — Oh não, bonequinha. Essa palavra não é para você.

Eu bufei e comecei a balançar Alessio mais uma vez, depois o entreguei a Nino. Fabiano e Leona se juntaram a nós como tinham feito quase todas as noites nas últimas duas semanas desde o ataque. Nós estávamos mais próximos que antes, se isso era possível, e eu saboreei a percepção de que um dia horrível havia trazido algo de bom para nós.

Alessio dormiu no berço enquanto o resto de nós se acomodava nos sofás da sala de jogos. Apesar do que havia acontecido nessas paredes, o bem de muitas outras noites ainda superava tudo. Nino passou o braço a minha volta enquanto comíamos nossa pizza, ouvindo Fabiano e Leona enquanto discutiam se queriam um grande banquete ou uma pequena cerimônia no jardim.

Eu sorri para mim mesma, cercada pela família. Eu pressionei minha palma contra a minha barriga e depois de um momento, Nino cobriu minha mão com a dele. Valia a pena lutar por isso. Cada dia, cada hora, cada minuto.

Epílogo

NINO

Greta e Nevio corriam pelo jardim de mãos dadas. Nevio na liderança, como de costume, puxando sua irmã atrás dele. O riso deles foi trazido para a piscina, onde Kiara, Alessio e eu estávamos desfrutando de uma tarde quente de abril.

Kiara sorriu e disse para Alessio: — Logo você poderá correr com eles.

Alessio que estava sentado em seu tubarão flutuante e a coisa parecia que ia engoli-lo inteiro. Deu a Kiara um sorriso desdentado. Eu o empurrei através da água porque duas semanas de sua data de vencimento, Kiara não era tão ágil. Ela se inclinou contra a borda e observou tudo com uma expressão feliz.

Remo e Serafina estavam sentados nas espreguiçadeiras, vigiando seus filhos.

Às vezes eu me perguntava como as coisas seriam, se meus irmãos e eu estivéssemos sozinhos. Teríamos seguido em frente tão facilmente?

Com as crianças e a gravidez de Kiara, o futuro era mais forte do que o passado jamais poderia. Nós ainda trabalhamos duro para garantir o sucesso da Camorra, mas tentamos passar o maior tempo possível com a nossa família. Savio assumiu mais responsabilidades, o que permitiu a Remo e a mim mais tempo livre.

Kiara soltou um suspiro agudo e aninhou sua barriga sob a superfície da água. — O que houve?

Ela balançou a cabeça. — Falsas contrações.

Eu empurrei a boia em direção a ela e toquei seu ombro. — Tem certeza?

— Sim, — disse ela com uma pequena risada. — A dor não mudou. Ainda é aquela pressão estranha.

— Parto na água pode ser menos doloroso, mas você terá que limpar a piscina quando acabar, — disse Remo.

Serafina deu um tapinha no ombro dele. — Você é impossível.

Remo deu-lhe um sorriso torcido.

— Limpar a piscina será minha prioridade depois de dar à luz, confie em mim, — disse Kiara, revirando os olhos.

— Vamos. Vamos tirar você da água — falei, tirando Alessio da boia e pressionando-o contra o peito. Segurando a mão de Kiara, eu a levei para fora da piscina.

Ela pressionou a palma da mão na barriga enquanto dava um passo atrás do outro. — Estou sendo tão lenta. Eu amo estar grávida, mas agora estou contando os dias até que ele esteja aqui.

Fabiano e Leona vieram de casa, já em trajes de banho. O casamento deles estava marcado para o final de maio.

— Aria me ligou, — disse Fabiano, acomodando-se em uma espreguiçadeira. — Adamo está indo bem. Ele trabalha duro e finalmente aprendeu a manter a boca fechada.

Remo sacudiu a cabeça. — Se as pessoas começarem a achar que Adamo tem mais medo de Luca do que de mim, vou ter que fazer uma maldita declaração para esclarecer as coisas.

— Você é irmão dele. Seria horrível se ele o temesse, — disse Kiara, abaixando-se devagar em uma cadeira. Leona foi até ela e tocou sua barriga.

— Você ainda é temido como um maníaco desequilibrado pela Famiglia, não se preocupe, — disse Fabiano.

Serafina levantou-se. — Eu vou checar as crianças. O Nevio está quieto demais. Aposto que ele está fazendo alguma coisa.

— O mais importante é que Adamo está limpo, — disse Kiara. — Eu mal posso esperar para ele voltar para casa.

Remo e eu trocamos um olhar. Enquanto ficávamos contentes por Adamo ter encontrado a estrutura de que precisava, não tínhamos certeza se, uma vez de

volta a Vegas, ele não cairia em seus velhos hábitos.

Leona veio até mim e acariciou a bochecha de Alessio. — Oi, homenzinho. — Ela olhou para Kiara. — Eu amo suas bochechas rechonchudas.

Kiara sorriu orgulhosamente. Foi principalmente graças ao seu atendimento paciente que nosso filho ganhou tanto peso. Ela mantinha todos os membros desta família alimentados. — Por que você não o segura? — Perguntei a Leona e entreguei-lhe Alessio. Ela embalou-o contra o peito, parecendo preocupada.

— E se eu deixá-lo cair?

— Por que você o deixaria cair? Ele não é tão pesado, — Remo murmurou.

As bochechas de Leona ficaram vermelhas e Fabiano jogou uma das latas vazias de Coca-Cola espalhadas pela mesa na cabeça de Remo.

Remo levantou a perna, bloqueando-a com o pé.

— Malditos reflexos rápidos, — disse Fabiano, balançando a cabeça.

— Mais rápido que o seu.

— *Certo*.

Serafina retornou, carregando os gêmeos. Seu rosto estava corado. Depois que ela os colocou no chão, mostrou um marcador permanente. — Isso foi o que encontrei na mão de Nevio. Ele estava pintando as unhas de Greta com ele.

Remo se sentou e se virou para Nevio. — Você fez isso?

Nevio deu um aceno de cabeça, tentando segurar um sorriso e falhando.

Greta esticou as mãos, mostrando as unhas pretas. Seus dedos também estavam cobertos de tinta.

Serafina deu a Remo um olhar significativo.

Ele levantou Nevio no colo. — Não pinte sua irmã.

Nevio fez beicinho e apontou para a tatuagem da Camorra de Remo, em seguida, para a minha pele tatuada. — Greta tem dattoo (tatuagem na fala de

bebê).

Kiara engasgou com uma risada e cobriu-a com uma tosse. Fui até ela e passei meus braços em volta dela por trás, meus dedos espalmados sobre sua barriga.

— Greta é muito jovem para uma tatuagem e você também, — disse Serafina severamente.

Nevio olhou para Remo.

— Sua mãe está certa. Eu não quero que você toque nesse marcador novamente. — Nevio deu um pequeno aceno de cabeça, travessura em seus olhos.

Segurando Alessio contra o peito, Leona sentou-se ao lado de Fabiano na espreguiçadeira. Ambos estavam conversando com Alessio.

— Se Alessio e Massimo forem como Nevio, eu temerei por nossa sanidade, — murmurei contra a cabeça de Kiara. Ela parecia que não podia imaginar nada melhor.

— Enquanto eles forem felizes, estarei feliz, — disse ela.

Nossos olhos se encontraram e tive que concordar. Enquanto Kiara e nossos filhos fossem felizes, eu também seria.

KIARA

Alessio rolou de bruços e se ajoelhou, depois se apoiou nas mãos, empurrando a bunda no ar. Com apenas dez meses, ele já estava empenhado em começar a andar. Com seu traseiro no ar, ele olhou para cima, sem saber como se endireitar.

Ele sorriu quando me viu assistindo e meu coração explodiu de amor. — Nino! — Eu gritei. Dois dias depois da minha data de vencimento, eu tinha dificuldade em me levantar do sofá sem ajuda, menos ainda me abaixar para

pegar Alessio.

Nino correu para a sala de jogos, com o rosto alarmado. — Contrações?

Eu balancei a cabeça, acariciando minha barriga. — Massimo parece bem contente aqui. Eu realmente espero que ele venha logo. Sinto que vou explodir a qualquer momento.

Nino se aproximou devagar e viu Alessio ainda em sua posição desconfortável. Ele o pegou e levantou-o sobre a cabeça, para grande deleite de Alessio. Ele não era um bebê muito vocal, definitivamente não tão alto ou barulhento como Nevio.

— Ele estava tentando se levantar, — eu disse. Nino aproximou-se do sofá, sentou-se ao meu lado e colocou Alessio no chão sentado entre suas pernas. Ele estendeu os dedos e Alessio segurou-os com as mãos pequenas. Nino puxou um pouco e, por fim, Alessio se levantou com as pernas trêmulas e deu alguns passos instáveis. Segurando as pernas de Nino, ele deu outro sorriso desdentado.

— Isso é bom, — eu disse. Nino acariciou o cabelo de Alessio e nosso filho sorriu para ele com aqueles olhos azul-oceano.

— Você mudou de ideia sobre o parto em casa? — Nino perguntou baixinho.

Eu me inclinei e beijei sua bochecha. — Não, e eu não mudarei. Eu quero um parto natural.

— Eu não vejo por que não devemos usar as opções que a medicina moderna pode nos oferecer. Nós evoluímos desde a idade média.

Eu ri. — Eu sei que você não gosta, mas não quero dar à luz em um hospital. Eu quero estar em casa, cercada por pessoas em quem confio. Este é o lugar mais seguro para mim e para o bebê.

Nino me deu um olhar que deixou claro como ele estava infeliz com minha decisão. — O aspecto da segurança é realmente o único benefício.

Desde o incidente com a mãe, Remo forçou os donos da outra casa vizinha a vender também. Aquela mansão era agora o novo ginásio da Camorra e o centro de segurança em Las Vegas, o que significava que sempre tínhamos um grande número de camorristas por perto.

— O médico disse que está tudo bem. Eu tive uma gravidez saudável, temos um bebê saudável. Tudo vai ficar bem. Eu sei que posso lidar com isso.

— Eu sei, — Nino murmurou, em seguida, inclinou-se e beijou minha têmpora antes de tocar minha barriga.

Nevio correu para a sala de jogos, brandindo um marcador permanente em seu pequeno punho, rindo como um pequeno louco. Eu sorri abertamente. Seu cabelo escuro estava por todo lugar e ele estava usando apenas cueca. Toda a parte superior do corpo estava coberta de rabiscos, provavelmente em marcador permanente. Ele tropeçou até parar diante de nós, sorrindo primeiro para Alessio e depois para Nino. Então ele apontou o dedo contra o próprio peito antes de apontar para o braço tatuado de Nino com o marcador permanente.

— Dattoo, — ele exclamou.

Eu cobri minha boca com a mão. — Oh, Savio está com tantos problemas.

Nino pegou o marcador e gentilmente tirou a mão de Nevio, que olhou e disse: — Não!

— Nevio, se comporte, — disse Nino com firmeza, colocando o marcador sobre a mesa. Nevio fez um movimento em direção a ele. Nino balançou a cabeça e o garotinho deixou cair o braço com um beicinho.

Savio cambaleou, respirando com dificuldade, carregando Greta, que segurava seu coelho de pelúcia branco. — Onde está o diabinho?

Um dos braços de Greta também estava coberto de marcador permanente.

Nino sacudiu a cabeça. — Eu lhe disse para parar de olhar o seu telefone.

Os olhos de Savio examinaram a parte superior do corpo de Nevio. — Foda-se. — Ele olhou para Greta que estava olhando seu braço pintado curiosamente. — Você deveria tê-lo dedurado.

Greta olhou para o tio com aqueles grandes olhos.

— Serafina vai chutar o seu traseiro, — eu sussurrei, sufocando o riso.

— Talvez da próxima vez ela não me peça para bancar a babá, para que ela e Remo possam festejar.

Savio seguiu em nossa direção e o sorriso de Nevio ficou travesso. — Não se atreva a correr novamente.

Savio colocou Greta de pé e ela andou na ponta dos pés até nós e subiu no sofá. Nevio recuou devagar e então se virou, rindo. Savio pulou do outro sofá e alcançou Nevio em dois grandes passos, colocando o garoto debaixo do braço como se fosse um saco de batatas.

Com um gemido, ele se virou para nós. — Vocês podem cuidar de Greta enquanto eu tento limpar esse PIA?

— Não! — Nevio exclamou, lutando.

Savio sorriu para ele. — Sim, você me ouviu bem. Hora do banho. Eu sei o quanto você ama um bom esfoliante.

Nevio começou a gritar.

Savio olhou para mim. — Que tal você dizer que foi sua culpa?

Eu levantei minhas sobrancelhas. — Eu não vou deixá-lo me culpar por isso.

— Vamos, Kiara, ninguém vai ficar bravo com uma mulher grávida.

— Se eu fosse você, começaria a esfregar logo. Remo e Serafina voltarão do encontro em aproximadamente duas horas. Tenho a sensação de que isso vai levar tempo — disse Nino, inspecionando o braço pintado de Greta.

Sávio desapareceu com Nevio debaixo do braço.

Nino levantou Alessio e colocou-o entre Greta e ele. Ela estendeu o seu bicho de pelúcia para Alessio, que o agarrou e apertou-o contra o peito, depois o levou à boca e roeu a orelha do coelho. Nino acariciou a cabeça de Greta.

— Eu não posso acreditar que haverá quatro crianças nesta casa em breve, que teremos dois meninos. Um ano atrás, eu não achava que teríamos um bebê em breve.

Os olhos de Nino encontraram os meus. — Você merece felicidade, e é isso que você terá.

— Assim como você, sabe?

Três dias depois, dei à luz a Massimo em um quarto de hóspedes da nossa mansão com a ajuda de Serafina e Nino, o lar que sempre sonhei.

Toda a dor foi esquecida enquanto eu me maravilhava com o menino no meu peito, em seu rosto amassado. Ele era um bebê grande com olhos castanhos e cabelos castanhos escuros.

Serafina beijou minha bochecha. — Ele é lindo, Kiara. — Ela estava coberta de suor e sangue, mas estava sorrindo. Nino estava ao lado da cama, observando a parteira que nos apoiara, e de vez em quando olhando na minha direção e de Massimo.

— Por que você não tenta amamentá-lo? — Perguntou Serafina.

Massimo já estava se contorcendo em direção ao meu peito e fazendo pequenos movimentos de sucção. Serafina me ajudou e depois de algumas tentativas, ele finalmente pegou.

A parteira saiu quinze minutos depois e logo depois Serafina também. Nino se inclinou sobre mim, beijando minha testa. — Você é tão forte, Kiara.

Levantei meu olhar de Massimo e sorri para Nino. Ele gentilmente cobriu as costas de Massimo com a palma da mão.

— Eu sempre condenei pessoas que aceitavam seu medo, que não lutavam contra isso. Eu nunca entendi o conceito de medo, não o seu potencial total. Era um conceito abstrato para mim durante a maior parte da minha vida e, no inicio, quando comecei a sentir as coisas por sua causa, esperava que o medo não estivesse entre elas. Mas então no ano passado e hoje novamente, eu senti isso, medo de perdê-la.

— Você não perdeu e não vai, — eu disse. — Alessio, Massimo e eu, nunca vamos deixá-lo.

Nino afastou o cabelo da minha testa suada. — Eu sei. Passei a apreciar o medo porque me mostrou o que está em jogo, o que não perderei, não permitirei que ninguém destrua. — Seus olhos estavam cheios de fria determinação e da promessa de violência. — Remo e eu temos mais a perder agora do que no passado, e nada que valha a pena vem sem um preço, sem uma luta. E estamos dispostos a lutar, a dar nosso sangue e a derramar o dos nossos inimigos. Por um tempo nos tornamos satisfeitos com o que conquistamos e passamos a pensar

que éramos invencíveis, mas não somos. Ainda não, mas seremos. Você e nossos filhos estarão sempre seguros, não importa o preço.

— Beije-me, — eu sussurrei, e ele o fez, suavemente, mas cheio de intenção.

— Eu vou buscar Alessio para que ele possa conhecer seu irmão, — Nino murmurou depois de um momento. Ele se endireitou e com um último olhar demorado para Massimo e eu, ele saiu. Eu acariciava as costas do meu filho enquanto ele tentava mamar. Nino voltou com Alessio apoiado na curva de um braço e quase caindo no sono.

— Este é seu irmão, Alessio, — disse Nino, apontando para Massimo enquanto abaixava Alessio até a cama.

Alessio observou com grandes olhos curiosos.

Eu levantei meu braço e passei um dedo por sua bochecha. — Você é um irmão mais velho agora.

Meus olhos captaram a rosa tatuada no meu pulso. — Você vai ter que adicionar seus nomes. — Toquei no antebraço de Nino, onde os nomes de nossos filhos já estavam gravados em sua pele. — Sua fé me deu força.

Quando eu tentei dissuadi-lo de fazer uma tatuagem com o nome de Massimo antes de dar à luz, ele insistiu que nada aconteceria a qualquer um de nós, que ele não permitiria, e eu acreditei nele.

Nino balançou a cabeça enquanto envolvia um braço em volta do meu ombro. — Não fé, determinação brutal. Nunca colocarei suas vidas nas mãos do destino. Eu vou curvar o destino a minha vontade, como Remo e eu sempre fizemos.

— Eu te amo.

— E eu amo você.

Alessio se aproximou de Massimo e Nino lhe mostrou como dar tapinhas nas costas de seu irmão. Eu balancei a cabeça, ainda incapaz de acreditar que isso era real.

— Considerando que o nosso casamento foi apenas para trazer a paz

temporária, isso é... incrível.

Nino segurou meu rosto e apontou para o coração dele. — Trouxe paz aqui, e uma que sobreviverá a qualquer trégua entre a Camorra e a Famiglia.

— Você me deu paz também, — eu sussurrei, então descansei minha cabeça contra seu ombro. — Eu e meus meninos.

Fim

Notas

[←1]

Best friend forever - Melhores amigas para sempre

[←2]

Uma sala ou salão em que o judô e outras artes marciais são praticadas.

[←3]

PIA – Pain in Ass, dor na bunda, mimado, arteiro.

[←4]

MIA - missing in action, desaparecido em ação, sumido, morto.

[←5]

O Nine Inch Nails, comumente abreviado como **NIN** (estilizado como NIИ), é uma banda de rock industrial americana formada em 1988 em Cleveland, Ohio.

[←6]

A **espada de Dâmocles** é uma alusão frequentemente usada para remeter a este conto, representando a insegurança daqueles com grande poder (devido à possibilidade deste poder lhes ser tomado de repente) ou, mais genericamente, a qualquer sentimento de danação iminente.